

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO
DE ACERVOS EM PAPEL NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História por Aloisio Arnaldo Nunes de Castro
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Mota Barbosa

Juiz de Fora
2008

Dissertação defendida e aprovada, em 22/02/2008, pela banca
examinadora constituída por:

Presidente: Prof^ª. Dr^ª. Maraliz de Castro Vieira Christo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titular: Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Mota Barbosa
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Silvana Motta Barbosa, pelo acolhimento inicial nas aulas de Patrimônio Histórico I, pela orientação e pelo encorajamento nos estudos historiográficos.

Ao Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá e à Prof^ª. Dr^ª. Maraliz de Castro Vieira Christo, integrantes da banca de qualificação e de defesa, que enriqueceram este trabalho com valiosas críticas e sugestões.

À Dr^ª. Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares, do Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos da Fundação Casa de Rui Barbosa, minha primeira mestra em conservação e restauração de papel, pelo depoimento concedido, e o meu reconhecimento pelo trabalho empreendido na preservação dos bens culturais.

Ao mestre Pedro Barbáchano San-Millán e equipe do *Laboratório Barbáchano y Beny Patologia y Conservación y Restauración del Papel* - Madri, pelo aprendizado e pelo exemplo de competência, profissionalismo e dedicação à conservação e restauração de documentos gráficos.

Aos profissionais da preservação, conservação e restauração de bens culturais, pelo modo atencioso com que me distinguiram nos depoimentos de História Oral, consolidando substancial material de análise. São dignos de nota e os cito em ordem alfabética: Adriana Cox Hollós, Prof^ª. Bethânia Reis Veloso, Prof. Edson Motta Júnior, Fernanda Mockdece, Prof^ª. Gilda Lefebvre, Glória Cristina Motta, Lygia Guimarães, Maria Luiza Guimarães Salgado, Suely Deschermayer e Theresa Nickelsburg Brandão Teixeira.

À Lindaura Alban Corujeira, pela valiosa atenção e gentileza com que disponibilizou os dados por mim solicitados.

Ao Dr. José Mindlim, pela disponibilidade e colaboração em conceder-me seu depoimento.

Ao caro Lauro Bohnenberger, pelos conhecimentos compartilhados, pela amizade fraterna permeada por reflexões historiográficas e por tantos trabalhos de preservação, conservação e restauração.

Aos amigos conservadores-restauradores Valtencir Almeida dos Passos e Leonardo Alexander Venuto Souto, pelas conquistas em prol da preservação, conservação e restauração do legado muriliano.

À conservadora-restauradora de papel Néa Garcia Rodrigues, pela amizade nascida nos meandros da conservação e restauração de papel e que mesmo à distância permanece viva.

À conservadora-restauradora de papel Maria Ângela Nelli Machado, pela amizade, pelo companheirismo e apoio fraternos em terra paulistana.

Ao Prof. Galba Ribeiro Di Mambro e à Prof^a. Leda Maria de Oliveira, pelo incentivo ao longo do meu percurso profissional.

À Prof^a. Monica Loreto Riquelme Alquinta, pela amizade e pelos ensinamentos da língua espanhola.

À Profa. Raquel Brigatte, pela atenção e prontidão nos trabalhos de tradução.

Aos caros Juju e Pierre Merigoux, pelo empenho e disponibilidade em obter no *Centre de recherches sur la conservation des documents graphiques* os textos técnicos tão úteis nesse estudo.

Aos caros José Augusto Petrillo de Lacerda, Marina Castro e Ricardo Mendonça de Rezende, pelo alegre apoio nos momentos de desafio, pela amizade sempre regada por animadas conversas de sábado à tarde.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, pelo compartilhar da vida e que, de um modo ou de outro, sempre estiveram presentes nas etapas deste trabalho.

Dedico esta dissertação aos meus pais, José Procópio (*in memoriam*) e Neusa Maria, pela partilha do dom da vida e do saber, semeadura e colheita no campo da *ek-sistência* humana.

Pois se a restauração é hoje considerada um dos raros domínios no qual a cultura humanista e a tecnologia (as ciências humanas e as ciências exatas) podem fundir-se, é claro que não será possível que ela se desenvolva de fato, a não ser na medida em que o âmbito de sua função cultural seja compreendida e sustentada pela sociedade.

PHILIPPOT, Paul. *Restoration from the perspective of the humanities*. In: *Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage*. Los Angeles: GCI, 1996, p. 216-229, (tradução nossa).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. ORIGENS DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE DOCUMENTOS GRÁFICOS: Sacralização, empirismo e cientificismo	12
1.1 O lugar do sagrado na preservação do patrimônio gráfico	12
1.2 As práticas e representações empíricas na conservação-restauração de papel	30
1.3 A Revolução Francesa e o surgimento de uma jovem disciplina: a química	36
1.4 O século XIX e a revolução científica e técnica: o surgimento da “restauração científica”	38
1.5 Considerações finais	51
2. A CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PAPEL NO BRASIL	54
2.1 Os antecedentes: dos insetos bibliófagos ao despertar da conservação.....	54
2.2 As políticas pública federais de preservação, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN/IPHAN e as ações de conservação-restauração de papel	64
2.2.1 A gestão administrativa de Rodrigo Melo Franco	64
2.2.2 A administração de Renato Soeiro (1967-1979).....	75
2.2.3 A Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN e a inauguração da “fase moderna”	84
2.3 A atuação do Prof. Edson Motta no campo da conservação-restauração de papel....	91
3. A CONSOLIDAÇÃO DA CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PAPEL NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990	108
3.1 A busca de formação profissional no estrangeiro e a implantação dos laboratórios pioneiros em conservação-restauração de papel em instituições públicas.....	108
3.2 A implantação de laboratórios de conservação-restauração de papel nas instituições de ensino universitário	131
3.3 A criação das associações de conservação-restauração.....	137
3.4 A conservação preventiva: mudança de paradigmas e uma nova conceituação para a preservação dos bens culturais.....	142

4. CONCLUSÃO	148
BIBLIOGRAFIA	154
ANEXOS	167
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	171

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar, à luz da História Cultural, a trajetória histórica da conservação-restauração de papel no Brasil tendo como recorte cronológico a primeira década do século XX até os anos de 1990. Com vistas à compreensão epistemológica desse campo especializado do conhecimento, enfoca as origens e a construção da conservação e restauração de documentos gráficos por meio do exame das práticas e narrativas preservacionistas. Utilizando-se da análise bibliográfica, documental e do exercício de história oral, examina os marcos teóricos, os paradigmas, as influências internacionais e as políticas culturais que alicerçaram a inserção e a construção dessa disciplina especializada no âmbito brasileiro.

Palavras-chaves: Patrimônio Cultural, História da Conservação e Restauração de Papel, História Cultural, Preservação, Conservação, Restauração, Documentos Gráficos e Museologia.

ABSTRACT

This paper has goal to investigate, based on Cultural History, the historical trajectory of paper conservation-restoration in Brazil since the first decade of the 20th century until the years 1990s. In order to have an epistemological comprehension of this specialized field of knowledge, we focalized the origin and the construction of conservation and restoration through the examination of practices and preservation narratives. This research uses bibliographic, documental and oral history analysis. It examines theoretical points, paradigmas, international influences and cultural policy that are basic idea to the insertion and construction of this subject in Brazilian context.

Keywords: Cultural Patrimony, Paper Restoration and Conservation History, Cultural History, Preservation, Conservation, Restoration, Graphic Document and Museology.

INTRODUÇÃO

A memória é a construção do futuro,
mais do que passado.

Murilo Mendes

O estudo da trajetória histórica da conservação e restauração de acervos em papel no Brasil, à luz da História Cultural, constitui o tema central desta pesquisa. Os recentes trabalhos acadêmicos dedicados ao estudo da história da conservação e restauração de bens culturais no Brasil voltam-se, notadamente, para a análise do patrimônio edificado, bem como para as categorias de pintura de cavalete, escultura policromada e têxteis.

De outra parte, verificamos, a partir do final da década de 1990, que a temática da preservação documental, bibliográfica e de obras de arte em suporte de papel tem sido analisada, predominantemente, no campo da Ciência da Informação, reflexo de uma produção acadêmica em programas de pós-graduação universitária¹. Apesar do recente crescimento na pesquisa acadêmica em torno dos estoques informacionais, verifica-se, ainda, a existência de uma lacuna historiográfica no que diz respeito, especificamente, à trajetória histórica da conservação e restauração de acervos em papel no cenário preservacionista brasileiro. Trata-se, portanto, de um tema ainda pouco explorado em sua dimensão histórica, em suas temporalidades e em suas múltiplas relações com as instituições culturais e com a sociedade.

Desse modo, o diagnóstico do desconhecimento em relação ao processo de construção histórica, bem como as inquietações concernentes à gênese das práticas e representações da preservação, conservação e restauração de acervos em papel desenvolvidas no âmbito

¹ Dentre os estudos realizados, temos a dissertação de SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Políticas Públicas de Preservação e as Tecnologias de Informação: o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros* (UFRJ, 1998) e a tese de doutorado de ZÛNIGA, Solange Sette Garcia de. *Documentos como objeto de políticas públicas em preservação e o acesso à informação: o caso das bibliotecas, arquivos e museus* (UFRJ, 2005), que se dedicam à análise das políticas na esfera pública. As dissertações de GOMES, Neide Aparecida. *O Ensino de Conservação, Preservação e Restauração de Acervos Documentais no Brasil* (UnB, 2000) e de BECK, Ingrid. *O Ensino da Preservação Documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia: perspectiva para formar um novo profissional* (UFF, 2006), voltam-se para o viés da investigação educacional. Com relação aos estudos de caso de intervenções de restauração em obras de arte em papel, podemos citar a dissertação de ELIAS, Ísis Baldini. *Conservação e Restauo de Obras de Arte em Suporte de Papel* de Isis Baldini Elias (USP, 2002). Já no Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, HÓLLOS, Adriana Lúcia Cox, defendeu a dissertação *Entre o passado e o futuro: os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil* (Unirio, 2006).

nacional, orientaram este estudo para uma investigação mais detalhada, capaz de suscitar reflexões, análises e questionamentos pertinentes à construção cultural preservacionista. Em consonância, portanto, com as proposições da História Cultural que destacam a emergência dos “novos objetos” e dos “novos territórios” no seio das questões históricas², este estudo pretende ser uma contribuição à historiografia que já se ressentia de discussões e interpretações mais aprofundadas na ação preservacionista relativa aos bens culturais móveis em suporte de papel. Assim sendo, acreditamos que a definição da temática dos acervos em papel enquanto objeto de estudo ainda pouco investigado, e a localização de um novo *corpus* documental implicam em vislumbrar à presente pesquisa novas abordagens, ou seja, analisar e buscar compreender as diferentes e múltiplas práticas, narrativas, discursos, contextos, redes de significados e representações construídas em torno da conservação e restauração de papel no Brasil. Outrossim, o exercício reflexivo desta dissertação pretende contribuir para que os conservadores-restauradores especialistas em papel - ou demais profissionais engajados na tarefa preservacionista - ampliem o conhecimento sobre o seu próprio campo de trabalho.

Há que se ressaltar, ainda, o fato dos acervos em papel - compreendidos pelas coleções bibliográficas, documentais e de obras de arte em suporte de papel - representarem, em termos quantitativos, um dos maiores estoques informacionais e culturais da nação. De modo paradoxal, constatamos raros estudos nessa temática, o que ratifica a proposição de investigar as ações da sociedade em preservar, conservar e restaurar esta significativa parcela do patrimônio cultural brasileiro.

O recorte temático deste estudo está relacionado, pois, ao exercício profissional do autor da pesquisa. Desse modo, a prática, a observação e a reflexão, ao longo dos anos, de variadas situações relacionadas à preservação de acervos em papel inspiraram-me neste estudo. No percurso da minha formação profissional e, ainda, em convívio com instituições museológicas, arquivos e bibliotecas, com o público visitante e pesquisador de museus e demais equipamentos culturais, surgiu e cresceu, gradativamente, a minha preocupação com a maneira pela qual os colegas profissionais e demais grupos sociais, em geral, relacionam-se com o tema da preservação, conservação e restauração de papel, particularmente no âmbito brasileiro. Daí os seguintes questionamentos:

. Quais são os marcos teóricos que alicerçam a gênese do pensamento preservacionista de acervos em papel no âmbito brasileiro?

² CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990. p. 14.

- . Como o conceito de preservação do patrimônio cultural brasileiro vem sendo construído a partir das referências teóricas internacionais?
- . Como as teorias, as narrativas e as práticas preservacionistas são interpretadas e partilhadas pelos diversos atores sociais, no âmbito brasileiro da preservação de acervos em papel?
- . Quais são as instâncias implicadas na conservação-restauração de papel como processo de diálogo com as obras e textos do passado?

Tais indagações transformaram-se num projeto acadêmico em consonância, portanto, com a linha de pesquisa *Narrativas, imagens e sociabilidades* do Programa de Pós-graduação em História da UFJF. Dessa forma, esta pesquisa dialoga com as perspectivas apontadas pela História Cultural, ou seja, pretende discutir o pensamento preservacionista como uma “construção cultural”³, por meio do exame das práticas, narrativas e representações, notadamente aquelas relacionadas aos documentos gráficos. Assim, rompendo-se com os paradigmas que classificam, aprioristicamente, a conservação e restauração como atividade tecnicista, este estudo se propõe a investigar os “modos”⁴ como a preservação do patrimônio cultural, no seio da sociedade, é: pensada, interpretada, assimilada, praticada e legitimada.

Nesse contexto, cabe situar as proposições defendidas pelos pesquisadores da conservação e restauração que, ao se preocuparem com as implicações históricas e teóricas da preservação cultural, criticaram e problematizaram os paradigmas tecnicistas inerentes ao campo da conservação e restauração dos bens culturais. Maria José Martínez Justicia⁵ reitera, ao longo das páginas de sua publicação *Historia y teoría de la conservación y restauración artística*⁶, que a restauração não é só e exclusivamente uma questão técnica, mas sobretudo (e num grau muito importante) uma ação crítica⁷. Conforme a autora, muita confiança foi depositada na tecnologia e nas significativas contribuições que ciências experimentais propiciaram à restauração, a ponto das questões estéticas serem freqüentemente esquecidas. Ao defender que restaurar significa “dialogar” com as obras do passado e que, portanto, o restaurador deve se converter num intérprete⁸, Maria José Martínez Justicia propõe uma revisão historiográfica nesse campo de estudo visto que “a reconstrução da História da

³ A posição de Peter Burke é que “a base filosófica da nova história é a idéia de que a realidade é social culturalmente construída”. Cf. BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 11.

⁴ CHARTIER, Roger. op. cit., p.16.

⁵ Professora Titular em *Historia y teoría de la restauración artística da Universidade de Granada*, Espanha.

⁶ MARTÍNEZ JUSTICIA, María José. *Historia y teoría de la conservación y restauración artística*. Madrid: Tecnos, 2000. p. 42.

⁷ Ibid., p. 19.

⁸ Ibid., pp. 18-19.

Restauração daria, sem dúvida, resposta a múltiplas interrogações, proporcionaria novos dados e, sem dúvida, nos livraria de muitos equívocos”⁹. Os questionamentos de ordem tecnicista e cientificista também são abordados na obra do teórico belga Paul Philippot¹⁰, na qual ele sustenta que, após a Segunda Guerra Mundial, a restauração se tornou uma disciplina cada vez mais científica com o abandono dos métodos artesanais. Philippot reconhecia a importância dessa evolução, entretanto, intuía o perigo da crença de que a utilização de novas técnicas de pesquisa por si só pudessem garantir o êxito da intervenção, uma vez que - antes de tudo - a restauração apresenta um caráter cultural¹¹. Nesse sentido, Philippot também salienta o caráter dialogal da conservação ao entendê-la como “um fenômeno moderno de manter contato vigoroso com trabalhos culturais do passado”¹². Frank Matero¹³, em seus estudos sobre a Ética e Política na Conservação, afirma que “toda conservação é um ato crítico, de interpretação. Nós preservamos com um objetivo – e é esse objetivo que deve ser de forma contínua questionado, avaliado e modificado se necessário”¹⁴. É também nesse contexto dialogal por excelência, no qual se funda a construção cultural, que podemos situar o pensamento do restaurador John McLean no qual verificamos a interpenetração das diversas áreas do conhecimento na construção da disciplina em estudo: “Tanto a conservação como a restauração são um estado mental: uma matriz pessoal de eleições formativas, técnicas, estéticas, culturais, políticas e metafísicas”¹⁵.

De outra parte, há que se considerar, ainda, na investigação historiográfica proposta, a relação dialógica que se estabelece entre a restauração de papel com o campo das ciências humanas, evidenciando-se o contato com as obras e textos históricos. O resgate dos arquivos ganhou alento também com a revalorização da busca do documento defendida pelos historiadores franceses vinculados à *Escola dos Annales*, criada por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929. Conforme ressaltou Pedro Barbáchano San Millan¹⁶, “O historiador Fernand Braudel, discípulo de Bloch e Febvre, buscou resgatar os arquivos na França. Como a *Escola*

⁹ Ibid., p. 42. (tradução nossa).

¹⁰ Professor da Universidade Livre de Bruxelas, participou ativamente da direção do ICCROM – *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property*, em 1959.

¹¹ PHILIPPOT, Paul. “La conservation de oeuvres d’ art. Problème de politique culturelle”. *Annales d’Histoire de l’Art et d’Archéologie de l’ Université Libre de Bruxelles*, VII(1980), p. 7-14. apud MARTÍNEZ JUSTICIA, Maria José, op. cit., p. 344.

¹² MATERO, Frank. Ethics and Policy in Conservation. In: *The GCI Newsletter*, Volume 15, Number 1, Spring 2000, p.4. Disponível em <http://www.getty.edu/conservation/publications/newsletters/15_1/features1_2.html>. Acesso em: 24/03/2005.(tradução nossa).

¹³ Professor de Arquitetura da *University of Pennsylvania*.

¹⁴ MATERO, Frank. op. cit., p. 4.

¹⁵ MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Teoría Contemporánea de la Restauración*. Madri: Editorial Síntesis, S.A. 2003. p. 17. (tradução nossa).

¹⁶ Restaurador, Chefe do *Barbachano y Beny Patología y Restauración del Papel*, Madrid.

dos Annales procura auxílio de outras disciplinas para a pesquisa, a restauração cumpre um importante papel¹⁷”.

É, portanto, nessa perspectiva que contemporaneamente se inscrevem a necessidade de estudos e a reflexão acerca da trajetória da conservação e restauração de acervos em papel no Brasil e que tenha em mira a melhor compreensão da construção cultural preservacionista, considerando-se, ainda, as mudanças de paradigmas científicos ocorridas nas últimas décadas.

Tendo em vista a construção do recorte temático ora apresentado, elegeu-se, basicamente, como referencial teórico-metodológico os conceitos encontrados nas obras do historiador francês Roger Chartier e do sociólogo Pierre Bourdieu. A perspectiva de História Cultural desenvolvida por Chartier, a partir das noções complementares de “práticas” e “representações”, possibilita uma vertente para a investigação da construção do pensamento preservacionista. As “práticas” - concebidas com um dos paradigmas da Nova História Cultural¹⁸ - abrangem o conjunto de obras, a trama das relações cotidianas, as instituições, ou seja, as ações realizadas pelos atores sociais em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo. Incorporada pelos historiadores a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX, a noção de “representação” funda-se como categoria central da História Cultural.

As “representações”- sejam elas literárias, visuais ou matéricas -, apresentam-se como resultantes de algum tipo de ação das práticas culturais desenvolvidas por um grupo social e tal como assevera Jacques Le Goff o campo das representações “engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”¹⁹. Chartier entende as representações “como matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (...) que têm como objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros com a sua.”²⁰. O autor sustenta que as representações inserem-se “em um campo de concorrências e competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”, ou seja, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representação”²¹. Tais lutas, portanto, geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. Na esteira do pensamento de Chartier, a Cultura (ou as diversas formações culturais) poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre as “práticas” e “representações”. Nesse sentido, a análise dos “modos

¹⁷ Jornal da Tarde (São Paulo). 21/09/95.

¹⁸ BURKE, Peter. *O que é a História Cultural?* Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro. p. 78.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*, Lisboa: Estampa, 1994, p. 11.

²⁰ CHARTIER, Roger. op. cit., p. 18.

²¹ Ibid., p. 17.

de fazer” e os “modos de ver” as ações preservacionistas buscam uma melhor compreensão das “práticas que constroem o mundo como representação”²², ou seja, pretende-se nesta pesquisa interpretar as idéias, os saberes, as imagens, os experimentos, as técnicas com as quais os homens se expressaram e, em conseqüência, acabaram por constituir os *campi* da preservação, conservação e restauração dos documentos gráficos.

Dessa forma, as noções complementares de “práticas” e “representações” são elementos úteis, porque através delas podemos examinar, no âmbito da preservação do patrimônio cultural, os discursos, as narrativas, os sujeitos produtores e receptores da ação preservacionista, a legislação, os processos que envolvem a produção e a difusão do conhecimento construído por meio das ações de conservação e restauração. Outrossim, ao tomar como referencial o horizonte teórico proposto por Chartier, a análise e o deciframento das práticas e representações enfocados nesta investigação “têm por principal objeto identificar os modos como em diferentes lugares e momentos uma realidade cultural é construída, pensada e dada a ler”²³.

Outro viés de interpretação é encontrado nas categorias analíticas com as quais Bourdieu pensa a sociedade. Assim, temos a opção de colocar em paralelo os conceitos de *campus* e *habitus* com a trajetória e a construção do pensamento preservacionista. Para Bourdieu, a sociedade é configurada por vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias²⁴. O conceito de *habitus* propõe identificar a mediação entre o indivíduo e sociedade. *Habitus* é, então, “uma forma de disposição à determinada prática de grupo ou classe, ou seja, é a interiorização de estruturas objetivas das suas condições de classe ou grupos que gera estratégias, respostas ou proposições objetivas para a resolução de problemas postos de reprodução social”²⁵.

Assim, os conceitos de *campus* e *habitus* são utilizados com ferramentas, como fundamentos metodológicos na investigação e no deciframento do espaço social demarcado pela preservação do patrimônio cultural.

Situado o campo de conflito, de disputa, da deterioração *versus* preservação, do efêmero *versus* permanência, da obsolescência *versus* modernidade, da memória *versus* esquecimento, poderíamos indagar à luz do pensamento bourdieusiano: Quem são estes atores sociais que se dedicam à preservação do patrimônio cultural? O que eles fazem? Como eles se

²² Ibid., p. 17.

²³ Ibid., p. 16.

²⁴ SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do “habitus” em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. São Paulo: USP, 2002, p. 64.

²⁵ AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. *Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe social em Pierre Bourdieu*. São Paulo, 2003, p. 1.

articulam (jogam) dentro do campo social? Que capital eles apresentam? O *habitus* faz com que o indivíduo eleja preferencialmente grupos que compartilham das mesmas escolhas, agrupando-os a partir do capital que os mesmos dispõem. De acordo com Bourdieu, “os agentes constroem a realidade social; sem dúvida, entram em lutas e relações visando impor sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vistas referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar”²⁶. Desse modo, os preservacionistas, os teóricos da restauração, os conservadores-restauradores e demais especialistas poderiam ser categorizados como atores sociais e, assim, munidos do capital intelectual (conhecimento, técnica, códigos culturais) e do capital social (relacionamento e redes sociais) agrupam-se em torno da problemática da preservação do patrimônio cultural.

A partir de meados da década de 1990, foram produzidos, sobretudo no âmbito espanhol, trabalhos dedicados à História da Conservação e Restauração de Bens Culturais que acabaram por se tornar referenciais neste campo temático. Tais estudos refletem as pesquisas acadêmicas de docentes universitários europeus que ministram disciplinas focadas na Teoria e História da Conservação e Restauração de Bens Culturais, em cursos de graduação e pós-graduação. Desta forma, tomou-se como fonte bibliográfica as publicações dos seguintes pesquisadores: Ana Maria Macarrón Miguel²⁷, Maria José Martínez Justicia, Maria Dolores Ruiz de Lacanal²⁸, Salvador Muñoz Viñas²⁹ e Juan Carlos Barbero Encimas³⁰. Portanto, tais publicações consolidaram-se como marco teórico, considerando, ainda, o fato de serem recentes e aprofundadas investigações sobre a teoria e historiografia da conservação e restauração. As referidas fontes possibilitaram a análise e estudo sobre os aportes teóricos da restauração, enfocando-se o surgimento da restauração como disciplina em meados do século XIX até o surgimento das modernas correntes de restauração representadas nas teorias de Cesare Brandi e Paul Philippot.

No que diz respeito à história da conservação e restauração dos documentos gráficos, em particular, cabe destacar a utilização de algumas investigações desenvolvidas no campo europeu, o que denota a preocupação internacional no estudo epistemológico da disciplina.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'Etat. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les editions de Minuit, 1989 apud AZEVEDO, Mário Luiz de. *Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu*, p. 2.

²⁷ Doutora em Belas Artes, Professora Titular de Restauração na Universidade Complutense de Madri, Espanha.

²⁸ Professora Titular de *Bellas-Artes* na Universidade de Sevilha, Espanha.

²⁹ Professor Catedrático do *Instituto de Restauración del Patrimonio, Grupo de Conservación y Restauración de Obra Gráfica y Documento*, na Universidade Politécnica de Valencia, Espanha.

³⁰ Professor Titular de Pintura da *Escuela Superior de Conservación y Restauración de Bienes Culturales de Madrid*, Espanha.

Assim, este estudo dialogou com as reflexões apontadas nas seguintes publicações: *Storia del restauro librario*³¹, em que a autora Paola Furia investiga a trajetória preservacionista dos acervos bibliográficos na Itália; *Innovation in Preserving and Conserving Book Heritage*³², em que Armida Batori³³ apresenta discussões acerca da trajetória histórica da preservação e conservação de livros e documentos gráficos norteada pelas ações do *Istituto de Patologia del Libro Alfonso Gallo*; *Teoría e Historia de la Conservación y restauración de Documentos*³⁴, de autoria de Maria Adelaida Allo Manero³⁵, que ao considerar a conservação e restauração como uma disciplina nova, aborda a evolução histórica do conceito da mesma e suas relações pertinentes com a Ciência da Documentação.

A localização de fontes documentais custodiadas no Arquivo Noronha Santos contribuiu, sobremaneira, para a realização do levantamento de dados pertinentes, possibilitando, assim, uma investigação mais detalhada acerca das ações preservacionistas voltadas para os acervos em papel, desenvolvidas nas gestões de Rodrigo Mello de Andrade, Renato Soeiro e Aloísio Magalhães, ex-diretores do IPHAN. Dessa forma, esta pesquisa buscou valorizar este *corpus* documental ainda pouco explorado ao debruçar-se na análise de um conjunto de fontes constituído por memorandos internos, ofícios, pareceres, despachos administrativos, cartas, telegramas, periódicos, recortes de jornais e relatórios técnicos alocados nos fundos do “Arquivo Técnico Administrativo” do Arquivo Noronha Santos – IPHAN, bem como em exemplares do *Jornal do Comercio* alocados na Biblioteca Nacional.

Em caráter de complementação à análise bibliográfica e documental, fez-se o trabalho de história oral, realizando-se doze entrevistas com conservadores-restauradores especialistas em papel, professores universitários, chefes de laboratórios e demais profissionais de atuação protagonista na trajetória da conservação-restauração de papel no Brasil. O exercício da história oral possibilitou o desvelamento de memórias silenciadas, a interpretação das diferentes formas de articulação dos atores sociais na construção do espaço social preservacionista, bem como atuou na investigação historiográfica do tempo presente considerando-se que alguns dos entrevistados ainda são elementos atuantes na área

³¹ FURIA, Paola. *Storia del restauro librario dalle origini ai nostri giorni*. Istituto Centrale per la Patologia del Libro. Roma: Editrice Bibliografia, 1992.

³² BARTORI, Armida. *Innovation in Preserving and Conserving Book Heritage*. In: *Liber Quarterly*, 2003, vol. 13; n. ¼, pp. 358-369.

³³ Diretora do *Istituto Centrale per la Patologia del Libro Alfonso Gallo*, em Roma.

³⁴ ALLO MANERO, Maria Adelaida. *Teoría e historia de la conservación y restauración de documentos*. In: *Revista general de información y documentación*, Vol. 7, Nº 1, 1997, pp. 253-295.

³⁵ Professora do Departamento de *Ciências de la Documentación e Historia de la Ciencia da Universidade de Zaragoza*.

profissional³⁶. Cumpre ressaltar a validade da história oral como metodologia de pesquisa neste estudo em específico, na medida em que possibilitou o enriquecimento da investigação histórica por meio do intercruzamento e do diálogo entre as fontes documentais e bibliográficas.

A hipótese central formulada sobre o objeto de estudo é a de que a preservação de acervos em papel no Brasil só é, de fato, consolidada a partir da década de 1980. Embora a proteção de acervos de papel – como acervos bibliográficos, manuscritos e livros raros - tenha sido juridicamente instaurada a partir do Decreto-Lei nº. 25 de 30 de novembro de 1937, é somente a partir da década de 1980 que a conservação-restauração de papel ganha visibilidade no cenário preservacionista brasileiro. Se, entretanto, já se podia afirmar sobre a atuação política da “pedra e cal” desde 1937, não se verifica a definição de uma linha política em relação aos acervos em papel. Diante da lacuna existente, a sociedade civil se engajou, seja por meio da criação de associações de conservação-restauração (*habitus*), seja na participação conjunta de várias instituições públicas, o que possibilitou a construção de uma consciência preservacionista no espaço social demarcado pela conservação-restauração de papel (*campus*). Assim, a década de 1980 é um marco referencial, ou seja, *um divisor de águas*, tendo em vista a conscientização e a consolidação de ações efetivas nesse período.

A dissertação está organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado ao estudo das origens da conservação-restauração dos documentos gráficos, demarcando a presença do elemento sagrado e do caráter empírico nas práticas e representações preservacionistas. Em seguida, no mesmo capítulo, são abordados os contextos históricos que possibilitaram o surgimento da conservação e restauração de papel em bases científicas, analisando-se, à luz do pensamento de Roger Chartier, as “práticas”, “representações” e “apropriações” evidenciadas nesses períodos.

O segundo capítulo tem por objetivo sistematizar e analisar a inserção da conservação-restauração de papel no Brasil. Nesse sentido, tomou-se como suporte bibliográfico as publicações das primeiras décadas do século XX que evidenciam a preocupação preservacionista no âmbito da conservação-restauração de papel, notadamente, em relação à temática dos insetos bibliófagos.

Outro parâmetro referencial empregado é a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, considerando-se os discursos e as práticas empregadas pelo órgão oficial no âmbito da conservação-restauração de papel. Nesse sentido,

³⁶ Cf. “(...) o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto”. CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. p. 216. In: *Usos & abusos da história oral*/ Janáina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. - 6ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

tomou-se de empréstimo as definições empregadas por José Reginaldo Santos Gonçalves em sua obra *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*³⁷ e também por Maria Cecília Londres Fonseca na publicação *Trajetória da política federal de preservação no Brasil*³⁸, tais como: “fase heróica”, “período heróico”, “pedra e cal”, “fase moderna”, “patrimônio histórico e artístico” e “bem cultural”. Nesse capítulo iniciou-se a interpolação das informações bibliográficas e documentais com o exercício da história oral, valendo-se dos conceitos de *campus* e *habitus*, desenvolvidos por Bourdieu, na investigação historiográfica. Este capítulo toma como referência as proposições de Paul Philippot que destaca os conflitos gerados pelas guerras mundiais como elementos propulsores do desenvolvimento de uma consciência mais precisa da restauração enquanto disciplina específica. Por conseguinte, a relação da conservação-restauração de papel com as ciências humanas e o diálogo entre as disciplinas são tópicos abordados nas análises realizadas. Encerra o capítulo o estudo da atuação pioneira do Prof. Edson Motta no campo da conservação-restauração de papel no Brasil.

O terceiro e último capítulo examina o desenvolvimento e consolidação da conservação-restauração de papel no Brasil, tendo como recorte temporal as décadas de 1980, 1990 e 2000. Nesse capítulo é enfocada a atuação das instituições detentoras de acervos em papel face à problemática da preservação dos acervos em suporte de papel no âmbito brasileiro, com a criação dos primeiros ateliês e laboratórios especializados em conservação e restauração de papel. Dessa forma, procurou-se investigar temas como a busca de formação profissional em centros estrangeiros e a atuação dos profissionais correspondentes à “segunda geração” de conservadores-restauradores brasileiros especializados em papel. O papel da sociedade civil na defesa do patrimônio cultural é abordado a partir da formação das associações de conservadores-restauradores como a Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores – ACCR e a Associação Paulista de Conservadores-Restauradores – APCR. Nesse contexto, a Coordenadoria de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Estado de São Paulo - CORLIDOSP e a Associação Brasileira de Encadernação e Restauo – ABER terão especial enfoque, considerando-se a atuação específica das mesmas na preservação dos documentos gráficos. Temas relativos ao perfil do conservador-restaurador de papel no Brasil como formação, atuação e perspectivas são enfocados nesse capítulo.

³⁷ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 2002.

³⁸ FONSECA, Maria Cecília Londres. *Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: MinC – IPHAN, 2005.

CAPÍTULO 1: ORIGENS DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE DOCUMENTOS GRÁFICOS: Sacralização, empirismo e cientificismo.

A tendência da Humanidade em proteger e conservar aquilo que por diversos motivos era especialmente valioso, tem sofrido uma série de transformações ao longo da História, determinados pela evolução do conceito de propriedade assim como os distintos significados mágicos, religiosos, culturais e políticos atribuídos a suas produções e pertences, o que vem proporcionando um sentido e alcance diferente segundo o período histórico e suas circunstâncias a esse interesse conservador. A História da conservação e restauração, diretamente determinada pelas idéias religiosas, filosóficas, estéticas e políticas, no plano ideológico, e no plano técnico, pelos constantes progressos da ciência, configura e explica a restauração não tanto (ou somente) como uma questão técnica, mas, sobretudo, como um fenômeno cultural.

MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria. *Historia de la Conservación y la Restauración*. Madri: Tecnos. 1997. p. 13. (tradução nossa).

1.1 O lugar do sagrado na preservação do patrimônio gráfico

A preservação, conservação e restauração do patrimônio constituem-se como empreendimentos culturais direcionados a prolongar a vida útil dos objetos materiais e, assim, possibilitar a relação dialógica com estes bens culturais portadores de múltiplas significações.

A complexa variedade tipológica dos bens culturais que integram o patrimônio cultural está sujeita aos mais diversos processos de deterioração. Muitos são os agentes físicos, químicos e biológicos de degradação que ameaçam a existência deste patrimônio, que vão desde as variações climáticas de temperatura e umidade, poluição atmosférica, insetos, fungos, catástrofes e, até mesmo, a ação do próprio homem quando age em guerras, vandalismo ou negligência. A ação inexorável do tempo destrói os artefatos, as obras de arte, os documentos gráficos, os monumentos e os vestígios resultantes do processo civilizatório.

Os agentes de deterioração decompõem a materialidade do objeto cultural e, conseqüentemente, os valores históricos, sociológicos, informacionais e estéticos que lhe são inerentes. A deterioração do patrimônio resulta na destruição, no esquecimento, na perda, na

efemeridade. Assim, tem-se, no espaço social demarcado pelo patrimônio cultural (*campus*), um quadro caracterizado pelo “caos”, “quebra” e “desordem”, o que pressupõe a atuação dos atores sociais (*habitus*) na tentativa de diálogo com as obras e objetos historicamente construídos. Nesse sentido, cabe situar o pensamento de Peter Berger no qual ele afirma: “Dizer que a sociedade é um empreendimento de construção do mundo equivale a dizer que é uma atividade ordenadora, ou nomizante”³⁹. E ainda: “A socialidade do homem pressupõe o caráter coletivo dessa atividade ordenadora”. A análise das narrativas, à luz da teoria bergeriana, possibilita colocar as manifestações do sagrado em contraposição à categoria do “caos”; “O cosmos sagrado emerge do caos e continua a enfrentá-lo com seu terrível contrário”⁴⁰. Poderíamos situar as práticas preservacionistas como uma atuação do homem na sua ordenação da realidade, lutando contra o terror da anomia. Dessa forma, a dicotomização da realidade em esferas sagrada e profana é algo a ser constatado nos discursos preservacionistas.

Na literatura da história da conservação e restauração do patrimônio cultural encontramos referências de práticas desenvolvidas pelo homem com o intuito de salvaguardar os documentos gráficos. Tais práticas e representações são importantes fontes documentais, ricas em informações sobre a atuação do homem na ação preservacionista. Dentre os discursos e narrativas encontradas elegeu-se para estudo, no início deste capítulo, aqueles que se focam, principalmente, em torno da valorização do elemento sagrado, bem como aqueles fundados em temas religiosos.

Na historiografia encontramos menções a exemplos preservacionistas desde o Mundo Antigo. Segundo Françoise Fleider⁴¹, “certamente, os egípcios já conheciam os óleos aromáticos que afastavam os insetos dos papiros sagrados”⁴². Aquilo que fora eleito sagrado pela civilização egípcia era merecedor, portanto, de uma ação protetora, cuidadosa. O suporte papiro era confeccionado a partir da planta *Cyperus papyrus*, substância orgânica constituída, predominantemente, de celulose, alimento por excelência aos insetos destruidores. Em contraposição, a mensagem registrada no suporte papiro possuiria teor sacro, portanto, deveria

³⁹ Cf. Origem etimológica *nómos*, do grego: regra de conduta; lei. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2026.

⁴⁰ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p. 40.

⁴¹ Restauradora do *Centre de Recherches sur la Conservation de Documents Graphiques*, Paris – França, Doutora pela Universidade de Paris.

⁴² DUCHEIN, Michel e FLEIDER, Françoise. *Livres et documents d'archives: sauvegarde et conservation*. Unesco. Paris:1983. p. 9. Cf. “*Le plus ancien “volumen” connu date de 2400 na av. J. C. Les papyrus de ce type proviennent pour la plupart des tombeaux égyptiens; les prêtres avaient en effet coutume de déposer, dans la tombe des morts, des textes sacrés extraits du “Livre des morts”; certains étaient en outre ornés de fines peintures. Enfermés ainsi à l’abri de l’air et de l’humidité, ces documents se sont mieux conservés que les autres.*” pp. 11-12.

alcançar o perene, o transcendente. Dentre as práticas de conservação empregadas em países do Oriente Médio, verificamos a impregnação dos suportes documentais com produtos de poder repelente. Gustavo Kraemer Koeller⁴³ classificou tais medidas conservadoras como “sistemas de defesa passiva”⁴⁴. Nesse sentido, Horácio, Plínio, Marcial, Ovídio e Vitrúvio apontam a utilização em grande escala do óleo de cedro⁴⁵ em papiros⁴⁶.

Encontramos também no Mundo Antigo indicações em relação à colocação de documentos em caixas em madeira de conhecida propriedade repelente e ativamente inseticida, impregnadas com alguma substância de conservação. Horácio afirmou que se devia guardar rolos em caixas confeccionadas em madeira de cipreste ou de nogueira, impregnadas com óleo de cedro – considerado eficaz conservante natural. Plínio cita o uso de folhas de cítricos no interior das caixas de guarda⁴⁷.

Observa-se que a adoção de substâncias vegetais, enquanto práticas cotidianas utilizadas com o objetivo de salvaguardar os documentos gráficos, perpassou os séculos. Conforme destacou Edouard Rouveyre⁴⁸, em sua publicação *Dos livros*, escrita no século XIX: “(...) todas as folhas do livro eram lavadas a óleo de cedro, ou perfumadas com casca de limão, de maneira a preservá-los”⁴⁹.

Na prática preservacionista encontramos referências de sacralização do objeto livro na medida em que este se constituía num material economicamente caro⁵⁰ e, além disso, era portador de informação, cultura e poder. Nesse sentido, já comentava, em 1880, Edouard Rouveyre:

Afastamo-nos, nos dias de hoje, do modo de pensar de nossos antepassados, que valorizavam tudo o que dizia respeito à edição de um livro. Tão forte

⁴³ Biólogo, *Doctor rerum naturalium*.

⁴⁴ KRAEMER KOELLER, Gustavo. *Tratado del previsión del papel y de la conservación de bibliotecas y archivos*. Servicio de Publicaciones del Ministério de Educación y Ciencia: Madrid, 1973. Tomo I, 2º edição. p. 573.

⁴⁵ Óleo de cedro, *Juniperus virginiana*, Tradição herbárea: o óleo de cedro é utilizado desde os tempos antigos no Egito como incenso e fragância. Possui propriedade anti-séptica e atua como repelente de insetos. Denomina-se *beta-cadinén* a substância ativa do bálsamo de cedro. Id. Tomo II, Lâmina LXXVII.

⁴⁶ KRAEMER KOELLER, Gustavo. op. cit., p. 575.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 573-575.

⁴⁸ Bibliófilo e Livreiro-editor na região parisiense (1849-1930).

⁴⁹ ROUYEYRE, Edouard. *Dos livros*. Trad.: Claire de Levys. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2000. p. 23.

⁵⁰ Cf. O preço do livro é comentado por José Teixeira de Oliveira: Em relação ao livro medieval, “Bíblia de Souvigny, de trezentas e noventa e duas folhas, medindo 560 x 390 mm, deve ter exigido o sacrificio de duzentos animais”; “Yves Devaux calcula o valor de um livro de luxo: por um exemplar que reunisse coleção regular de homilias pagavam quantia correspondente a duzentas ovelhas, várias peles de marta e mais de cinco mil e seiscentos litros de trigo.” (...) “Em 895 Aretas pagou oito *sous* (antiga moeda francesa) de ouro pelo pergaminho e treze ditos ao calígrafo que copiou os vinte e quatro diálogos de Platão – jóia a que damos o nome de *Clarkianus* 39”. In: OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro III: Idade Média*: Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora Ltda, 1987. pp. 193-194.

era o apreço, que comparavam os livros a tesouros⁵¹, *thesauros oportet esse, non libros*⁵². (...) Assim são os livros que Horácio considera como dignos de serem regados com óleo de cedro, *linenda cedro*, isto é, dignos de serem conservados para a instrução da posteridade⁵³.

A preservação possibilitada pela proteção física do livro e, conseqüentemente, do seu conteúdo informacional já se constituía numa prática comum entre os gregos e romanos. Os livros eram envolvidos em capas confeccionadas em peles de animais ou em tecidos. Tratando-se de obras mais valiosas os livros eram colocados em bibliotecas, ou seja, do grego *biblión* (livros) + *teke* (caixa, cofre, armazém ou depósito), denotando, conseqüentemente, a custódia do material⁵⁴. A prática de encadernar livros para melhor conservá-los foi uma decorrência natural da passagem do rolo de pergaminho para o formato de *códex*, que foi se sistematizando no Império Romano a partir do século I. Com o estabelecimento do cristianismo, o formato de rolo ficou associado à literatura pagã enquanto que o *códex* à cristã. Com a expansão e o crescente poder da Igreja, o formato originalmente pobre do livro plano foi se transformando num suporte privilegiado para verdadeiras obras de arte. Para proteção da palavra divina, os livros recebiam capa de marfim ou metais como cobre ou prata. Sobre a capa, aplicavam-se incrustações de pedras preciosas, ouro maciço, ou pintura em esmaltes coloridos. Preciosos fechos metálicos tinham a função de proteção física das folhas do volume encadernado⁵⁵. Por meio da prática da encadernação desenvolvida na Idade Média, a materialidade do suporte da escrita obteve condições favoráveis à conservação. A proteção mecânica possibilitada pela encadernação preservou o suporte da liturgia, do canônico e dos mistérios da fé. Os livros, belos e ricamente encadernados, exerciam fascínio, adquirindo, portanto, o *status* de obra de arte revestida de uma aura sacralizante. Nesse sentido, cabe destacar os estudos de Rudolf Otto sobre a utilização dos meios de expressão artística para representar o numinoso, o mágico e o sublime⁵⁶.

⁵¹ Cf. Palavra que advem do latim *thesaurus*, acumulação de bens, haveres e objetos de valor; do latim *aurum* (ouro). HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. pp. 2093, 2708.

⁵² Cf. *Historia Naturalis* de Plínio, Pref. 17. Século I.

⁵³ ROUYEYRE, Edouard. op. cit., p. 45.

⁵⁴ MELLO, José Barbosa. *Síntese histórica do livro*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A., p. 212.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 204.

⁵⁶ OTTO, Rudolf. *Lo Santo*. Madrid: Alianza Editorial, 1991. p. 97.



FIGURA 1 – “Placa de frente de encadernação do tipo ourivesaria.
 Ao centro, tabula de marfim, emoldurada de peças de metal, com incrustações
 de pedras preciosas. Peça da segunda metade do século VIII. 22,8 cm X 18,4 cm.
 Pertence ao *Museo Archeologico Nazionale – Cividale*”
 FONTE – OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro*.
 Tomo III. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora Ltda, 1987. s.p.

Não obstante, o excesso de ornamentação artística já era contestado no âmbito da própria Igreja. Assim já reclamava São Jerônimo numa epístola, no século IV: “Tinge-se o pergaminho de cor púrpura, traçam-se letras com ouro líquido, revestem-se de gemas os livros, mas totalmente nu diante de suas portas, Cristo está morrendo”.

Diferentemente da Europa medieval, as escrituras sagradas budistas da Índia, datadas do século XV, encontradas na biblioteca do monastério budista de Lingshed, em Zarkar, não eram encadernadas. Entretanto, as folhas dos textos religiosos eram empilhadas, envolvidas em tecidos de seda ou brocado amarelo e laranja e encerradas entre duas grossas pranchas de madeira gravada. Os volumes, identificados por etiquetas de seda, eram cuidadosamente armazenados no interior de nichos compartimentados numa estante de grande formato ⁵⁷.

Pelas exemplificações acima, representativas de duas culturas distintas, podemos verificar a preocupação em acondicionar, proteger e armazenar o texto sagrado, com vistas a alcançar a posteridade. Seria como no dizer de Rudolf Otto, *o mysterium tremendum*, o objeto luminoso, ou seja, aquele merecedor do incomparável respeito, algo que deve ser reconhecido como o valor mais precioso possível. Guardar, manter e preservar textos sacros são práticas

⁵⁷ O CORREIO, *Memória da Humanidade: Bibliotecas e Arquivos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1985, p. 3.

revestidas do *mysterium*, *mystes* e *mística* – palavras que se derivam provavelmente de uma mesma raiz, do sânscrito *mus*, equivalendo ao trato secreto, recôndito e oculto⁵⁸.

No período medieval, os mosteiros e igrejas eram os guardiões dos acervos documentais e bibliográficos. Por conseguinte, restava-lhes a tarefa de conservação deste patrimônio. Há registros de reparos em livros de pergaminho no período medieval que denotam uma atividade “restauradora”. Devido ao elevado custo, eram freqüentes as atividades de religamentos, costuras em pergaminhos frágeis e enxertos em zonas perdidas. Muitas vezes, tais atividades eram realizadas nos *scriptorium*, locais em que os copistas e iluminadores criavam os códices manuscritos. Os árabes conheciam essas técnicas e transmitiram tal conhecimento no *Fihrist*, um manuscrito publicado em 938, no qual há descrições de bibliotecas e de coleções muçulmanas e algumas páginas tratam da restauração de pergaminhos, papiros e papéis chineses⁵⁹.

Outra exemplificação acerca dos cuidados com os documentos religiosos pode ser observada na seguinte prática preservacionista: “Os monges da Idade Média transmitiam de um convento para outro receitas para proteção dos pergaminhos com objetivo de manter a sua flexibilidade e devolver às iluminuras o seu brilho”⁶⁰. As receitas divulgadas no âmbito monástico tinham conotação de fórmulas mágicas e secretas, capazes de restituir qualidades perdidas pelo bem cultural. Pelo processo de rehidratação da pele animal (pergaminho) obtinha-se, de novo, a flexibilidade do suporte o que também conferia brilho aos desenhos e iluminuras presentes no suporte.

No que diz respeito aos receituários publicados no período medieval, destaca-se o tratado *Diversarum artium shedula* (Manual das diversas artes), lançado provavelmente no ano de 1123, escrito pelo monge beneditino Teófilo (c.1080-1125). Existe a hipótese da identificação de Teófilo como sendo o ourives alemão Roger de Helmarshausen que teria utilizado de sua experiência como artesão para sistematizar o texto que contém descrições detalhadas e conselhos práticos de várias artes aplicadas medievais. Dentre as técnicas e receitas explicitadas no tratado, podemos constatar no primeiro tomo da publicação - intitulado *De temperamentis colorum* - estudos sobre a produção de materiais e de técnicas de pintura relacionados à feitura de livros como: *De molendo auro in libris*, *Quomodo aurum et argentum ponatur in libris*, *Quomodo colores in libris temperentur*⁶¹.

⁵⁸ OTTO, Rudolf. op. cit., p. 38.

⁵⁹ *Storia del restauro*. Disponível em < http://www.delfo.forli-sena.it/ssrighi/1997_1998/classe5dst/file%20html/Libro/Storia >. Acesso em: 21/01/2006.

⁶⁰ DUCHEIN, Michel e FLEIDER, Françoise. op. cit., p. 9.

⁶¹ Bibliotheca Augustana. Disponível em: < www.fh-augusurb.de/~harsch/theiointr.html >. Acesso: 11/02/2007.

A preocupação em salvaguardar os livros sagrados de furtos era evidente no período medieval. Um livro copiado à mão representava meses de trabalho, assim como os custos com os materiais e ofícios empregados nos mesmo implicavam em valores monetários. Assim, nas Igrejas, era comum ver a Bíblia acorrentada às estantes⁶².

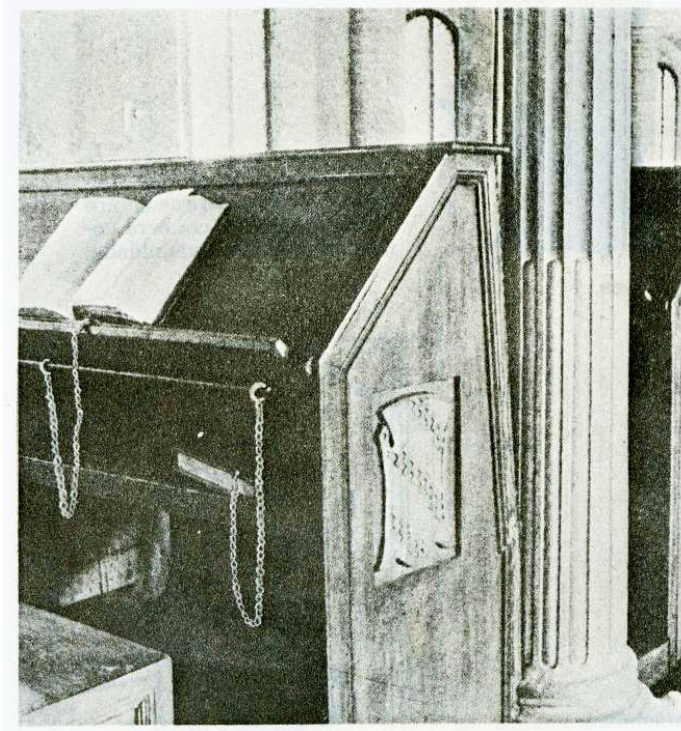


FIGURA 2 – “Mesa/estante para livros acorrentados, com prateleiras. Pertence à Biblioteca de Cesano – que conserva em seu prédio, seu mobiliário, seus livros de origem”
FONTE – OLIVEIRA, José Teixeira. Ibid. s.p.

No século XVII, também podemos encontrar outras práticas de conservação desenvolvidas no âmbito da Igreja com vistas a proteger os livros dos roubos, tais como: a) colocando o livro num nicho escavado em forma de escrivaninha na parede, protegido por barras impedindo o roubo do livro, entretanto, permitindo virar as páginas para que fosse possível a leitura do mesmo (Catedral de Mans)⁶³; b) trancando o livro em cofres ainda mais preciosos (cofre atapetado com veludo vermelho escuro, puxado para o violeta) do que o valor do livro; c) mudando regularmente as fechaduras da sala do tesouro (Igreja de Remiremont,

⁶² POLLARD, Michael. *Johann Gutenberg*. São Paulo: Editora Globo, 1992. p. 13.

⁶³ *Histoire des bibliothèques françaises*, tome 1: *Les bibliothèques médiévales du VI à 1530*. Sous la dire. D André Vernet. Paris, Promodis; Cercle de la Librairie, 1989. 463 p., p. 369. apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. De diaforus aux therapies de groupe: une petite histoire des techniques de conservation/restauration du livre, In: La conservation: une science en évolution – bilans et perspectives, actes des troisièmes journées internationales d'études de L'ARSAG. Paris, 21 au 25 avril 1997, Paris, 1997. p. 94-95. Cf. Tal prática é denominada por José Teixeira de Oliveira como “livros enjaulados”, OLIVEIRA, José Teixeira de. op.cit., p. 290.

por volta de 1570) e d) encorajando a pessoa que encontrava um livro desgarrado a devolvê-lo a seu proprietário; “*Quem o encontraria, mo devolveria o vinho o pagaria*”⁶⁴.

O episódio da descoberta dos Pergaminhos do Mar Morto, encontrados pelos pastores beduínos, em 1947, em jarros cilíndricos de cerâmica, possibilitou a interpretação que armazenar pergaminhos em jarros de cerâmica era uma prática antiga desde os tempos bíblicos⁶⁵. Tal prática pode ser analisada como uma representação literária registrada nas palavras do Profeta Jeremias, no Velho Testamento: “*Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura de compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias*”⁶⁶.



FIGURA 3 –
Jarro para pergaminho sem tampa Jarro para pergaminho com tampa

Qumran, Oficina de Cerâmica, 1953	Qumran
Altura: 13,5 cm; Diâmetro: 19 cm.	Altura: 58 cm, Diâmetro: 22cm.
IAA 451667	IAA 340120
Cerâmica	Altura: 6,3 cm, Largura 16,7 cm
200 AEC – 70 EC	IAA 339793
Cerâmica	
200 AEC – 70 EC	

FONTE: PERGAMINHOS DO MAR MORTO: Um legado para a humanidade. Rio de Janeiro: 2003.(Catálogo da exposição, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2003). p. 16.

⁶⁴ Gasse-Grandjean M.J. Les livres dans les abbayes vosgiennes du Moyen Age, Nancy. P.U.N., 1992, Chap. IV apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie, op. cit., p. 94-95.

⁶⁵ PERGAMINHOS DO MAR MORTO: Um legado para a humanidade. Rio de Janeiro: 2003.(Catálogo da exposição, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2003).p. 16

⁶⁶ A BÍBLIA sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1988. (Jeremias 32, 14). p. 1080.

Alusão antiga a este respeito acha-se em um livro apócrifo do Velho Testamento, no qual Moisés, querendo preservar os rolos de pergaminho do Pentateuco, aconselha Josué a untá-los com óleo de cedro, antes de guardá-los em vasos de argila⁶⁷.

Outra semelhante prática que evidencia a preocupação na armazenagem de documentos de caráter religioso é comentada por Matthew Battles:

Nas cercanias de Nag Hammadi, no Egito, fica o local em que, no quarto século, funcionava o mosteiro de Chenoboskion. Em 1945, treze códices simples, datando da segunda metade do quarto século, foram achados ali, selados num pote de argila. Os textos contidos nesses livros têm dado aos estudiosos um retrato mais completo do mundo intelectual e espiritual dos primitivos cristãos, bem como das seitas gnósticas com as quais os cristãos estavam em contato e conflito⁶⁸.

Nas práticas acima mencionadas pode-se verificar a preocupação em preservar a informação para gerações futuras. Assim sendo, a trilogia clássica “passado, presente e futuro” faz-se atuar nas ações preservacionistas. Potes de barro são utilizados como acondicionamento técnico do texto sagrado. Ainda que motivado por razão empírica, colocar pergaminhos, papiros ou códices dentro de potes e, posteriormente, fechá-los significa proteger os materiais contra a ação danosa da luz e dos insetos propiciando-lhes uma estabilidade climática (temperatura e umidade). Vê-se a salvaguarda da mensagem divina imbuída numa dimensão de comunicabilidade, com vistas à transmissão do conteúdo informacional para a posteridade, portanto, num processo de perpetuidade e de transcendência temporal. Mircea Eliade afirma que a vida é vivida num plano duplo: de um lado, a existência humana e material, de outra parte, a vida trans-humana relacionada ao Cosmos, ao transcendental. O homem religioso vive num cosmos aberto e que está aberto ao mundo. Portanto, isto evidencia que o homem está em comunicação com os Deuses e, ao mesmo tempo, participa da santidade do mundo. É provável que num passado distante todas as ações humanas tivessem um significado religioso⁶⁹.

A invocação ao sagrado e o pedido de auxílio aos deuses, como medida preservacionista, podem ser encontrados em variadas manifestações. Cômicos de suas limitações frente aos variados agentes de deterioração, os homens buscam na prática religiosa uma solução para as dificuldades encontradas em seu dia-a-dia. Como por exemplo: “Os maometanos colocavam em todos os seus livros o nome de Deus para atrair sobre eles a

⁶⁷ CARRERA, Messias. op. cit., p. 353.

⁶⁸ BATTLES, Matthew. *A Conturbada História das Bibliotecas*, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003, p. 63.

⁶⁹ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 137.

proteção do Ser Supremo”⁷⁰. Existe um manuscrito árabe que se pode ver no Museu do Istituto di Patologia del Libro Alfonso Gallo - ICPL, sediado em Roma, uma invocação para pedir a proteção dos livros contra o ataque das traças⁷¹. Kraemer Koeller cita a invocação de “deuses da conservação”, como as preces dirigidas pelos árabes ao gênio (ao *espírito*), dos conservadores de bibliotecas: “*O Kubeikag*”⁷², *salve meu livro da deterioração*”⁷³. Há também representações imagéticas em livros alemães e espanhóis de suposto sentido mágico ou cabalístico que evocam a aclamação de divindades cujo significado é: “O Salvador”, “Vincat vos Spiritus Thesaurorum”⁷⁴. Koeller também apresenta elementos que referem-se à magia branca, evocadores que são da proteção divina⁷⁵.

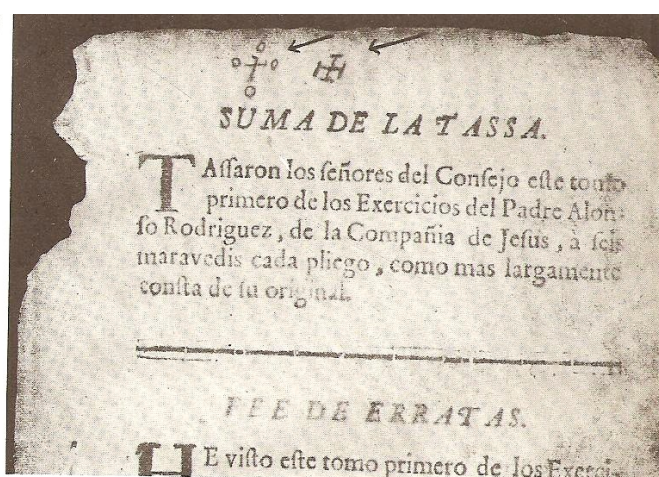


FIGURA 5 - Inscrição de magia branca que significa “protegido por Cristo”, “pela Trindade”.

FONTE: KRAEMER KOELLER, Gustave. *Tratado de la prevision del papel y de la conservacion de bibliotecas y archivos*. Tomo II. Lâmina LX.

No âmbito das esferas do sagrado e do profano, podemos identificar a utilização de materiais distintos na confecção de livros e documentos e, portanto, atestar a durabilidade ou perenidade das informações neles registradas. O pergaminho, pele animal dura e consistente, possui característica nobre e resistente, portanto, de maior permanência. Diferentemente, o

⁷⁰ ROUVEYRE, Edouard., op. cit, p. 24.

⁷¹ KATHPALIA, Yash Pal. *Conservation et restauration de documents d' archives*. UNESCO: Paris, 1973, p. 16.

⁷² Cf. Em termos botânicos a palavra *Kabihaj* se associa a *Ranunculus asiaticus*, planta similar a salsinha silvestre, que pode ser muito venenosa. Acreditava-se que ao colocar *Kabikaj* nos livros os insetos seriam repelidos. Ao longo do tempo se atribuíram poderes mágicos à palavra em si, desvinculando-a de sua origem embasada nas propriedades venenosas da planta. HIDALGO BRINQUIS, Maria del Carmen. *Algunas notas sobre la historia de los estudios del biodeterioro documental em Espana*. In: Jornadas Monográficas: Prevención del Biodeterioro em Archivos y Bibliotecas. Instituto del Patrimônio Histórico Español, 2004, p. 2, (tradução nossa).

⁷³ KRAEMER KOELLER, Gustave., op.cit., Tomo I, p. 576.

⁷⁴ Ibid., Tomo II, Lâmina LX, 459.

⁷⁵ Ibid., Tomo II, Lâmina LXI, 460.

papel, fino e delicado, de menor resistência, é preferencialmente destinado ao registro de informações laicas e profanas.

Observa-se, assim, a conotação mística atribuída ao pergaminho – *substratum* de escrita⁷⁶ -, agregando-lhe valores de sacralidade:

Ao escrever no pergaminho, o copista não o tocava, como a evitar que as impurezas do corpo (as gorduras naturais) denegrissem o suporte considerado o mais duradouro para o registro da palavra de Deus. Esse cuidado com o pergaminho, na Idade Média, referia-se a uma quase-devoção⁷⁷.

De modo semelhante, observa-se o cuidado que os judeus dispõem à Tora, tradicionalmente escrita em pergaminho. A Tora é cuidadosamente guardada em um móvel denominado *Arca*. Quando não estão em uso, os pergaminhos são enrolados, cobertos e guardados numa caixa de madeira chamada *kit*, revestida com um tecido finamente bordado. A caixa de proteção é encimada por coroas de prata que simbolizam a soberania da lei no modo de vida judaico. Com o auxílio de um instrumento denominado *yad* é feita a leitura do pergaminho da Tora. Esse instrumento, geralmente metálico, é moldado no formato de uma mão e é utilizado para evitar que se toque ou se suje o texto sagrado⁷⁸. De novo, observamos a correlação que se estabelece entre o material eleito sagrado e uma prática de conservação envolta numa mística que confere à preservação do material suporte da informação.



FIGURA 6 - Leitor utilizando o *yad*, ou indicador.
 FONTE: BOWKER, John. *Para entender as religiões*.
 São Paulo: Editora Ática, 1977. p. 123.

⁷⁶ OLIVEIRA, José Teixeira de., op. cit., p. 191.

⁷⁷ PINHEIRO, Ana Virginia. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In: *A cultura do papel*/Marcio Doctors, org., Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999, p. 73.

⁷⁸ BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 123.

No que diz respeito aos aspectos constituintes e morfológicos dos materiais - tomados em consideração no ato da escolha do suporte da informação - Ana Virgínia Pinheiro comenta sobre as manifestações do sagrado e do profano, implícitas e explícitas nos referidos suportes materiais:

O registro de informação em pergaminho, da Idade Média à Renascença, apresenta um discurso identificador de idéias e valores, explicitados nas características e peculiaridades atribuídas aos suportes, através de vinhetas, iluminuras, cores, formatos, técnicas de preparação do suporte e outros artificios. Como por exemplo, o uso de pergaminho de asno para livros sagrados, como se a pele mantivesse a força e a representação do animal – na simbologia, o asno “é o animal sempre em cio”, configurando uma referência sexual, ou é, ainda, um “emblema da humildade, paciência e coragem”, configurando uma referência social, particularmente no caso de bíblias produzidas com fins utilitários (Cirlot, 1984:105). Um outro exemplo é a produção das chamadas “bíblias do demônio”, isto é, bíblias, manuscritas ou impressas sobre pergaminho, onde a extensão das duas páginas centrais, medidas pelo corte superior, equivale a 66 cm, o número da besta apocalíptica, “adversária do espírito e perversão das qualidades superiores. Às vezes identificada com o princípio feminino, enquanto fonte de tentação e de corrupção” (Cirlot, 1984:118)⁷⁹.

A obra *Philobiblion* ou *Excelente tratado sobre o amor aos livros*, de Richard Bury⁸⁰, de 1343, publicada quando da organização da Biblioteca da Universidade de Oxford, é considerada pelos estudiosos como um dos mais antigos documentos existentes sobre conservação e restauração de documentos⁸¹. A narrativa empregada nesse documento nos possibilita uma rica análise acerca da preservação do patrimônio cultural, notadamente, o patrimônio bibliográfico. Sob a égide do discurso religioso, o autor manifesta sua preocupação acerca dos males que atingem os pergaminhos, conforme se verifica no capítulo XVI:

(...) os livros sofrem uma contínua alteração pelas misturas combinadas que entram em sua composição, o remédio que os clérigos prudentes podem apresentar é recopiá-los, graças a que um livro precioso, pagando sua dívida à própria natureza, obtém um herdeiro substituto e uma semente, semelhante ao morto sagrado, nascido de si mesmo, como diz o Eclesiastes: “O Pai é morto, mas não aparenta estar morto, porque deixou atrás de si, Ele mesmo⁸².”

⁷⁹ PINHEIRO, Ana Virgínia. op. cit., p.75.

⁸⁰ Bispo de Durham, Grande Chanceler da Inglaterra, fundou a Biblioteca da Universidade de Oxford, chamada Boldeina, à qual doou todos os livros que possuía.

⁸¹ MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *O papel: problemas de conservação e restauração*, Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1971. p. 181.

⁸² Ibid., p.181.

A incapacidade manifestada pelos clérigos em salvaguardar a constituição material dos livros frente aos agentes de degradação faz com que os religiosos os recopiem, formando-se, assim, outros exemplares. A deterioração da materialidade dos livros é inevitável, comparada, de modo análogo, à morte humana. Entretanto, a cópia que fora executada ganha significação de semente, ou seja, de ressurreição, de renascimento. As dualidades apresentadas como integridade *versus* deterioração, vida *versus* morte são recursos utilizados para justificar a prática de copiar as obras e, assim, salvaguardar o conteúdo informacional. O estabelecimento da simbologia da passagem (da deterioração à permanência, das trevas à luz), o ciclo vital, o mistério da ressurreição em Cristo atuam como argumentação para justificar a ação preservacionista defendida e praticada pelo clero. Nesse sentido, Roger Chartier, em seus estudos sobre a história do livro e as práticas culturais, esclarece que:

No mosteiro, o livro não é copiado para ser lido, ele conserva o saber como um bem patrimonial da comunidade e tem usos antes de tudo religiosos: a “ruminação” (*ruminatio*) do texto, verdadeiramente incorporada pelo fiel, a meditação, a prece⁸³.

No capítulo XVII, são localizadas advertências quanto à conservação do acervo da Biblioteca de Oxford:

Não apenas, devemos considerar um dever para com Deus preparar novos volumes, mas obedecermos à obrigação de uma santa piedade se manusearmos delicadamente, ou se, quando os recolocarmos em seus lugares reservados, os mantivermos em sua conservação perfeita, de maneira que eles se regozijem de sua pureza, assim também quando permanecerem em nossas mãos, e que repousem ao abrigo de todo risco, quando recolocados em suas moradas. Certamente, depois das Santas Vestes e dos Cálices consagrados ao Corpo de Nosso Senhor, são os Livros Sagrados dignos de serem tocados respeitosamente pelos clérigos, por que os injuriam todas as vezes que ousam segurá-los com mãos sujas⁸⁴.

Nessa narrativa podemos detectar um discurso preservacionista calcado nas ambivalências, nas dualidades presentes na esfera do sagrado *versus* profano. A santa piedade denota amor, pureza, respeito às coisas religiosas, devoção, compaixão e misericórdia com que se deve tratar os livros da biblioteca. A estante, mobiliário destinado à armazenagem dos livros, é metaforizada como abrigo, morada ou casa do Pai. Mircea Eliade comenta sobre a “Santificação da vida” na qual a vida, como um todo, é suscetível de ser santificada. A

⁸³ CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2003. p. 35.

⁸⁴ MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. op. cit., p.181.

associação da estante de livros como a morada pressupõe um simbolismo de correspondências micromacrocóspicas⁸⁵. Portanto, a proteção mecânica e física dos livros é, assim, resignificada pela proteção do divino, do transcendental. Na hierarquia estabelecida, os livros da biblioteca são nomeados como “Livros Sagrados”, portanto, evidencia-se a sacralização dos mesmos tal como são consagradas⁸⁶ as Santas Vestes e os Cálices. Nesse sentido, Rudolf Otto assim esclarece: “(...) Este salvoconduto é, pois, uma consagração, ou seja, um procedimento e quem se aproxima ao *numen* se torna numinoso, perde seu ser profano, e se qualifica e se habilita para tratar como o *numen*⁸⁷. As mãos sujas, portadoras das oleosidades digitais e demais sujidades que deterioram os livros, são representativas do imundo, ou seja, do mundo não puro, representativo da profanidade.

Outro tópico da publicação *Philobiblion* faz referências quanto ao comportamento dos estudantes da Universidade de Oxford no manuseio do acervo bibliográfico:

Existem, também, jovens imprudentes aos quais se deveriam proibir, especialmente, de tocar nos livros, pois assim que aprendem a fazer letras ornadas, começam depressa a se tornar glosadores de magníficos volumes, nos quais eles querem grafar e, onde se via outrora uma grande margem em torno do texto, descobre-se um monstruoso alfabeto, ou qualquer outra frivolidade que se lhes apresente à imaginação e seu pincel cínico tem a ousadia de reproduzir. Lá, um latinista, acolá um sofista, aqui alguns escribas ignorantes fazem demonstração da aptidão de suas penas e, é assim que nós vemos, freqüentemente, os mais belos manuscritos perderem seu valor e sua utilidade⁸⁸.

Não há nessa narrativa a preocupação em educar, de modo apriorístico, os estudantes com orientações técnicas referentes ao manuseio e conservação do acervo. Ao contrário, os jovens da Universidade são qualificados como imprudentes e ignorantes, por conseguinte, não merecedores de acesso aos livros - fonte de informação e conhecimento. As atitudes dos estudantes são consideradas prosaicas, mundanas, carregadas, portanto, de conotação profana. Ao danificarem o acervo os estudantes são rotulados como indivíduos desobedientes, transgressores da ordem e da moral estabelecida. Por outro lado, a grandiosidade do acervo é manifestada de forma hegemônica, revestida de um caráter sacralizante culminada, assim, na impossibilidade de se tocar nos referidos livros. Os “magníficos volumes” e “os mais belos manuscritos” situam-se nas categorias analíticas de Rudolf Otto como o *Augustus* (ilustre) ou o

⁸⁵ ELIADE, Mircea. op. cit., p.138.

⁸⁶ Chartier explica que em francês os termos que designam a consagração de uma igreja e a oferenda de um livro são os mesmos (*dédier, dédicare*). Cf. CHARTIER, Roger. op. cit., p. 56.

⁸⁷ OTTO, Rudolf. op. cit., p. 83 (tradução nossa).

⁸⁸ MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza. op. cit., p.182.

sebastos (majestático e venerável) a quem se deve “obediência e serviço” e “submissão ao valor santíssimo”⁸⁹.

Algumas normativas de conservação de material bibliográfico são abordadas à luz de citações bíblicas, como se verifica na alusão aos armários de guarda dos livros:

Quanto aos armários bem fabricados, onde os livros podem estar bem conservados e em toda segurança, a salvo de qualquer dano, Moisés já nos instruíra no 31º. capítulo do Deuteronômio: “Tome este livro e guarde-o ao lado da Arca da Aliança do Senhor Vosso Deus”. Oh! lugar delicioso e conveniente para uma biblioteca, esta arca feita de madeira imperecível, de cetim recoberto de ouro por todos os lados! Mas o Salvador proíbe, também, pelo seu próprio exemplo, toda negligência inconveniente, no manuseio de livros, como se pode ler no 4º capítulo de São Lucas. Com efeito, assim que leu no livro que Lhe foi ofertado, as palavras proféticas escritas sobre Ele próprio, não o devolveu ao Ministro, senão depois de o fechar com suas sagradas mãos⁹⁰.

Encontramos, ainda, na obra *Philobiblion* enunciados que referem-se às agressões e mutilações praticadas no acervo bibliográfico:

Existem, também, alguns ladrões que mutilam consideravelmente os livros e que, para escrever suas cartas, cortam as margens dos *in-fólios*, não deixando senão o texto, arrancando mesmo as folhas de face para usar e abusar. Este gênero de sacrilégio deveria ser proibido sob pena de anátema⁹¹.

A mutilação e conseqüente deterioração dos livros categorizados como sagrados culmina num sacrilégio, ou seja, num ato de profanação considerado pela Igreja como um grave pecado contra a religião ou contra as coisas sacras. Em conseqüência, tem-se a aplicabilidade do anátema, sentença de maldição que expulsa o indivíduo da Igreja, colocando o pecador à margem das coisas sagradas. Em relação aos atos de transgressão religiosa Rudolf Otto assim comenta:

(...) el carácter del valor negativo numinoso pasa y se transfiera al defecto moral y en él instala, solo entonces, la mera ilegalidad – transgressión de la ley moral – se convierte en pecado y se hace perversa y criminal⁹².

⁸⁹ OTTO, Rudolf. op. cit., p. 81.

⁹⁰ MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza. op. cit., p. 183.

⁹¹ Ibid., p. 182.

⁹² OTTO, Rudolf. op. cit., p. 82.

Advertências, ameaças e aplicação de castigos profanos são também encontradas em várias narrativas da Europa medieval, conforme o Ritual (*Sacramentário*) oferecido, no século XI, por Roberto, Arcebispo de Canterbury, ao Mosteiro Local:

Se alguém subtrair este volume, pela força, pela fraude, ou qualquer astúcia, que tal crime atraia a perdição da sua alma; que ele seja riscado do Livro da vida; que o seu nome não figure na lista dos justos ⁹³.

Normas rigorosas de conservação também são evidenciadas numa cédula de excomunhão, da Biblioteca Universitária de Salamanca, Espanha, sem registro de datação, mas provavelmente da Idade Média. Essa cédula, manuscrita em letras monásticas, possui formato que sugere um pequeno cartaz a ser fixado em lugar de destaque e apresenta o texto encimado por uma cruz conforme se verifica na ilustração abaixo:



FIGURA 7 – Cédula de Excomunió n – Universidad de Salamanca – Espanha.
FONTE: reprodução *fac simile*

Nota-se que as primeiras medidas de sistematização de normas em conservação de acervos bibliográficos e documentais foram impulsionadas pelas comunidades religiosas e pelas universidades objetivando, assim, preservar suas coleções dos roubos e das degradações. Como por exemplo, Johannes Trithemius (1462-1516), abade beneditino, escreve, em 1492, *De custodia et munditia librorum habenda*, no qual aborda questões de segurança e higiene dos espaços da conservação, mostrando a prevenção como uma prática comum a ser

⁹³ OLIVEIRA, José Teixeira de. op.cit. p. 292.

desenvolvida. Em 1663, foi publicado “o primeiro verdadeiro tratado prático de biblioteconomia”⁹⁴. Sobre tal publicação, Floreal Daniel e Marie Côte assim comentam:

Nós o devemos aos religiosos da congregação de Saint-Maur cujas regras comuns e particulares do bibliotecário são tratadas no capítulo VII. O último capítulo reúne as medidas práticas ligadas aos cuidados da biblioteca e dos livros, insistindo na limpeza: varrer a cada 8 ou 15 dias; desempoeirar livros e prateleiras (com pedaços de linho ou seda e com pequenas vassouras de plumas ou de junco) todos os dias ou de dois em dois dias; mudar de posição uma vez por ano (abril ou maio) todos os livros, batê-los na janela para que a poeira saia e expô-los ao ar ou ao vento se eles estiverem úmidos⁹⁵.

No que se refere às narrativas e práticas de conservação e restauração demarcadas ao longo do período medieval, Maria Dolores Ruiz de Lacanal nos chama a atenção para o elemento sagrado como matriz preservacionista: “A Igreja, órgão motor da conservação, restauração e tutela da cultura do passado, estabelece o prisma religioso como principal critério de valorização”⁹⁶. Portanto, norteado por valores de ordem devocional e simbólica, podemos verificar a atuação do “restaurador” – perdida no anonimato - como um artista ou um hábil artesão incumbido, assim, de atender à demanda de trabalhos presentes nas igrejas, templos e mosteiros.

Procurou-se na análise das narrativas acima selecionadas demonstrar o quanto as práticas de preservação do patrimônio, ao longo do processo histórico, são permeadas por referências sacralizantes. Assim, o exame das práticas de conservação e restauração de documentos gráficos evidenciou os valores e os significados então atribuídos ao bem cultural quais sejam: religioso, devocional e simbólico. O ofício da conservação-restauração de bens culturais possibilita, muitas vezes, vencer as deteriorações presentes na materialidade do objeto, bem como resgatar os valores estéticos e informativos inerentes ao bem cultural. Nesse contexto, a conservação da matéria que constitui um artefato histórico ou a reconstituição dos bens culturais deteriorados são atividades revestidas de mística, de um certo fetiche em relação àqueles que desconhecem a técnica e os processos metodológicos empregados. Como verificamos nos enunciados preservacionistas analisados, a deterioração, a destruição, a negligência e o mal instalado no objeto cultural situam-se na esfera do profano. Por outro lado, observamos que a ação conservadora ou de restauro alcança a dimensão do

⁹⁴ VARRY, Dominique. *La conservation, sous la direction de J-P. Oddos*. Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 1995, chapitre I, p. 21. apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. op. cit., p. 96.

⁹⁵ DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. op. cit., p. 96 (tradução nossa).

⁹⁶ RUIZ DE LACANAL, Maria Dolores. *El conservador-restaurador de bienes culturales*. Editorial Síntesis, S.A.: Madri, 1999, p. 24 (tradução nossa).

sagrado na medida em que enfrenta as forças do mal, do negativo, da anomia. Nessa perspectiva, o ato de minimizar a ação das degradações, o prolongamento da vida útil do bem cultural, os efeitos estéticos e visuais alcançados pela conservação e restauro do objeto atuam como elementos salvíficos, capazes, portanto, de vencer a deterioração e os elementos adversários. As práticas e narrativas preservacionistas estudadas permitem-nos detectar as investidas do *status* de sacralidade, construídas historicamente a partir do contexto cultural a que foram forjadas. Sob a égide do discurso religioso, as práticas de preservação são empreendimentos culturais que têm em mira vencer a transitoriedade matérica do bem cultural, o seu caráter de efemeridade e, assim, alcançar o estatuto transcendental, a duração eterna, o perene do supra-sensível⁹⁷.

Na perspectiva contemporânea, poderíamos situar indagações sobre os vestígios de atribuição do sentido de sacralização à atividade da conservação-restauração dos bens culturais. Na ordem do dia, imbuídos do discurso cientificista, os profissionais projetam elementos arquitetônicos como o primeiro arcabouço de preservação museológica, bibliográfica e documental. Conservadores-restauradores e museólogos concebem reservas técnicas, depósitos e salas de custódia, rigorosamente pensados a partir de critérios técnicos estabelecidos, como instâncias retardadoras do envelhecimento e deterioração dos acervos. Mobiliários e estanterias são planejados de modo a armazenar e organizar, sistematicamente, as coleções. Por último, o bem cultural é inserido em meticulosos acondicionamentos técnicos confeccionados, sob medida, em materiais inertes e de pH neutro. Normas de guarda, manuseio, consulta e exposição são *a priori* definidas tendo em vista a conservação do bem cultural. Para além das ações técnico-científicas apontadas e, de outra parte, tomando-se a esfera mitificada dos museus, arquivos e bibliotecas, cabe a reflexão acerca do elemento sagrado, enquanto matriz preservacionista, sublinhando-o como um ponto de tangência entre a pretensa manutenção da materialidade físico-química do objeto e, conseqüentemente, o desejo de perpetuação da dimensão simbólica do bem cultural, metáfora dos significados. Dessa forma, na esteira do pensamento de Pierre Nora detectamos o sentido da “ilusão de eternidade”, ou seja, na construção dos *lugares da memória* verificamos os “rituais de uma sociedade sem ritual, sacralizações passageiras em uma sociedade que dessacraliza”⁹⁸.

⁹⁷ MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria. *Historia de la conservación y la restauración: desde la antigüedad hasta finales del siglo XIX*. Madri: Tecnos, 1997. p. 26.

⁹⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. In: Projeto História; *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, nº 29, 1998, p. 37-55.

1.2. As práticas e representações empíricas na conservação-restauração de papel

A época renascentista desencadeou profundas transformações nos modos da concepção artística e, ao mesmo tempo, revelou novos critérios dialógicos com a obra de arte. A partir de então, demarcou-se uma nova prática de conservação e restauração. Conforme Alois Riegl, em sua obra *O culto moderno aos monumentos*, foi o Renascimento italiano que deu uma nova orientação em relação à prática de conservação e restauração de obras de arte, momento em que tem início o interesse pelos vestígios da época clássica. Nessa perspectiva, Maria José Martínez Justicia assim esclarece: “O Renascimento irá marcar, pois, o fim do estado de abandono – generalizado ao longo da Idade Média – das obras de arte antigas e o nascimento do gosto por colecionar objetos do passado”⁹⁹. O interesse do Renascimento pelo antigo, sobretudo pela revalorização da arte clássica, desperta, em consequência, o desenvolvimento pelo colecionismo de antiguidades, ou seja, a prevalência na atribuição do valor da antiguidade no bem cultural. Ana Maria Macarrón Miguel comenta que no período renascentista surge uma prática de restauração em que prevalece a instância estética sobre a histórica. Assim, de modo empírico, são criados reparos, complementos em áreas faltantes, reduções do tamanho original, renovações, inserções de novos elementos, aplicação de pátinas artificiais para obter homogeneidade cromática, deturpando, por conseguinte, a materialidade e a instância histórica do objeto. Sobre esta prática intervencionista, Maria José Martínez Justicia sustenta que o colecionismo e a formação de “*cuadrerías*”, ao longo do século XVI, possibilitou o surgimento da “*restauração de galeria*”¹⁰⁰. Nesse contexto, Giorgio Vasari (1511-1574)¹⁰¹, em seu livro *Las vidas de los más Excelentes Arquitectos, Pintores y Escultores Italianos*¹⁰², escrito em 1550, comenta sobre a atuação de Michelangelo em desenhos de seus antecessores:

Imitava desenhos de antigos famosos mestres; tingia-os e envelhecia-os com fumaça e outras substâncias, manchando-os de modo que parecessem antigos, fazendo com que se confundissem com os originais. Ele fazia, principalmente, para ficar com os originais, os quais trocava por suas cópias e para poder admirar e estudá-los, tentando superá-los¹⁰³.

⁹⁹ MARTÍNEZ JUSTICIA, Maria José. *Historia y teoría de la conservación y restauración artística*, Madrid: Tecnos, 2000. p. 78, (tradução nossa).

¹⁰⁰ Ibid., p.114-117, 159-160.

¹⁰¹ Pintor, arquiteto e historiador de arte, fundou a “Accademia dell’Arte del Disegno” em Florença.

¹⁰² Cf. MARTÍNEZ JUSTICIA, Maria José. op. cit., p. 79. “(...) a obra de Vasari constitui uma fonte preciosa para reconstruir em parte a história da restauração neste período”. (tradução nossa).

¹⁰³ MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria. op. cit., p. 50, (tradução nossa).

Conforme mencionado por Carlo James, outro célebre exemplo de intervenção direta em desenhos é certamente aquele praticado por Rubens (1577-1640)¹⁰⁴, conhecido por ter concluído e retocado numerosos desenhos de suas coleções. Na obra *A Expulsão de Adão e Eva do Paraíso*, um desenho realizado com tinta ferrogálica e guache branco, pertencente ao Museu do Louvre, podem-se ver retoques realizados por Rubens, feitos com pincel e pigmento em solvente, especialmente na área central do lado direito da referida obra¹⁰⁵.

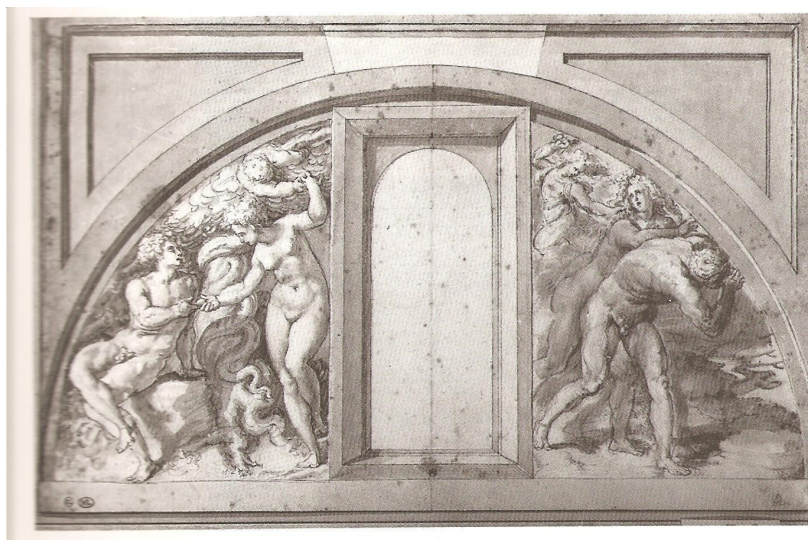


Figura 8 – Il Salviati, *The Expulsion of Adam and Eve from Paradise*. Tintas de caneta e ferrogálica e iluminação em guache branco, 190 x 286mm, Museu do Louvre, Paris.
 Fonte - JAMES, Carlo. *The History of Conservation*. In: *Old Master Prints and Drawings: A Guide to Preservation and Conservation*. Amsterdam: Amsterdam University Press. 1997. p. 193.

Ainda em relação aos retoques indevidos em obras de arte, Catherine Monbeig Goguel desenvolveu um estudo no qual identificou que trabalhos de vários artistas, localizados no Gabinete de Desenho do Museu do Louvre, haviam sido fortemente retocados com guache branco e *redesenhados*¹⁰⁶.

O *Libro de Disegno*, de Vasari, constitui-se num interessante exemplo no qual os colecionadores encontravam para conservar os desenhos de suas coleções. Ao agrupar seus desenhos de modo a formar um álbum, Vasari inseria as obras dentro de molduras e ornamentos cuidadosamente desenhados, de modo a formar uma composição estética. Nessa operação, Vasari não hesitava em acrescentar partes faltantes, aumentar sua área de pintura e repintar zonas perdidas nas referidas obras de arte¹⁰⁷. Pierre-Jean Mariette (1694-1774)¹⁰⁸ também deixou exemplos de intervenções em desenhos de sua coleção. Ele alterou as

¹⁰⁴ Pintor flamengo inserido no contexto do Barroco.

¹⁰⁵ JAMES, Carlo. *The History of Conservation*. In: *Old Master Prints and Drawings: A Guide to Preservation and Conservation*. Amsterdam: Amsterdam University Press. 1997. p. 193.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 194.

dimensões de seus desenhos para satisfazer as necessidades de montagens ou para completar zonas perdidas. Conforme podemos observar na obra *Head of a Flautist* (Fig. 8), um pequeno desenho originalmente concebido numa folha em formato retangular, foi por Mariette ampliado por meio de um enxerto na parte superior e na lateral esquerda da obra (como se vê nas partes mais escurecidas do suporte). Posteriormente, o desenho foi retocado criando-se uma nova área no cabelo e no ombro da figura masculina retratada, e, por fim, foi montado em *passepourtout* com a abertura em formato oval, modificando, portanto, a concepção criadora do autor¹⁰⁹.



FIGURA 9 – A. Watteau, *Head of a Flautist*. Sanguínea, crayon preto e branco, 186 X 154 mm, Museu do Louvre, Paris.
 FONTE: JAMES, Carlo. The History of Conservation. In: *Old Master Prints and Drawings: A Guide to Preservation and Conservation*. Amsterdam: Amsterdam University Press. 1997. p. 190

No que concerne às práticas de conservação e restauração de bibliotecas, já verificamos em 1535 referências quanto ao desempenho da função do restaurador na Biblioteca Apostólica Romana. Paulo IV, em 05 de abril de 1555¹¹⁰, instituiu oficialmente a

¹⁰⁷ JAMES, Carlo. Collectors and Mountings. In: *Old Master Prints and Drawings: A Guide to Preservation and Conservation*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1997. p. 3.

¹⁰⁸ Gravador, historiador de arte, colecionador de gravuras e membro da “Accademia dell’Arte del Disegno” em Florença.

¹⁰⁹ JAMES, Carlos. The History of Conservation. In: op. cit. p. 195.

¹¹⁰ Breve in Arquivo Secreto do Vaticano, Arm. LII, t.1, fl 193v. apud FURIA, Paola. *Storia del restauro librario*. Roma: Editrice Bibliografia: Istituto centrale per la patologia del libro, Roma, 1992. p. 15.

figura do restaurador, cargo confiado a Niccolò Fery¹¹¹. Todavia, o desempenho de tais atividades configurava-se predominantemente artesanal e empírico onde também se observam as substituições, os acréscimos e modificações nas estruturas originais. Nesse sentido, Paola Furia assim analisa:

O papel do restaurador, como já foi visto, era recoberto, de vez em quando, por operadores que já desenvolviam outras funções na Biblioteca; podia tratar-se de *scriptores* ou também de encadernadores que remediavam aos danos repentinos dos livros com intervenções que estão muito além do moderno conceito de restauração e interessam a competência de diversas figuras profissionais; vai desde a substituição de encadernações danificadas ao remendo dos papéis, à recomposição das margens da folha à reescrita das cartas desbotadas ou de passagens incompletas por causa de lacunas produzidas no texto por danos de natureza material, à transcrição de páginas inteiras, se o seu estado de deterioração era tal, por impedir a recuperação¹¹².

Outra curiosa passagem nos estudos de Furia enfoca o “Ofício do Restaurador” relativo à Biblioteca Apostólica Vaticana:

Porque os livros, tantos os gregos como os latinos, para a antiguidade vão se consumindo com o tempo, e sendo corroídos pelas traças, e quase faltando papéis inteiros, o Restaurador devia cuidar para consertá-los e restaurá-los diligentemente, acrescentando o papel que faltava, colando-o sutilmente com coisas apropriadas contra as traças, de modo que se percebesse logo¹¹³.

Ainda com relação às práticas de conservação de bibliotecas, podemos encontrar, em 1663, curiosas práticas preservacionistas cujo caráter empírico se faz notar:

Para afastar os vermes, endureça-se o interior da capa do livro com uma cola de farinha, que deve ficar de molho numa cabaça antes de ser cozida. Para os camundongos, colocam-se pequenos pratos cheios de água em diversos lugares da biblioteca, já que previsto que eles encontram a beber, eles não se interessaram nem pelo papel nem pelo pergaminho...¹¹⁴

Em 1808, na época da invasão da Espanha pelas tropas napoleônicas, J-J. E. Roy, capitão do Estado-maior, ao visitar a Biblioteca do Escorial, destacou uma curiosa prática de

¹¹¹ FURIA, Paola. *Ibid.*, p. 15.

¹¹² *Ibid.*, p. 16, (tradução nossa).

¹¹³ *Ibid.*, p. 17, (tradução nossa).

¹¹⁴ VARRY, Dominique. *La conservation, sous la direction de J-P. Oddos*. Paris, Éditions du Cercle de la Libraire, 1995, chapitre I, p. 21 apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. *op. cit.*, p. 96, (tradução nossa).

conservação dos livros desenvolvida naquele período. Durante a visita Roy se espanta com o modo de colocação dos livros comentando o fato de:

(...) estarem arrumados nas prateleiras com as costas voltadas para o interior, de maneira que os visitantes que percorrem as salas vêem apenas as bordas deles e não podem ler seus títulos. Eu perguntei ao superior (...) a causa da esquisitice. Várias razões, me respondeu ele, fizeram que eles adotassem este costume: primeiro, é um meio de conservação para as encadernações, as douraões estando assim menos sujeitas a se alterar do que elas estivessem expostas ao contato do ar e da luz ...¹¹⁵.

No livro *De scretis libri sptem* de Alessio Piemontese¹¹⁶ e nos receituários dos anos de 1600 e 1700 encontramos indicações de lavagem em papéis escurecidos a fim de remover manchas nos mesmos. Conforme observamos no próprio título da obra, nessa época as práticas de restauração tinham um caráter personalista e não apresentavam base científica. Como exemplo destas fórmulas empíricas, datada de 1732, temos:

Para retirar uma mancha de óleo, mesmo sobre papel: pegue pés de carneiro calcinado, aplique este pó quente nos dois lados do papel no lugar da mancha, deixe-a durante uma noite e coloque qualquer coisa de pesado sobre ela, se a mancha não for inteiramente retirada, será preciso fazê-lo uma segunda vez, mas é preciso que a mancha não seja velha¹¹⁷.

Outra instrução para o clareamento de papel pode ser encontrada nos trabalhos de Theodore Turquet de Mayerne (1573-1655?)¹¹⁸ em sua obra intitulada “Manuscrito de Mayerne¹¹⁹”, a seguir:

Clareamento de páginas de livros impressos ou gravuras em cobre que estão manchadas. Embeba o papel em água na qual em bacalhau tenha sido fervido por cerca de uma hora. A seguir, faça lixívia com cinzas dessa forma: pegue uma libra de cinzas de cascalho, chamada potassa. Adicione 100 ml de água de chuva e Londres ou água de rio. Passe o papel através desta lixívia (ou parte dela), o papel tendo sido “encerado” ao passar pela água do bacalhau e “lixado” pela lixívia. É necessário manusear o papel habilidosamente e caso o resultado não esteja tão branco quanto você deseja, estire-o na grama ou na palha, borrifando com a lixívia conforme ele for secando, com se faz com o linho. Deixe seu papel, que adquiriu a cor branca desejada, embebido em água de chuva durante cerca de doze horas a

¹¹⁵ Roy J-J E, coloneal Chalbrand. “Les Français en Espagne. Souvernins de guerres de la péninsule 1808-1814”. Nouv. Ed. Alfred Mame et fils, Tours, 1872, p. 238 apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. op. cit., p 101, (tradução nossa).

¹¹⁶ A primeira edição desta obra data de 1555 na qual são descritas cerca de 350 receitas médicas e observações sobre a natureza.

¹¹⁷ Chomel. *Dictionnarie Oeconomique*. Paris, E. Ganeau, 1732, 2 vol. (1655-1570) apud DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. op.cit., p.96, (tradução nossa).

¹¹⁸ Médico suíço, dedicou-se ao estudo de experiências físicas e químicas.

¹¹⁹ *Pictoria Sculptoria et quae subaterenarum Artium*, Mayerne manuscript, France, circa 1631.

fim de remover o sal da lixívia. Deixe-o secar e engome-o, para conferir lustro e impedir absorção [de umidade]¹²⁰.

O hábito de manter em segredo as técnicas utilizadas nos processos de conservação e restauração de papel pelos antecedentes da profissão é algo que podemos verificar na afirmação de Bonnardot:

Após a publicação de minha primeira edição [1846], um dia recebi uma visita de duas pessoas que me pediram que lhes confiasse uma pintura manchada com óleo, na qual eu já havia exaurido meus esforços para recuperá-la. Eles prometeram-me remover a mancha sem qualquer alteração na gravura, mas não concordavam em trabalhar sob minhas vistas. De qualquer maneira, o que tinha eu a ver com o sucesso deles? Meu objetivo não é saber se alguém realmente possui um remédio para os casos mais difíceis, mas saber em que consiste aquele remédio, para que eu possa revelá-lo a todos, pois o que tenho em mente são somente os interesses das pinturas preciosas, estejam nas mãos de quem estiverem¹²¹.

Conforme podemos observar na análise das práticas e narrativas preservacionistas acima estudadas, a figura do restaurador de papel é relacionada ao hábil artista ou artesão que - norteado pelo critério de valorização da antiguidade - interfere no bem cultural com o objetivo de restituí-lo à maneira antiga. No dizer de Ruiz de Lacanal, o conceito de restauração aplicável era: “Sanar as feridas infligidas pelo tempo”. Desta forma, era comum retocar, reparar, remendar, recompor, corrigir e colocar adereços nos objetos culturais¹²². A respeito de tais práticas na restauração, Muñoz Viñas esclarece:

(...) *restauração subjetiva, restauração intuitiva ou restauração artesã*, que se fundamenta nos conhecimentos de caráter pessoal e em muitos casos nas técnicas de *prova-e-erro*: um tipo de Restauração em que cada restaurador emprega os materiais com os quais se sente mais cômodo, desenvolve suas próprias técnicas de trabalho e aplica critérios técnicos embasados em sua própria experiência¹²³.

1.3 A Revolução Francesa e o surgimento de uma jovem ciência: a química

¹²⁰ STEVENSON, Mark. *A Seventeenth-Century Manual for the Restoration of Prints*, Print Quarterly, vol. 7, n.º, 1990, p. 421 apud JAMES, Carlo. *The History of Conservation*, op. cit., p. 197, (tradução nossa).

¹²¹ BONNARDOT, A. *Essai sur l'art de restaurer les estampes et les livres*, 2nd ed. (Castel, Paris 1858; Gutenberg reprint, 1979). p. 64-65, apud JAMES, Carlo. *The History of Conservation*. In: *Old Master Prints and Drawings: A Guide to Preservation and Conservation*. Amsterdam: Amsterdam University Press. 1997. p. 191.

¹²² RUIZ DE LACANAL, Maria Dolores. op. cit., pp. 38-71.

¹²³ MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Teoría contemporánea de la Restauración*. Editorial Síntesis, S.A., 2003, p. 127, (tradução nossa).

A razão e o progresso – elementos fundamentais do Iluminismo – contribuem para as transformações políticas e sociais entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Tal movimento, em sua crítica ao Absolutismo, à Igreja Católica e à estrutura do Antigo Regime, atuou como elemento impulsionador do capitalismo e da sociedade moderna. Cabe ainda destacar o papel da Revolução Industrial e as transformações tecnológicas subseqüentes que forneceram novas bases para o mundo contemporâneo. Nesse contexto, a Revolução Francesa modifica os modos como a sociedade européia se relacionava com o passado, provocando, assim, “o despertar da noção de ruptura entre o passado e presente e produzindo um sentimento de proteção a edifícios e ambientes históricos em vários estados europeus”¹²⁴. Martínez Justicia ressalta que o novo termo “monumento histórico” – que adquire com a Revolução Francesa seu significado jurídico – exemplifica a tomada de consciência defendida por Alois Riegl quando ele estabelece a distinção entre “monumento” e “monumento histórico”. Tal valorização propõe a exigência de respeito e de conservação do monumento como valor formal e histórico e, portanto, esta nova conscientização possibilitou a reflexão crítica, o desenvolvimento e consolidação da conservação e restauração do patrimônio cultural¹²⁵. A invenção da conservação do monumento histórico francês possibilitou também “a primeira tentativa de amplitude nacional de uma política em favor do livro levando em conta aspectos concretos da conservação...”¹²⁶. Os acontecimentos político-sociais demarcados no período de transição do século XVIII para o século XIX como a Revolução Francesa, as Guerras Napoleônicas, a *Naturphilosophie*, possibilitaram o desenvolvimento e a consolidação das ciências naturais, da física e da química.

Em 1793, O Museu do Louvre é aberto ao público, inaugurando o papel do museu como instituição fundamental do Estado Moderno. A noção de patrimônio público atrelada à função social dos museus irá definir uma nova postura do profissional restaurador. Conforme destaca Ruiz de Lacanal:

(...) o caráter público em contraposição ao privado de uma obra ou um objeto confere ao restaurador uma responsabilidade frente à sociedade, anteriormente desconhecida. (...) Esta nova equação: profissional (restaurador), objetos (patrimônio) e sociedade (interesse público) é a pedra angular que permite fundamentar o desenvolvimento profissional¹²⁷.

¹²⁴ VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 10.

¹²⁵ MARTÍNEZ JUSTICIA, op. cit., p.173-175.

¹²⁶ VARRY, Dominique – *La conservation* apud FLOREAL, Daniel & CÔTE, Marie, op. cit., p. 96.

¹²⁷ RUIZ DE LACANAL, Maria Dolores, op. cit., p. 127.

Em 1794, é criado o Arquivo Nacional da França, a primeira instituição no gênero criada, por meio de decreto, pelo Estado, garantindo a preservação de documentos públicos e privados. Portanto, a Revolução Francesa representou um primeiro passo no sentido de se considerar a informação arquivística como um direito civil, ou seja, a substituição do segredo de Estado pela premissa da publicidade. Em 1795, é criada em Paris a Escola Politécnica, a Academia Real (então extinta) é reativada como *Institut de France* e o *Jardin des Plantes* converteu-se no Museu de História Natural. Neste momento, a química adquire, definitivamente, o papel de ciência e tem-se o estímulo à educação científica. Lavoisier (1743/1794) foi fundador dos estudos de química na França e publicou o Tratado Elementar de Química.

Assim, sintomáticos são os avanços da química e seus reflexos no campo das artes. Napoleão Bonaparte solicita aos cientistas que encontrassem outras alternativas para os produtos ingleses em falta por motivos relacionados à guerra entre a França e Inglaterra. Desse modo, Nicolas-Jacques Conté¹²⁸ teve a idéia de misturar a grafita pulverizada com argila moída e de pressionar o material prensado entre dois metade-cilindros da madeira, obtendo-se a forma do lápis moderno.

As primeiras décadas do século XIX marcam o início de uma nova era na história da química. Neste contexto de descobertas científicas, os estudos químicos possibilitaram o aprofundamento acerca da constituição material dos objetos e, conseqüentemente, químicos como Jean Chaptal, Pasteur e Berthelot trazem contribuição de seus estudos para a restauração de papel. Surgem, assim, os primeiros tratamentos químicos de restauração como o clareamento de papel por produtos clorados e, posteriormente, a desacidificação de papéis. Desta forma, surge, notadamente, no final do século XVIII, uma série de estudos e descobertas nas ciências químicas na área de restauração de papel. Em 1774, o químico sueco Karl Scheelle descobre as propriedades do cloro como elemento clareador. A aplicação de cloro como alvejante em gravuras antigas foi primeiramente registrado nas notas de Chaptal¹²⁹ em 1787, como a observação de que “o cloro conferia uma brancura que ninguém nunca havia obtido antes”¹³⁰. Também no ano de 1787, os trabalhos de Chaptal são submetidos à aprovação da Academia de Ciências de Paris.

¹²⁸ Químico e físico francês (1755-1805).

¹²⁹ Jean-Antoine Chaptal (1756-1832), francês, químico, graduado em medicina, personalidade política francesa (nomeado Ministro do Interior por Napoleão Bonaparte, 1800-1804).

¹³⁰ CHAPTAL, M.J.A., *Elements of Chemistry*, 2nd ed., trans. (Philadelphia: John Conrad, 1801), p. 148. apud STEVENSON, Mark. The Treatment of Prints: A History in: *Conservation of Historic and Artistic Works on Paper*, Symposium 1988, Ottawa, Canada, p. 137.

1.4 O Século XIX e a revolução científica e técnica: o surgimento da “restauração científica”

O século XIX nasce sob a égide de grandes transformações no âmbito técnico-científico, artístico e cultural, ocorridas de modo particularmente veloz. A proteção estatal ao patrimônio cultural começa a delinear-se, de maneira mais efetiva, por meio da criação de legislações protecionistas, de recomendações e orientações técnicas de restauração. A criação de museus públicos possibilita a valorização histórica do bem cultural com ênfase nos dados autênticos e originais do objeto. A partir de então, verificamos que tais transformações contribuem, sobremaneira, para que a restauração se consolide como disciplina científica. Nessa perspectiva de mudanças e evoluções, podemos concluir que é no século XIX que se estabelecem as bases da restauração contemporânea¹³¹. Já no início do século XIX, Chaptal suscitava questões sobre aplicabilidade dos conhecimentos da química no campo das artes com o texto *La chimie, peut-elle servir aux arts*, publicado em Paris, em 1805 e, posteriormente, com a obra “*Chimie appliquée aux Arts*” Tome 2 e *Sur quelques couleurs trouvées à Pompéi* (Annales de Chimie, Paris, t. 70, em 1808)¹³².

Também no início do século XIX, Robert O. Reilly publica a obra *Essai sur le blanchiment*, já com aplicabilidade na restauração de papel, no qual descreve métodos de branqueamento a vapor e faz referências aos estudos de seus antecessores: Chaptal e Berthollet. Dentre os métodos detalhados na referida obra vemos o seguinte procedimento:

(...) descosturar os livros e transformá-los em folhas, colocam-se estas folhas em escaninhos que foram montados em uma tina de chumbo, com varetas bem finas, a tal ponto que as folhas dispostas horizontalmente sejam separadas uma das outras por intervalos apenas sensíveis. Despeja-se o ácido fazendo-o cair sobre as faces laterais da tina para que as folhas não sejam desarrumadas, e logo que a operação esteja completa, retira-se o ácido por uma torneira localizada no fundo da tina: substitui-se este licor por um pouco de água fresca que lava o papel e retira o odor do ácido oxigenado. Em seguida, coloca-se o livro para secar, planifica-se o livro e reencaderna-se novamente¹³³.

Observamos, nessa narrativa, a sistematização de uma metodologia de trabalho, na qual se percebe a tentativa do abandono de métodos de natureza essencialmente empírica. Vemos que as etapas de trabalho são apresentadas de modo seqüencial, cujos procedimentos

¹³¹ MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria, op. cit., p.145-148.

¹³² FLIEDER, Françoise. *La conservation des documents graphiques: Recherches expérimentales*. Paris: ICOM, Eyrolles, 1969. p.14.

¹³³ FLOREAL, Daniel & CÔTE, Marie, op. cit., p.96, (tradução nossa).

de manuseio são cercados de cuidados específicos. A indicação de retirar o excesso do produto químico empregado, por meio do enxágüe, denota a preocupação em não deixar efeitos residuais no papel, assim como a indicação de secagem e aplanamento das folhas do livro sugerem a noção de reconstituição do bem cultural.

Segundo o bibliotecário francês Gabriel Peignot (1767-1849), o desenvolvimento das técnicas de restauração levariam ao surgimento da *la bibliuguinancie*¹³⁴, ou seja, a arte de restaurar livros deteriorados:

novo termo imaginado pelos cidadãos Vialard e Heudier, para significar a arte, inventada por eles, de restaurar livros preciosos que foram danificados, seja pela vetustez seja por acidente. Esta arte consiste em branquear o papel, em tirar dele toda espécie de mancha, em consertar os estragos causados pelos vermes, em restabelecer, em alguma língua que seja, tudo aquilo que pôde lhes servir de pasto, seja letras, seja vinhetas, em restituir ao papel a força que ele perdeu, e mesmo a dar-lhe aquela que ele nunca teve. Esta arte é rara e deve ser encorajada; foi por isto que o Ministro do Interior, depois de se assegurar do sucesso desta descoberta, convidou os conservadores de bibliotecas nacionais do departamento do Sena a empregar os cidadãos Vialard e Heudier na restauração de livros estragados¹³⁵.

É interessante observar nessa narrativa que a prática da restauração é categorizada como “arte”, muito embora os pressupostos científicos da restauração de papel já tenham sido anunciados no século XVIII. Vemos, ainda, o predomínio de uma atividade restauradora voltada para a aparência visual do bem cultural, considerando-se a tônica nas operações de branqueamento, remoção de manchas presentes no papel bem como a realização de reparos. Todavia, percebe-se a menção acerca do reconhecimento e importância desta nova atividade profissional, ora em surgimento.

Em 1806, o químico Giovanni Fabroni escreve um texto sobre o processo de restauração de livros intitulado “*La lettera al bibliotecario no di Modena al restauro dei libri*”, considerado um dos primeiros tratados de conservação e restauração de acervos bibliográficos.

Posteriormente, surgem os estudos dedicados ao exame da constituição material dos acervos bibliográficos e documentais. Em 1829, John Murray estuda os problemas da deterioração do papel moderno e atribuía a causa às alterações nefastas nos métodos de fabricação, ao excesso de branqueamento e ao emprego de matérias-primas de má qualidade

¹³⁴ NAMUR, M. P., *Manuel du bibliothécaire, accompagné de notes critiques, historiques et littéraires*. Bruxelles: Chez J. B. Tircher, Libraire – Ecliteur, 1834, p. 232.

¹³⁵ FLOREAL, Daniel & CÔTE, Marie, op. cit, p. 96. (tradução nossa).

na fabricação¹³⁶. Em 1842, o químico e físico inglês Michel Faraday (1791-1867) estuda a deterioração da encadernação em couro e escrevia:

A perda que nós conhecemos pela destruição dos livros é muito grande... Ela é devida ao gás de iluminação em seu conjunto, em parte ao vapor que provém do gás em parte ao calor, às condições da atmosfera ambiente, a temperatura elevada da atmosfera, cuja ação se conjuga com ela e certos produtos de curtimento e com certos efeitos do gás mesmo¹³⁷.

Uma importante obra sobre a restauração de papel surge em 1846: *Essai sur l'art de restaurer les estampes et les livres, ou Traité sur les meilleurs procédés pour blanchir, détacher, décolorier, réparer et conserver les estampes, livres et dessin*, autoria de Alfred Bonnardot, reeditado no ano de 1858, em Paris. Considerada uma obra pioneira no campo da conservação e restauração de papel, a natureza deste livro fez com que o mesmo fosse considerado referência no assunto até o início do século XX¹³⁸. Conforme observamos no título da referida publicação, a abordagem da conservação e restauração, neste período, permanecia essencialmente estética, ou seja, esta obra preocupa-se em descrever métodos de remoção de manchas, branqueamento do papel, como o emprego do cloro, métodos de enxágüe de produtos químicos e o emprego da luz como processo de clareamento de papel. Dentre os métodos descritos no livro temos:

Um simples banho de água fria de 24 h é freqüentemente o bastante para clarear uma estampa velha, a fim de que aquela que se molhou (...) adquira ao mesmo tempo um grau de clareamento conveniente; mas se, depois de dois ou três dias de molho, ela parecer ainda muito escura e funesta aos efeitos do buril, pode-se branqueá-la mais, recorrendo a substâncias químicas que tenham a propriedade de desenfumaçar estampas as mais bistradas¹³⁹, visto que esta tinta sofria por origem, como acontece normalmente, a ação do hidrogênio ou água oxigenada, o cloro em gás dissolvido em água, enfim os compostos de cloro e de bases alcalinas. Eu poderia acrescentar ainda a ação do sol sobre o papel molhado, processo posto em prática para o branqueamento de telas, e que foi igualmente realizado com sucesso sobre o papel; mas é um processo muito lento...¹⁴⁰

¹³⁶ KATHPALIA, Yash Pal. op. cit., p. 18.

¹³⁷ Id.. p.18.

¹³⁸ JAMES, Carlo. op. cit., p. 190.

¹³⁹ Cf. Diz-se de ou da cor escura e de tom amarelado, como o da fuligem diluída em água. Que tem a cor do bistre (sinonímia de moreno), substância corante obtida pela mistura de fuligem com goma, utilizada especialmente para fazer aguadas. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 463.

¹⁴⁰ FLOREAL, Daniel & CÔTE, Marie, op. cit., p. 97 (tradução nossa).

Em 1885, é publicado um livreto intitulado *Restauração de Quadros e Gravuras* (Número 112), autoria de Manuel de Macedo, Conservador do Museu Nacional de Belas Artes, em Lisboa, Portugal. É interessante observar que essa publicação é integrante de uma série denominada *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, onde há mais de uma centena de volumes publicados, cujos temas de cultura geral são extremamente diversificados. Tal publicação - apresentada como propaganda de instrução para portugueses e brasileiros - indica a preocupação em disseminar o conhecimento para um público abrangente, numa área carente de informações técnicas, conforme se verifica nas páginas iniciais da obra:

O desenvolvimento do gosto pelas obras de arte e o respeito pelas produções artísticas das gerações que nos precederam, acham-se, por ora, relativamente atrasados em Portugal (...) e, as idéias relativas à conservação e restauração dos monumentos e artefatos preciosos da arte antiga acham-se por ora entre nós em estado caótico, dominando ainda a tal respeito mais de uma noção empírica e confusa. Quantidade enorme de objetos raros, perdidos pela ignorância, pela incúria dos possuidores, e pelos reparos e consertos ineptos, abunda nas coleções públicas e particulares; e, hoje que o gosto das antigualhas de dia para dia vai aumentando, julgamos dar um passo útil, ministrando, não só aos amadores, como ao público em geral, compendiados num dos livrinhos da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, as noções e preceitos principais da *arte de restaurar*¹⁴¹.

Como vemos, o autor é contundente em diagnosticar o lamentável estado de conservação em que se encontra o patrimônio cultural e o caráter empírico dos trabalhos então desenvolvidos. Entretanto, observamos que a atividade da restauração, neste período, ainda é categorizada como *arte*. Por outro lado, detectamos na narrativa do autor a necessidade de imprimir um caráter tecnicista ao ofício da restauração, ou seja, ratificar a metodologia específica de trabalho de uma disciplina ora em surgimento:

Restaurar uma obra de arte é sempre operação melindrosa, que requer, além de estudo aturado, longa e paciente experiência; e o intuito do nosso trabalho é antes habilitar já o colecionador, já o amador a exercer vigilância inteligente sobre as operações empregadas pelo *restaurador* a quem haja de confiar a delicada tarefa de beneficiar os tesouros artísticos da sua coleção, que necessitem de consertos ou restaurações. Por melhor e mais seguro que seja o processo, adotado no ato de restaurar qualquer obra de arte, - se não for executado com perfeito conhecimento de causa, a ruína do objeto será, as mais das vezes, conseqüência imediata e fatal da tentativa; nesta arte delicada o quinhão do acaso deve ser absolutamente nulo¹⁴².

¹⁴¹ MACEDO, Manuel de. *Restauração de Quadros e Gravuras*. Lisboa: David Corazzi, 1885. p. 3.

¹⁴² *Ibid.*, p. 4.

No capítulo que trata de *lavagens e banhos* em gravuras, é sintomática a preocupação do autor em destacar e defender alguns dos critérios éticos e estéticos da restauração de papel, o que exemplifica a tendência do abandono de métodos empíricos e de natureza subjetiva anteriormente empregados:

O papel, em seguida à lavagem, não deverá apresentar-se branco e com o tom cru da cal ou do papel novo; pelo contrário, é desejável que conserve essa “*patena*” amarelada que a ação do tempo imprime às gravuras antigas¹⁴³.

No que concerne ao tratamento do papel, o livreto *Restauração de Quadros e Gravuras* dedica-se, notadamente, aos aspectos curativos de restauração, ou seja, remoção de variados tipos de manchas e nódoas com a indicação da utilização de diferentes solventes e reagentes. Entretanto, é também interessante observar, ao final da referida publicação, uma seção dedicada à conservação das gravuras. Nesta parte, o autor explica a importância do acondicionamento das gravuras em pastas específicas, bem como detalha a importância do correto emolduramento das gravuras e os modos de evitar a deterioração do papel face aos agentes de degradação. Fica subjacente, portanto, a preocupação em divulgar, já nesta época, princípios próprios da conservação preventiva.

Podemos observar, já em meados do século XIX, ações que exemplificam, de fato, o diálogo interdisciplinar entre as ciências consideradas “puras” com a conservação e restauração do patrimônio cultural. Em 1863, Pasteur foi nomeado catedrático de Física e Química da Escola Nacional de Belas Artes de Paris e, segundo suas anotações sobre as aulas ministradas, ele afirma que as mesmas “tinham como finalidade a aplicação de uma ciência exata como ponto de apoio para a arte”¹⁴⁴. No que diz respeito à atuação docente de Pasteur, o Boletim do Laboratório do Museu do Louvre publicou o artigo de sua autoria intitulado: “Lições de Física e Química aplicadas às Belas Artes”¹⁴⁵. Em 1888, o químico Friedrich Rathgen criou o *The Chirical Laboratory of the Royal Museums in Berlin*, considerado o primeiro laboratório de restauração de um museu dedicado principalmente ao tratamento de acervos arqueológicos¹⁴⁶.

A partir de 1850, com a escassez do linho e do algodão - matérias-primas então utilizadas na fabricação de papel - para responder à demanda da imprensa, o papel passa a ser fabricado a partir das fibras de celulose oriundas da madeira, surgindo, assim, o “papel-

¹⁴³ Ibid., p. 47.

¹⁴⁴ CABRERA ORTI, Maria Angustias. *Los métodos de análisis físico-químicos y la historia del arte*. Granada: Universidad de Granada, 1994, p. 16.

¹⁴⁵ MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria, op. cit., p. 159.

¹⁴⁶ Atualmente denominado *The Rathgen-Forschungslabor* do *Statische Museum*, em Berlim.

madeira”. Esse fato trouxe novo alento aos produtores de papel, todavia as fibras da madeira são curtas e entrelaçam-se com dificuldade, produzindo um papel com pouco resistência mecânica e que se rasga com facilidade. Além disso, as fibras de madeira apresentam grande quantidade de substância resinosa - a lignina - de difícil remoção e que ao longo do tempo torna o papel com a coloração amarelo-pardacento e quebradiço. Tem-se início, portanto, “a era do mau papel”, justificado pela qualidade ruim da fibra de madeira e também em razão das alterações nefastas introduzidas nos métodos de fabricação da indústria papelreira como o uso do alúmen-resina¹⁴⁷ para endurecer a gelatina utilizada na encolagem do papel. Acresce-se, ainda, que a acidez provoca a perda de força do papel por meio da hidrólise, ou seja, a decomposição da celulose pela ação da água nas moléculas da celulose. Portanto, as cadeias de celulose rompem-se, o papel torna-se débil, frágil e quebradiço.¹⁴⁸ A constatação da deterioração dos acervos em papel desperta, nessa época, a conscientização dos conservadores de arquivos para a necessidade de estabelecer meios que permitam conservar e restaurar papéis fragilizados e deteriorados.

O problema da conservação e restauração de papel foi estudado por J. Leighon, em 1858, quando da publicação da obra *On the library, books and bindings: pertaining with report to their restoration and preservation, Journal of the Royal Society of Arts*. Concluíam-se, nesta época, questões sobre a almejada melhoria da qualidade do papel¹⁴⁹. Em 1880, Willian Blades publica “The Enemies of Books” no qual sistematiza as causas da deterioração dos acervos bibliográficos a saber: o fogo, a água, o gás, o calor, a sujidade, a negligência, a ignorância dos que os tratavam como os encadernadores e colecionadores.

Posteriormente, as pesquisas sobre as causas da deterioração do papel direcionam-se para o estudo sistemático da conservação e restauração de acervos arquivísticos e bibliográficos tendo em vista a necessidade de preservação da herança cultural para as gerações vindouras. Neste sentido, destacam-se os estudos de Franz Ehrele¹⁵⁰, Prefeito da Biblioteca Apostólica Vaticana¹⁵¹, trazendo para primeiro plano o debate acerca da conservação e da restauração de manuscritos antigos, no final do século XIX¹⁵². A partir do estudo sistemático dos manuscritos conservados na Biblioteca Apostólica Vaticana, Ehrele

¹⁴⁷ Sulfato aluminico potássico, um sal ácido que se decompõe em presença de certos níveis de umidade, formando, assim, o ácido sulfúrico dentro do próprio papel.

¹⁴⁸ CLEARY, John Mc & CRESPO, Luis. *El cuidado de libros y documentos: manual práctico de conservación y restauración*. Madri: Clan Editorial, 1997. pp. 21-23.

¹⁴⁹ KATHPALIA, Yash Pal. op. cit., p. 18.

¹⁵⁰ Em 1922, foi nomeado Cardeal e, em 1929, bibliotecário e arquivista da *Santa Romana Chiesa*.

¹⁵¹ Biblioteca oficial do Vaticano, fundada pelo Papa Sisto IV, em 15 de junho de 1475.

¹⁵² EHRELE, F. *Della conservazione e del restauro dei manoscritti antichi*, “Revista delle biblioteche e degli archivi”, IX (1898), pp. 5-11 e 19-25 apud FURIA, Paola. *Storia del restauro librario*. Istituto Centrale per la patologia del libro. Roma: Editrice Bibliografia, 1992, p. 46.

apontou a necessidade do estudo das causas de deterioração dos manuscritos e verificação da validade e eficácia nos métodos de restauração utilizados. Nessa perspectiva, ocorre em 1898 a Conferência Internacional de San Gallo, sob a organização de Ehrele. A comunidade científica internacional é conclamada para debater sobre a problemática de conservação dos acervos e dar início à pesquisa dos procedimentos mais eficazes e seguros para restaurá-los¹⁵³. Foram convidados os diretores de arquivos de toda a Europa e compareceram 18 participantes, oriundos de oito países. O debate profícuo do encontro possibilitou avanços em temas como a deterioração da tinta ferrogálica em manuscritos, estudo de fungos e tratamento em palimpsestos, resultando em várias publicações técnicas¹⁵⁴. A conferência durou apenas dois dias, entretanto, a importância dos resultados alcançados neste encontro foram fundamentais para o desenvolvimento do debate científico na conservação e restauração de papel. Carlo Federici e Libero Rossi defendem que o “moderno restauro” nasce com a referida conferência e, conseqüentemente, chamam também a atenção para o surgimento do restaurador como novo profissional: “o restaurador como figura profissional nasce na Conferência de San Gallo”¹⁵⁵. Em 1989, por ocasião da comemoração do centenário da realização do referido encontro, o *Abbey Newsletter* publicou um artigo em que categoriza a conferência como a “Mãe de todas as conferências da conservação e restauração”, em muito antecedendo à Conferência Internacional para o Estudo de Métodos Científicos Aplicados aos Exames e à Conservação de Obras de Arte, promovida pelo L’Office International des Musées, realizada em Roma, em 1930, e até mesmo à assinatura da Carta de Atenas, em 1931. Maria Adelaida Allo Manero¹⁵⁶ destaca a importância da Conferência Internacional de San Gallo “como ato fundacional do nascimento desta jovem disciplina” e ressalta, ainda, que “vários autores têm proposto a data de 30 de setembro de 1898 para marcar o nascimento da Restauração de livros e documentos como disciplina moderna”¹⁵⁷. Cabe destacar a preocupação dos membros da Conferência Internacional de San Gallo com relação à disseminação da informação científica, posto que antes do encerramento do encontro ficou decidido que o conhecimento ali produzido seria difundido. Assim, é digno de nota o

¹⁵³ EHRELE, F. *Della Conferenza Internazionale di S. Gallo* (1898), “Revista delle biblioteche e degli archivi”, XX (1909), p. 113 apud FURIA, Paola. *Ibid.*, p. 48.

¹⁵⁴Conference of. St. Gall: “The Mother of All Conservation Conferences”. Disponível em: <<http://palimpsest.stanford.edu/byorg/abbey/na/an22/an22-5/an22-502.html>>. Acesso em: 24/01/06.

¹⁵⁵ FEDERICI, Carlo & ROSSI, Libero. *Manuale di conservazione e restauro del libro*, Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1983, p. 27, (tradução nossa).

¹⁵⁶ Professora do Departamento de Ciências da Documentação e História da Ciência da Universidade de Zaragoza.

¹⁵⁷ ALLO MANERO, Maria Adelaida. Teoría e historia de la conservación y restauración de documentos. In: *Revista General de Información y Documentación*, Vol. 7, n.º 1. Servicio de Publicaciones. Universidad Complutense. Madrid, 1997.

documento resultante da Conferência Internacional de San Gallo intitulado *Internationale Konferenz sur Erhaltung und Ausbesserrung alter handschriften*, no qual podemos verificar as seguintes resoluções:

1. A Conferência faz saber seu desejo de que uma lista dos mais antigos e importantes manuscritos, que estão em perigo de destruição, seja produzida;
2. A Conferência faz saber seu desejo de que os manuscritos da lista sejam documentados fotograficamente para que fiquem registradas suas condições atuais;
3. A Conferência nomeia um Comitê Permanente e o encarrega das seguintes tarefas:
 - a) Fazer a lista dos manuscritos como mencionado no artigo 1;
 - b) Providenciar a documentação fotográfica como mencionado no artigo 2;
 - c) Estudar técnicas de conservação e recomendar as mais adequadas;
 - d) Disseminar informação sobre as técnicas de conservação discutidas e aprendidas durante o curso da Conferência;
 - e) Cooperar com bibliotecários e especialistas examinando procedimentos que se encontrem sob discussão;
 - f) Trabalhar com suporte financeiro do governo à luz do interesse científico destas tarefas.
4. Como os manuscritos se deterioram lentamente, a Conferência recomenda que até que os resultados de todo e qualquer procedimento sejam documentados pelo Comitê ao fim do Outono de 1899, somente se usem os procedimentos mais seguros na conservação de manuscritos, deixando para mais tarde a utilização de outros procedimentos que serão mais bem conhecidos no futuro”¹⁵⁸.

Em seguida à Conferência Internacional de San Gallo, o debate acerca da problemática da conservação e restauração de papel teve prosseguimento na Conferência dos Arquivistas de Dresden, realizada em 1899, e no Primeiro Congresso Internacional de Bibliotecários em Paris, 1900. A partir de então, os estudos da deterioração do papel têm significativo avanço no âmbito europeu. Em 1900, a Sociedade de Incentivo às Artes, Manufatura e Comércio recebia um relatório de seu comitê intitulado “Deterioração do Papel” e criou, ainda, um organismo encarregado de determinar a causa da deterioração das encadernações em couro¹⁵⁹.

No campo da preservação cultural, o século XX nasce demarcado por eventos dramáticos como a devastação por incêndios e a destruição por bombardeios. Na madrugada de 25 para 26 de dezembro de 1904, o fogo consumiu cinco salas da Biblioteca Nacional de Turim. As obras que escaparam da destruição sofreram gravíssimos danos devido à ação do

¹⁵⁸ Conference of St. Gall: The Mother of All Conservation Conferences. Disponível em: <<http://palimpsest.stanford.edu/byorg/abbey/an/an22/an22-5/an22-502.html>>. Acesso em: 24/01/06, (tradução nossa).

¹⁵⁹ KATHPALIA, Yash Pal.op. cit., p. 19.

fogo, aos choques e às pressões as quais elas foram submetidas. Configurou-se, portanto, um quadro delicado na problemática de restauração dos manuscritos, seja pela gravidade dos danos sofridos, seja pela falta de experiências análogas que pudessem fornecer indicações de métodos a seguir¹⁶⁰. O episódio de Turim favoreceu o desenvolvimento de pesquisas nas quais os químicos, em particular, ocuparam-se em desenvolver experimentos a partir dos papéis colados pelo calor do incêndio. Também em decorrência do incêndio da Biblioteca de Turim, o Ministério da Instrução Pública constituiu uma comissão para o estudo das normas de prevenção para os perigos do fogo e o químico Icilio Guareschi publicou uma obra sobre observações e experiências sobre a recuperação dos livros danificados pela ação do fogo¹⁶¹.

A Primeira Grande Guerra (1914-1918) ocasiona a destruição de monumentos, bibliotecas, museus e testemunhos históricos em toda Europa. Tal quadro motivou o início de estudos sistemáticos a partir do patrimônio degradado, conforme exemplo:

Na Itália, as coleções de numerosas bibliotecas, conservadas durante a guerra em caixas e armários pouco arejados ou em cofres para retirá-las do perigo de bombardeios e saques, que tinham sido atacadas por microrganismos e insetos: isso contribuiu para promover o desenvolvimento de pesquisas de laboratório sobre os efeitos dos inseticidas e bactericidas sobre os livros¹⁶².

Ao longo da primeira metade do século XX, são publicados, na Europa, vários trabalhos sobre a conservação e restauração de papel, o que exemplifica a sistematização dos estudos e pesquisas desenvolvidos na respectiva área. Em 1911, M.J. Gunn publica *Print Restoration and Picture Cleaning*, em Londres. Em 1919, Pierre Sée publica a sua tese *Les maladies du papier piqué*, em Paris. Em 1932, Mário Morgana publica o livro *Restauro dei libri antichi, pelo Uflrio Hoelpi de la Real Casa*, em Milão. Harold J. Plenterleith, cientista do *Bristish Museum*, publica, em 1937, *The Conservation of Prints, Drawing and Manuscripts*, considerado o primeiro livro escrito com abordagem científica¹⁶³.

Os trabalhos desenvolvidos pelo cardeal Ehrele bem como as experiências desenvolvidas nos manuscritos da Biblioteca de Turim despertaram para a necessidade de racionalizar os métodos de restauração e de solucionar questões pertinentes, baseado em

¹⁶⁰ FURIA, Paola. op. cit., p. 51.

¹⁶¹ FEDERICI, Carlo & ROSSI, Libero. op. cit., 27.

¹⁶² GALLO, A. *Patologia e terapia do livro*. Roma:Raggio, 1951, p. 121-131 e bibliografia ali indicada apud FURIA, Paola. op. cit., p. 59, (tradução nossa).

¹⁶³ JAMES, Carlos. *The History of Conservation*. op. cit., p. 191.

investigações experimentais: colocando-se, assim, as bases da moderna restauração científica, volta-se a atenção sobretudo a um aspecto – a química¹⁶⁴.

Deve-se crédito a Alfonso Gallo (1890-1952)¹⁶⁵ por ter entendido que as experiências então demarcadas no campo da conservação e restauração poderiam ser inscritas numa perspectiva interdisciplinar, ou seja, na interação da pesquisa química, biológica, física e tecnológica. Foram, também, os estudos de paleografia que chamaram a atenção de Gallo para os problemas concernentes à conservação e restauração de livros. Gallo intensificou suas pesquisas sobre as alterações de materiais de livros e tornou-se cômico da necessidade de antecipar operações de restauração de livros com pesquisa apurada em agentes de deterioração. Com relação aos resultados de suas investigações, ele assim sintetizou:

A observação do material passado pelas mãos de restauradores trinta anos antes, pôs-se em condições de destacar os danos originados nos livros pelo uso de soluções de gelatina muito densas e não desinfetantes, o uso de remédios, da película de seda ou de lavagens descolorantes. De uma pesquisa realizada convenceu-se que os defeitos dos livros e os remendos a adotar deveriam ser objeto de empirismo. Trata-se – nós dizíamos então – de uma verdadeira e própria patologia dos materiais e dos líquidos para escrever, que exige conhecimento e investigações de químicos e biólogos, e ainda o auxílio de pessoas especialistas em escritos antigos¹⁶⁶.

Com esse objetivo, em 1929, Gallo obteve sucesso ao estabelecer um pequeno laboratório na Abadia de Grottaferrata, constituindo, assim, o primeiro núcleo do *Istituto Centrale de Patologia del Libro* – ICPL. Posteriormente, Gallo compreendeu que a pesquisa nessa área deveria ser ampliada e intensificada. Dessa forma, em 1938, foi criado o ICPL, constituído por sete áreas: laboratório de biologia, laboratório de química, laboratório de física, museu de patologia do livro, biblioteca, arquivo fotográfico e laboratório de restauração¹⁶⁷. No que diz respeito ao conceito de “patologia do livro”, Gallo assim argumentou:

Ocorria, portanto, a necessidade de realizar investigações sistemáticas e, isto é, toda uma organização de laboratórios científicos àquela de clínica, em que o livro, à guisa de um doente, fosse submetido a exames preventivos e depois oportunamente escolhidos. Impunha-se a necessidade de pedir a colaboração de biólogos, químicos, físicos e tecnólogos, segundo princípio de rigorosa coordenação. O laboratório de restauração reassumia a função

¹⁶⁴ FURIA, Paola. op. cit., p. 63.

¹⁶⁵ Especialista em paleografia, professor de Biblioteconomia na Universidade de Roma.

¹⁶⁶ GALLO, A. op. cit., p. 136 apud FURIA, Paola. op.cit., p. 63.

¹⁶⁷ Disponível em: <<http://www.patologialibro.benicultural.it/english/icpl/gallo.htm>>. Acesso em: 11/02/2007.

de uma oficina de execução, a última etapa do caminho assinalado no livro pelas vigilantes providências dos especialistas¹⁶⁸.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, os acervos bibliográficos italianos sofreram danos devido aos bombardeios. Muitos livros e manuscritos permaneceram sepultados em ruínas, porque os episódios de guerra impediam a recuperação imediata, sofrendo, assim, a ação das intempéries, de fungos e insetos. Cabe ressaltar, portanto, a ação do ICPL nas operações de recuperação e de restauração de livros, documentos e manuscritos¹⁶⁹.

Considerada, então, a máxima instituição no setor, o ICPL constituiu-se, ao longo do século XX, como referência modelar para a implantação de outros laboratórios congêneres no seguintes países: Japão, França, Espanha, Rússia, Polônia, Índia, Brasil e Canadá¹⁷⁰.

Em 1936, é criado o *Barrow Research Laboratory*, na Virgínia, EUA, por William James Barrow. Ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960, Barrow publicou muitos trabalhos dedicados especialmente ao estudo das causas da acidez do papel, métodos de desacidificação e criou também a *Laminadora Barrow*, equipamento de laminação de papel com folhas de acetato de celulose¹⁷¹. Tal equipamento foi adotado em muitos arquivos e bibliotecas dos Estados Unidos; na França, pelo Arquivo Nacional de Paris e na Bélgica, pelo Arquivo do Reino, em Bruxelas. No período do pós-guerra, verificamos a crescente produção de trabalhos científicos na área e a fundação de laboratórios e centros especializados em papel, em razão da necessidade de tratar os acervos de arquivos, bibliotecas e museus, deteriorados pela ação do conflito bélico. Em 1961, Françoise Fleider apresentou o trabalho “*Étude des blanchiments des papiers anciens*”, no Comitê para conservação do ICOM, em Barcelona. Em 1963, é fundado o Centro de Pesquisa para a Conservação de Documentos Gráficos – CRCDG, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, na França, voltado à pesquisa de identificação de materiais, de técnicas de fabricação e dos agentes de deterioração do papel. Em 1969, é criado o Serviço Nacional de Restauração de Livros e Documentos, na Espanha, com o propósito da proteção do patrimônio bibliográfico e documental, assim como a formação de especialistas em conservação e restauração de livros e documentos.

¹⁶⁸ GALLO, Alfonso. *Decennale*, “Boll. I.P.L.”, VII (1948), pp. 1-3 apud FURIA, Paola. op. cit., p. 64.

¹⁶⁹ GALLO, Alfonso. *Vicende e danni di guerra*. “Boll. I.P.L.”, VI (1947), p. 1-14. apud FURIA, Paola. op. cit. pp. 65-66.

¹⁷⁰ FEDERICI, Carlo & ROSSI, Libero. op. cit., p. 16.

¹⁷¹ Cf. Lindaura Alban Corujeira explica o funcionamento da *Laminadora Barrow*: “Lamina por calor, por meio de 2 platinas, e se aplica pressão ao “sandwich” do documento, passando-o através de rolos; logo se esfria pelo ar. O tempo do calor varia desde 20 a 40 segundos, a uma temperatura de cerca de 171 ½ graus Celsius (340 graus F). Nesta máquina deve-se aplicar mais calor para conseguir uma melhor soldagem do acetato ao papel.” CORUJEIRA, Lindaura Alban. *Conserve e restaure seus documentos* Salvador: Editora Itapuã, 1971. p. 68.

Em 04 de novembro de 1966, após um mês de intensas chuvas, ocorre uma enchente de grandes proporções na cidade de Florença, Itália, quando as águas do Rio Arno chegam a atingir até 5,4 metros de altura, submergindo casas, ruas, igrejas, monumentos e museus. Segundo dados do Laboratório de Conservação e Restauração da Biblioteca Nacional de Florença, quase um milhão de unidades bibliográficas foram atingidas pelas águas. O quadro caótico configurado, por conta do grande número de bens culturais danificados, levou Florença a solicitar recursos econômicos e de técnicos especialistas de países como: Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Austrália, Tchecoslováquia e outros. Ocorreu, assim, uma operação internacional organizada pela UNESCO na qual houve a integração de múltiplos agentes sociais. Além dos restauradores e especialistas gabaritados que se dirigiram à Florença, é digno de nota o papel desempenhado por centenas de jovens voluntários que ficaram conhecidos como os *gli angeli del fango* (anjos da lama) em razão do espírito de luta, abnegação e responsabilidade cívica revelados na tarefa de salvação do patrimônio cultural. A documentação fotográfica da época evidencia a atuação dos referidos jovens – atores sociais – que, de fato, arregaçaram as mangas e colocaram mãos à obra no salvamento de livros e obras de arte, num exercício de cidadania.

Há que se ressaltar, ainda, o apoio das entidades internacionais que contribuíram na organização daquilo que se denominou, por algum período, o maior laboratório de restauração de livros do mundo. Os múltiplos danos gerados em obras de diferentes natureza tipológica representavam novos e desconhecidos problemas para os profissionais da conservação e restauração. O *Istituto di Patologia del Libro Alfonso Gallo* participou dos trabalhos de salvamento. Tal experiência propiciou a publicação sob o título *Una Sperienza di restauro*, onde é descrito o ocorrido e o andamento dos trabalhos com fartas ilustrações.¹⁷² As conseqüências da enchente de Florença possibilitaram o surgimento de pesquisas e de técnicas de conservação e restauração. Podemos destacar: a importância do desenvolvimento de técnicas de tratamento em massa (como o congelamento e a secagem de livros), a revalorização da conservação preventiva por meio da elaboração de planos de emergência, o intercâmbio de experiências e a formação de grupos de estudos pautados numa perspectiva interdisciplinar, a necessidade de sistematização do ensino de conservação e restauração de livros e documentos, a importância do reconhecimento da cooperação internacional¹⁷³. Nesse sentido, Jan Lyall, em seus estudos sobre planos de desastre, atestou:

¹⁷² LEFEBVRE, Gilda. *Restauração de Livros e Documentos*. Rio de Janeiro, 1981. (Cópia xerográfica) pp. 24-25.

¹⁷³ ALLO MANERO, Maria Adelaida. op. cit. p. 271.

Foi, de fato, um desastre o responsável pelo nascimento da moderna preservação de bibliotecas. Depois que o Rio Arno inundou Florença, em 1966, reconheceu-se que, embora a inundação provavelmente não pudesse ter sido prevenida, poderia ter sido evitado um dano considerável se tivessem sido empregadas medidas preventivas apropriadas. A inundação de Florença também demonstrou a vontade da comunidade internacional de conservação para responder às necessidades de um país. Conservadores vieram do mundo inteiro para Florença, para ajudar no processo de recuperação. Esta colaboração também resultou no desenvolvimento de novos tratamentos de conservação¹⁷⁴.

Em seu artigo “Critérios de intervenção. Quando a tradição encontra a modernidade”, Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares¹⁷⁵ nos chama a atenção para a mudança de paradigma demarcada no campo da conservação e restauração de papel após a inundação de Florença. Segundo a autora:

Naquele momento deu-se início ao estabelecimento da desordem organizada, própria dos momentos de “caos”, e os paradigmas “tradicionais” da conservação-restauração passaram a ser questionados. A intervenção no objeto único, a visão estritamente estética, desta intervenção, passa a dar espaço à visão global do problema. Foi necessária, em nível da urgência urgentíssima, a implementação de novos valores, novas atitudes que somente poderiam acontecer em situações limites, onde a participação de diferentes linguagens, técnicas e suportes, permeariam as interpretações dos conceitos de intervenção, que aconteceria nos domínios rígidos da ciência. Já não era possível o improvisado, o amadorismo, enfim, a catástrofe em sua desordem, proporcionou e estabeleceu novos paradigmas que, através de muitas avaliações, veio a proporcionar uma clara visão sobre as atividades desenvolvidas em diferentes centros de pesquisa e núcleos de restauro na Europa e nos Estados Unidos¹⁷⁶.

Tal catástrofe é, portanto, considerada um divisor de águas no que se refere ao desenvolvimento de ações, técnicas e pesquisas de conservação e restauração dos acervos bibliográficos e documentais danificados. Ao longo das décadas subseqüentes ao desastre natural, verificou-se um avanço significativo na área seja por meio da produção de livros e artigos científicos, seja no reconhecimento da necessidade dos planos de emergência e na importância da interdisciplinaridade com premissa de trabalho a ser adotada na conservação e restauração de papel.

1.5 Considerações finais

¹⁷⁴ LYAN, Jan. The role of counter disaster planning in establishing national and international preservation information networks. National Preservation Office. National Library of Australia. IFLA/PAC Asia, 2000. Disponível em: < <http://www.ndl.go.jp/en/iflapac/lyall.html> >. Acesso em: 09/04/2006 (tradução nossa).

¹⁷⁵ Conservadora-restauradora, Chefe do Serviço de Preservação da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁷⁶ SOARES, Maria Luiza Ramos de Oliveira. Critérios de intervenção. Quando a tradição encontra a modernidade. p. 54. In: *Curso de Preservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. 16 a 25 de outubro de 2006. Coordenadoria de Preservação.

No horizonte teórico proposto por Chartier, o exame das práticas e representações da conservação e restauração dos acervos em suporte de papel, engendradas no seio da sociedade, amplia o entendimento da construção cultural preservacionista. Ao considerar esse ponto de vista, tomamos também como parâmetro de análise outro conceito que faz parte do elenco da História Cultural: o “imaginário”¹⁷⁷. A perspectiva do historiador Bronislaw Baczko defende que o imaginário social se assenta e opera por meio dos sistemas simbólicos, os quais são construídos a partir de experiências dos agentes sociais, dos seus desejos, aspirações e motivações¹⁷⁸. Em seus estudos sobre o imaginário Sandra Pesavento faz referências ao pensamento do autor, compreendendo que este “é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real”. Como construção de sentido se torna amplo pois “se expressa por “palavras/discursos/sons, por imagens, coisas e materialidades e por práticas”, ou seja, “é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou conflito”¹⁷⁹. Nesse sentido, o conjunto de saberes, segredos, truques, orações, excomunhões, magias, receituários, recomendações, desenhos, imagens, signos, códigos, avisos, fórmulas, experimentações e técnicas científicas - demarcados e analisados neste estudo - são elementos elucidativos dos processos de circulação e apropriação cultural. Na perspectiva “polifônica” da História Cultural, expressam, pois, as “visões do mundo”, os “modos de fazer” e os “modos de ver” que os homens – atores sociais – construíram para si, ordenando e dando sentido ao mundo. Importa salientar, portanto, a noção de que a conservação e restauração de papel se fez por meio de uma paulatina construção cultural e se consolidou como saber constituído e como área de conhecimento específica a partir das múltiplas vozes, das relações de usos e costumes, pela interação e pelo contraste dos extratos culturais que caracterizaram uma determinada sociedade e cada contexto histórico e político em particular.

Os estudos das narrativas de conservação e restauração apontadas nesse capítulo evidenciaram, ainda, as sucessivas mudanças ocorridas no que se refere à atribuição do significado de valor do objeto cultural. Se, na Antiguidade Clássica e na Idade Média, os papiros, pergaminhos e códices são preservados pela atribuição dos valores utilitários, religiosos, devocionais e simbólicos, é, então, a partir da Revolução Francesa que os livros, manuscritos, obras de arte em suporte de papel e demais documentos gráficos - para além dos

¹⁷⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 43.

¹⁷⁸ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, v. 5. p. 311.

¹⁷⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 43.

seus significados simbólicos, artísticos e estéticos - alcançam o estatuto documental enquanto testemunho do passado, ou seja, o “valor histórico” tal como propusera Alois Riegl e, por fim, o sentido de patrimônio cultural público despertado pelo surgimento das bibliotecas, museus e arquivos enquanto instituições de natureza pública.

Outrossim, o deciframento das práticas preservacionistas abordadas neste estudo nos permitem compreender o surgimento desta área do conhecimento caracterizada, *a priori*, pela sacralização, pelo obscurantismo, pelo autodidatismo, pela *performance* individual e pelo empirismo, configurando o que se convencionou denominar o “Período pré-científico”¹⁸⁰ da disciplina, em termos cronológicos desde a Antiguidade até os fins do século XIX. Posteriormente, as práticas e narrativas analisadas nesta operação historiográfica possibilitaram detectar enunciados desenvolvidos a partir do saber técnico, da reflexão teórica e científica que inscreveram a conservação e restauração de papel num debate *stricto sensu*, institucional, acadêmico e público, norteando, portanto, a adoção de uma metodologia de trabalho específica. Ao decifrar a realidade do passado por meio da investigação das representações discursivas e imagéticas construídas no campo da conservação e restauração de papel, confirmamos a mudança de paradigma científico demarcada no século XIX, sobretudo a partir da realização da Conferência de San Gallo, ou seja, as matrizes do conhecimento que revelavam práticas sacralizantes e empíricas - ditadas muitas vezes por exigências práticas e de uso - são substituídas, no decurso do tempo, por ações de caráter técnico-científico. Por conseguinte, verificamos a construção de uma literatura especializada centrada nos estudos sistemáticos dos suportes materiais (papel, pergaminhos, couros, tintas, pigmentos e adesivos), nos agentes físicos, químicos e biológicos de deterioração dos acervos em papel e nas proposições conceituais e metodológicas de intervenções de restauro, formando, assim, o *corpus doutrinal* da disciplina então em surgimento.

As narrativas examinadas depreenderam, também, configurações acerca do significado da atuação do restaurador, trazendo à tona o indivíduo como agente da História. Se, primordialmente, vemos os antecedentes da profissão vinculados à arte, ao artesanato e ao anonimato, é a partir do século XIX que o restaurador de papel caminha rumo ao seu *status* profissional - ator social -, participe da formação do conhecimento, co-produtor de uma disciplina especializada. Para além disto, observamos o processo de abandono das fórmulas e procedimentos empíricos desempenhados pelo restaurador no âmbito secreto dos mosteiros e de herméticos ateliês e passamos, então, a verificar sua função social (*habitus*) - por meio do exercício profissional - em museus, bibliotecas, arquivos, laboratórios e instituições

¹⁸⁰ Cf. ALLO MANERO, Maria Adelaida, op cit., p. 256.

especializadas em conservação e restauração de papel (*campus*). Conforme se vê, tais mudanças de paradigma epistemológico inauguraram o chamado “Período científico”¹⁸¹, abrangendo desde o final do século XIX até os dias atuais.

Tendo, pois, percorrido o exame das etapas preservacionistas demarcadas pela sacralização, pelo empirismo e cientificismo - com vistas à necessária compreensão epistemológica da disciplina da conservação-restauração de documentos gráficos - os capítulos que se seguem dedicam-se à investigação historiográfica da conservação-restauração no âmbito brasileiro, buscando analisar a construção cultural da conservação-restauração de papel e suas múltiplas relações com os atores sociais, as instituições e as variadas dimensões da sociedade.

¹⁸¹ Cf. *Ibid.*, p. 256.

CAPÍTULO 2: A CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE PAPEL NO BRASIL

Quando examinamos a evolução do conceito de restauração na literatura coloquial e profissional, observamos que o interesse neste tipo de questão vem crescendo nos últimos anos. Simultaneamente, a natureza destes assuntos tem sido consideravelmente discutida, ao ponto de que hoje podemos falar claramente sobre a conservação como uma disciplina que é baseada no método, enquanto anteriormente esta era uma profissão que se baseava tão somente em conhecimentos empíricos. No contexto de tais mudanças, as relações que surgiram entre os dois componentes da conservação moderna – o que é relevante às ciências humanas e o que é relevante para a técnica e para as ciências exatas – merecem atenção especial.

PHILIPPOT, Paul. “Restoration from the Perspective of the Humanities”, 1983. In: *Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage*. Los Angeles: GCI, 1996. p. 216, tradução nossa.

2.1 Os antecedentes: dos insetos bibliófagos ao despertar da conservação

As primeiras referências sobre a problemática de preservação de acervos em papel no Brasil mostram-se vinculadas à ação destruidora dos insetos bibliófagos. Desta forma, este capítulo pautou-se, inicialmente, pelo exame das narrativas preservacionistas focadas nestes agentes biológicos de deterioração, tendo em vista o entendimento da construção desta área de conhecimento técnico especializado.

No que diz respeito ao comportamento biológico dos insetos bibliófagos, as condições climáticas dos países localizados na zona tropical indicam elevadas taxas de temperatura e umidade relativa, favorecendo, sobremaneira, a atuação danosa destes insetos no patrimônio bibliográfico e documental¹⁸². Segundo Messias Carrera¹⁸³, em seu artigo “História dos insetos

¹⁸² Cf. “O clima brasileiro é, em geral, nefasto aos livros. Na maior parte do território nacional o ar é úmido e quente. Não há ambiente melhor para a proliferação de insetos, que atacam os livros, e para a formação do mofo, que danifica o papel e a encadernação. Nada pior para os livros. Infelizmente, em muito poucas partes do Brasil, o livro envelhece sem moléstias.” MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 3ª. ed.. Brasília: DF: Briquet de Lemos/ Livros: Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998. p. 91.

¹⁸³ Entomologista, biólogo do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

inimigos dos livros", já podemos encontrar, no século XIX, representações literárias que fazem alusão à ação danosa dos insetos bibliófagos:

No Brasil, parece que a mais antiga referência aos insetos nocivos aos livros data de 1817, quando veio a lume a *Corografia Brasílica*, do padre Manuel Aires de Casal. Nesta obra, a cidade de São Paulo é considerada local ideal para os fundamentos de uma universidade, entre outros motivos, por ali os insetos menos danificam bibliotecas¹⁸⁴.

Nas narrativas de alguns viajantes estrangeiros, também do século XIX, encontramos comentários sobre a ação dos insetos:

Alexandre Humbolt, em 1811, atribuiu à ação depredadora dos cupins quase a inexistência de livros antigos nas bibliotecas dos países sul-americanos por onde viajara; Ferdinando Denis, percorrendo sobre a fauna brasileira em *L'universe – histoire et description de tous les peuples* (1838), incrimina as baratas, afirmando textualmente: “Les ravets sont le fléau des bibliothèques, ainsi que de lingerie”¹⁸⁵.

Em 1849, no relatório de Cyro Cândido, então diretor do Arquivo Público do Império¹⁸⁶, podemos verificar a preocupação com a ação dos insetos destruidores:

(...) bem longe de pensar que poucos dias depois seria assaltado por esta praga. Há dois dias que o cupim apareceu no teto da sala chamada escripta (...) Mande imediatamente por arsênico com açúcar em vários pontos e ver se assim os extingua: não sei porém se serei bem sucedido nesta diligência, entretanto receio muito que ele me apareça no salão dos armários aonde tenho uma grande porção de papéis espalhados¹⁸⁷.

Outrossim, sob as denominações “cupim”, “insetos daninhos”, “polilha” e “vermes”, observamos que a atuação dos insetos é problemática constante, reiterada, portanto, nos relatórios dos diretores do Arquivo Público do Império nos anos de: 1850, 1856, 1860, 1870, 1873 e 1874¹⁸⁸.

As deteriorações provocadas pelos insetos bibliófilos despertaram a preocupação da comunidade científica e, em 1900, os membros da comissão organizadora do Congresso Internacional de Bibliotecários, reunidos em Paris, instituíram dois valiosos prêmios às

¹⁸⁴ CARRERA, Messias. História dos insetos inimigos dos livros. In: *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, vol. 33, No. 3, 1981. p. 354.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 354.

¹⁸⁶ O Arquivo Público do Império é criado por meio do Regulamento Nº 2, de 02 de janeiro de 1838.

¹⁸⁷ Relatório do Arquivo Público do Império de 1846. Arquivo Nacional *apud* HOLLÓS, Adriana Lúcia Cox. *Entre o passado e o futuro: os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2006 (Dissertação de Mestrado em Memória Social). p. 50.

¹⁸⁸ *Ibid.* Anexo F. pp. 91-99.

melhores monografias que tratassem sobre o tema dos insetos inimigos dos acervos bibliográficos e documentais. O francês Constant Houbert alcançou o segundo lugar neste concurso (Prêmio Marie Pellechet), cujo trabalho *Les insectes ennemis des livres - Leurs moeurs moyens de les détruire*, publicado em 1903, constituiu-se no mais completo tratado que se conhece sobre a matéria¹⁸⁹. A primeira parte deste livro dedica-se ao estudo sistemático dos insetos destruidores, a segunda parte apresenta diferentes procedimentos de destruição tais como: mecânicos (bateduras de livros, visco, armadilhas), químicos (empregos de substâncias irritantes ou tóxicas), físicos (utilização do calor, do frio) e biológicos (utilização de parasitas animais ou vegetais)¹⁹⁰. Ainda no cenário internacional, Harry B. Weiss e Ralph H. Carruthers publicam em 1937, pela Biblioteca Pública de Nova York, o trabalho *Insect enemies of books*, o qual apresenta “exaustiva bibliografia que traz quase tudo que foi publicado no mundo sobre o assunto até o ano de 1935”¹⁹¹.

No cenário brasileiro, podemos constatar, na primeira década do século XX, o surgimento de publicações que refletem a problemática de conservação de acervos em papel. A cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, abrigava a maioria das instituições públicas detentoras de acervos bibliográficos e documentais¹⁹². O clima quente e úmido, problema de conservação típico de uma cidade situada à beira-mar, colaborou com o surgimento da ação de insetos, posto que estes agentes biológicos desenvolvem-se de maneira acentuada em tais condições climáticas. A respeito do comportamento biológico dos insetos, Liotta explica que os insetos não regulam sua temperatura, desta forma, as temperaturas altas propiciam sua procriação e desenvolvimento: acima de 25° C desenvolvem-se rapidamente; entre 15 e 20° C apresentam desenvolvimento lento; abaixo de 10° C não se desenvolvem nem procriam¹⁹³.

Em 1904, o bibliotecário Álvaro Paulino Soares de Souza escreve, no *Jornal do Brasil*, sobre a ação destruidora da larva de certos besouros anobiídeos¹⁹⁴ nos livros da Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1904 e 1906, Manuel Cícero

¹⁸⁹ CARRERA, Messias. op. cit., p.354.

¹⁹⁰ DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. op. cit., p. 99.

¹⁹¹ NABUCO, Joaquim (Monsenhor). *Em Defesa do Livro: a conservação de nossas bibliotecas e arquivos*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Antunes & Cia. Ltda., 1959. p. 95.

¹⁹² Em 1808, foi criada a Biblioteca Nacional e, em 1838, foi criado o Arquivo Nacional.

¹⁹³ LIOTTA, Giovanni. *Gli insetti e i dani del legno: problemi di restauro*. Firenze: Nardini, 1991.

¹⁹⁴ Cf. Anobiídeo. “Espécime dos anobiídeos. Família de besouros, com mais de 1.100 spp. descritas, cilíndricos ou ovais, de 1mm a 9mm de comprimento e cabeça dobrada para baixo, ao construírem galerias, danificam matérias vegetais, madeira e papel armazenados”. HOUASSIS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.225.

Peregrino da Silva, então Diretor da Biblioteca Nacional, relata nos Anais da Biblioteca Nacional o expurgo realizado nos livros atacados por um besouro anobiídeo¹⁹⁵.

Posteriormente, constatamos o surgimento de estudos sistemáticos sobre os insetos destruidores de livros e documentos pautados numa metodologia de trabalho científica. Em 1905, Pedro Severiano de Magalhães¹⁹⁶ (1850-1909) publica no *Jornal do Commercio* três artigos sobre insetos bibliófagos: I - *A traça, a leprisa e o caruncho: os três maiores devastadores dos nossos livros, pragas de nossas bibliotecas*, II - *Contra os insetos destruidores de livros*, III- *Interessante fase da vida do caruncho dos nossos livros Anobium bibliotecarium*¹⁹⁷. No primeiro artigo, Magalhães narra um minucioso estudo sobre a características de tais espécimes biológicas, abordando seus aspectos anatômicos, hábitos alimentares e os danos causados pelos mesmos nos acervos bibliográficos. Magalhães salienta que os carunchos são os insetos de maior ação destruidora dos livros e, ao mesmo tempo, relaciona a natureza do papel e demais materiais empregados na composição do livro como elementos atrativos na alimentação dos bibliófagos. Diz o artigo:

Resta-me tratar do maior estragador de nossos livros, suas dimensões estão em relação inversa de sua capacidade destruidora, sendo o menor dos três culpados, é ele o mais ativo e mais grave criminoso na obra da devastação. Em seu estado de larva ataca papelão, os forros ou capas de couro, percale ou papel, os fios de cordões da encadernação; entra através das folhas do livro a dentro, tudo perfura, escava galerias, túneis, canais e canículos sem numero em direções a mais varias, formando meandros e labirintos os mais complicados. Seu trabalho em grande parte efetua-se às ocultas, na espessura das encadernações, (...) furos denunciam a passagem do inseto ou de sua larva. Levantando ou descolando o forro ou capa da encadernação, deparamos então com os enormes estragos já produzidos. Nas folhas dos livros os canais escavados, por sua multiplicidade e variedade, afinal reduzem o papel a um arrendulo de desenhos os mais caprichosos. Folheando esses livros vemos suas folhas caírem, desfazerem-se em pequenos fragmentos. Creio ter verificado grande predileção do daninho inseto para o papelão ordinário, contendo em sua massa abundantes restos de fragmentos vegetais pouco medicados no processo do fabrico. (...) Certas qualidades do papel parecem ser preferidas pelos insetos; livros tendo sofrido a ação do tempo, da umidade e da falta de aeração, também são mais vitimados por eles¹⁹⁸.

No que diz respeito à origem etimológica da nomenclatura relativa à espécie *Anobiídeos*, Magalhães assim explica:

¹⁹⁵ CARRERA, Messias. op. cit., p. 354.

¹⁹⁶ Médico cirurgião, professor catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

¹⁹⁷ NABUCO, Joaquim (Monsenhor). op. cit. p. 93.

¹⁹⁸ *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, 18 de maio de 1905, p. 2.

O nome anobio (*Anobium*) dado a todos os congêneres tem sua explicação ao fingirem-se mortos esses pequenos coleópteros quando incomodados, permanecendo encolhidos, imóveis por longo tempo, para mais tarde porem-se de novo em movimento, etimologicamente deriva-se a palavra do grego – exprimindo – eu revivo, resuscito (sic)¹⁹⁹.

É interessante observar que embora a tônica do artigo resida nos aspectos tecnicistas relacionados aos insetos bibliófagos, Magalhães também aborda a ação indevida do homem, como agente destruidor dos acervos, o que colabora com a interpretação de que tal fato não é novo na preservação do patrimônio cultural. Ao concluir o texto, o autor assim compara e reflete:

Em maior escala com maior rapidez do que os anóbios, só atuam na destruição dos livros as labaredas de um incêndio, qual aniquilou há pouco uma das nossas bibliotecas médicas, ou a acelerada lamina de um canivete de certos visitantes da outra, na criminosa faina de recortar retalhos de coleções de jornais científicos, só para pouparem-se do trabalho de copiarem os apontamentos de que precisam; graças à falta de fiscalização da sala de leitura, de que abusam (sic)²⁰⁰.

Em 1907, Magalhães imortalizou-se nos *Anais da Ciência Entomológica* ao descrever uma nova espécie de anóbídeo, genuinamente brasileiro, o *Dorcatoma bibliophagum*, praga das nossas bibliotecas. Conforme descreve Carrera, “este trabalho foi apresentado e discutido em uma sessão da Sociedade Zoológica da França, antes de ser publicado em uma das suas revistas”²⁰¹. Em seguida, Magalhães publica o trabalho *O anobiídeo devastador de livros no Brasil* nas seguintes revistas científicas: *A Tribuna Médica do Rio de Janeiro* (1908), *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia* (1908) e no *Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio* (1929)²⁰². O arqueólogo russo Alberto Childe, conservador do Museu Nacional e membro da Academia Brasileira de Ciência, publica na *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*, em 1908, um artigo em francês “Note sur un insecte de la famille des Anobiides. *Dorcatoma bibliophagum*”²⁰³. Jaime Silvado²⁰⁴ escreve, em 1911, “Nota sobre a destruição dos insetos bibliófagos e a conservação dos livros”, publicado pela *Tribuna Médica do Rio de Janeiro*²⁰⁵.

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ CARRERA, Messias. op. cit., p. 354.

²⁰² NABUCO, Joaquim (Monsenhor).op. cit., p. 93.

²⁰³ Ibid.,p.91.

²⁰⁴ Médico dedicado aos estudos de higiene pública e verminose.

²⁰⁵ NABUCO, Joaquim (Monsenhor). op.cit., p. 94.

Diogo Teixeira de Faria²⁰⁶ (1867-1927) escreve o artigo “*Os inimigos dos nossos livros: dados preliminares a um processo de destruição dos insectos que atacam livros em São Paulo*”, publicado em 1919, no qual descreve sobre a biologia e danos causados pelo inseto *Cartorama herbarium* além das suas experiências de expurgo realizadas nos arquivos da cúria paulista²⁰⁷. Assim, narra o autor:

Desde a mais remota antiguidade que os estudiosos e os bibliófilos se têm preocupado com o problema relativo à extinção dos insectos que atacam os livros nas bibliotecas e, até hoje, que nos conste, ainda não surgiu processo algum que possa, com vantagem e isento de perigos, realizar nas grandes massas de livros tal *desideratum*, - a não ser, segundo pensamos, o processo do “gaz-Clayton”, executadas porém as regras e detalhes que vamos expor. Para, consciente e cientificamente, se proceder ao expurgo de qualquer biblioteca, preciso é que se conheçam aprofundadamente, por meio de observações reiteradas, os costumes e o modo de viver de cada uma das espécies a expurgar, hóspedes terríveis das livrarias (sic)²⁰⁸.

Conforme observamos, os referidos estudos técnicos de entomologia, publicados nas primeiras décadas do século XX, exemplificam que a preocupação preservacionista estava, *a priori*, relacionada à necessidade de conhecimento dos males biológicos que então degradavam os acervos em papel. Assim, tornava-se premente a identificação destes agentes patológicos de deterioração sob o ponto de vista científico, o estudo do ciclo biológico, o conhecimento das condições climáticas de procriação e das preferências alimentares, para, em seguida, indicar as medidas de combate e prevenção contra tais espécimes biológicos. Pode-se constatar, em tais estudos, a prevalência de autores médicos ligados às instituições dedicadas aos estudos de parasitologia, verminoses, higiene social e desinfecção de doenças. Segundo Cláudio Bertolli Filho, “na fase heróica dos institutos de pesquisas, muitos médicos atuavam ao mesmo tempo, como cientistas e como sanitaristas”²⁰⁹. Verificamos que os estudos pioneiros sobre os insetos bibliófagos, no início do século XX, coincidem com o surgimento e o estabelecimento da medicina tropical no âmbito brasileiro. Neste contexto, Luciene Mascarini nos chama a atenção para o fato:

No Brasil o histórico da parasitologia margeia o caminhar da medicina tropical, quando em 1829, foi criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro que através de um amplo programa, se estendeu desde a

²⁰⁶ Médico, Diretor do Desinfectório Central de São Paulo, onde prestou grandes serviços durante o período da febre amarela.

²⁰⁷ NABUCO, Joaquim (Monsenhor). op. cit., p. 15.

²⁰⁸ FARIA, Diogo de. Os inimigos de nossos livros: dados preliminares a um processo de destruição dos insectos que atacam os livros em São Paulo. In: *Serviço Sanitário do Estado de São Paulo*, no. 4, 1919, p. 3.

²⁰⁹ BERTOLLI FILHO, Cláudio. *História da saúde pública no Brasil*. São Paulo: Editora Ática. 4ª. ed., p.19.

adoção de medidas de higiene pela população até medicina legal (...). Foi a época da medicalização das instituições, hospitais, cemitérios, escolas, quartéis e prostíbulos, quando o projeto de medicina procurou destacar o saneamento. (...) Já em 1900, renomados médicos parasitologistas surgem no cenário brasileiro: Oswaldo Cruz e Carlos Chagas que, através de suas descobertas, impulsionaram a parasitologia até os dias atuais²¹⁰.

Ainda em referência à problemática dos insetos bibliófagos na cidade do Rio de Janeiro, Homero Pires, em 1938, profere a conferência “Rui Barbosa e os livros” na qual ele se refere à ação maléfica dos insetos, qualificando-os como “terríveis inimigos” ou “implacáveis anóbídeos” devoradores de nossas livrarias. Sobre este mal ele destaca:

O próprio Rui Barbosa, em agosto de 1904, escrevia do exílio de Londres ao seu amigo Antonio de Araújo Ferreira Jacobina, a propósito do abandono em que ficou sua “cara biblioteca”, como lha chamava nas Cartas de Inglaterra: “Recomendo-lhe com encarecimento particular os meus livros, entre os quais lhe peço mandar por naftalina em grande quantidade. De outro modo não vale contra as traças²¹¹”.

Posteriormente, Monsenhor Joaquim Nabuco, protonotário apostólico, também dedica-se ao estudo dos insetos bibliófagos e publica, em 1943, a obra *Bibliófilos versus Bibliófagos*²¹². Podemos observar que Nabuco utiliza, na bibliografia de sua publicação, os estudos desenvolvidos pelos médicos e cientistas nas primeiras décadas do século XX. Na sessão de 22 de julho de 1943 da Academia Brasileira de Letras foi lida a carta do Professor Afrânio Peixoto, apresentando o recém-publicado livro de Nabuco, na qual podemos constatar a crítica ao Estado quanto às políticas culturais de preservação dos acervos bibliográficos :

O assunto é o da conservação dos livros. Bibliófilos *versus* Bibliófagos é uma ciência e uma experiência. O autor conhece tudo que se sabe sobre os insetos destruidores dos livros: além disso, traz o seu contingente próprio de observação e de experimentação. Livro, pois, sábio, mas livro pragmático, necessário. O Brasil está perdendo os seus livros. É lesão enormíssima. Pois que os poderes públicos não se comovem, não será o caso de se comover a Academia, também zeladora desse patrimônio nacional?²¹³

²¹⁰ MASCARINI, Luciene Maura. *A historical approach of the trajectory of the parasitology*. Ciênc. Saúde coletiva.[online].2003,vol.8,no.3,pp.809-814. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81233320030000300015&Ing=en&nrm=iso>. ISSN 1413-8123. Acesso em: 05/07/2006.

²¹¹ PIRES, Homero. *Rui Barbosa e os livros*. 5ª. ed. Casa de Rui Barbosa, 1949.

²¹² O prefácio da referida obra é de autoria de Arthur Neiva, médico, cientista e membro da Academia Brasileira de Ciências. Considerado um dos precursores da pesquisa no Brasil, Neiva estudou entomologia nos Estados Unidos, na década de 1910. Destacou-se, também, como grande sanitarista e construtor dos alicerces da higiene, com a promulgação do Código Sanitário Rural de São Paulo.

²¹³ NABUCO, Joaquim (Monsenhor). op. cit., p. 11.

Na apresentação intitulada “Conservação das nossas bibliotecas e arquivos”, do referido livro, Nabuco destaca a ação dos insetos bibliófagos como problema de deterioração de grande incidência sobre os acervos brasileiros. Observa-se, em sua narrativa, o lamento sobre a perda cultural ocasionada em acervos de natureza arquivística e bibliográfica e, ao mesmo tempo, o tom de alerta sobre a necessidade de prevenção e adoção de medidas técnicas para o mal biológico então incidente:

Nos séculos passados foram nossos arquivos e bibliotecas cruelmente atacadas por insetos vorazes. Algumas desapareceram por completa, como as árvores devoradas pelo cupim, outras deixaram vestígios. Lembra-me ter visitado há trinta anos algumas de nossas bibliotecas eclesiásticas – a de São Bento e a de Santo Antônio, no Rio, a do Seminário e a do arquivo da Cúria Metropolitana, de São Paulo. Muitos livros havia que nem abrir se podia, caíram em pedaços!

A Igreja Católica foi sempre uma grande bibliotecária, e, como filho dedicado, sentia o coração pequeno quando manuseava, inteiramente carcomidos, belos in-fólios que nunca mais seriam reeditados. Nossos arquivos são também de suma importância. O desastre é tremendo, e o pior é que ele continua. Bibliotecas e arquivos vêm sendo, neste século de ciência e de progresso, arruinados, por vorazes bibliófagos. Urge, na medida do possível, remediar o mal²¹⁴.

A obra de Nabuco é reeditada em 1959 com novo título: “Em defesa do livro: a conservação das nossas bibliotecas e arquivos”. Nota-se que a referida publicação, em sua 2^a. edição, foi revista, ampliada e acrescentada, o que demonstra os avanços neste estudo temático, bem como sugere o interesse de um público leitor carente de informações na respectiva área. Podemos constatar no prefácio da segunda edição, de autoria de Clóvis Salgado, então Ministro da Educação e Cultura, a preocupação em destacar o teor cientificista do livro, apresentando-o como recurso técnico, seguro e eficaz no combate e extermínio dos insetos bibliófagos:

O livro de Monsenhor Nabuco, lançado em 1943, e recebido com palmas de Artur Neiva e Afrânio Peixoto, teve essa intenção: ensinar, cientificamente, o combate às pragas que infestam as bibliotecas. Reeditado em 1959, beneficia-se dos progressos fundamentais da química no ramo promissor dos inseticidas. Temos, já agora, armas de extermínio aos bibliófagos. Vamos persegui-los em todas as tocas, descobri-los sob quaisquer disfarces e liquidá-los de vez, para a tranquilidade nossa e de nossos melhores amigos, os livros. Com poderosos gases asfíxiantes e terríveis pós mortíferos,

²¹⁴ Ibid., p. 23.

estamos preparados para uma ofensiva cruzada, sem riscos e nem perigos, mas certos da vitória²¹⁵.

Como vemos, a narrativa de Salgado tinha como objetivo asseverar as proposições técnicas então defendidas por Nabuco. Entretanto, constatou-se, *a posteriori*, a inadequação e a ineficácia dos procedimentos adotados. Na década de 1970 verificaram-se os efeitos negativos do emprego de produtos químicos de elevada toxidez, causadores de efeitos nocivos à saúde humana, ao aplicador do produto químico, bem como ao público consulente dos livros e documentos tratados com tais produtos.

Consta, ainda, da segunda edição um apêndice de autoria de Sebastião José de Oliveira, entomologista do Instituto Oswaldo Cruz. O estudo sistemático apresentado nesta obra abrange: a identificação biológica dos insetos bibliófagos brasileiros, procedimentos de debelação dos insetos, métodos preventivos contra as pragas biológicas, estudos sobre o emprego de produtos químicos e toxidez. Há um capítulo em que Nabuco refere-se à “medicina preventiva dos livros”, no qual descreve, detalhadamente, os elementos constituintes do livro, suas respectivas patologias e o modo de evitá-las. Ao propor a referida metáfora, verificamos que Nabuco narra – já na primeira metade do séc. XX – conceitos e procedimentos de trabalhos que posteriormente seriam divulgados - entre as décadas de 1980 e 90 - sob a denominação de *conservação preventiva*.

Assim, podemos conceber tais publicações técnicas como representações preservacionistas, na medida em que as mesmas buscavam, em última instância, a salvaguarda do patrimônio bibliográfico e documental. Deve-se notar, em tais narrativas, que a palavra “ciência” é utilizada de modo recorrente. A conservação dos livros é concebida como “ciência e experiência”. O séc. XX é aludido como “o século da ciência”. Os trabalhos são publicados em “Anais da Ciência” e em revistas científicas. Dentre os autores encontramos um membro da “Academia Brasileira de Ciência”. Partindo deste ponto de vista, vemos o desenvolvimento do conhecimento científico a partir do diálogo interdisciplinar da biologia, da química e da medicina. Nesta literatura técnica, dedicada aos estudos dos insetos bibliófagos, observa-se a construção de um enunciado preservacionista que se quer dizer metodológico e cientificista em contraposição, portanto, às técnicas empíricas de conservação e restauração de bens culturais móveis. Dessa forma, podemos perceber também a construção de conhecimentos e significados que dão legitimidade à demarcação do espaço social preservacionista nos *campi* acadêmico e científico.

²¹⁵ Ibid., p. 4.

Todavia, se, de um lado, detectamos a construção do discurso cientificista no que se refere à problemática dos insetos bibliófagos, de outra parte, verifica-se o perfil secundário do profissional atuante na conservação de acervos em papel. Conforme destacou Adriana Cox Hollós, na década de 1920, o “conservador da biblioteca” era encarregado, dentre outras atividades, da aplicação de inseticidas em documentos contaminados e recebia um salário correspondente a um terço do que era pago aos arquivistas. Nesse sentido, Hollós concluiu que “do ‘conservador da biblioteca’ encarregado da fumigação nos documentos, ao ‘operário’, o técnico em conservação era visto como auxiliar”²¹⁶.

Como se pode perceber, a prática de combate aos insetos bibliófagos no Brasil está presente desde as narrativas do século XIX e, a partir do século XX, verifica-se o impulso no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos na referida especialidade. Atualmente, podemos concluir que dentre as causas biológicas de degradação do patrimônio cultural, o tema insetos bibliófagos ainda é um problema recorrente e configura-se como objeto de estudo e preocupação preservacionista. Como por exemplo, em 2002, o Arquivo Nacional, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, contratou dois pesquisadores da área de entomologia e engenharia agrônômica para estudos sobre métodos de controle de insetos, adotando-se o sistema híbrido: congelamento²¹⁷ e anoxia²¹⁸ com vistas à erradicação do *lasioderma serricorni*²¹⁹. Em 2006, o trabalho “Agentes biológicos em Arquivos e Bibliotecas: Insetos Xilófagos e Bibliófagos” foi apresentado no III Simpósio de Técnicas Avançadas em Conservação de Bens Culturais, realizado em março de 2006, em Olinda.

²¹⁶ Cf. HOLLÓS, Adriana Lúcia Cox., op.cit., pp. 57-58.

²¹⁷ Cf. Técnica que utiliza temperaturas negativas para criar microclimas livres de oxigênio em bolsas plásticas repletas de documentos contaminados, por um período de tempo capaz de matar os insetos adultos e as larvas. HOLLÓS, Adriana Lúcia Cox. op. cit., ANEXO A

²¹⁸ Cf. Técnica que utiliza gases inertes como o gás carbônico ou o argônio para criar microclimas livres de oxigênio em bolsas plásticas repletas de documentos contaminados, por um período de tempo capaz de matar os insetos bibliófagos adultos e as larvas. Ibid. ANEXO A.

²¹⁹Cf. Espécie de besouro bibliófago da ordem coleóptero, pertencente à família dos anobiídeos, também conhecido como bicho do fumo. Ibid. ANEXO A.

2.2) As políticas públicas federais de preservação, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN/IPHAN e as ações de conservação-restauração de papel:

2.2.1) A gestão administrativa de Rodrigo Melo Franco (1937-1967)

Na última década da Primeira República, verificam-se tentativas iniciais no estabelecimento de uma legislação de proteção ao patrimônio no Brasil. Em 1923, foi criado o projeto federal da instalação da Inspetoria dos Monumentos Históricos, a fim de conservar imóveis públicos e privados de importância artística e histórica. No âmbito estadual, em 1926, é criada a Inspetoria Estadual de Monumentos Históricos em Minas Gerais; em 1927, temos a criação da Inspetoria na Bahia; em 1929, em Pernambuco. Em 1934, por meio do Decreto Federal nº. 24735, foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais, como uma entidade vinculada ao Museu Histórico Nacional, dirigido por Gustavo Barroso. Norteada por uma diretriz tradicionalista e patriótica, a Inspetoria teve como finalidade principal impedir que objetos antigos referente à história nacional fossem retirados do país considerando-se o comércio de antiguidades e de modo a evitar que as edificações monumentais fossem destruídas em razão das reformas urbanas. Embora tenha funcionado apenas de 1934 a 1937, a Inspetoria chegou a promover intervenções de restauração em monumentos na cidade de Ouro Preto, sob a orientação do engenheiro Epaminondas de Macedo. Portanto, em relação às décadas iniciais do século XX, não se verificou nenhuma política alusiva aos acervos culturais em suporte de papel.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1934 é criada a proteção legal do patrimônio artístico e histórico brasileiro. Em termos jurídicos, a noção de patrimônio histórico e artístico nacional é referida pela primeira vez (embora não exatamente com essa denominação), como sendo objeto de proteção obrigatória por parte do poder público²²⁰. Nesse sentido, podemos ressaltar que as Constituições anteriores – a de 1824 e a de 1891 – eram omissas quanto à proteção aos bens de valor histórico e artístico²²¹. O Art. 10 das disposições preliminares da Constituição de 1934 afirma: “Compete concorrentemente à União e aos Estados: (...) III – proteger as belezas naturais e os monumentos de valor histórico ou artístico, podendo impedir a evasão de obras de arte”.

²²⁰ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit., p. 37.

²²¹ CUNHA, Danilo Fontenele Sampaio. *Patrimônio Cultural: proteção legal e constitucional*. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004. p. 81.

Em 1936, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, encomenda a Mário de Andrade a elaboração do anteprojeto de lei que tratasse da preservação do patrimônio artístico e nacional, em razão de sua experiência no Departamento Municipal de Cultura e Recreação de São Paulo²²².

Considerado avançado em sua concepção de patrimônio e de proposições inéditas²²³, o referido anteprojeto estabelecia oito categorias de arte: arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, aplicadas nacionais e aplicadas estrangeiras. Quando analisamos a proposta *marioandradiana*, há que se ressaltar preocupação com a defesa da preservação de acervos em papel configurada no item relativo à categoria “arte histórica”, no qual é explicitada a salvaguarda de documentos gráficos como: “(...) a iconografia nacional; iconografia estrangeira referente ao Brasil (gravuras, mapas) ; brasiliana (todo e qualquer impresso ou manuscrito que se refira ao Brasil, de 1850 para trás. Todo e qualquer manuscrito referente ao Brasil, com mais de 30 anos, se inédito, e de 100 anos, se estrangeiro e já publicado por meios tipográficos) e iconografia estrangeira referente a países estrangeiros, sempre com mais de 50 anos.”

O projeto de Lei no. 511, que cria o SPHAN, cita em sua justificativa as conclusões da Carta de Atenas²²⁴, no qual afirma que conservar o patrimônio é um dever para com a comunidade das nações civilizadas. “Havia entre as classes mais altas a idéia de que a *civilização* estava nos países desenvolvidos da Europa e da América do Norte, e que a única maneira do Brasil *civilizar-se* era imitar esses modelos”.²²⁵ Vinculada aos conteúdos ideológicos caros ao Estado Novo, como o patriotismo e o nacionalismo, essa orientação política é descrita como parte de um projeto oficial mais amplo de modernização política, econômica e cultural do país.

²²² Cf. Cabe ressaltar que o Ato nº. 861 - que deu origem ao Departamento de Cultura e Recreação - definiu entre as finalidades do Departamento: recolher, colecionar, **restaurar** e publicar documentos antigos, material e dados históricos e sociais. Entre 1936 e 1937, além dos trabalhos de transcrição paleográfica e publicação de coleções documentais, foram reunidos todos os documentos avulsos de 1800 a 1841 em 90 volumes, encadernados e **restaurados**. Conforme se observa nos volumes da “Coleção Papéis Avulsos” alocados no acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, em São Paulo – SP, há uma etiqueta colada em determinadas contraguardas dos volumes, indicando a data do término dos trabalhos e que o exemplar foi “Restaurado e Encadernado” pela “Secção Gráfica” do Departamento de Cultura. (Grifos nossos). Portanto, vemos a idéia da restauração vinculada ao ato da encadernação, ou seja, a feitura de velaturas nas folhas e colocação de carcelas nas bordas laterais esquerdas dos documentos manuscritos com o objetivo de agrupá-los, estruturalmente, num volume encadernado. In: FERREIRA, Ruthe Helena Camargo [et. al]. “O legado de Mário de Andrade para a conservação e restauração de documentos antigos no Departamento de Cultura” In: Informativo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, Nº. 8: 24-33, Set./Out. 2006. Disponível em: <http://www.fotoplus.com/dph/info08/index.html>. Acesso: em 10/04/2007.

²²³ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit., p. 99.

²²⁴ Primeiro documento internacional de proteção do patrimônio, resultante do Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos, ocorrido em Atenas, em 1931.

²²⁵ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit. p. 81.

Após alterações no texto original de Mário de Andrade²²⁶, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN é criado em 1936, na Era Vargas. Em 30 de novembro de 1937, por meio do Decreto-Lei nº. 25, organiza-se a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional com a oficialização do SPHAN. Capanema designa o jornalista e escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade como primeiro presidente do órgão.

O SPHAN se estruturou em duas divisões técnicas: a Divisão de Estudos e Tombamento (DET), dirigida por Lúcio Costa entre 1937 e 1972, incluindo a Seção de Arte, Seção de História, Arquivo Central, ambos chefiados por Carlos Drummond de Andrade a Divisão de Conservação e Restauração (DCR) que contava com os restauradores Edson Motta, João José Rescala e Jair Afonso Inácio.

Considerado como um documento de cunho eminentemente jurídico, o Decreto-lei nº. 25 de 1937, que continua em vigor, organizou, na esfera federal, a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, evidenciando o tombamento como instituto jurídico através do qual o Poder Público determina quais bens serão objeto de proteção, dizendo, inclusive, de que forma se dará essa proteção. No Capítulo I do Decreto-Lei, verificamos a definição de patrimônio:

Constitui patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos **bens móveis** e imóveis existentes no país e cuja conservação seja do interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, **bibliográfico** ou **artístico**²²⁷.

Assim, constatamos que o papel, como tipologia de bem cultural é, nesse período, definido como patrimônio a ser preservado. Embora não explicitado de modo mais claro no texto do decreto, depreende-se que no bojo da denominação “bibliográfico” ou “artístico” encontram-se contemplados os bens culturais concernentes aos acervos em suporte de papel. Como se observa na atribuição de valor ao bem cultural, é predominante a adoção de critérios que evidenciam a noção de excepcionalidade, autenticidade e a representatividade dos bens culturais de determinados momentos da história oficial da nação.

²²⁶ Cf. Mário Chagas, “o anteprojeto do pai de Macunaíma passou por acomodações, ajustes, cortes e redefinições. Joaquim Falcão chega a admitir que o Dec.-Lei 25 é quase uma “versão empobrecida” do referido anteprojeto”. CHAGAS, Mário. O pai de *Macunaíma* e o patrimônio espiritual. p. 98. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 99.

²²⁷ SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília: 1982. p.11. (Grifo nosso).

Ainda no Capítulo V do Decreto-lei nº. 25, verificamos a prevalência de critérios de antigüidade e de raridade na valoração de acervos em papel a serem preservados. Diz o Artigo 26:

Os negociantes de antigüidade, de obras de arte de qualquer natureza, de **manuscritos e livros antigos ou raros** são obrigados a um registro especial no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cumprindo-lhes outrossim apresentar semestralmente ao mesmo relações completas das coisas históricas e artísticas que possuem²²⁸.

Na análise dos critérios de valoração dos acervos em papel a serem preservados, é sintomático verificar que se, por um lado, a conjuntura política do Estado Novo determinara a preservação de livros raros e de valor excepcional, tendo em vista a consolidação da história oficial da nação, de outra parte verificamos a destruição por parte do próprio Estado Novo quando do episódio da queima em praça pública dos livros de autoria de Jorge Amado, então considerados de teor subversivo²²⁹.

Desta forma, compreende-se que a ideologia estadonovista acabou por relegar ao esquecimento os demais acervos em papel não inseridos nos princípios conceituais estabelecidos no Decreto-lei nº. 25. A não adoção das idéias e propostas estabelecidas no projeto *marioandradiano* - que evidenciavam uma concepção de patrimônio mais abrangente e distinta da noção da monumentabilidade – contribuiu, sobremaneira, para o fato da exclusão de outras categorias tipológicas de acervos em papel. Todavia, conforme observou Sérgio Conde de Albite Silva, à respeito da criação do SPHAN em 1937: “Foi, nessa estrutura, que os acervos arquivísticos, biblioteconômicos, museológicos, artísticos, arquitetônicos e seus congêneres encontraram, em maior ou menor grau, proteção legal.”²³⁰

²²⁸ Ibid., p. 18. (Grifos nossos).

²²⁹ Cf. “ATA DE INCERINAÇÃO – Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luís Liguori Teixeira, segundo-tenente intendente naval Hécio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados, por determinação verbal do sr. Coronel Antônio Fernandes, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de Capitães da Areia, 223 exemplares de Mar Morto, 89 exemplares de Cacau, 93 exemplares de Suor, 267 exemplares de Jubiabá, 214 exemplares de País no Carnaval, 15 exemplares de Doidinho, 26 exemplares de Pureza, 13 exemplares de Bangüê, 4 exemplares de Moleque Ricardo, 14 exemplares de Menino do Engenho, 23 exemplares de Educação para a democracia, 6 exemplares de ídolos tombados, 2 exemplares de Idéias, homens e fatos, 25 exemplares de Dr. Geraldo, 4 exemplares de Nacional Socialismo Germano, 1 exemplar de Miséria através da polícia (...) Transcrito do Jornal Estado da Bahia, de 17 de dezembro de 1937, apud ASSIS DUARTE, Eduardo de. *Leitura e Cidadania*. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoira/Ensaios/leitura%20e%20cidadania.htm>>. Acesso em: 09/04/2007.

²³⁰ SILVA, Sérgio Conde de Albite. *Algumas reflexões sobre a preservação de acervos em arquivos e bibliotecas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998. p. 7.

No momento fundador do organismo oficial, sob a administração de Rodrigo Mello Franco de Andrade, as ações preservacionistas são orientadas por um conceito iluminista de cultura, sinônimo de civilização e erudição. Conforme explica José Reginaldo Santos Gonçalves:

A civilização – isto é, a civilização europeia ocidental – é concebida como uma referência universalista positiva, uma espécie de metanarrativa que engloba a narrativa de Rodrigo. Ele narra sob a autoridade do que chama de “civilização”, assim como sob a autoridade da singularidade cultural da nação brasileira.²³¹

Entre 1937 e 1967 - as três décadas da administração de Rodrigo Melo Franco - o SPHAN vive o período denominado “Fase Heróica”, momento caracterizado por uma política dirigida por profissionais que privilegiaram o patrimônio chamado de “pedra e cal”. O autoritarismo do Estado Novo propiciou a consagração de monumentos oligárquicos e de outros elementos culturais que consolidavam a identidade da nação brasileira. As construções arquitetônicas são emblemáticas e por conta da preponderância das características de visualidade e monumentabilidade assumem a representação do poder instituído como: edifícios do período colonial, igrejas do período barroco, quartéis, fortes, fortalezas, palácios governamentais e ruínas. São esses elementos arquitetônicos – valorizados e preservados – que totalizam a maioria das listagens de bens tombados no Brasil, o que Sérgio Miceli chamou de “marca classista” de cultura na preservação patrimonial, ou seja, a preponderância e hegemonia da representação das frações das classes dirigentes da sociedade, quer seja privada ou pública, quer seja eclesiástica, rural ou urbana, em detrimento dos grupos populares, populações negras ou indígenas²³².

No Artigo 5 do Decreto-lei no. 3.365, de 21 de junho de 1941, que dispõe sobre desapropriações por utilidade pública, verificamos a menção no que se refere à proteção jurídica de acervos em papel:

1) Preservação e a conservação adequada de arquivos, documentos e outros bens móveis de valor histórico ou artístico.

Pelo Decreto-lei no. 8534 de 2 de janeiro de 1946, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN é transformado em Diretoria do Patrimônio Histórico e

²³¹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Ministério da Cultura – IPHAN, 2002. p. 46.

²³² MICELI, Sérgio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº. 22, 1987, Rio de Janeiro: SPHAN. p. 44

Artístico Nacional – DPHAN, com quatro distritos regionais: Recife, Salvador, Belo Horizonte e São Paulo. Com relação à preservação de papel, é interessante observar que o referido Decreto-lei reafirmava a competência do então Ministério da Educação e Saúde para atuar no campo da preservação documental. Conforme verificamos no Artigo 2º, era finalidade da DPHAN “inventariar, classificar, tomba e conservar monumentos, obras, documentos e objetos de valor histórico e artístico existentes no país (...)”. O Decreto nº 20.303 que aprovava o Regimento da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional diz em seu Artigo 9º, relativo à competência da Divisão de Estudos e Tombamento, que cabia à Seção de História “o inventário continuado de textos manuscritos ou impressos, de valor histórico ou artístico (...)”²³³.

Em 18 de setembro de 1946, foi promulgada a Nova Constituição, a qual estabelece no artigo 175 que os bens culturais da nação ficam sob a proteção da esfera pública. O texto constitucional de 1946, inaugura, portanto, a preocupação com os documentos históricos conforme exprime o referido artigo: “As obras, monumentos e documentos de valor histórico e artísticos, bem como monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob a proteção do poder público”. Como vemos, prevalece no texto constitucional os critérios de valoração histórica e artística do bem cultural, voltada para a preservação dos grandes heróis nacionais e para a preservação do patrimônio pertencente às elites do país. Nesse sentido, podemos situar, no contexto da época, o pensamento de Gustavo Barroso que categorizava a restauração no sentido da “proteção e conservação das **reliquias** do passado”²³⁴. Conforme observamos na narrativa barrosiana, a restauração da “reliquia do passado” é metaforizada como um ato médico compreendido por dois momentos distintos: diagnóstico e terapêutica. Assim temos:

- a) diagnóstico da deterioração da reliquia a ser restaurada;
- b) terapêutica para a sua salvação.

Em ambas, é necessário conhecer bem o caso em apreço e ter a prática precisa para dar-lhe remédio ou evitar que este não seja, o que é mais comum que se pense, de natureza a matar o doente²³⁵.

²³³ Brasil. Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Legislação brasileira de proteção aos bens culturais*. S.1., 1967, p. 35-37. apud SPHAN/Pró-documento. Rio de Janeiro, 1984. pp. 4 e 5.

²³⁴ Grifo nosso.

²³⁵ BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. Vol. I, Gráfica Olímpica: Rio de Janeiro, 1946. pp. 13-14.

Ainda para dar tratamento às “reliquias do passado”, Barroso ilustrava as qualidades do então perfil do profissional restaurador ao afirmar que “toda conservação e toda restauração requerem duas virtudes essenciais: paciência e modéstia²³⁶.”

Em 1944, Edson Motta é convidado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para ocupar o cargo de conservador do SPHAN e, em 1945, ele começa a organizar o Setor de Conservação de Obras de Arte, criando um pequeno laboratório em 1947²³⁷. No que diz respeito ao funcionamento de tais atividades, verifica-se nos despachos administrativos da então DPHAN que, em 1962, estabeleceu-se a sistematização do “Setor de Recuperação de Pintura, Escultura e Manuscritos”, subordinada à Divisão de Conservação e Restauração - DCR, dividida em quatro núcleos distintos, conforme se verifica no ANEXO A²³⁸.

Deve-se notar, nesse momento, que a restauração de papel encontra-se incluída sob a denominação de “manuscritos” e podemos depreender, também, que a restauração de obras de arte em suporte de papel estaria, provavelmente, inserida sob a denominação de “pinturas” do dito Setor. Com a criação do “Setor de Recuperação de Pintura, Escultura e Manuscritos”, verificamos a menção oficial das atividades de conservação e restauração de papel sob a égide do órgão federal. De outro lado, concluímos a lentidão nas ações governamentais posto que, se as ações de preservação em papel foram manifestas no Decreto-lei nº. 25 de 1937, é somente após o transcurso de vinte e nove anos que se observa a sistematização do “Setor de Recuperação de Pintura, Escultura e Manuscritos”. Há que se analisar, ainda, o emprego da terminologia “Recuperação” do referido Setor, o que denota a atribuição de significado à atividade profissional muito mais focada, portanto, à prática e aos métodos de recuperação, reparos curativos do bem cultural do que propriamente em ações de conservação dos acervos culturais brasileiros, o que reflete, de fato, a prática de uma restauração intervencionista. Posteriormente, “a criação do Laboratório foi regulamentada pela Portaria Ministerial de 20/02/1964, publicada no Diário Oficial no. 43, de 04/03/1964, pág. 2174”²³⁹.

Em relação ao intercâmbio cultural do Brasil com os organismos internacionais de proteção do patrimônio cultural destaca-se a visita de Paul Coremans, então diretor do Instituto Real do Patrimônio Artístico da Bélgica - IRPA, em 1964. Coremans vem ao Brasil

²³⁶ Id., p.84.

²³⁷ SHARF, Cláudia Philippi. O Estabelecimento da Profissão de Conservador-Restaurador de Bens Móveis no Brasil de 1937 a 1980. In: *Boletim ABRACOR*, p. 4.

²³⁸ “Resumo das decisões tomadas nas reuniões convocadas pelo Diretor Geral, Rodrigo Mello Franco de Andrade, realizadas na sede do DPHAN nos dias 3, 4 e 5 de dezembro de 1962, com o fim especial de estabelecer normas e planos para ordenação dos trabalhos de recuperação de obras de arte”. Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Centro de Restauração de Bens Culturais da SPHAN, Módulo 68, caixa 58, pasta 48.

²³⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2.

em missão da UNESCO com o objetivo inspecionar o Setor de Recuperação de Obras de Arte da DPHAN e de visitar a cidade de Ouro Preto a fim de propor medidas para a conservação do conjunto urbanístico setecentista. Nessa ocasião, ele anuncia a concessão de uma bolsa de estudos patrocinada pelo governo belga, para que um brasileiro cumprisse um ano de estágio naquele instituto²⁴⁰. Carlos Drummond de Andrade escreve no jornal o “Correio da Manhã” o artigo “Imagens a preservar, a DPHAN”, no qual comenta, de forma resumida, alguns aspectos do relatório resultante da visita de Coremans, emitido pela UNESCO:

- 1- O serviço brasileiro de proteção ao patrimônio artístico e histórico, entidade mais antiga da sua categoria na América do Sul, é também, de longe, a mais bem estruturada.
- 2- Contando com uma **equipe muito restrita** de pioneiros ativos competentes, esse órgão apresenta duas falhas visíveis e perigosas: **escassez de pessoal técnico e penúria de recursos materiais**, que o obrigam a imobilizar-se, no tocante a obras, durante parte do ano até que verbas sejam liberadas. **“Prefiro não mencionar suas dotações, com receio de fazer crer que o Brasil não liga para o seu tesouro de arte” (...)**
- 5- O atual laboratório de restauração e conservação, dirigido pela competência de Edson Motta, merece ser promovido a laboratório científico de pesquisas, com aparelhagem de espectrografia de emissão e absorção, fotografia científica e assistência de um físico universitário. (...) ²⁴¹

Ao final do artigo, Drummond, em tom de denúncia, assim apregoa: “A fala de Coremans é dirigida à UNESCO. Mas eu gostaria que também as nossas autoridades a ouvissem”²⁴².

O relatório de Coremans é revelador ao apresentar o quadro de dificuldades e graves limitações orçamentárias então enfrentadas pela DPHAN e, ao mesmo tempo, é contundente ao se referir sobre a necessidade da constituição de uma equipe profissional e de infraestrutura técnica, imprescindíveis, portanto, para o desenvolvimento dos trabalhos de preservação. Técnica e ciência são palavras de ordem, com vistas a situar o Brasil em consonância como os progressos científicos então assinalados no cenário internacional da conservação e restauração de bens culturais.

Em 1965, ano posterior da sua visita ao Brasil, Coremans falece e, por ocasião da 7ª Conferência do Conselho Internacional dos Museus – ICOM, realizada nos Estados Unidos, é publicado *post-mortem* o texto *La formation des restaurateurs*. É possível citar trechos do

²⁴⁰ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Representante. Caixa 017/337, Pasta 72. Documento datado em 04/02/64.

²⁴¹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Centro de Conservação e Restauração. Caixa 7, Pasta 2, Recorte Jornal Correio da Manhã, 24/07/64. Grifos nossos.

²⁴² Ibid.

documento que ratificam as proposições de natureza técnico-científica as quais Coremans mencionara em sua visita ao Brasil:

(...) o tratamento de tais objetos é uma operação complexa que necessita um trabalho de equipe, e de uma equipe no centro da qual o restaurador tem o papel primordial (...) conhecimento racional de materiais e técnica antiga; conhecimento dos fatores de deterioração dos bens culturais, com ênfase especial para a atuação do clima sobre esses objetos; exame científico ou técnico dos materiais antigos e sua conservação e restauração²⁴³.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo Setor de Recuperação de Pintura, Escultura e Manuscritos da DPHAN, observa-se a prevalência de serviços de restauração nas categorias de pintura de cavalete, talhas e esculturas policromadas. Entretanto, há também registros que evidenciam a atuação do restaurador Edson Motta em trabalhos de conservação e restauração de acervos em suporte de papel, em razão da expressiva demanda de solicitação dos serviços técnicos oriundas de repartições do próprio governo federal como também de instituições de distintas regiões do país. Tal fato colabora com a interpretação de que a atuação do Setor constituía-se, no âmbito da conservação e restauração de papel, como núcleo de referência nacional. Como por exemplo: em 1962, o conservador Edson Motta emite telegrama ao Rodrigo Mello Franco de Andrade esclarecendo que os meses de abril e maio são os mais propícios para a imunização do arquivo documental de Tiradentes e São João Del Rei²⁴⁴. Em 1963, o Setor de Restauração faz previsão para a restauração de 15 mapas provenientes do Ministério da Guerra. Em 1967, é realizada a restauração da Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, edição da Imprensa Régia, de 1812, para a Irmandade de Santa Cruz dos Militares. Por essa amostragem de trabalhos realizados, podemos identificar - mesmo na esfera da conservação e restauração de papel - a atribuição do valor histórico e de excepcionalidade às obras elegidas para a restauração, representativas que são do poder governamental, militar e eclesiástico.

Com a aposentadoria de Rodrigo Mello Franco de Andrade, em 1967, podemos demarcar duas décadas de funcionamento do Setor de Recuperação da DPHAN. Em relação ao referido período, podemos concluir que poucos avanços foram assinalados especificamente na área de conservação e restauração de papel, dada a prioridade estabelecida à política da “pedra e cal”. Tais atividades resumiam-se em ações de intervenções pontuais, curativas e

²⁴³ VELOSO, Bethânia Reis. *Proposta para o Curso de Graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis*/Bethânia Reis Velos [et al.]. Belo Horizonte: ABRACOR, 2000. p.12 e 13.

²⁴⁴ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Representante Edson Motta, Caixa 362, Pasta 188. Telegrama de 19/03/1962.

eram desenvolvidas juntamente com outras diferentes categorias de bens culturais, não havendo, portanto, uma dedicação específica para a especialidade de papel. Não se observa um laboratório específico para a conservação e restauração de papel dotado, portanto, da infra-estrutura técnica necessária aos procedimentos de trabalho. Nesse período a demanda de mão-de-obra especializada é suprida por meio da realização de cursos de curta duração e, ainda, com o cumprimento de estágios sem um programa metodológico *a priori* definido.

A pesquisa documental nos fundos administrativos do Arquivo Noronha Santos indicou a prevalência da execução de restaurações de pinturas de cavalete, esculturas policromadas e de igrejas representativas do barroco brasileiro. Nesse momento, verifica-se também que as atividades de conservação e restauração de papel vinculavam-se, de modo mais próximo, às obras de arte como as gravuras, desenhos ou documentos gráficos emblemáticos, do que propriamente aos acervos documentais e bibliográficos. Por consequência, concluímos que, no período em que se convencionou denominar “fase heróica”, a conservação e a restauração de papel não configuravam como linha prioritária nas ações do órgão oficial brasileiro, muito embora tais bens culturais se encontrem contemplados no Decreto-lei nº. 25 de 1937. A conservação-restauração de papel é realizada, de modo muito restrito, em meio às outras atividades consideradas preponderantes como a conservação e restauração de igrejas, pinturas de cavalete, talhas e esculturas policromadas.

Na análise de bens tombados realizados neste período também encontramos o predomínio do patrimônio edificado em relação aos acervos bibliográficos e documentais. “Foram tombados, até o final de 1969, 803 bens, sendo 368 de arquitetura religiosa, 289 de arquitetura civil, 43 de arquitetura militar, 46 conjuntos, 36 bens imóveis, seis bens arqueológicos e quinze bens naturais”²⁴⁵. Numa detalhada análise sobre os processos de tombamento de bibliotecas pelo Iphan, Eduardo Ismael Murguia e Sílvia Nathaly Yassuda concluíram que

houve uma intensa desvalorização do bem cultural “acervo bibliográfico” no tombamento das bibliotecas analisadas. Em nenhum processo foi citado o termo “acervo bibliográfico” como bem passível de ser preservado pela Legislação de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico em nível federal. Em nenhum momento cogitou-se a preservação desse bem mesmo em nossa Biblioteca Nacional, guardiã de toda a produção bibliográfica do nosso país, houve a intenção de se tomar as obras raras que fazem parte de seu acervo. Assim, prevalece ainda o critério do edifício tombado e o esquecimento da coleção (...) ²⁴⁶.

²⁴⁵ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit., p. 113.

²⁴⁶ MURGUIA, Eduardo Ismael & YASSUDA, Sílvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para o tombamento de bibliotecas pelo Iphan. In: Perspectivas em Ciência da Informação. Disponível em

Nesse contexto, afirmou Miceli:

No que concerne aos segmentos da cultura material selecionados, firmou-se uma opção inequívoca pelos bens culturais de “pedra e cal” em detrimento de outras modalidades de acervo, a começar pelos materiais impressos passíveis de serem processados em bibliotecas e arquivos²⁴⁷.

Com relação às dificuldades encontradas no campo da preservação de acervos em papel, em fins da década de 1960, o escritor e jornalista Franklin de Oliveira, em seu estudo sobre a “Desintegração do acervo cultural brasileiro”, apresentou, sob forma de denúncia e protesto, um panorama caótico das instituições públicas detentoras de acervos evidenciando-se, de fato, a falta de planejamento administrativo:

Não há, atualmente, no país uma única repartição cultural que não esteja sob ameaça de colapso. Na Biblioteca Nacional, que possui um acervo de um milhão e 500 mil volumes e folhetos, 600 mil manuscritos, 250 mil peças (estampas, mapas, ilustrações) e cerca de 300 mil volumes de jornais e revistas, perto de 50 mil livros raros, entre os quais um exemplar da primeira Bíblia impressa no mundo, estão sob risco de destruição a qualquer momento, apesar dos ingentes esforços de seu diretor, escritor Adonias Filho, para conjurar a catástrofe. (...) Todo esse espólio o Brasil poderá vir a perdê-lo, de uma hora para outra. A perspectiva dessa gigantesca tragédia cultural já foi inclusive objeto de denúncia da Revista da Universidade da Califórnia. Constituída uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar as causas da dramática situação, informou em seu relatório: “A CPI pode observar o fato alarmante de que todas as obras ali guardadas estão sob ameaça de destruição a qualquer momento, quer pelo fogo, quer pela ação de insetos bibliófagos, por efeito da umidade, ou, até mesmo, pela ação da água, infiltrada das chuvas ou vazada dos encanamentos.

É preciso, porém, reconhecer que esta situação calamitosa não é privilégio da Biblioteca Nacional. O Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional (Quinta da Boa Vista), o Arquivo Nacional, o Museu Histórico da República, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Instituto Nacional do Livro, a Casa de Rui Barbosa, o Museu Nacional de Belas-Artes, os diversos museus existentes em território nacional, em síntese, todas as repartições culturais brasileiras encontram-se sob a ameaça de decomposição²⁴⁸.

A Constituição Brasileira de 1967 em seu Art. 180 destaca que o amparo à cultura é dever do Estado. “Ficam sob a proteção especial do poder público os *documentos*, as obras de

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000300006&1...> Acesso em: 20/1/2008. p. 19.

²⁴⁷ MICELI, Sérgio. op. cit., p. 44.

²⁴⁸ OLIVEIRA, Franklin de. *Morte da memória nacional*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991. p. 41-42.

arte e os locais de valor histórico ou artístico, os monumentos e as paisagens naturais, bem como as jazidas arqueológicas”. Posteriormente, em 09 de junho de 1968, é promulgada a Lei no. 5.471 a qual dispõe sobre a proibição da exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros, constituídos por obras brasileiras ou sobre o Brasil editadas nos séculos XVI a XIX, bem como quaisquer originais e cópias antigas de partituras musicais com mais de dez anos de publicação. Desse modo, observamos a valorização do papel, enquanto categoria tipológica dos bens culturais móveis, obtendo-se avanços no que se refere aos aspectos jurídicos da preservação do patrimônio cultural.

2.2.2 A administração de Renato Soeiro (1967-1979)

No ano de 1967, o arquiteto Renato Soeiro, funcionário do órgão desde 1938, assume a direção da DPHAN, por indicação de Rodrigo Melo Franco de Andrade. A gestão de Renato Soeiro, compreendida entre 1967 a 1979, corresponde ao período da ditadura militar no país. A nomeação de um arquiteto para a substituição de Rodrigo Melo Franco de Andrade é, então, considerada ideal, visto que o contexto de atuação do SPHAN preconizava o patrimônio arquitetônico. Quando da sua ascensão à presidência do órgão, Rodrigo Melo Franco de Andrade assim se referiu ao seu sucessor:

A nomeação do arquiteto Renato Soeiro honrou o governo que o procedeu. Honrou-o porque recai num homem que alia a extrema distinção à integridade perfeita; o talento, a sensibilidade e a capacidade profissional a coragem cívica sem alardes e a energia temperada pela serenidade, à paciência e à circunspeção; aptidões excepcionais de administrador e virtudes pessoais singulares; uma folha de serviços memoráveis prestados à causa da defesa e valorização dos bens culturais de nosso país à mais admirável discrição e à modéstia mais genuína²⁴⁹.

No entanto, conforme observou Fonseca, “embora fosse considerado o legítimo sucessor do fundador do SPHAN, não gozou, como ele, do mesmo prestígio, não teve o mesmo trânsito junto a autoridades e personalidades nem foi ungido com a mesma aura”²⁵⁰. Na gestão de Soeiro, o conceito de monumento começa a se ampliar com a inserção da questão da ambiência dos bens tombados e com o tombamento dos conjuntos históricos.

²⁴⁹ IPHAN – *Homenagem do Conselho Consultivo do IPHAN a Renato Soeiro*, p. 1. Disponível em: <<http://iphan.gov.br>>. Acesso em: 01/06/2006.

²⁵⁰ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit., p. 141.

Dentre as ações do início da gestão de Renato Soeiro, destaca-se a elaboração de um projeto encaminhado à Comissão de Educação da Organização dos Estados Americanos – OEA, relativo à criação de um Laboratório-Atelier a ser localizado no Brasil com “o fim especial de atender os estudantes oriundos dos países situados na região sul da América, bem como os trabalhos de conservação a serem realizados no país”²⁵¹. Dentre os objetivos do projeto destaca-se:

(...) assegurar, de maneira adequada, a proteção e valorização dos bens culturais, integrantes do patrimônio histórico, artístico e arqueológico universal, localizados em território latino-americano²⁵².

Vale ressaltar que esse projeto previa a incorporação de várias categorias de bens culturais móveis e com relação à conservação e restauração de papel é interessante observar que o projeto tinha como propósito o ensino dos seguintes itens: “I) Gravuras, J) Livros e L) Documentos”. Nota-se ainda na listagem de equipamentos indispensáveis à instalação do Laboratório-Atelier, o pedido de um Laminador “Barrow”²⁵³, o que reflete, de fato, a adoção de uma linha americana de restauração de papel. Tal equipamento²⁵⁴, então utilizado nos Estados Unidos, foi criado por William James Barrow, restaurador especialista em papel e diretor do W. J. Barrow Research Laboratory, situado em Richmond, Estado da Virginia. No entanto, não foram encontradas referências sobre a efetivação da implementação desse projeto na documentação do IPHAN, o que denota dificuldades de ordem administrativas e a falta de investimentos na área²⁵⁵.

²⁵¹ Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Série: Centro de Restauração de Bens Culturais – SPHAN, Caixa 58, Pasta 48, Documento de 05/02/1968.

²⁵² Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Série: Centro de Restauração de Bens Culturais – SPHAN, Pasta 48. Documento: Ofício Circular no. 102/67/SG/GB.

²⁵³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Centro de Restauração de Bens Culturais – SPHAN, Caixa 58, Pasta 48, Documento de 05/02/1968.

²⁵⁴ Cf. Lindaura Alban Corujeira explica o funcionamento da Laminadora Barrow: “Lamina por calor, por meio de 2 platinas, e se aplica pressão ao “sandwich” do documento, passando-o através de rolos; logo se esfria pelo ar. O tempo do calor varia desde 20 a 40 segundos, a uma temperatura de cerca de 171,5 graus Celsius (340 graus F). Nesta máquina deve-se aplicar mais calor para conseguir uma melhor soldagem do acetato ao papel. CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit., p. 68.

²⁵⁵ Cf. Nos anais da Biblioteca Nacional, V. 71, pg. 1-4, publicado em 1951, encontram-se referências sobre a aquisição pioneira de um exemplar da máquina Laminadora. Josué Montelo, então diretor da Biblioteca Nacional, assim comentou: “A conservação de nossa riquíssima documentação manuscrita, seriamente ameaçada pelo tempo, encontrou sua solução adequada no processo de laminação Barrow, que a Biblioteca Nacional, por nossa iniciativa, acaba de adotar. Devemos acentuar que esse processo constituindo a última palavra na técnica da preservação de documentos foi empregado pela primeira vez na América do Sul, por esta repartição (...) A máquina Barrow, convenientemente instalada, representa assim uma bela aquisição para a repartição.” Apud. BERNWANGER, Kátia Inês e CHRISTO, Tatiana R.. Restauração de incunábulo, reversão de laminação Barrow. In: Boletim Informativo da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais. Março/Abril/Maio de 2001, p.11.

O Setor de Conservação e Restauração continua a atender às solicitações de prestação de serviços como por exemplo, em 1968, a restauração da Planta nº. 380, da cidade do Rio de Janeiro, datada de meados do séc. XVIII, pertencente ao Patrimônio do Exército²⁵⁶.

Por meio do Decreto-Lei no. 66.967 de 1970, a DPHAN é transformada em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e uma nova política de trabalho direciona-se para o tombamento de conjuntos urbanos. No contexto de descentralização das ações de proteção do patrimônio nacional, o Governo Federal apela a cada Estado vinculado à universidade local e às municipalidades para que exerçam uma ação conjunta com o IPHAN na proteção dos monumentos de interesse regional ou local.

Ainda em 1970, é assinado o “Compromisso de Brasília”, o primeiro documento nacional de proteção do patrimônio cultural. Este documento foi resultante do 1º. Encontro de Governadores de Estado, secretários estaduais da área cultural, prefeitos e municípios interessados, presidentes e representantes de instituições culturais, com o objetivo do estudo da complementação de medidas necessárias à defesa do patrimônio histórico e artístico nacional. São dignos de nota os artigos do documento relativos à preservação dos acervos em papel na medida em que enfatizam a defesa e a conservação do patrimônio arquivístico e bibliográfico, o que indica, de fato, um ganho conceitual no contexto preservacionista em relação aos preceitos de valoração estabelecidos no Decreto-Lei nº 25.:

10. Caberá às universidades o entrosamento com bibliotecas e arquivos nacionais, estaduais, municipais, bem assim os arquivos eclesiásticos e de instituições de alta cultura, no sentido de incentivar a pesquisa quanto à melhor elucidação do passado e à avaliação de inventários dos bens regionais cuja defesa se propugna;

11. Recomenda-se a defesa do acervo arquivístico, de modo a ser evitada a destruição de documentos, ou tendo por fim preservá-los convenientemente, para cujo efeito a colaboração do Arquivo Nacional com congêneres repartições estaduais e municipais;

13. Recomenda-se a conservação do acervo bibliográfico, observadas as normas técnicas oferecidas pelos órgãos federais especializados na defesa, instrumentação e valorização deste patrimônio²⁵⁷.

O “Compromisso de Salvador”, assinado em outubro de 1971, é o segundo documento nacional de proteção ao patrimônio cultural. Esse documento é resultante do II Encontro de Governadores para a preservação do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e natural do Brasil. Interessante observar a abrangência tipológica dos bens culturais nos quais estão

²⁵⁶ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série “Centro de Conservação e Restauração”, Caixa 7, Pasta 2.

²⁵⁷ CARTAS PATRIMONIAIS. Brasília: Iphan, 1995. p.137-141.

incluídos os documentos e livros. A menção que se faz em relação às dotações orçamentárias destinadas às bibliotecas e aos arquivos constitui-se num importante avanço de natureza político-administrativo, conforme se vê nos seguintes itens do referido documento:

9. Recomenda-se que os estados e municípios utilizem, na proteção dos bens culturais e de valor cultural, as percentagens do Fundo de Participação dos Estados e Municípios definidas pelo Tribunal de Contas da União.

10. Recomenda-se que se pleiteie do Tribunal de Contas da União sejam extensivas aos museus, bibliotecas e arquivos, com acervos de importância comprovada, as percentagens a que alude a recomendação anterior²⁵⁸.

Maria Cecília Londres Fonseca apontou que os encontros dos governadores realizados em 1970 e 1971 foram sugestão de Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação e Cultura. Passarinho considerava que a responsabilidade pela preservação do patrimônio nacional deveria ser partilhada entre os governadores estaduais, os quais poderiam beneficiar-se dessa atividade²⁵⁹. Contudo, Carlos A. C. Lemos observou que as recomendações do Compromisso de Brasília “praticamente ficaram no papel, principalmente naquilo que tange aos ensinamentos que devem participar dos currículos mínimos aos níveis primário e secundário”²⁶⁰.

Ao longo da gestão de Renato Soeiro, podem-se constatar, na documentação administrativa, variações na nomenclatura do Setor de Conservação e Restauração. Em 1972, há registros do “Setor de Conservação e Restauração de Pinturas, Esculturas, Manuscritos e Impressos do IPHAN”. Em 1973, dá-se o nome de “Setor de Conservação e Restauração de Pinturas, Esculturas, Manuscritos e Códices do IPHAN”²⁶¹. Tais nomenclaturas indicam a supressão da terminologia “Recuperação” então adotada na denominação do Setor pela DPHAN, em 1966. Portanto, a adoção dos termos “conservação e restauração” é indicadora de avanços conceituais no que diz respeito à ação preservacionista pois denotam que as ações de conservação e restauração de papel configuravam-se dentre as atividades do órgão oficial, compreendendo, assim, a abrangente variedade tipológica de obras em suporte de papel, ou seja, gravuras, manuscritos, livros, códices e impressos.

Em 1972, o conservador Edson Motta apresenta ao Diretor Renato Soeiro o “Programa Inicial da Reforma do Setor de Conservação e Restauração de Obras de Arte do IPHAN”, no

²⁵⁸ Id., p.143-146.

²⁵⁹ FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005. p.142.

²⁶⁰ LEMOS, Carlos A.C.. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 109.

²⁶¹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Módulo 36, Caixa 36, Pasta 2.

qual são apontadas melhorias para o Setor²⁶². Conforme se verifica no estudo, é feita a seguinte proposição da distribuição das seções: “1- Laboratório, 2- Seção de Restauração de Papéis, 3- Seção de Restauração de Pinturas e Talhas, 4- Serviços Administrativos e 5- Instalação do gabinete de fotografias técnicas”²⁶³. Desse modo, nota-se o objetivo de proporcionar melhorias para a “Seção de restauração de papel”, respeitando-se aspectos de especificidade técnica. Consta da planta-baixa anexa ao referido estudo um local específico destinado ao tratamento de papéis, fato este que colabora com o *status* de uma seção distinta. Na listagem geral dos equipamentos do referido Programa de Reforma está incluída a aquisição de equipamentos técnicos específicos para conservação e restauração de papel tais como: “1 prensa copiadora; 12 lâminas de vidro plano, dimensões m 0,800 X 0,800 X 0,0005; seis pinças de tamanhos diferentes; uma estante portátil para secagem de papéis; seis tesouras de tamanhos diversos, 1 guilhotina”²⁶⁴. Tal listagem é reveladora das dificuldades orçamentárias e administrativas que implicavam nas limitações de atuação do Setor, considerando que evidenciam um diminuto arsenal técnico capaz de dar conta de um Setor que se dizia de abrangência nacional e que objetivava tratar diferentes bens culturais em papel tais como: manuscritos, impressos e códices.

A partir de 1978, encontramos documentos administrativos nos quais a restauradora Maria Luiza Guimarães Salgado assina como Diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN. Maria Luiza Guimarães Salgado foi aluna de Edson Motta na Escola de Belas Artes da UFRJ e inicia, em meados dos anos 60, sua formação como estagiária no Setor de Conservação e Restauração do DPHAN. Posteriormente, torna-se assistente do referido Setor, dedicando-se, principalmente, à restauração de papel.

Observa-se, nesse momento, a mudança de nomenclatura desta repartição pública - até então denominada “Setor de Conservação e Restauração de Pintura, Escultura, Talha, Manuscritos e Códices” - para “Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais”. Tal mudança coaduna as influências do ideário de Aloísio Magalhães, ocasião em que ele substitui a noção de valor de “patrimônio histórico e artístico” por “bem cultural”. Por conseguinte, depreende-se que a política de conservação e restauração não estaria voltada apenas para objetos de relevância histórica e artística, ao contrário, deveria abranger a extensa variedade tipológica de bens culturais, dentre as quais se incluíam os acervos documentais e

²⁶² Situado na Rua da Imprensa, 16 – sobreloja, Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro – RJ.

²⁶³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Restauração de Bens Culturais do SPHAN (II), Módulo 68, Prateleira 5, Caixa 58, Pasta 51.

²⁶⁴ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Restauração de Bens Culturais do SPHAN (II), Módulo 68, Prateleira 5, Caixa 58, Pasta 51, Documento datado em 18/01/1972.

bibliográficos. Encontramos nos papéis administrativos do IPHAN a justificativa para a adoção desta nomenclatura com a seguinte afirmação: “Centro de Conservação – É ainda o termo mais adequado para definir as funções da unidade de trabalho que promove a preservação da herança cultural de uma comunidade”. Desse modo, é apresentado um estudo para que os laboratórios sejam classificados em três níveis: “a) Oficinas de Conservação e Restauração; b) Laboratórios Técnicos de Conservação e Restauração e c) Laboratório.” O documento administrativo evidencia aspectos da metodologia científica de trabalho, o que denota ser um pensamento a ser defendido naquele momento:

Devemos levar em conta que o apoio da informação científica deve ser a base do trabalho de conservação e restauração. Isto não exclui a importância enorme que a habilidade e a experiência adquiridos pelo técnico representam para a realização desta tarefa. Cientistas e técnicos de laboratório devem trabalhar de comum acordo para chegarem a um resultado compensador²⁶⁵.

É nessa perspectiva de renovação do Setor que, em novembro de 1978, Maria Luiza Guimarães Salgado apresenta ao Núcleo de Recursos Humanos do Departamento de Assuntos Culturais – DAC, um estudo sobre a definição de atribuição de Técnico de Assunto Cultural – Área Restauração. Há nesse estudo uma descrição detalhada sobre o perfil do restaurador de papel no qual verificamos o empenho da autora em justificar a importância da atividade laboral e, conseqüentemente, a reivindicação do *status* e do reconhecimento profissional no contexto do serviço público:

Os técnicos que se ocupam da restauração de papéis recebem um tipo de formação muito específica, na qual habilidade manual é fator absoluto para a execução de sua tarefa, sem falar na vocação inata. A obturação de falhas numa gravura e eventuais compensações é um trabalho que exige grande sensibilidade, agudo senso crítico e destreza manual. (...)

As pesquisas científicas efetuadas na área de papéis estão ligadas de um modo geral ao laboratório científico. Nele, serão investigados vários fenômenos que atuam sobre a permanência do suporte (...)²⁶⁶.

Como vemos, embora a autora saliente a importância das pesquisas científicas e do laboratório científico na área de papéis, ainda se verifica o perfil do profissional ancorado em aptidões de natureza artística como: “habilidade manual”, “destreza manual”, “sensibilidade” e “agudo senso crítico”. Tais qualidades evidenciam o perfil profissional da década de 1970,

²⁶⁵ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2.

²⁶⁶ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2. Ofício no. 43/78, p. 5

focado em atividades curativas e intervencionistas. Desta forma, depreende-se a preponderância do perfil artístico sobre o perfil científico, no qual os conhecimentos de química e biologia ainda não se encontravam sedimentados na disciplina da conservação-restauração de papel.

No que concerne à formação profissional, Maria Luiza Guimarães Salgado elabora o estudo “Laboratório-Escola para restauração de Papéis”, no qual apresenta a justificativa para a instalação do mesmo. Primeiramente, Maria Luiza Guimarães Salgado ressalta o volume quantitativo de acervos em papel localizados no território brasileiro, focalizando a problemática de conservação num país de clima tropical. Em seguida, a autora destaca a especificidade técnica das atividades de restauração de papel: “Um laboratório de restauração de papéis exige instalação independente em termos de espaço, pois os processos adotados são diversificados e, a princípio, não poder funcionar em conjunto com outros tipos de trabalho de restauração(sic).” Por fim, a autora dá ênfase à metodologia científica de trabalho que requer aparelhagem técnica específica:

Estes tratamentos especiais são precedidos de exames e fotografias com luzes adequadas. Os exames de uma peça de papel são meticulosos e exigem lupas binoculares, ou microscópios, determinação de pH, verificação da resistência das fibras à dobra, chegando, algumas vezes, a exames sob radiação ultra-violeta, infra-vermelho e outras, o que é feito em laboratórios²⁶⁷.

As proposições defendidas por Maria Luiza Guimarães Salgado, no âmbito do SPHAN, também refletem o ideário científico defendido, naquele momento, pela comunidade internacional de preservação do patrimônio cultural. Em 1978, Agnes Ballestrem elabora o texto “El conservador-restaurador: una definición de la profesión”, que foi discutido pelo comitê de normas e formação do ICOM. Dentre os objetivos, princípios e necessidades fundamentais à profissão de conservador-restaurador, esse documento estabelece:

(...) a formação deverá compreender o desenvolvimento da sensibilidade e da habilidade manual, a aquisição de conhecimento teórico sobre os materiais e as técnicas, assim como um conhecimento fundamental da metodologia científica, para desenvolver a capacidade de resolver os problemas de conservação mediante uma abordagem sistemática, a partir de investigações precisas e com uma interpretação crítica dos resultados. (...) Em todas as etapas do período de formação deve-se dar ênfase à prática,

²⁶⁷ Id.

sem perder de vista a necessidade de desenvolver ou ampliar a compreensão dos fatores técnicos, científicos, históricos e estéticos²⁶⁸.

Vinculado à Secretaria de Assuntos Culturais, o propósito do Laboratório-Escola também era o de dar atendimento a bibliotecas e arquivos.²⁶⁹ Nesse estudo, observamos que a tônica da justificativa reside na preocupação da adoção de uma postura cientificista de trabalho, em contraposição aos métodos puramente artesanais adotados no passado. Não foi verificado, nos fundos documentais do Arquivo Noronha Santos – IPHAN, registro sobre a efetivação do projeto Laboratório-Escola. Percebe-se que as dificuldades de ordem orçamentária sempre foram constantes. Nesse sentido, comentou Maria Luiza Guimarães Salgado “já sabíamos que a gente ia ganhar pouco, que ia lutar muito, que ia ter uma guerra permanente para obter verbas para fazer as coisas. Era puro idealismo... Realmente era meia dúzia de Quixotes!”²⁷⁰.

Ainda no campo da formação profissional, Maria Luiza Guimarães Salgado elabora a sugestão de um programa para formação de Técnico de Assuntos Culturais, área de Restauração, Nível Médio, detalhando o conteúdo programático a ser ministrado na área da conservação e restauração de papel. Em 1977, Salgado ministra cursos de restauração de documentos para quatro funcionários do Arquivo Público²⁷¹. O Centro de Conservação e Restauração continua a oferecer estágios de conservação e restauração de papel para funcionários de instituições públicas detentoras de acervos. Maria Luiza Guimarães Salgado tem atuação pioneira como docente ao ministrar conteúdos da conservação e restauração nos primeiros cursos de pós-graduação ministrados no país²⁷². Em 1978, é realizado o 1º Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – *lato sensu*, na Universidade Federal de Minas Gerais. Maria Luiza Guimarães Salgado atende ao convite da Professora Beatriz Vasconcellos Coelho, então coordenadora do referido curso, e ministra a disciplina “Conservação e Restauração de Papel”. Tal fato é digno de nota, pois, pela primeira vez, no âmbito nacional, tópicos da conservação e restauração de papel são ministrados em nível de pós-graduação. Em 1979, quando da realização do 2º Curso, Salgado ministra a disciplina “Conservação e Restauração de Papel/Teoria e Prática”²⁷³. Ainda em 1979 Salgado

²⁶⁸ VELOSO, Bethânia Reis. op. cit., p. 13.

²⁶⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2.

²⁷⁰ Depoimento de Maria Luiza Guimarães Salgado.

²⁷¹ Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Pasta 50, *Lux Jornal Fluminense*.

²⁷² Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Pasta 50, Of. No.1084.

²⁷³ VELOSO, Bethânia Reis. *A formação do conservador-restaurador na Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Belas Artes, 1998. (Dissertação de Mestrado em Artes) p. 84.

ministra a disciplina “Conservação e Restauração de Papéis” no Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, perfazendo a carga horária 60 horas/aula²⁷⁴.

Em 1979, encerra-se a administração de Renato Soeiro como presidente do IPHAN. Soeiro trabalhou 41 anos no IPHAN, dos quais 21 como chefe de Divisão de Conservação e Restauo e os 12 últimos como seu Presidente. A respeito da demissão de Soeiro pelo então Ministro da Educação, o Conselheiro do IPHAN, Paulo Ormino de Azevedo, destaca que “coube a Carlos Drummond, afrontando a ditadura, fazer o desagravo da grotesca exoneração de Soeiro ao publicar a única homenagem a esse trabalhador incansável do Patrimônio, sob o título *A recompensa de Soeiro*”:

Modesto até o silêncio, dedicado até o limite da resistência física, sereno e compreensivo, Soeiro identificou-se com o que Clarival do Prado Valadares chamou de escola de filosofia do IPHAN, uma escolha de conceituação dos bens culturais inseridos no processo dinâmico da vida nacional, como fator de dignificação do homem, a alegria de ter bem cumprido a missão sem embargo daquilo que não pode fazer, por deficiências insanáveis do aparelho administrativo brasileiro, há de pousar na casa de Renato Soeiro como recompensa melhor, senão única, do seu trabalho²⁷⁵.

As ações do IPHAN, durante a gestão de Soeiro, ainda se mostraram voltadas à primazia da política de preservação monumental, inventários e tombamento de elementos arquitetônicos caracterizados por suas características excepcionais. Na palestra “O Patrimônio Histórico e Preservação do Acervo Cultural Brasileiro”, proferida por Soeiro, em 06 de maio de 1978, por ocasião da comemorações 40º. aniversário de criação do IPHAN, observamos na narrativa que a tônica do discurso reside no patrimônio edificado, no Programa Integrado de recuperação das cidades históricas²⁷⁶ e, por conseqüência, não se verifica qualquer alusão à preservação de acervos em suporte de papel. Apesar da ação do órgão caracterizar-se por uma prática delimitadora e elitista, verificamos, ao longo da referida gestão, algumas atuações pontuais da então diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN – em relação aos acervos em papel. Nesse sentido, vemos que as linhas preservacionistas dirigiram-se para questões de natureza conceitual como: a definição do perfil do conservador–restaurador de papel e sua respectiva atuação; a premente necessidade

²⁷⁴ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Caixa 7, Pasta 3, Of. No. 48/78

²⁷⁵ IPHAN – Homenagem do Conselho Consultivo do IPHAN a Renato Soeiro. Disponível em: <<http://iphan.gov.br/>>. Acesso: 01/06/06.

²⁷⁶ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Arquivo Técnico Administrativo, Caixa 425/132, Pasta 36/03.

de infra-estrutura técnica para garantir a qualidade operacional dos serviços técnicos; a elaboração do pioneiro projeto de laboratório-escola especializado em papel e, por fim, a discussão de uma grade curricular para cursos de conservação e restauração.

2.2.3) A Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN e a inauguração da “fase moderna”

Em 1979, Aloisio Magalhães é nomeado diretor do IPHAN, momento em que há a fusão do IPHAN/Programa de Cidades Históricas – PCH/Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, dando origem à Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Também é criada a Fundação Nacional Pró-Memória²⁷⁷ que passa a atuar como um órgão executivo do SPHAN. Inaugura-se, assim, a “fase moderna” do órgão oficial de preservação do patrimônio brasileiro.

Seja como intelectual, artista ou profissional bem sucedido no campo do *design* gráfico²⁷⁸, Aloísio Magalhães é celebrado como figura carismática e renovadora na esfera pública. Conforme ressaltou Maria Cecília Londres Fonseca, “vivia-se nos anos 70 uma invejável situação de exceção no emperrado universo do serviço público brasileiro, em que o trabalho tinha um sabor de ato inaugural, orientado com habilidade e alegria pela personalidade ímpar de Aloísio²⁷⁹”. Joaquim Falcão, ao dissertar sobre as ações políticas culturais desenvolvidas por Aloísio Magalhães, também destacou a euforia característica desse período: “Ora, desde 1937 o país não assistia, no governo federal, a inovação conceitual, reformulação administrativa, acréscimo orçamentário e implementação de projetos como o que se verificou na gestão de Aloísio Magalhães (1979-1982)”²⁸⁰.

Segundo Magalhães, surge uma nova tentativa com a criação da Fundação Nacional Pró-Memória como um catalisador de recursos humanos e financeiros, descentralizando as ações do Instituto e viabilizando a interação entre organismos públicos, privados e regionais, tentando articular melhor a heterogeneidade da cultura brasileira. Nesse momento, as idéias de *bem cultural*, de *diversidade cultural*, de *continuidade* são valores destacados no campo da

²⁷⁷ Criada pela Lei no. 6757 de 26 de novembro de 1979

²⁷⁸ Dedicou-se intensamente à comunicação visual e manteve, a partir de 1960, no Rio de Janeiro, um dos maiores escritórios de artes visuais do país. Foi professor da Escola Superior de Desenho Industrial. Obteve vários prêmios nacionais e internacionais.

²⁷⁹ FONSECA, Maria Cecília Londres. op. cit., p. 220.

²⁸⁰ FALCÃO, Joaquim. A Política Cultural de Aloísio Magalhães. In: *E triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil/ Aloisio Magalhães*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [Brasília]: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p. 13.

preservação e “a noção de identidade cultural é referida a partir de uma perspectiva pluralista, pluralismo esse que se expressa na diversidade regional”.

Em relação às ações concernentes aos acervos em papel, verifica-se, de modo particularmente significativo, a presença do órgão governamental, representado por Aloisio Magalhães, então diretor da SPHAN, no 1º Encontro Brasileiro de Conservação e Restauração de Livros e Documentos, realizado em 30 de julho de 1979, no Museu Paulista. Nesse Encontro, Aloisio Magalhães, após três meses de sua posse no SPHAN, profere o discurso “A Preservação da Memória Nacional” e lembra o conceito abrangente de bem cultural, tal como propusera Mário de Andrade no anteprojeto da criação da SPHAN, em 1937. Magalhães lembra a ocupação prioritária da SPHAN dada aos bens culturais representativos da “pedra e cal” e nos chama a atenção para a necessidade de preservação do conjunto de bens culturais que integram o patrimônio brasileiro, fazendo menção, em particular, ao papel enquanto categoria tipológica de bem cultural:

Não se pode pensar no fato cultural a partir do presente e sua projeção futura. É necessário pensar integralmente: passado, presente e futuro misturados num tempo só. Unicamente a compreensão deste tempo e dos elementos nele contidos é que pode nos dar uma perspectiva de continuidade no processo histórico e da nossa cultura. Aí é que entra a especificidade desta reunião. Ou começamos a cuidar de nossos papéis, onde estão contidas informações, dados, e valores que traçam a trajetória evolutiva, ou vamos carecer dessas informações, fundamentais na explicitação do futuro. Entendido dessa maneira, talvez seja possível convencer a quem compete nos ajudar, da importância desse trabalho, dessa conscientização do bem cultural. E no caso específico do papel e do documento, o papel é o suporte de grande parte da nossa informação histórica. E se esse suporte não merecer um trato adequado, desaparece a informação que nele foi depositada em tempos passados. A interligação dessas áreas todas do conceito de bem cultural é óbvia e clara. E o ataque, portanto, deve ser conjugado na direção de que cada um de nós receba o pedaço que lhe compete para o bom desempenho das respectivas responsabilidades²⁸¹.

Destacamos, assim, a relevância do discurso oficial de Aloísio Magalhães na medida em que ele, de modo sintomático, valoriza o papel como tipologia de bem cultural a ser preservado, evidenciando-se, desta forma, significativos avanços conceituais na política patrimonial brasileira. Tal discurso é, portanto, representativo do inaugurar da “fase moderna” da SPHAN, pois, se, na “fase heróica” o órgão governamental define a hegemonia do patrimônio da “pedra e cal” é, então, na “fase moderna” que são colocadas as premissas em

²⁸¹ COORDENADORIA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE LIVROS E DOCUMENTOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – CORLIDOSP – São Paulo, 1980. Relatório de Atividades. p. 5. (Cópia xerográfica).

que acervos de papel adquirem valoração enquanto bens culturais a serem preservados. Eis aí a re-significação social do bem cultural e, portanto, a eleição por parte do poder governamental daquilo que é merecedor da preservação. Ao situar a trilogia clássica “passado, presente e futuro” na ação preservacionista, observamos no tom novo e moderno de Aloísio Magalhães um conceito dinâmico em que “a cultura é pensada com um processo de transformação histórica e não em termos de uma clássica exemplaridade do passado”²⁸². Assim, o cuidado com os papéis é sublinhado pois é no suporte físico desses bens culturais que se encontra ancorada uma significativa parcela da nossa memória, o arsenal de informações sobre o qual visitamos as categorias do passado, construímos as questões do tempo presente e pensamos acerca do futuro. Com vistas a evitar a perda física dos acervos em papel e, conseqüentemente, os valores informativos que lhe são inerentes, Aloísio Magalhães, contrário à uma ação monológica, conclama a cooperação interdisciplinar das diversas áreas do conhecimento e a participação dos distintos agentes sociais na construção preservacionista.

Nessa perspectiva, seria oportuno acrescentar outra narrativa oficial de Aloísio Magalhães onde também se constata a valoração da preservação dos bens culturais em suporte de papel:

Onde começa o documento? Onde se encontra? E para onde irá? No sentido de sua trajetória cultural, como dimensionar o valor de um documento escrito?

A minha visão não é especializada; é oriunda de uma outra área de percepção e está mais familiarizada com problemas de natureza visual, em que a apreciação dos fenômenos é feita de forma global, através da percepção do todo e não da percepção linear, que é a própria da linguagem verbal. Talvez seja uma vantagem a incursão de alguém com esse tipo de formação na área específica do documento, na área específica do bem cultural registrado em livro, papel ou outra espécie de suporte, para que possa sentir o todo, numa visão abrangente, e situar o problema no contexto da trajetória de uma cultura.

Penso que não podemos dissociar o problema do papel, suporte da informação histórica, dos outros componentes do que se poderia chamar de bens culturais de uma nação e, portanto, o seu acervo, a sua memória, num sentido mais amplo e abrangente. (...) ²⁸³.

²⁸² GONÇALVES, José Reginaldo Santos. op. cit., p. 53.

²⁸³ MAGALHÃES, Aloísio Sérgio. Patrimônio Cultural. In: Seminário de Fontes Primárias de História do Brasil, 2, 1979. *Anais...* Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, Rio de Janeiro, 14 a 19 de outubro de 1979, pp. 262-266.

Em entrevista concedida a Álvaro Rodrigues Pereira, Aloísio Magalhães faz uso da metáfora ao incluir os acervos em suporte de papel como “corpo humano” da memória nacional, enfatizando o caráter dinâmico proposto à questão cultural:

É preciso refletir um pouco sobre o conceito de memória nacional, que para mim está aí, guardada nos grandes depósitos de saber que são o Museu Nacional, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Público, os órgãos nacionais. A memória nacional está nos livros, no trabalho do Instituto do Patrimônio Histórico, enfim em todas as entidades que, ao longo do tempo, se ocupam do problema da trajetória histórica da nação. A memória nacional, portanto, não precisa ser procurada. O que precisa ser feito é a dinamização da memória nacional, é a mobilização dessas informações guardadas para que participem da vida nacional. E aí faço, de novo, o uso de uma imagem comparativa com o organismo humano. Quando se fala em memória num sentido figurado, quando se empresta a idéia de tomar a um fato qualquer, em geral há uma tendência a se tomar isso como “juntar” ou “guardar” alguma coisa, “reter”. E isso me parece insatisfatório, eu prefiro o conceito biológico de memória: guardar, reter, para em seguida mobilizar e devolver.²⁸⁴

No final da década de 70 e início dos anos 80, verifica-se a atuação do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN, em várias atividades relativas à conservação e restauração de papel. De diferentes regiões brasileiras chegam pedidos de assessoria técnica, de prestação de serviços, orientações sobre grade curricular de cursos de conservação e restauração de papel e convites para ministrar treinamento profissional. Em 1980, Professora Dagmar Souza Pessoa, Coordenadora do Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais da Universidade Federal da Bahia, faz convite ao Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais da SPHAN para Maria Luiza Guimarães Salgado ministrar aulas práticas de restauração de aquarelas, têmperas, desenhos e gravuras com duração de 80 horas/aula. Na impossibilidade de atender ao convite Maria Luiza Guimarães Salgado indica o nome do restaurador Luiz Carlos Serrano²⁸⁵. Ainda em 1978, o Governo do Estado de Goiás faz contato com o IPHAN no sentido do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais fornecer treinamento para técnicos atuarem na conservação e restauração do Arquivo do Gabinete Literário Goiano, fundado em 1864²⁸⁶.

Em 1980, Luiz Carlos Serrano, assessor do Departamento de Assuntos Culturais, apresenta relatório com vistas à implantação do Curso de Conservação e Restauração

²⁸⁴ MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil*. Aloísio Magalhães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; [Brasília]: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p.67

²⁸⁵ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 3, ofício no. 20/80.

²⁸⁶ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 72, Prateleira 03, Caixa 256, ofício 13/78.

integrando o Sistema Nacional de Arquivos, Micro Filmagem e Restauração de Papéis. Esse projeto propunha a realização de cursos de curta duração em estados das regiões norte e nordeste do país²⁸⁷.

Aloísio Magalhães falece em 1982, em Veneza, quando participava de reunião de Ministros da Cultura dos Países Latinos. Em seguida, Marcos Vinícios Vilaça toma posse como Secretário de Cultura. Segundo Lia Motta, embora se tenham demarcado avanços conceituais na política de patrimônio no Brasil a partir de 1979, poucas mudanças, de fato, realizaram-se. Houve um predomínio nesse período dos métodos de inventário e de atribuição de valor cultural aos bens a partir de critérios estilísticos.

Em 1984, é criado o Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica – Pró-Documento tendo como finalidade preservar, em todo território nacional, os acervos documentais privados de valor permanente. Por iniciativa da Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, através da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Fundação Nacional Pró-Memória, a criação do referido Programa marca a atuação do Estado brasileiro na defesa da documentação privada em âmbito nacional. Dentre os fins do Programa destaca-se:

Sua proposição deve-se à importância dos acervos documentais privados para a recuperação da memória e identidade nacionais e para a pesquisa e a cultura no País e também ao fato de grande parte dessa documentação encontrar-se em estado extremamente precário de conservação e inacessível aos pesquisadores e interessados²⁸⁸.

Com relação aos objetivos específicos estabelecidos no Pró-documento, ressaltamos aspectos ligados à conservação e restauração de papel como a assessoria técnica às atividades técnicas de melhoria das infra-estruturas de armazenagem e acondicionamento; a manutenção de atividades permanentes de desinfestação de documentos com a adoção de unidades móveis de fumigação no combate de microorganismos.

O Pró-documento iniciou suas atividades em 1986 tendo atuado de forma significativa, trabalhando com equipes interdisciplinares. Em 1987, realizou o 1º Seminário de Biodegradação de Bens Culturais – Papel e Madeira. Com relação às atividades desenvolvidas no referido Programa a conservadora-restauradora Lígia Guimarães assim comenta:

²⁸⁷ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2, Coordenadoria de Patrimônio Cultural.

²⁸⁸ PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO DA DOCUMENTATAÇÃO HISTÓRICA – Pró-documento. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. p. 3.

(...) conseguimos recursos financeiros do CNPq para montar a estrutura que seria um centro de excelência em todos os níveis: de conservação, de arquivística, de ambiente, de microbiologia, de entomologia. (...) a caixa de acondicionamento técnico foi definida a partir de parâmetros interdisciplinares, era uma caixa que se preocupava com a questão do desenvolvimento de fungos, com a questão da abertura e de manuseio, do *design* também. Nós desenvolvemos dentro do Pró-documento e até hoje tem a nossa patente.²⁸⁹

O Programa foi desmobilizado em 1988. Profissionais do referido Programa foram alocados em outras instituições. No que diz respeito ao término do Pró-documento, Lígia Guimarães assim lamenta:

(...) foi uma *perda*... um *reco*... enorme na nossa história da preservação do acervo documental no Brasil. Foi um recuo. Por que a gente tinha tudo para estar hoje liderando essa área no Brasil ... não só no Brasil... e fora... na América Latina, talvez... E, infelizmente, foi extinto por decisões políticas (...)²⁹⁰

Ainda em relação à curta duração do Pró-documento, Solange Zúñiga, em sua tese de doutoramento, avaliou:

Um olhar retrospectivo dirigido ao curto histórico do Programa, que fechou suas portas em 1988, mostra-nos que, ao fim de apenas 3 anos de atividade, e apesar de cerrada oposição por parte da diretoria do Arquivo Nacional, Celina Vargas, e de alguns profissionais ligados à preservação documental, o Pró-Documeto deu importantes passos. O incessante aumento de pedidos para a prestação de atendimento técnico, provenientes de inúmeros estados do país, mostrou claramente a necessidade de prestação deste tipo de serviço; algumas das ações que desenvolveu podem até hoje ser identificadas em instituições de preservação, sobretudo no Rio de Janeiro; e os profissionais que treinou nas atividades de preservação – apesar do pouco tempo – são igualmente encontrados nas mais importantes instituições dedicadas à preservação documental de nosso país, como o Arquivo Nacional e o IPHAN.

Até hoje, não se tem um diagnóstico preciso sobre os entraves de sua trajetória, Entretanto, as análises e julgamentos que dele possam ser feitas já têm, graças aos anos decorridos, condição de se revestir, ao menos, de “certa” isenção. É necessário deixar as paixões de lado na construção de documento crítico, capaz de impedir que os mesmos erros sejam cometidos e de ressaltar os acertos que possam servir de guias para próximas ações na área²⁹¹.

²⁸⁹ Depoimento de Lígia Guimarães, conservadora-restauradora do IPHAN, em 19/04/2006.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ ZÚÑIGA, Solange Sette Garcia de. *Documentos como objeto de políticas públicas em preservação e o acesso à informação: o caso das bibliotecas e arquivos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola de Comunicação, 2005 (Tese de doutorado em Ciência da Informação). p. 146.

Com a aposentadoria de Maria Luiza Guimarães Salgado, em 1986, tem-se início o desmantelamento do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN, até então por ela dirigido. Os equipamentos e mobiliários do referido Setor foram distribuídos por entre vários órgãos públicos.

Dessa forma, podemos demarcar o encerramento de um ciclo iniciado em 1945, por Edson Motta, ocasião em que foi implementado o “órgão oficial” de conservação e restauração de obras de arte, representativo da política estatal de preservação do patrimônio.

Ao realizarmos um balanço sobre as ações de conservação e restauração de papel, ao longo de um percurso de 41 anos, verificamos que o órgão oficial cumpriu uma trajetória voltada, notadamente, para o tratamento de obras de arte em suporte de papel e documentos gráficos de relevância histórica ou artística. Depreende-se, portanto, que dentre os critérios de valoração e das escolhas os acervos bibliográficos e documentais não foram objeto de preocupação preservacionista. Verifica-se, ainda, que as atividades de preservação revelaram uma linha de atuação voltada, mormente, para intervenções de restauração curativa, justificada, muitas vezes, pela demanda de obras deterioradas então destinadas ao IPHAN. Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 o Setor de Recuperação de Obras de Arte, então dirigido por Edson Motta, desenvolve uma linha de trabalho caracterizada por uma ação pontual e para a restauração curativa. Já em fins da década de 1970 e no decorrer da década de 1980, observamos, na gestão de Maria Luiza Guimarães Salgado, um discurso mais focado numa dimensão social mais abrangente no qual se inserem os projetos voltados para a criação de laboratórios técnicos, o laboratório-escola e os programas de formação profissional. Infelizmente, verifica-se que a maioria dos projetos elaborados na área de conservação e restauração de papel não foram efetivados.

O lamentável desmantelamento do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais pode ser explicado pela descontinuidade nas ações da esfera pública, pela carência de recursos humanos e pela inexistência de infra-estrutura técnica, o que reflete a falta de interesse com a qual a causa patrimonial é tratada no país.

Em 1990, o presidente Fernando Collor extingue o Ministério da Cultura, a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Fundação Nacional Pró-Memória e é criado o Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). Foi uma reforma executada de maneira abrupta, autoritária, e consta deste período o fechamento de vários museus, instituições culturais, ocorrendo, ainda, a demissão de profissionais especializados.

2.3) A atuação do Prof. Edson Motta no campo da conservação-restauração de papel

A atuação de Edson Motta como “o pioneiro da Restauração no Brasil” já é mencionada em estudos acadêmicos sobre a conservação-restauração de bens culturais no Brasil²⁹². Entretanto, os recentes trabalhos de pesquisa abordam, principalmente, a trajetória de Edson Motta no campo da pintura de cavalete, pintura mural, talhas e esculturas policromadas. Não obstante sua atuação tenha sido de maior abrangência justamente nestas áreas, as reflexões que se seguem pretendem analisar as ações desenvolvidas por Edson Motta no campo da especialidade em papel.

Edson Motta nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1910. Em sua cidade natal iniciou o estudo de pintura com o tio César Turatti. Em 1927, muda-se para o Rio de Janeiro e freqüenta, como aluno livre, a Escola Nacional de Belas Artes, estudando com Rodolfo Chambelland e Marques Júnior. Torna-se discípulo de Manuel Santiago e Bruno Lechowsky.

Em 1931, no mesmo ano do “Salão Revolucionário”, Edson Motta participa da criação do “Núcleo Bernardelli – Movimento Livre de Artes Plásticas” juntamente com os jovens artistas João Rescala, Bustamente Sá, Milton da Costa, Ado Malagoli, Joaquim Tenreiro e outros. O Núcleo Bernardelli surge como um movimento de jovens pintores, sem maiores recursos econômicos, comprometidos com a oposição ao modelo de ensino da Escola Nacional de Belas Artes, visto como rígido e conservador²⁹³. O nome do grupo é uma homenagem dos artistas aos antigos professores da Escola, Rodolfo Bernardelli (1852-1931) e Henrique Bernardelli (1856-1936) que muito haviam feito pela renovação das artes brasileiras. Os integrantes do grupo buscavam a democratização e a renovação no ensino de arte de tal modo a permitir o acesso dos artistas modernos ao Salão Nacional de Belas Artes e aos prêmios de viagens ao exterior, então dominados pelos artistas acadêmicos. O Núcleo Bernardelli funcionou como atelier livre nos porões da Escola de Belas Artes viu-se dela despejado em 1936. Extinto em 1941, o Núcleo Bernardelli representou uma ala moderada do modernismo dos anos de 1930, mais voltado, portanto, para a ocupação de um espaço institucional do que a reformulação da linguagem artística. Sintomático foi o destaque que seus dirigentes concederam aos problemas de técnica pictórica, a ponto de terem saído do Núcleo três dos mais conhecidos especialistas brasileiros em restauração e conservação de pinturas: Edson Motta, Malagoli e Rescala²⁹⁴.

²⁹² Cf. Capítulo III “Edson Motta: Le pionier de la restauration au Brasil”. SCHARF, Cláudia Philippi. *Le développement de la restauration au Brésil de 1937 a 1980: Les approches contradictoires de la politique culturelle par rapport à la protection du patrimoine*. Université du Québec à Montreal. 1997. (Dissertação de Mestrado) p. 49.

²⁹³ ZANINI, Walter. *História Geral das Artes no Brasil*. Instituto Moreira Sales: São Paulo, 1983. pp. 579-599.

²⁹⁴ ENCICLOPÉDIA Arte no Brasil. Editora Abril: p. 763.

Em 1939, Edson Motta ganha o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro pelo Salão Nacional de Belas Artes com a tela “Oferenda”. Em 1940, Motta viaja para Itália, Portugal e Espanha onde desenvolve estudos sobre técnicas de pintura. Ao retornar da Europa, instala-se em Juiz de Fora, entre 1942 e 1944, período em que se dedica à pintura e dá aulas na Sociedade de Belas Artes Antonio Parreiras. Em Juiz de Fora, participa da criação do Núcleo Antônio Parreiras²⁹⁵.

Em 08 de fevereiro de 1944, o jornal *Diário Mercantil* publicou um artigo, ressaltando a necessidade de conservação do acervo do Museu Mariano Procópio, então “considerado um dos mais raros museus de arte do Brasil”. Face à notória deterioração de peças do acervo, a matéria jornalística destaca Edson Motta como elemento que poderia vir a compor o quadro de pessoal da instituição. O nome de Edson Motta é lembrado na qualidade de um jovem pintor premiado capaz, portanto, de levar a cabo os serviços de conservação do referido acervo museológico. Como se pode perceber, naquele momento a delimitação das fronteiras entre o artista-pintor e a metodologia científica da conservação-restauração ainda eram muito incipientes ou, de fato, quase nulas. Diz o jornal:

Os poderes municipais, no empenho de manter intacto a dádiva feita por Alfredo Ferreira Lage a Juiz de Fora, deveriam providenciar o quanto antes os serviços de um técnico para a conservação daqueles trabalhos de arte, serviços que nenhum museu de arte de qualquer ponto do mundo jamais dispensou.

Poder-se-ia argumentar que Juiz de Fora não possui um técnico competente e à altura de desempenhar tais funções. Mas possui. O pintor conterrâneo Edson Motta, prêmio de viagem à Europa é um artista jovem de recursos técnicos admiráveis, sentir-se-ia à vontade no desempenho de tais funções. (...)

O aproveitamento dos serviços do jovem pintor seria ainda um modo elogiável de rete-lo em Juiz de Fora, onde sua presença tem sido acompanhada de um movimento artístico intenso e construtivo, que muito eleva Juiz de Fora.(sic)²⁹⁶.

Em 1944, Edson Motta é convidado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para ocupar o cargo de Conservador²⁹⁷ do SPHAN, organizando o Setor de Recuperação de Obras de Arte. Em 1945, a pedido de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Edson Motta obtém uma bolsa de

²⁹⁵ EDSON Motta – Pinturas. Rio de Janeiro. 1982. Não paginado. (Catálogo de exposição, 09 set. – 03 out. 1982, Museu Nacional de Belas Artes, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória).

²⁹⁶ Um patrimônio admirável que deve ser preservado: a necessidade de um técnico para a conservação das obras de arte do Museu “Mariano Procópio”. *Diário Mercantil*, 09 de fevereiro de 1944.

²⁹⁷ Edson Motta ocupava, como servidor público, o cargo de “Conservador do Patrimônio Histórico e Artístico”, na então Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico – Ministério da Educação e Cultura. Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série “Conservação e Restauração”, Caixa 7, Pasta 2, Documento datado em 25/06/65.

estudos pela Fundação Rockefeller a fim de realizar estágio no Fogg Art Museum²⁹⁸ da Universidade de Harvard²⁹⁹. Primeiramente, Edson Motta passa um período preparatório na Universidade da Pensilvânia onde, ao longo de seis meses, estuda ciência química e inglês e, em seguida, dirige-se ao Fogg Art Museum a fim de cumprir estágio em restauração de pinturas³⁰⁰. Neste museu, Edson Motta permanece até 1947 e estuda com professores renomados como: Richard Buck, restaurador especializado na estabilização de pinturas sobre madeira; Rutherford Gettes, químico; George Stout, restaurador especializado no estudo dos materiais; Morton Bradley, restaurador interessado pelas teorias da cor, tendo desenvolvido técnicas de reintegração baseadas nestas teorias. Edson Motta aproveita também para visitar vários museus nos Estados Unidos e América Latina³⁰¹.

Em 1947, Edson Motta retorna ao Brasil e inicia a organização do Setor de Recuperação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A partir de 1948, verificamos a atuação de Edson Motta no acervo da Biblioteca Nacional com serviços prestados na conservação de gravuras, desenhos e pesquisas de laboratório referente aos métodos de eliminação de fungos. No que diz respeito à problemática dos insetos bibliófagos, Edson Motta comenta, em correspondência ao Diretor da Biblioteca Nacional, sobre métodos de conservação que certamente tomara conhecimento em seu estágio na Universidade de Harvard. Diz o relatório:

Para suas obras raras a Widener Library, da Harvard University, construiu dessa forma uma pequena biblioteca. A Huntington Library, em S. Marino na Califórnia foi adaptada ao mesmo sistema; e os resultados têm sido considerados os mais satisfatórios³⁰².

Ainda em 1948, Edson Motta sistematiza as atividades de conservação e restauração de papel na Biblioteca Nacional. Recém-chegado dos Estados Unidos podemos verificar no relatório dirigido ao então Diretor da Biblioteca Nacional, Josué Montello, a preocupação do restaurador em implementar no Brasil o que, provavelmente, foi o primeiro laboratório de conservação e restauração especializado somente em papel, nos moldes ditos científicos, em

²⁹⁸ Aberto ao público em 1895, o Fogg Art Museum é o mais antigo museu da Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts. O “The Center for Conservation and Technical Studies” foi criado em 1928 por Edward W. Forbes, então diretor do Fogg Museum e é considerado o mais antigo centro de conservação, pesquisa e treinamento dos EUA.

²⁹⁹ EDSON Motta – Pinturas. op. cit..

³⁰⁰ Entrevista com Edson Motta Júnior, professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, em 24/05/2006.

³⁰¹ SCHARF, Cláudia Philippi. O Estabelecimento da Profissão de Conservador-Restaurador de Bens Móveis no Brasil de 1937 a 1980. In: *Boletim da ABRACOR*, Ano V, no. I, 1998. p.4.

³⁰² Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, Pasta 03, Envelope 05. Relatório: Estudo sobre a eliminação dos insetos inimigos dos livros, Rio de Janeiro, 31/05/1948.

contraposição, portanto, aos métodos empíricos anteriormente empregados. Assim, Edson Motta argumenta:

Devo antes de mais nada, salientar que, na primeira fase de nossos trabalhos, cuidamos da instalação do laboratório pois, até então, cousa (sic) alguma havia sido realizada ou adquirida no sentido de dotar a Biblioteca Nacional de departamentos capaz (sic) de oferecer tratamento, conservação e restauração de gravura, livros e papéis em geral. Havia, é verdade, empreitadas esporádicas ou contratos feitos (sic) com curiosos e aventureiros. Algumas dessas aventuras, especialmente no campo do tratamento de gravuras, trouxeram os mais graves riscos e perdas ao rico acervo da Biblioteca Nacional. Este serviço, agora, em pleno funcionamento tem despendido grande parte de seu tempo, removendo restaurações erradamente aplicadas. Há casos sem possibilidades de completa salvação, como, por exemplo, as inúmeras gravuras cujas margens foram cortadas, sistematicamente cortadas, reduzindo seu valor. Temos notícias também de perdas totais. A própria coleção de Alberto Dürer, por muitos anos atirada nos porões da Biblioteca Nacional, só recentemente foi classificada e ninguém pode com segurança afirmar quantos originais existiam por ocasião de seu legado³⁰³.

No que concerne à necessidade de aparato tecnicista, observamos que Edson Motta emprega a terminologia “laboratório” para o recinto onde desenvolverá os trabalhos de conservação e restauração, bem como ressalta a aquisição de equipamentos, de mobiliários específicos e a realização de instalações pertinentes - *conditio sine qua non* - na adoção de uma metodologia de trabalho científica:

A Biblioteca, sob direção de Vossa Senhoria, já equipou um pequeno laboratório para tratamento de papéis. Adquiriu materiais de caráter permanente e de uso. Conta hoje com um microscópio binocular completamente equipado, um tanque moderno, mesa de desenho, cubas para lavagem de papel, câmaras de gás para experiências de eliminação de anóbios, um fogão elétrico, uma balança de precisão, lupa binocular, termômetro e muitos outros instrumentos. A sala onde funciona o laboratório, guarnecida de armários para depósito de material químico, foi também organizada neste mesmo período.³⁰⁴

Em relação às obras tratadas, observamos a prioridade no tratamento de intervenção curativa em obras de arte em suporte de papel deterioradas como a coleção de gravuras de Alberto Dürer.

³⁰³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN. Série: Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, Pasta 03, Envelope 05. Relatório sobre as atividades do Laboratório da Biblioteca 1948-50, Rio de Janeiro, 06/11/1950.

³⁰⁴ Ibid.

(...) Relativamente a Seção de Iconografia o laboratório de conservação realizou, antes de mais nada, a restauração da coleção de gravuras de Alberto Dürer acima citada, composta de cento e cinquenta e sete peças. Os tipos de tratamento foram os mais diversos, sendo impossível descrevê-los neste simples relatório. Algumas peças estavam em desintegração pela perda do “médium” e todas escurecidas, manchadas pelo ataque violento dos fungos e parcialmente destruídos por anóbios e outros insetos. No primeiro caso, reativamos o aglutinante, no segundo, adicionamos novo “médium” aos pigmentos. Algumas peças foram lavadas, outras clareadas por gases. Os remendos antigos que nada mais eram que papéis colados sob toda gravura, foram removidos e as falhas recuperadas com fibras de linho. Todos foram desinfetados e imunizados contra fungus (sic), com gases de timol. Toda a coleção foi montada em “passe-partout”(sic) da melhor qualidade e, atualmente, acha-se em condições seguras e salvas para os amantes da arte e da cultura³⁰⁵.

Ainda em referência ao tratamento de obras de arte em suporte de papel, Edson Motta salienta a importância do tratamento efetivado em demais obras do acervo da Biblioteca Nacional: “Outra coleção já tratada é a de Marco Antonio Raymundo, artista italiano do século XVI, composta por de sessenta gravuras, cujo estado de conservação rivalizava-se com a primeira citada”³⁰⁶. É interessante observar no relatório de Edson Motta a ênfase dada ao tratamento de obras de arte em suporte de papel em comparação ao grande volume quantitativo de livros e documentos existente na Biblioteca Nacional e que certamente demandavam serviços de conservação e restauração. Nesse sentido, Edson Motta relatou: “Várias dezenas de gravuras e desenhos de diversos autores foram tratadas neste laboratório e, merecem cuidados especiais, duas centenas de documentos valiosos da seção de manuscritos”³⁰⁷.

Desse modo, podemos constatar um marco referencial na inserção da restauração de papel no Brasil voltado, notadamente, para a restauração de obras de arte em suporte de papel. Nessa época, Edson Motta utiliza como literatura de referência a publicação norte-americana “The treatment of pictures”, escrita por Morton Bradley Júnior, apropriando-se de uma metodologia de trabalho então vigente nos Estados Unidos³⁰⁸. É interessante observar que essa obra aborda o papel como modalidade da pintura, ou seja, o papel como suporte da criação artística, apresentando vários métodos e técnicas de restauração de papel.

Tomando-se como referência o laboratório implementado por Edson Motta na Biblioteca Nacional, podemos verificar no Brasil os reflexos do desenvolvimento do caráter

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ Ibid.

³⁰⁸ Depoimento de Edson Motta Júnior, professor da Escola de Belas Artes da UFRJ, em 24/05/2006.

científico da restauração demarcados após a Segunda Guerra Mundial³⁰⁹. Conforme Edson Motta Júnior, seu pai ao chegar nos EUA, em 1947, “achou tudo tão interessante, tão racional, tão acadêmico e científico que ele adotou aquilo com grande entusiasmo. E aqui no Brasil, digamos assim, foi também um arauto da restauração dita científica (...)”³¹⁰. Nesse sentido, Paul Phillipot afirmou:

Fundando-se nas premissas fixadas desde antes da guerra, uma concepção nova se impunha, exigindo ir além da atividade essencialmente artesanal do técnico tradicional, envolvendo a inclusão de ciências exatas nos conhecimentos dos materiais e suas causas de alteração (...) ³¹¹.

Com relação ao diálogo das ciências puras e as ciências humanas no campo da conservação e restauração, cabe, ainda, destacar o texto *La formation des restaurateurs: spécialisation, interdisciplinarité et dangers*, de Ségolène Bergeon. Conforme explica:

A irrupção das ciências entre 1930 e 1950 alterou o conceito de restauração e do treinamento prático na restauração, que se enriquece com as vertentes científicas (física, química e biologia), mas também se equilibra pelo rigor do espírito crítico. O restaurador tornou-se parceiro dos homens de laboratório e dos historiadores, arqueólogos e arquitetos. O encontro dos caminhos das ciências físicas e das ciências humanas fecundaram o saber técnico-artesanal (...) ³¹²

Paralelamente às suas atividades na DPHAN, Edson Motta inicia, em 1951, o ensino da conservação e restauração no Brasil, no âmbito universitário, quando é criada a disciplina “Teoria, Conservação e Restauração da Pintura”, na Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil (atual UFRJ), cadeira por ele criada a convite do então diretor da Escola Prof. Flexa Ribeiro³¹³. Em correspondência com Renato Soeiro, então Diretor da DPHAN, o conservador Edson Motta ressalta o pioneirismo da disciplina implementada na década de 50 e faz menção ao ensino da restauração de papéis:

(...) A Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, dentro de suas possibilidades, foi pioneira na AMÉRICA (sic) em matéria de estudos organizados sobre conservação e restauração criando, e funcionando desde

³⁰⁹ Cf. PHILIPPOT, Paul. La restauration depuis 1945. Naissance, développement et problèmes d’une discipline. In: INTERNATIOANL COUNCIL OF MUSEUMS-ICOM/COMITÉ DE CONSERVATION-CC/CAHIERS D’ÉTUDE. Bruxelas: Université Libre de Bruxelles, 1996. p. 16-17.

³¹⁰ Depoimento de Edson Motta Júnior, op. cit..

³¹¹ PHILLIPOT, Paul. op. cit. (tradução nossa).

³¹² BERGEON, Ségolène. La formation de restaurateurs: spécialisation, interdisciplinarité et dangers. Bruxelas: Groeninghe Courtrai Belgique, 1996. Comité de Conservation/ICOM-CC Cahiers d’étude, p.20-22.

³¹³ EDSON Motta – Pinturas. op. cit..

1950, a cadeira de “Teoria, Conservação e Restauração de Pintura”. (...) e o curso inteiro, e o curso inteiro (sic) sobre restauração de papéis (...)”³¹⁴.

No que diz respeito aos conteúdos programáticos ministrados na referida disciplina, Maria Luiza Guimarães Salgado³¹⁵, aluna da Escola de Belas Artes nos anos de 1969 e 1970, menciona que o curso era dividido em três partes respectivamente: papel, imaginária e pintura. A disciplina era teórica e prática, oferecida em três dias por semana, perfazendo de doze a catorze horas/aula semanais. Havia um pequeno laboratório na Escola de Belas Artes onde os alunos tinham oportunidade de lidar com a peça, praticando banhos em gravuras e em documentos e fazendo retoques em pequenas falhas³¹⁶.

Com vistas ao atendimento da demanda de formação profissional, verifica-se a atuação do conservador Edson Motta em atividades de ensino de conservação e restauração de papel por meio da realização de cursos em variadas regiões brasileiras e também no exterior: em 1962, “Restauração de obras de arte realizadas sobre papel”, na Escola de Belas Artes de Recife da Universidade Federal de Pernambuco; em 1963, Restauração de Papel, Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia; em 1967, “Curso sobre conservação e restauração de documentos, manuscritos, gravuras, mapas, desenhos, aquarelas”, em Lima, Biblioteca Nacional do Peru³¹⁷.

Ainda na década de 1960, podemos observar iniciativas de instituições detentoras de acervos em relação à problemática de conservação de suas coleções bibliográficas e documentais. Muitos são os pedidos de assessoria técnica que chegam à DPHAN, evidenciando-se o desconhecimento e falta de informações técnicas, a carência de mão-de-obra especializada em situações relativas à conservação e restauração de papel. Em resposta à solicitação do Prof. Alfredo Galvão, então diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Edson Motta explica procedimentos técnicos referentes à exibição de coleções, ressaltando a ação danosa da luz em acervo de suporte em papel:

Considerados os fatos acima expostos é fácil observar que seria da melhor conveniência que as obras de arte executadas sobre papel; manuscritos, documentos, aquarelas etc não fossem apresentados ao público em exposição permanentes. As exposições de obras assim realizadas devem ser

³¹⁴ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Centro de Conservação e Restauração, Caixa 7, Pasta 2, Ofício 116/69, datado em 31/03/1969.

³¹⁵ Conservadora-restauradora aposentada, Ex-diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN.

³¹⁶ Depoimento de Maria Luiza Guimarães Salgado, em 11/08/2006.

³¹⁷ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Personalidade Edson Motta, Caixa 81, Pasta 268, Dados extraídos do *Curriculum vitae* Edson Motta.

apresentadas por períodos curtos e, de preferência, durante os meses de inverno³¹⁸.

Em 1965, O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano - IHGP solicita apoio da DPHAN para preservar o acervo da instituição. Em correspondência à DPHAN, Humberto Nóbrega, secretário do IHGP, ressalta a importância da documentação e comenta sobre a deterioração do referido acervo, enfatizando a inexistência de técnicos capazes de executar os serviços necessários:

Face ao exposto, a única solução com que atentamos é conseguir de V. Excia se digne de promover, tão logo quanto possível, a vinda a esta Capital do Dr. Edson Motta, a fim de *in loco* traçar o plano de recuperação da nossa magnífica fonte de subsídios históricos e antropogeográfico do Nordeste, ora ameaçada de desaparecer. O renome desse técnico, como restaurador de velhos papéis, já ultrapassou as fronteiras pátrias, e o alto espírito de compreensão e de colaboração de V. Excia, para tais assuntos, deixam os atuais dirigentes do IHGP, cheios de esperanças de que a salvaguarda será o rico manancial que se acha sob sua guarda³¹⁹.

Em resposta à solicitação do IHGP, o conservador Edson Motta esclarece ao Diretor Rodrigo Mello Franco de Andrade que a restauração de peças em mau estado não resolveria em definitivo o problema, ressaltando, assim, a necessidade de medidas de conservação global do acervo documental. Percebe-se a menção do conceito de conservação e a necessidade de formação de mão-de-obra especializada. Dessa forma, Motta explica:

Assim, proponho ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano a organização de um curso rápido de 5 ou 6 aulas, com o fim especial de despertar, entre os funcionários da Biblioteca ou Arquivo, pertencentes ou não ao Instituto, a consciência da necessidade de conservar o referido acervo documental, para evitar-se a contingência de restaurá-lo, ministrando-lhes noções gerais sobre a técnica da conservação de documentos. Durante essas aulas poderá ser escolhido um dos assistentes do curso para um estágio de 6 meses, no Rio de Janeiro, destinado a habilitar o estagiário, mediante especialização feita no laboratório desta repartição, a adquirir conhecimentos mais aprofundados do tratamento de papéis, com o objetivo precípua de cuidar do acervo histórico da Paraíba³²⁰.

³¹⁸ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 12, Pasta 04. DPHAN, Informação no. 78, Rio de Janeiro, 29/03/1965.

³¹⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Centro de Restauração de Bens Culturais - SPHAN, Caixa 57, 58, pasta 48.

³²⁰ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série: Centro de Restauração de Bens Culturais – SPHAN, Caixa 57, 58, pasta 48, documento DPHAN, Informação nº 20, em 26/01/1966.

Em 1966, Antonio Joaquim Almeida, Diretor do Museu do Ouro, escreve ao Diretor do DPHAN reivindicando “providências em benefício da restauração de algumas peças valiosas do Museu do Ouro”. Referindo-se ao trabalho do restaurador Edson Motta, ele solicita:

(...) os valiosos cuidados do Prof. Edson Motta para o desenho aquarelado da autoria de Caetano Luiz de Miranda (representando a mineração no Sítio do Monteiro, no Arraial da Tijuca em 1803) – esses preciosos desenhos desde que foi incorporado ao acervo do Museu do Ouro, em 1940, acha-se em precário estado de conservação, pois, na Biblioteca Nacional, de cuja mapoteca ele provém (sic), o seu estado de conservação já era bastante precário, havendo mesmo alguns trechos esfacelados. Na ocasião, foi feita uma restauração provisória, que desfigurou um pouco esse valiosíssimo documento, pois o então SPHAN não dispunha ainda de um laboratório de restauros da categoria do que hoje possui. Segundo entendimento pessoal com o Prof. Edson Motta, seria imprescindível o transporte do desenho para o Rio, onde a restauração poderá ser executada com a calma e os cuidados necessários³²¹.

A atuação de Edson Motta não fica restrita ao Setor de Conservação e Restauração da DPHAN, podendo-se verificar a sua atuação em outras instituições públicas subordinadas ao então Ministério da Educação e Cultura. Nesse sentido, é curioso verificar na documentação administrativa uma autorização de Rodrigo Mello Franco de Andrade, datada em 25 de junho de 1965, autorizando o conservador Edson Motta a conduzir a camionete “Rural Willys”, de propriedade da DPHAN, “uma vez que se encontra o mesmo funcionário permanentemente em viagem a serviço deste órgão do Ministério da Educação e Cultura, em regiões compreendidas entre os Estados da Guanabara, de Minas Gerais e São Paulo”³²². Na década de 60, durante o período da direção de Alfredo Galvão no Museu Nacional de Belas Artes, Edson Motta chefia a equipe de restauração da instituição e chega a restaurar algumas obras em papel³²³. No Museu Imperial de Petrópolis, Edson Motta criou um ateliê dedicado quase que exclusivamente ao restauro de papel³²⁴. É nesse momento que outros profissionais obtêm a formação com Edson Motta, seja no trabalho prático do Setor de Conservação e Restauração ou cursando a disciplina Teoria e Conservação da Pintura na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro. Em 1965, Mário Neme, Diretor do Museu Paulista, solicita estágio para o Sr. Antonio

³²¹ Arquivo Noronha Santos. Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 09, Pasta 03, Envelope 01. 05/09/1966.

³²² Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 2.

³²³ ASSIS, Jacqueline. A preservação de Obras de Arte sobre Papel no Museu Nacional de Belas Artes. Disponível em: <http://www.museuvictormeirelles.org.br/agenda/2003/seminario/jaqueline_assis.htm>. Acesso em: 24/06/06.

³²⁴ Depoimento de Edson Motta Júnior.

Lúcio Pregararo³²⁵. Na especialidade de papel surgem então os “discípulos” de Edson Motta como por exemplo Maria Luiza Guimarães Salgado que atua como sua assistente e Alcinda dos Santos que, posteriormente, dirigirá o Gabinete de Restauração do Museu Imperial de Petrópolis. Outrossim, a relação “mestre e discípulo” é detectada na narrativa de Renato Soeiro ao fazer menção sobre a atuação do Prof. Edson Motta na década de 1960:

“A ele deve-se a sobrevivência e a recuperação de importantes obras de arte, restauradas com o mais o seguro critério técnico e artístico. **Professor** na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, transfere a seus **alunos e colaboradores** a experiência acumulada no trato da matéria há mais de 25 anos, preparando **novos técnicos**, aos quais transmite o entusiasmo com que executa as tarefas de **restaurador-chefe** da atual Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional³²⁶”

Neste sentido, Philip Ward³²⁷ comenta que, até na década de 60, os museus capacitam seus próprios restauradores que, com frequência, eram oriundos de uma formação prévia em ofícios artísticos³²⁸. Em consonância com o pensamento de Ward, podemos notar que também no âmbito brasileiro a formação em conservação e restauração de papel consistia, invariavelmente, em uma intensa experiência prática nos museus.

Ainda no final da década de 60, Edson Motta profere palestras e ministra cursos de conservação e restauração de papel, no âmbito nacional e também no exterior. Em 1969, “Curso Intensivo sobre restauração de obras realizadas sobre papel” na Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro, Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara³²⁹. O Instituto Nacional de Cultura e Belas Artes de Caracas, Venezuela, convida Edson Motta, “restaurador de conhecida fama na América”, para ministrar curso de “reparos em papel, gravuras, aquarela, desenhos, manuscritos, livros dentre outros”³³⁰. Em 21 de agosto de 1969, o *Jornal de Brasília* noticia o curso intensivo de restauração de papéis e documentos, com duração de 12 dias, franqueado aos profissionais do ramo, artistas e estudantes em geral a ser ministrado pelo Prof. Edson Motta. Sobre a metodologia do referido curso esclarece o artigo:

³²⁵ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, série Personalidade Edson Motta, Caixa 81, Pasta 268,

³²⁶ MOTTA, Edson. *Restauração de Pinturas em Descolamento*. Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.º. 23, RJ, 1969. p. 5. Grifos nossos.

³²⁷ Cientista da Conservação do Getty Conservation Institute, EUA.

³²⁸ WARD, Philip. *La conservación del patrimonio: carrera contra reloj*. Marina del Rey: The Getty Conservation Institute, 1986, p.35.

³²⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Personalidades, Caixa 81, Pasta 268. Dados obtidos no *Curriculum vitae* de Edson Motta, p. 3-5.

³³⁰ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Edson Motta, Personalidades, Caixa 81, Pasta 260. *Jornal El Nacional*, Caracas, 04/01/1969.

O curso constará de aulas teórico-práticas e versará sobre a história do papel; reconhecimento das espécies de papéis, os males que atacam o papel – biológicos, químicos e físicos, análise do papel para fins de tratamento, tratamento de aquarelas e têmperas; tratamento de desenho e gravuras, tratamento de manuscritos, tratamento específico contra acidez e processo de laminação mecânica e manual de documentos com acetato de celulose

³³¹.

Em 1973, Edson Motta realiza curso de conservação de papel no Arquivo Público Estadual, em Recife³³².

Em 1971, são lançadas duas pioneiras publicações no campo da conservação e restauração de papel no mercado brasileiro. A obra “O Papel: Problemas de Conservação e Restauração”³³³, dos autores Edson Motta e Maria Luiza Guimarães Salgado - dedicada em memória de Rodrigo Mello Franco de Andrade - aborda aspectos da história do papel, o estudo dos elementos da constituição material do papel, os agentes de deterioração, técnicas de clareamento, reconstituição do suporte, conservação de papel. Verifica-se, ainda, uma listagem de materiais permanentes e de consumo necessários para a montagem de um pequeno laboratório de restauração de papel. No tópico do livro relativo à “Restauração de papéis”, os autores enfatizam a importância da realização da análise rigorosa da obra a ser tratada, apontando as seguintes regras de metodologia de trabalho:

- 1º - Decidir sobre as possibilidades de restauração e de sua conveniência;
- 2º - Estudar os meios adequados a cada caso;
- 3º - Analisar a resistência do papel e das tintas aos produtos químicos a serem aplicados, a solubilidade dos aglutinantes e a sua resistência ao manuseio;
- 4º - Dosar, acuradamente, todas as porcentagens estabelecidas de antemão;
- 5º - Usar a folha-suporte, que poderá ser de papel mesmo, tela de cobre, ou matéria plástica, para facilitar o manuseio de papéis frágeis;
- 6º - Empregar todos os meios técnicos, científicos, e os instrumentos de laboratório, indispensáveis aos exames;
- 7º - Nos casos que não for encontrada solução segura, abster-se de agir, declarando honestamente sua impossibilidade;
- 8º - Assegurar-se de que, qualquer intervenção poderá se removida com facilidade e em qualquer tempo³³⁴

³³¹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série “Personalidades”, Caixa 81, Pasta 268.

³³² Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série “Personalidades”, Caixa 81, Pasta 268.

³³³ O referido livro foi lançado na abertura da exposição Abstratos e Geométricos, com obras de Alberto Teixeira, A. Ferrari, Aberlado Zaluar, I. Longman, dentre outros, no Paço das Artes, Av. Paulista, São Paulo. Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série “Personalidades”, Caixa 81, Pasta 268. O Estado de São Paulo, 28/07/71.

³³⁴ MOTTA, Edson; SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *O Papel: Problemas de Conservação e Restauração*. Museu de Armas Ferreira da Cunha: Petrópolis, 1971. p. 59.

Observamos a preocupação dos autores com os aspectos metodológicos abordados por meio da utilização de fotografias que mostram, passo a passo, a seqüência dos procedimentos de técnicas de restauração.

Os resultados dos trabalhos apresentados no livro foram executados pelos autores no Laboratório do Setor de Restauração de Obras de Arte do IPHAN e de pesquisas realizadas no Gabinete de Restauração do Museu Imperial de Petrópolis. Na introdução do livro verifica-se a preocupação dos autores em divulgar a metodologia de trabalho, numa área carente de informações técnicas:

Este trabalho é homenagem aos responsáveis por pequenas bibliotecas, coleções particulares e outras instituições culturais, que lutam em dificuldade pela própria manutenção, num esforço anônimo e desinteressado. Hesitávamos, até agora, sobre a conveniência de publicar as informações aqui contidas, pois considerávamos ainda insuficientes os vinte anos de prática, diária e contínua, com problemas de conservação e restauração de valiosos documentos, arquivos e bibliotecas pertencentes ao nosso patrimônio cultural. Entretanto, o número cada vez maior de pedidos de organização de cursos sobre a matéria, vindo de todos os quadrantes do país e a impossibilidade de atendimento aos mesmos, a um só tempo, nos levaram à divulgação deste trabalho, na esperança de que as noções apresentadas possam ser úteis no sentido de preservar acervos e orientar suas manutenções, nas adversas condições climáticas do país³³⁵.

Outra publicação é a obra “Conserve e restaure seus documentos”, autoria de Lindaura Alban Corujeira, então bibliotecária da Universidade Federal da Bahia e Professora do Curso de Restauração do Arquivo Público da Bahia. Dada a escassez de informações técnicas essas obras, publicadas no contexto da década de 1970, tornam-se material de referência. Nessas pioneiras publicações técnicas podemos mapear referências teóricas internacionais na formação das bases científicas da conservação e restauração de papel no Brasil. No livro de Motta & Salgado observamos a prevalência de autores norte-americanos o que evidencia a formação de Motta no Fogg Museum da Universidade de Harvard. Dentre os autores citados na bibliografia inclui-se a obra “The treatment of pictures”, autoria de Morton C. Bradley Jr.³³⁶, na qual o papel é abordado como categoria da pintura. Segundo Edson Motta Júnior, seu pai teria tomado esta publicação americana como referência de estudo, visto que nesse livro o papel é focado como suporte, como categoria de pintura, no qual se podem verificar capítulos dedicados ao estudo de técnicas e tratamentos de restauro de papel³³⁷. Em

³³⁵ Ibid., p. 9-14.

³³⁶ BRADLEY JR., Morton C. *The treatment of pictures*. Cambridge, Massachusetts: The Cosmos Press, 1950.

³³⁷ Depoimento de Edson Motta Júnior.

contraposição, na obra de Lindaura Corujeira observa-se maior influência de autores europeus, visto que sua formação na área de conservação e restauração de papel é fruto de cursos e estágios realizados na Biblioteca Nacional de Madrid e no *Istituto de Patologia del Libro Alfonso Gallo* em Roma, Itália.

Ao longo da década de 1970, podemos constatar variadas ações desenvolvidas pelo conservador Edson Motta no campo da conservação e restauração de papel, abrangendo desde a prestação de serviços, a elaboração de diagnósticos até o treinamento profissional. Em 1971, Edson Motta realiza exame de peritagem com identificação de técnicas de impressão, exame de composição de tintas e análise de fibras de papel em documentos antigos³³⁸. Em 1972, conforme relatório do Setor de Conservação e Restauração de Obras de Arte do IPHAN, são restaurados 5 livros de assentamentos pertencentes à Matriz de Tiradentes, em Minas Gerais; 6 mapas históricos para o Museu da Marinha – Ministério da Guerra, na antiga Guanabara; e o Sr. Alfredo Ferreira de Souza, do Arquivo Público Nacional, faz curso de aperfeiçoamento profissional³³⁹. Da região Nordeste do país chegam ao IPHAN várias solicitações de assessoria técnica para preservação de acervos bibliográficos e documentais. Em 1975, Edson Motta avalia, *in situ*, os danos causados pelas enchentes do Rio Capibaribe e que atingiu a biblioteca do Instituto Joaquim Nabuco, na cidade de Recife, Pernambuco. Conforme relatório, toda a Biblioteca deste Instituto foi atingida pela enchente, ficando 35.000 volumes imersos em água e lama. Assim, Edson Motta delibera, como medida de emergência, um conjunto de ações técnicas, com vistas a salvar o referido acervo³⁴⁰. Em 1976, Edson Motta dá parecer a Renato Soeiro sobre o pedido de ajuda ao “Projeto de recuperação e preservação da documentação histórica da Bahia”³⁴¹. Também em 1976, Edson Motta responde favoravelmente à solicitação de Everaldo Aragão Prado, então Secretário da Educação e Cultura do Governo de Sergipe, no sentido de dar “treinamento adequado e necessário à implantação em Aracaju, Estado de Sergipe, do Laboratório de Restauração de Papéis” para o professor Luiz Carlos Alves Serrano³⁴².

A atuação de Edson Motta é solicitada desde regiões interioranas brasileiras até em países estrangeiros. Como por exemplo, a Biblioteca Pública “Honório Armond” da cidade de Barbacena, Minas Gerais, solicita informações e orientações para restauração de coleções

³³⁸ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 2.

³³⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 2.

³⁴⁰ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 3. Ofício 12/75.

³⁴¹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conservação e Restauração de Bens Culturais, Caixa 7, Pasta 3.

³⁴² Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Centro de Restauração SPHAN, Pasta 50, Ofício 297/76.

de jornais³⁴³. Em 1974, Edson Motta orienta Geralda Armond, então diretora do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, no que diz respeito à conservação de obras em suporte de papel expostas na Galeria Maria Amália. Em tom didático ele adverte:

(...) Na mesma sala³⁴⁴, cuja luminosidade é intensa, acham-se expostas várias obras realizadas em papel. A luz natural é extremamente prejudicial a este suporte, alterando a sua coloração e diminuindo a sua resistência. Nas condições ali existentes, aqueles trabalhos somente deveriam ser expostos durante três meses de cada ano e por ocasião do inverno.³⁴⁵

Em entidades culturais do exterior, Edson Motta realiza treinamento profissional como “cursos de restauração de desenhos, gravuras e documentos nas Bibliotecas de Caracas e Lima”³⁴⁶.

É também atribuído a Edson Motta, no âmbito brasileiro, a feitura da máquina obturadora de papel - MOP, equipamento confeccionado em metal, com modo de funcionamento manual e mecânico. Ao que parece, Edson Motta tomou com referência os modelos *Leaf casting*, atribuído à restauradora russa Esther Alkalay e o modelo *Spanish Vinyector machine*, desenhada por Vicente Vinãs do Centro Nacional de Restauração de Livros e Documentos, sediado em Madri, Espanha. Em Petrópolis, Edson Motta faz adaptações nestes modelos e produz vários exemplares que passaram a funcionar em diversas instituições³⁴⁷. Segundo Edson Motta Júnior, “ele fez isso com muita paixão e muito entusiasmo, aliás ele gostava dessas mecânicas, gostava de descobrir coisas, criar coisas. Ele criou não só isso, mas na área de pintura ele criou uma chamada *termoplanadora*. Ele gostava disso, ele tinha um viés de engenheiro”³⁴⁸.

Consta do final da década de 70 a elaboração, pelo Setor de Conservação e Restauração de Pinturas, Esculturas, Manuscritos e Códices, de projetos relativos às pesquisas e ao treinamento profissional na área de conservação e restauração de bens culturais móveis. Dentro do “Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico 1973/1974” são apresentados os seguintes títulos de: “Conservação do acervo cultural nas regiões tropicais e sub-tropicais” e “Os fungos e os insetos que atacam as obras e monumentos e os meios de

³⁴³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Centro de Restauração SPHAN, Pasta 49. Ofício datado em 13/09/76.

³⁴⁴ Edson Motta refere-se à Galeria Maria Amália situada no Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora, Minas Gerais.

³⁴⁵ Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora – MG. Arquivo Institucional Geralda Armond, Pasta Edson Motta, correspondência datada em 28/11/1974, p. 2.

³⁴⁶ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração SPHAN, Pasta 49

³⁴⁷ Conforme depoimento da Prof^ª. Bethânia Reis Veloso, há um exemplar no Ateliê de Conservação e Restauração de Papel, no CECOR/UFMG, trazido pelo Prof. Edson Motta no final da década de 1970 e atualmente encontra-se em pleno funcionamento.

³⁴⁸ Depoimento de Edson Motta Júnior.

combatê-los”³⁴⁹. Dentro do “Plano Setorial de Educação e Cultura 1975/1979”, Edson Motta propõe a criação de um curso com duração mínima de três anos com estágio no Setor de Conservação e Restauração de Pintura, Talhas, Manuscritos e Códices do IPHAN. Neste estudo, Edson Motta ressalta, dentre outros, a necessidade de concessão de bolsas de estudo com vistas a atender as diferentes regiões geográficas brasileiras, bem como a necessidade de adaptação e ampliação do laboratório do IPHAN para o atendimento do referido projeto³⁵⁰.

Edson Motta permanece à frente do Setor de Conservação e Restauração até dezembro de 1976³⁵¹. Ao longo dos últimos nove anos, observamos vários projetos de incrementos no que concerne à conservação restauração de papel quais sejam: melhoria na infra-estrutura técnica, publicação de literatura especializada, elaboração de projetos nos quais se verifica a preocupação com a área científica e com a formação profissional. No entanto, não se obtiveram informações sobre a implementação de tais projetos bem como não foram encontrados dados sobre os resultados dos mesmos.

Em 1976, Edson Motta, coordena o 1º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de Documentos, ocorrido na programação do 3º. Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado no Rio de Janeiro. Na abertura dos trabalhos, como representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Edson Motta discursa sobre a importância do referido Seminário, ressaltando a importância do intercâmbio de informações técnicas possibilitada pela presença de especialistas estrangeiros:

O Seminário de Conservação e Restauração, parte integrante do 3º. Congresso Brasileiro de Arquivologia apresenta, a nosso ver, resultados, promessa e esperanças das mais brilhantes para o destino do tratamento de bens culturais, escritos ou gravados, para este país. Destaca-se de maneira efetiva, a contribuição dos congressistas estrangeiros que compareceram às sessões do Seminário, senhores Viñas da Espanha, Paole e Cunha dos Estados Unidos. Eles debateram com os técnicos brasileiros os novos métodos de conservação e restauração de obras pertencentes a arquivos e foram realmente muito solicitados no sentido de fornecerem dados que fossem úteis ao Brasil, particularmente no que se refere aos novos materiais e à nossa climatologia.

Os problemas levantados e discutidos constituem grande esperança deste Seminário, no sentido de que possam identificar e desenvolver, a curto prazo, contanto, naturalmente, com a ajuda de outros órgãos oficiais, particularmente as universidades e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (...)

³⁴⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração, Módulo 36, Caixa 36, Pasta 2.

³⁵⁰ Arquivo Noronha Santos _ IPHAN, Série Centro de Restauração, Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2, Ref. 38/74.

³⁵¹ EDSON Motta – Pinturas. op. cit..

Devemos destacar a reunião informal havida na Biblioteca Nacional, esta manhã, em que foram dadas proveitosas explicações, à guisa de aulas, pelos Senhores Cunha e Viñas³⁵².

De 1976 a 1981, Edson Motta atua como Diretor do Museu Nacional de Belas Artes³⁵³. Em 17 de abril de 1978, Edson Motta, Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ministra a aula inaugural do 1º Curso de formação para restauradores na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais³⁵⁴.

Edson Motta falece em 03 de maio de 1981, no Rio de Janeiro. Na ata da nonagésima quinta reunião do Conselho Consultivo da Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, em 10 de agosto de 1981, no Palácio da Cultura, Rio de Janeiro, verificamos referência em memória do restaurador Edson Motta:

Esgotada a pauta da reunião, o Presidente aludiu sensibilizado o recente falecimento do ilustre e querido companheiro Edson Motta, cujo trabalho enalteceu, propondo consignar-se em ata um voto de pesar, diz o pensamento em dar seu nome a um centro de restauração que se pretende criar, quando da reforma da estrutura do órgão, relativamente à conservação dos bens culturais móveis. A proposta foi aprovada pelo Conselho (...) ³⁵⁵

Tal proposição não chegou a ser efetivada, entretanto, numa iniciativa de Guita Mindlin, então presidente da Associação Brasileira de Encadernação e Restauo – ABER, em 31 de maio de 1996, prestou-se homenagem ao Professor Edson Motta “como restaurador e especialista na preservação de bens culturais nas regiões tropicais e introdutor de modernas técnicas de restauração no Brasil”. Dessa forma, seu nome, devido aos serviços prestados à causa da Cultura, passou a designar o “Núcleo de Conservação e Restauo Edson Motta” – especializado em conservação e restauração de papel - situado na Escola SENAI “Theobaldo De Nigris”, na cidade de São Paulo³⁵⁶.

Embora Edson Motta não tenha dedicado exclusivamente à conservação e restauração de papel, há que se registrar a sua atuação como personalidade no campo da conservação e restauração de bens culturais no País. Deve-se tributo a Edson Motta pela inserção de uma mentalidade científica no campo da conservação e restauração de papel. Seu percurso

³⁵² MOTTA, Edson. Palavras de Abertura. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PRESERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE DOCUMENTOS, 1, 21 e 22 de outubro de 1976, Rio de Janeiro. *Anais ... CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA*, 3, 1976, Rio de Janeiro, 1979, p. 813.

³⁵³ Id..

³⁵⁴ VELOSO, Bethânia Reis. *A formação do conservador-restaurador na Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte:UFMG/Escola de Belas Artes, 1998. (Dissertação de Mestrado em Artes). p. 71.

³⁵⁵ Arquivo Noronha Santos – Série Personalidades Edson Motta, Caixa 81, Pasta 268.

³⁵⁶ Boletim ABRACOR, Ano III, Número X, 1996, p. 27. Depoimento de Glória Motta, conservadora-restauradora, em 10 de dezembro de 2006.

profissional marca, de forma pioneira, a implementação do primeiro laboratório de conservação e restauração de papel nos moldes ditos científicos, bem como a inserção do ensino de conservação e restauração de papel como disciplina no ensino universitário. A publicação, em 1971, do livro “O Papel: problemas de conservação e restauração”, consolidou-se também como iniciativa protagonista nesta especialidade da preservação do patrimônio cultural. A sua atuação no campo do ensino, seja como professor universitário ou por meio da docência em cursos de curta duração em variadas regiões brasileiras, possibilitou, juntamente com o exercício profissional no Laboratório de Conservação e Restauração do IPHAN, a formação de gerações de profissionais da conservação e restauração no Brasil durante as décadas de 1950, 1960 e 1970.

CAPÍTULO 3. A CONSOLIDAÇÃO DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE PAPEL NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

O patrimônio sobre papel do século XIX está agonizando; o patrimônio do século XX se esvai em uma tranqüila indiferença porque outras técnicas de registro da informação ocultam a função sempre essencial do papel. Indo além das palavras e das nuances, existe a realidade das bibliotecas e dos livros que o tempo que passa aflige. O tempo passa? Ora, o tempo não, mas o papel que se torna pó não espera que nossa consciência desperte para o seu destino.

ARNOULT. Jean-Marie. *Le centre de Sablé 1979-1984*, in: *Études sur la bibliothèque nationale et témoignages réunis en hommage à Thérèse Kleindienst*, Paris 1985, p. 173. apud ROSSI, Libero & GUASTI, Gisella. *Dal restauro alla conservazione: la gestione del patrimonio librario*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987. p. 75. (tradução nossa).

3.1 A busca de formação profissional no estrangeiro e a implantação dos laboratórios pioneiros em conservação e restauração de papel em instituições públicas

Este terceiro capítulo tem como objetivo analisar aspectos do desenvolvimento e da consolidação da conservação-restauração de papel no Brasil, notadamente nas décadas de 1980 e 1990. Quer-se desta forma percorrer a reflexão acerca do contexto que propiciou a busca de formação especializada em centros estrangeiros, bem como a atuação das instituições detentoras de acervos frente à problemática da preservação dos acervos em suporte de papel com a criação dos primeiros laboratórios especializados em conservação e restauração de papel. Temas relativos ao perfil do conservador-restaurador de papel no Brasil, a formação profissional e o papel da sociedade civil na defesa do patrimônio também são enfocados neste capítulo.

Na década de 1960, as dificuldades concernentes à formação de profissionais na Conservação-Restauração de Bens Culturais já eram observadas e constituíam-se em objeto de preocupação da comunidade científica internacional. Nesse sentido, Paul Coremans apontou que o *Comité Internacional del C.I.M. para los Laboratorios Científicos de Museu*, em 1961, tomou a iniciativa de realizar um levantamento a respeito das principais causas de degradação do patrimônio cultural em cerca de 70 países da zona tropical. Dentre as respostas recebidas nessa pesquisa evidenciou-se, principalmente, a falta de pessoal especializado no

campo dos estudos científicos e da conservação. Um informe resultante do *CIM*, publicado em 1963, apresentava um capítulo sobre a escassez de especialistas no cenário mundial e, desse modo, propunha uma possível solução para tal fato. Ressalta-se, nesse sentido, a atuação da UNESCO, bem como de muitos governos e fundações privadas, em relação à concessão de bolsas para realização de estudos em centros estrangeiros, notadamente a Europa ocidental e América do Norte³⁵⁷.

Acresce-se aos estudos de Paul Coremans a pesquisa realizada por Yash Pal Kathpalia³⁵⁸, nos anos de 1976 e 1977, sobre o estado de conservação de acervos de bibliotecas e arquivos em países em desenvolvimento na qual foram constatados estágios avançados de deterioração dos acervos em papel tendo como causas principais as condições climáticas, armazenamento inadequado, utilização de materiais indevidos e, sobretudo, a falta de técnicos qualificados para o desenvolvimento de ações de preservação dos acervos³⁵⁹.

É sintomático, ainda, observar que, a partir da década de 1960, a problemática acerca da preservação de acervos documentais e bibliográficos, bem como as questões inerentes à formação profissional do conservador-restaurador especialista em papel inserem-se nos temários dos congressos de biblioteconomia e documentação³⁶⁰. Como se pode concluir, os referidos encontros inauguraram, portanto, o *locus* de discussão da conservação e restauração de papel, possibilitando a reflexão teórica e científica e dando lugar às reivindicações deste segmento preservacionista. Em 1961, já se verifica a atuação de Lindaura Alban Corujeira³⁶¹ com a apresentação do trabalho “Conservação e Restauração de Livros e Documentos”, no III Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Curitiba. A partir de estudos realizados na Biblioteca Nacional de Madrid, nos anos de 1958 e 1959, a autora abordou o documento e seu valor como fonte de informação, os agentes físicos, químicos e biológicos de deterioração de livros e documentos e os respectivos meios de combate, a necessidade da restauração de livros e documentos, qualidades do restaurador, fases da restauração e conclusões³⁶². Em relação à sua participação no referido Congresso, Lindaura Alban Corujeira justificou:

³⁵⁷ COREMANS, Paul. Organización de un Servicio Nacional de Preservación de los Bienes Culturales. In: *La conservación de los Bienes Culturales*. Paris: UNESCO, 1969. p. 83.

³⁵⁸ KATHPALIA, Yash Pal. *Conservation and Restoration of Archives: a survey of facilities*. Paris: UNESCO, 1978.

³⁵⁹ _____ *Modelo de programa de estudios para la formación de especialistas en conservación y restauración de documentos: un estudio del ramp y directrices*. Paris: UNESCO, 1984. p. 5.

³⁶⁰ CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit., p. IX.

³⁶¹ Bibliotecária da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e Professora do Curso de Restauração do Arquivo Público do Estado.

³⁶² _____. Conservação e restauração de livros e documentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 3., 1961, Curitiba. *Anais...* Curitiba: [s.n], 1961, p. 41-58.

O motivo da apresentação do meu trabalho por ocasião do 3º. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação foi socializar todo esse conhecimento entre os bibliotecários presentes a esse Congresso do Brasil e exterior, na expectativa de multiplicar informação nos seus locais de origem³⁶³.

É também no âmbito da Biblioteconomia que Lindaura Alban Corujeira reclama o lugar científico da conservação e restauração de papel. Ao publicar, em 1973, na *Revista de Biblioteconomia* o artigo intitulado “Métodos de prevenção e eliminação de fungos em materiais bibliográficos” a autora sustenta:

A conservação e restauração dos documentos bibliográficos apresenta hoje em dia problemas complexos e variados. O empirismo cedeu lugar a processos técnico-científicos que colocam a restauração dentro dos mais recentes progressos da ciência e técnica³⁶⁴.

No II Congresso Brasileiro de Arquivologia, realizado, em 1976, no Rio de Janeiro, ao proferir a palestra intitulada “Panorama da Conservação e Restauração de Documentos no Brasil”, Lindaura Corujeira é contundente em destacar a hegemonia da preservação do patrimônio edificado no contexto brasileiro em detrimento dos acervos em suporte de papel:

O que se está realizando no Brasil para salvaguardar fisicamente a produção documentária que se encontra espalhada nos seus arquivos, bibliotecas e museus? Que serviços se preocupam com esse tipo de bem cultural, considerado, bem móvel? (...) Outro aspecto a considerar é o de que quando se promovem encontros e debates, seminários e congressos, os temas pouco falam em conservação e restauração de documentos e, quando há referências à preservação de bens culturais, são sempre imóveis (monumentos de arquitetura, arte ou história, coleções arqueológicas e construções de interesse artístico e histórico os que serão estudados e analisados). Aqueles outros bens móveis (manuscritos, gravuras, desenhos etc) ficam relegados a um segundo plano.

É óbvio que isso se deve à falta de uma consciência nacional do papel que representa o documento escrito como suporte de toda a informação que gera desenvolvimento científico e tecnológico, aliado à falta de pessoal capacitado para desenvolver pesquisas e aplicar técnicas no campo da conservação e restauração dos papéis. (...) ³⁶⁵

Ao final de sua argumentação, a autora posiciona-se a favor da formação profissional do conservador-restaurador de papel e, assim, recomenda:

³⁶³ Depoimento de Lindaura Alban Corujeira.

³⁶⁴ CORUJEIRA, Lindaura Alban. Métodos de prevenção e eliminação de fungos em materiais bibliográficos. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília: 1.jan./jun.1973.

³⁶⁵ CORUJEIRA, Lindaura Alban. Panorama da Conservação e Restauração de Documentos no Brasil, Sessão plenária “Conservação e Restauração de Documentos”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 2, 1974, São Paulo. *Anais ...* São Paulo:1974, p.3.

. que as Escolas de Biblioteconomia e Cursos de Arquivologia e Museologia do País incluíam no seu currículo a disciplina “Conservação e Restauração de Documentos” a exemplo do que fez recentemente o Curso Superior de Arquivologia da Guanabara;

. que o Ministério da Educação e Cultura fomenta a concessão de bolsas de estudos a profissionais que trabalham no campo da restauração de documentos para a especialização em centros internacionais mais avançados³⁶⁶.

Em 1978, Maria Luiza Guimarães Salgado, restauradora e Diretora do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN, também salientou a carência de profissionais especializados em conservação e restauração de papel:

Dentro da conservação e restauração de bens culturais, é a área mais carente em recursos humanos, pois requer um número maior de requisitos do que aqueles que são exigidos em outras áreas da especialização. A formação de um técnico em papéis é lenta, mais ainda do que os outros ramos e são raros aqueles que se interessam³⁶⁷.

Conforme se pode verificar, a realidade brasileira não se revelava de modo distinto em relação aos dados de pesquisa apresentados por Coremans e Kathpalia, no que se refere à problemática de formação de mão-de-obra especializada em conservação-restauração de papel. Por conseguinte, podemos observar, ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, que a realização de estágios e cursos no exterior é, pois, o caminho encontrado por brasileiros interessados em obter formação profissional.

Diferentemente do Prof. Edson Motta que recebera, em meados da década de 1940, uma formação tipicamente americana no *Fogg Art Museum*, na Universidade de Harvard, verificamos um grupo de profissionais que buscam, de modo pioneiro, a especialização em conservação e restauração de papel no âmbito europeu como por exemplo: Lindaura Alban Corujeira, Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares, Gilda Lefebvre, e Ingrid Beck.

Em 1958, Lindaura Alban Corujeira, obtém uma bolsa de estudos do *Instituto de Cultura Hispánica* de Madrid e realiza o *Curso de Formación Técnica de Archiveros, Bibliotecários e Arqueólogos, Sección Archivos Históricos*, na Biblioteca Nacional de Madrid, tomando contato inicial com a conservação e restauração de papel por meio da disciplina *Conservación e Restauración de Documentos*. Em 1968, Lindaura Alban Corujeira, cursa o *International Training Course on the Conservation of Library na Archive Materials* no

³⁶⁶ Id.

³⁶⁷ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais (Laboratório), Módulo 36, Caixa 3, Pasta 2. Ofício nº. 43/78, p. 5.

Istituto di Patologia del Libro Alfonso Gallo – ICPL em Roma, Itália, contando com bolsa de estudos da Associação Cultural Ítalo-Brasileira Dante Aligheri³⁶⁸. No que diz respeito à metodologia do treinamento, Corujeira destaca:

Praticamente foi um estágio. Passei por todas as seções do *Istituto* como por exemplo: Bibliografia (que inclui museu, biblioteca e laboratório de restauração), Biologia, Química, Física, Tecnologia (instrumentos que auxiliam os processos de tratamento que se devem aplicar sobre o papel) que subsidiavam as práticas de restauro³⁶⁹.

Entre 1963 e 1973 verifica-se a atuação docente de Corujeira em curso dado, desde 1965, pelo Arquivo Público do Estado da Bahia que incluía no seu programa a disciplina “Restauração de Documentos”, deixando de ser ministrado a partir de 1972 por falta de recursos³⁷⁰.

Em 1973, Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares parte para Lisboa a fim de realizar estágio técnico no Museu Calouste Gulbenkian, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, especializando-se em conservação e restauração de documentos gráficos (obras raras, gravuras, desenhos e pinturas sobre papel) sob orientação da Dra. Maria Manuela Soares de Oliveira e do Prof. Marçal³⁷¹. Com relação à sua formação profissional, Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares destaca que, nos primeiros anos da década de 1970, havia uma discussão muito fecunda em Lisboa acerca das metodologias de trabalho empregadas no campo da preservação de documentos gráficos. Tratava-se do “pós-momento” das duas grandes enchentes ocorridas na Europa em fins da década de 1960. Em seguida à enchente do Rio Arno em Florença, em 1966, outro episódio de desastre natural ocorreu na região de Lisboa, em 25 de novembro de 1967, com as inundações do Rio Tejo que atingiram as reservas do Palácio Pombal, em Oeiras, local onde se encontrava abrigada a Coleção Calouste Gulbenkian. A particularidade deste momento histórico - determinado por catástrofes naturais - é destacada por Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares como um momento de resposta, ou seja, a construção cultural que se processa a partir de uma situação de crise. Diz a conservadora-restauradora:

O impacto das grandes catástrofes está diretamente relacionado à resposta que as comunidades responsáveis dão à atuação pronta de “resgate” da ordem estabelecida pelo processo de “caos” e desordem do inesperado acidente. Deste trabalho, irão surgir documentos técnicos que posteriormente estudados e analisados, proporcionarão uma série de

³⁶⁸ Depoimento de Lindaura Alban Corujeira.

³⁶⁹ Id.

³⁷⁰ CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit. p.5.

³⁷¹ Plataforma Lattes.

interpretações que ampliando os debates em fóruns pertinentes, estabelecerão formalmente os novos paradigmas³⁷².

Considerando que naquela época, não havia técnicos especializados em documentos gráficos em Portugal, foram adotadas medidas tendo em vista a salvaguarda do patrimônio cultural danificado pela enchente tais como:

- . Permanência de orientadores e consultores estrangeiros para a formação e orientação do pessoal recrutado especialmente em cursos de arte;
- . Protocolos de cooperação e consultoria em individualidades e instituições nacionais e internacionais, abrangendo a pesquisa laboratorial;
- . Investimento prolongado na formação técnica dos quadros, quer através da permanência de especialistas da Oficina de Restauro, quer através da promoção de estágios, seminários e cursos, em Portugal e no estrangeiro³⁷³.

Dessa forma, configurou-se um contexto histórico particular, ou seja, o momento em que muitos profissionais que atuaram nas reflexões e processos de salvamento em Florença deslocam-se para Lisboa a fim de contribuírem nas operações técnicas do plano de “Recuperação de Emergência”³⁷⁴ do patrimônio cultural atingido pelas águas.

Assim, Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares ressalta a singular importância deste momento dinâmico no qual teve a oportunidade de conviver e aprender, de modo intenso, com profissionais de várias áreas, nacionalidades e formações como, por exemplo, Joe Nkrumah³⁷⁵ e Prof. Vicente Viñas³⁷⁶, propiciando, favoravelmente, o intercâmbio de informações técnicas e de experiências:

(...) essas pessoas se relacionavam muito, tinham um intercâmbio, porque já vem das discussões decorrentes do que aconteceu em Florença. (...) eu convivi muito com essas pessoas, foi uma coisa que me sedimenta muito esse conceito de interdisciplinaridade (...) o conceito da interdisciplinaridade com os biólogos, com os químicos... esse fato da conservação sair do “métier” da conservação e ir para o mercado, por exemplo ... os congelamentos era necessário pesquisar as empresas que faziam aquilo naquele momento, então eu, embora muito jovem convivi com essas pessoas... (...) essa experiência não foi só rica, mais foi marcante em minha vida. Era a disciplina de interdisciplinaridade, a parte de química muito acentuada, a parte da biologia muito acentuada, fazíamos

³⁷² SOARES, Maria Luiza Ramos de Oliveira. O “day after” de Florença. In: Curso de Preservação de Acervos Bibliográficos e Documentais. Fundação Biblioteca Nacional. p. 55.

³⁷³ DO BISTURI ao laser. Lisboa: 1995 (Catálogo de exposição, Museu Calouste Gulbenkian, Fundação Calouste Gulbenkian) p.21.

³⁷⁴ Id. p. 21

³⁷⁵ Consultor da UNESCO na área de preservação de papel.

³⁷⁶ Professor da *Escuela de Artes Aplicadas al Libro*, Restaurador do *Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales* – ICRB, Espanha.

levantamentos de danos biológicos. (...) sem ser uma formação acadêmica, apesar de informal ela teve todos esses aspectos e, lógico, quando eu chego aqui, a minha primeira idéia é transformar isso tudo ou implantar ou tentar interferir a partir do que havia aprendido, dessa bagagem que trazia³⁷⁷.

Esse depoimento encontra sintonia com preceitos difundidos, em 1973, por Paul Philippot no que tange à necessidade de trabalho em equipe, do trabalho interdisciplinar. Philippot salientou que a conservação e restauração de bens culturais é um trabalho de equipe, exigindo uma íntima colaboração, não podendo separar “a pura decisão intelectual e a pura execução material”³⁷⁸.

A realização de visitas técnicas de restauradores e encadernadores brasileiros em centros estrangeiros também configurava-se como meio de intercâmbio de informações relativas à conservação e restauração de papel. Em 1972, a restauradora Maria Luiza Guimarães Salgado, funcionária do então “Setor de Conservação e Restauração de Pinturas, Esculturas, Manuscritos e Códices” do IPHAN, realiza visita técnica no Laboratório de Restauração do Museu do Louvre e toma contato com Madeleine Hours, então Conservadora-chefe do referido Laboratório. Em seguida, freqüente, por três semanas, o Museu do Prado, na Espanha, e o Museu de Arte Antiga de Portugal com vistas a conhecer as metodologias de trabalho de conservação e restauração de papel³⁷⁹. Ursula Katzenstein, encadernadora de São Paulo, realizou visita em centros da Espanha, Itália, Holanda, França, Suíça, Áustria, Alemanha e Inglaterra com o objetivo de conhecer métodos e técnicas de conservação e restauração³⁸⁰.

Ao longo da década de 1970, observam-se iniciativas que revelam a preocupação das instituições públicas detentoras de acervos bibliográficos com relação à preservação do patrimônio. Assim, no âmbito da Biblioteca Nacional, é criado, em 1975, o Sub-grupo de Restauração, vinculado ao Grupo de Documentação em Ciências Sociais – GDSC³⁸¹. O Sub-grupo de Restauração era coordenado por Jannice de Mello Monte-Mór (representando a Biblioteca Nacional) e por Edson Motta (representando o IPHAN), contando com demais

³⁷⁷ Depoimento de Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, Chefe do Setor de Preservação da Fundação Casa de Rui Barbosa em 2006.

³⁷⁸ RUIZ DE LACANAL, Maria Dolores. op.cit., p. 268.

³⁷⁹ Depoimento de Maria Luiza Guimarães Salgado, op. cit..

³⁸⁰ KATZENSTEIN, Ursula. Relatório de observações feitas em vários europeus sobre técnicas de restauração e conservação de livros e documentos. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PRESERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE DOCUMENTOS, 1, realizado no CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 3, 1976, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 1979. pp. 867-873.

³⁸¹ Cf. “Sob a inspiração de Richard Morse, um dos ‘brazilianista’ a que nos referimos, a Fundação Ford vai liderar a formação do GDSC. (...) O GDSC tinha como finalidade propiciar a constituição de uma infra-estrutura de documentação, fundamental para a pesquisa na área das Ciências Sociais”. ZÚÑIGA, Solange Sette Garcia de op. cit., p.135.

participantes do Museu Nacional, Museu Histórico, Arquivo Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas e Fundação João Pinheiro. Dentre os objetivos propostos pelo Sub-grupo destacavam-se: a dinamização de um programa de restauração de documentos no Brasil; o intercâmbio em centros de treinamento estrangeiros no sentido de formar técnicos especializados; o contato com o Arquivo Nacional de Washington para a vinda de especialista em restauração e a realização de Seminário de Restauração de Documentos com o auxílio da Fundação FORD³⁸². Os objetivos explicitados pelo Sub-grupo revelam um panorama incipiente no que diz respeito à formação técnica dos profissionais, bem como demonstram a carência de conhecimento técnicos específicos, implicando, conseqüentemente, no estabelecimento de intercâmbio com centros estrangeiros. Outrossim, a falta de dotações orçamentárias nas instituições públicas aponta para a solicitação de recursos em órgãos internacionais de fomento com vistas a viabilizar projetos específicos.

De fato, Jannice de Mello Monte-Mór, então diretora da Biblioteca Nacional, solicita auxílio a UNESCO para a preservação e restauração do acervo da instituição. Assim, a UNESCO possibilitou a vinda ao Brasil, em março de 1974, da doutora Maria Di Franco, então diretora da Biblioteca Valiceliana, em Roma. Durante a sua permanência por quinze dias no Brasil, a especialista visitou o Arquivo Nacional, proferiu conferência no Ministério da Educação e Cultura e observou detalhadamente a situação da Biblioteca Nacional³⁸³.

O jornal *O Globo*, ao noticiar a visita da doutora Maria Di Franco, ressaltou a importância da adoção da metodologia de trabalho científica no campo da preservação do patrimônio cultural defendida pela especialista:

A Doutora Di Franco fez ontem, no auditório do Ministério da Educação, uma palestra sobre o tema “Preservação de Restauração de Documentos”, dirigida a uma platéia de estudantes de Biblioteconomia, bibliotecários, arquivistas, representantes do Sindicato de Livreros e dos produtores de papel. Nessa conferência, ela faz um apelo no sentido de que a preservação e a restauração de livros antigos saia do nível artesanal, onde já não há soluções a oferecer aos complexos problemas aparecidos, e ingresse, definitivamente, em um esquema técnico/científico, a exemplo do que ocorre em outros países do mundo³⁸⁴.

³⁸² Arquivo Noronha Santos – Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, pasta 03, Envelope 06.

³⁸³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, Pasta 3, Envelope 06. Grupo de Documentação em Ciências Sociais, Sub-grupo de restauração, 05/11/75.

³⁸⁴ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, Pasta 3, Jornal *O Globo*, 27/03/1974, “Documentos antigos, patrimônio ameaçado”.

Outros problemas relativos ao diagnóstico do estado de conservação do acervo da Biblioteca Nacional são também enfocados na matéria jornalística:

(...) O prédio da Biblioteca Nacional, antigo e inadequado para guardar o seu imenso acervo, também não oferece boas condições à guarda de documentos e livros, pelo menos os mais antigos. Muitos desse volumes e papéis são, por exemplo, guardados em cofres hermeticamente fechados, o que não é recomendável, pois a umidade é um perigo constante, sobretudo em climas tropicais como o do Rio de Janeiro. Salas climatizadas e depósitos que não fossem de ferro ou metal seriam empregados com melhores resultados e a diretora da Biblioteca Nacional, Janice Monte-Mór, espera, em breve, graças a um convênio com a Fundação Ford, já autorizado pelos Ministérios do Planejamento e da Educação, resolver parte desses problemas³⁸⁵.

Após estudos sobre a problemática de preservação da Biblioteca Nacional, a doutora Maria Di Franco elaborou uma lista de recomendações e publicou o trabalho “Conservazione e restauro – problemi della ‘Nazionale’ di Rio de Janeiro”³⁸⁶, em Roma. No que diz respeito à prática de conservação e restauração então desenvolvida pelo Laboratório de restauração da Biblioteca Nacional a especialista é contundente ao apontar aspectos que revelam a falta de aparato técnico-científico bem com a inadequação da metodologia empregada pelo setor:

O local, de dimensões limitadas, onde está o laboratório não conta com os equipamentos necessários às técnicas científicas mais modernas da restauração. Por outro lado, o técnico que trabalha atualmente no setor, convencido da validade dos métodos empregados e francamente disposto a renunciar a sua experiência empírica, limita-se a submeter o material de papel a uma pesada laminação ou a uma reparação imperfeita com remendos, quer o papel apresente perfurações feitas por insetos, quer apresente frágil e rígido por causa da acidez ou da alcalinidade, quer seja para fins curativos ou preventivos. Não pude verificar a técnica de lavagem, de reforço, de alisamento, nem a existência de um controle do pH do papel, nem o uso de um método científico de desacidificação³⁸⁷.

A doutora Maria Di Franco apontou ainda em seu relatório grande ênfase à formação de pessoal, evidenciando a necessidade de trabalhar sob a orientação científica. Sugeriu, também, que procurássemos motivar químicos e biólogos no Brasil a estudos científicos na área³⁸⁸. Ao concluir o referido relatório a autora apresenta um plano de trabalho a ser

³⁸⁵ Id.

³⁸⁶ Cf. Conservazione e restauro, problemi della “Nazionale” di Rio de Janeiro. *Accademie e Biblioteche d’Italia*, 42(6): pp. 483-489, nov.-dic. 1974.

³⁸⁷ Conservação e restauração: problemas da Nacional do Rio de Janeiro. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília, v. 3, n.2, p. 199-208, jul.-dez., 1975. Trad. Elton Eugênio Volpini. Disponível em <<http://209.85.165.104/search?q=cache:iaLPpExFzDs:164.41.105.3/portanlnesp/ojs-2.1...>> Acesso em: 09/04/2007. pp.5-6.

³⁸⁸ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Centro de Restauração de Bens Culturais, Caixa 11, Pasta 3, Envelope 6.

implementado na Biblioteca Nacional, destacando a necessidade de treinamento profissional por meio de realização de estágio de caráter prático e de curta duração em centros europeus:

1. O plano relativo à montagem de um laboratório de restauração na Biblioteca Nacional, a ser realizada com o auxílio de bolsas da UNESCO (...):

A. Envio à Itália, por um período de permanência não inferior a **quatro meses**, de um bibliotecário qualificado, um biólogo já orientado para especialização no setor, dois técnicos dotados dos requisitos vocacionais para adquirirem a **prática necessária** nos centros competentes italianos de pesquisa e técnica em restauração. A equipe, ao regressar, terá a incumbência de treinar outros funcionários à medida que sejam necessários³⁸⁹.

Em decorrência da visita oficial da doutora Maria Di Franco, a UNESCO ofereceu duas bolsas de estudos para que funcionários da Biblioteca Nacional fossem receber treinamento no ICPL, em Roma. Como se pode detectar na narrativa da então diretora da Biblioteca Nacional, é grande a expectativa em torno do aprendizado técnico a ser realizado no referido centro estrangeiro, bem como se verifica a importância atribuída à difusão dos conhecimentos adquiridos:

Aos dois primeiros elementos enviados à Itália incumbirá divulgar as técnicas apreendidas, circunstância que, sem dúvida, concorrerá para atenuar, de muito, o grande problema brasileiro – não apenas da BN – no campo da restauração de documentos³⁹⁰.

Dessa forma, Gilda Lefebvre e Eucídia Guimarães, então bibliotecárias da Biblioteca Nacional, obtiveram a bolsa de estudos e, em 1975, iniciaram o treinamento no referido Instituto³⁹¹. No que concerne aos conteúdos programáticos abordados no treinamento, Gilda Lefebvre afirma que sua formação focou-se, principalmente, em restauração de livros nos laboratórios do ICPL. Todavia, Gilda Lefebvre salienta que sentiu necessidade de complementar seus estudos, frequentando cursos de encadernação e reencadernação de livros no *Laboratório di Restauro Angelo Pandimiglio*, em Roma.

Nesse particular contexto, é interessante observar os distintos aspectos culturais que envolvem a prática, o ofício da conservação-restauração de livros no âmbito italiano. Com relação à experiência vivenciada naquele momento, Gilda Lefebvre destacou:

³⁸⁹ Conservação e restauração: problemas da Nacional do Rio de Janeiro. op. cit., p. 9. (Grifos nossos).

³⁹⁰ MONTE-MÓR, Jannice. Preservação e Restauração de Documentos na Biblioteca Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 2, São Paulo, 1974. *Anais...* São Paulo: 1974. p. 4.

³⁹¹ Depoimento de Gilda Lefebvre realizado em 05 de maio de 2006.

Aí foi interessante, porque, na sala de restauração... na Itália, em Roma, *só quem faz restauração é mulher. Homem não restaura. Homem não restaura!* Porque restauração é um trabalho de mulher. E na “legatura”, *só encaderna quem é homem.* (...) Então eu fui trabalhar na “estanza” dos homens, onde eu aprendi fazer os “capitellis” bordados, que do “lado de cá” não fazia (...) ³⁹².

Sobre o ineditismo das informações técnicas e a importância do referido intercâmbio cultural em sua formação profissional, no contexto da década de 1970, Gilda Lefebvre assim atestou:

(...) nesse tempo assim... era o “top”, era o “top de linha”, era o *Istituto de Patologia del Libro Alfonso Gallo*, em Roma.

(...) Eu achei que para a nossa realidade foi uma primeira luz, entendeu? Porque ninguém aqui sabia nada daquilo e quando a gente falava parecia que estávamos chegando de outro lugar... Eles não sabiam o que era isso, como eu também não sabia quando fui. E, então, acho que valeu... Acho que valeu bem... *Valeu bem*, porque eu trabalhei ainda muitos anos na Biblioteca Nacional, depois chefei a Seção de Restauração... Depois me aposentei, fiz um concurso público e entrei para a Universidade Federal ³⁹³. Então eu acho que adiantou *e que trouxe uma luz aqui para o Brasil*. Porque no Brasil era uma coisa tão moderna que ninguém nem sabia o que era isso! Acredito que talvez alguém já fizesse isso... Mas empiricamente... E não fazia com os métodos certos, entendeu? ³⁹⁴

Não é necessário grande esforço para compreender na narrativa da entrevistada o grande descompasso existente entre os avanços tecnológicos já assinalados nos centros europeus e a precária realidade de trabalho ainda vivenciada nas instituições públicas brasileiras em meados da década de 1970. O caráter empírico das atividades profissionais, então desempenhadas, exemplifica a inexistência de uma formação profissional sistemática no âmbito brasileiro. De outro lado, observamos o entusiasmo evidenciado pela entrevistada ao destacar o arsenal de conhecimentos técnicos adquiridos no exterior e a possibilidade de adequá-los à realidade brasileira.

Ainda no que diz respeito à atuação do GDCS, cabe destacar a realização do 1º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de Documentos, integrante à programação do 3º. Congresso Brasileiro de Arquivologia ocorrido, em 1976, no Rio de Janeiro ³⁹⁵. Realizado com recursos provenientes da doação da Fundação Ford o evento contou, ainda, com o apoio de entidades internacionais como: UNESCO; *Library of Congress*; *New England*

³⁹² Depoimento de Gilda Lefebvre. De acordo com a metodologia de transcrição de entrevistas de História Oral proposta pela Profa. Verena Alberti da CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, as expressões marcadas em itálico indicam a ênfase tonal dada pelo entrevistado.

³⁹³ Refere-se à Universidade Federal Fluminense, em Niterói – RJ.

³⁹⁴ Depoimento de Gilda Lefebvre. op. cit..

³⁹⁵ p. 879

Document Conservation Center de Massachussetts – USA; Centro Nacional de Restauración de Libros y Documentos de Madri – Espanha. A importância do referido seminário funda-se na participação pioneira de especialistas estrangeiros convidados: Prof. George Daniel Martin Cunha (apresentou o trabalho “Problemas de Arquitetura em Projetos de Arquivos e Bibliotecas”), Sra. Dorothy Martin Cunha, Prof. Frozer G. Poole (apresentou trabalho sobre “Últimas pesquisas nos Estados Unidos sobre medidas necessárias à preservação de deterioração de documentos”) e Prof. Vicente Viñas Torner (“Apresentação das Técnicas e Aparelhagem utilizadas na Espanha”). Ao que parece, foi o primeiro seminário brasileiro de conservação e restauração de papel de caráter internacional. Assim, verifica-se que a presença dos especialistas estrangeiros é celebrada com entusiasmo nos anais do Congresso de Arquivologia, registrando-se que os encontros informais e visitas transformaram-se em verdadeiras aulas práticas nos Laboratórios de Restauração da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional, onde representantes das equipes e de instituições possuidoras de acervos documentais puderam debater com os especialistas os processos técnicos de preservação e restauração de documentos³⁹⁶.

Em 1976, Ingrid Beck, então restauradora de obras em suporte de papel do Museu Nacional de Belas Artes, parte para Alemanha a fim de realizar curso de especialização em conservação e restauração de documentos na Biblioteca da Universidade de Göttingen e State Graphic Collection of the State of Bavaria, em Munique³⁹⁷, como bolsista do Carl Duisberg Gesellschaft, CDG, Alemanha³⁹⁸.

Dentre os pioneiros núcleos de conservação e restauração de obras de arte em suporte de papel, no âmbito nacional, destaca-se, na década de 1970, a sistematização da Seção de Conservação e Restauração de Papel do Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, sob a direção de Maria Elisa Carrazzoni, posto que “na década de 1960, conforme registros, a equipe do MNBA chefiada pelo Prof. Edson Motta, no período da direção de Alfredo Galvão, restaurou apenas algumas obras em papel”³⁹⁹. Assim, as obras de arte em suporte de papel que se encontravam enroladas, dobradas e colocadas em pastas de processo, amarradas com barbante e acondicionadas em armários de madeira e aço, foram, aos poucos, sendo classificadas, higienizadas e acondicionadas em envelopes de papel cristal e pastas de

³⁹⁶ CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 3, 1976, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: 1979. p. 881

³⁹⁷ BECK, Ingrid. *Building Preservation Knowledge in Brazil*. Council on Library and Information Resources, Washington, D.C., 1999.

³⁹⁸ Plataforma Lattes CNPq.

³⁹⁹ ASSIS, Jacqueline. op. cit.

cartolina preta e armazenadas em mapotecas, com vistas a realizar o inventário do acervo⁴⁰⁰. Maria Luiza Ramos de Oliveira Soares afirma que, ao retornar de Lisboa, encontrou no MNBA, sob o ideal de interdisciplinaridade também defendido por Maria Elisa Carrazzoni, um momento muito propício para o estudo da implementação de um pequeno centro de restauração que posteriormente veio a ser estabelecido⁴⁰¹.

Em dezembro de 1981, o Prof. Alcídio Mafra de Souza, então diretor do MNBA, solicita a restauração da obra “Eu vi o mundo, ele começava no Recife”, autoria de Cícero Dias, painel pintado em papel tipo *Kraft*, com solução de pigmentos e cola de peixe, com dimensões de 12,00 X 2,00 metros. Exposto novamente em 1965, na VII Bienal de São Paulo, o painel foi considerado por Geraldo Ferraz como “o impressionante marco zero da nova pintura brasileira embora tão maltratado, tão cheio de máculas e perdas”. Por iniciativa do então Secretário da Cultura do MEC, Aloísio Magalhães, tem-se início a recuperação da obra no Museu Nacional de Belas Artes⁴⁰². Dado como aparentemente irrecuperável, devido à sua extrema deterioração, o painel foi efetivamente restaurado nas dependências do quarto andar do MNBA, sob a coordenação da restauradora Norma Carreira Peregrini, então chefe da Seção de Conservação e Restauração de obras de arte em papel do MNBA, contando com a participação da restauradora Nancy de Castro Nunes e do estagiário Mauro Fainguelernt⁴⁰³. A restauradora Norma Carreira Peregrini descreveu a metodologia a ser empregada:

“A restauração de um painel de 12 m de comprimento (sua dimensão atual), em precárias condições de conservação é, sem dúvida, um desafio para qualquer profissional. Representa a necessidade de busca das melhores formas de se resolver todos os problemas técnicos que surgem, desde as dificuldades de manuseio de uma obra de tão grandes proporções, com zonas destruídas ou rasgadas, até riscos de se lesar a pintura já tão frágil.

(...) No processo de restauração que ora se inicia, está sendo utilizada a água desmineralizada com método de tratamento do apel para eliminação das impurezas existentes. Após a limpeza inicial, a pintura será protegida por uma solução de metilcelulose que devolverá a resistência dos pigmentos com também a intensidade do colorido.”⁴⁰⁴

⁴⁰⁰ Ibid.

⁴⁰¹ Entrevista Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, op. cit..

⁴⁰² PADIM, Suzana. Dêem-me o céu azul e o sol visível névoa, chuvas, escuros – isso tenho eu em mim. *Boletim do Museu Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro, Ano I, nº. , fevereiro, março, abril de 1982. s.p.

⁴⁰³ MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Eu vi o mundo, ele começava no Recife: painel de Cícero Dias/ as técnicas de restauração/ Norma Carreira Peregrini. Apresentação Alcídio Mafra de Souza. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1982. s.p..

⁴⁰⁴ PADIM, Suzana. op. cit., s.p.

Jacqueline Assis, conservadora-restauradora de papel do Museu Nacional de Belas Artes, ressaltou a importância da restauração do painel de Cícero Dias como marco efetivo na conservação e restauração de papel na estrutura organizacional do MNBA: “depois disso passou a ter um novo espaço e o *status* de Seção”⁴⁰⁵.

Num estudo publicado pela UNESCO, em 1973, o restaurador indiano Yash Pal Kathpalia salientou a necessidade de implantação de laboratórios de conservação e restauração nas instituições detentoras de acervos, justificando que “todas as instituições que se preocupam com a conservação de seus arquivos devem possuir um laboratório de reparação instalado num local bem ventilado e bem claro e dotado de instalações que permitam a pesquisa de materiais⁴⁰⁶”. Observa-se, ainda, no estudo intitulado *Atelier de conservation et de restauration* detalhadas orientações no sentido de fornecer aos leitores subsídios para a montagem de laboratórios tais como: espaços físicos, equipamentos técnicos, fluxo de atividades, descrição de materiais de consumo e formação de equipes de trabalho⁴⁰⁷. Outrossim, os livros pioneiros de conservação e restauração de papel, publicados no Brasil em 1971⁴⁰⁸, abordam tópicos concernentes à implantação de laboratórios de conservação e restauração de papel o que, de fato, denota ser uma diretriz de trabalho naquele momento. Pode-se verificar, ainda, no âmbito dos encontros voltados para preservação documental, que a implantação dos laboratórios de conservação e restauração é também reivindicada pelos participantes. Nesse sentido, a sessão plenária “Conservação e Restauração de Documentos” realizada no II Congresso Brasileiro de Arquivologia recomendava:

- que seja instalado um Laboratório Central de Conservação e Restauração de Documentos, a exemplo do Instituto de Patologia do Livro em Roma:

- que os Laboratórios Regionais sejam criados na área de maior densidade de bens culturais⁴⁰⁹.

Nos anais do 1º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de Documentos, realizado em 1976, no Rio de Janeiro, há recomendações às bibliotecas e aos arquivos em geral no sentido de implantar oficinas de preservação e restauração de documentos. Outrossim, o 2º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de Documentos reitera

⁴⁰⁵ ASSIS, Jacqueline. op. cit..

⁴⁰⁶ KATHPALIA, Yash Pal. op. cit., p.182. (tradução nossa).

⁴⁰⁷ Id., pp. 182-201.

⁴⁰⁸ Cf. CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit., p. 85-87 e MOTTA, Edson. & SALGADO, Maria Luisa, op. cit., p. 185 e 186.

⁴⁰⁹ CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit. p. 5.

este pensamento e recomenda “que sejam criados centros regionais para tratamento e divulgação dos trabalhos técnicos”⁴¹⁰.

De modo sintomático, podemos detectar no âmbito brasileiro, a partir do final da década de 1970, as iniciativas de elaboração de projetos com vistas a implantar os “laboratórios de conservação e restauração” especializados em papel, os quais, de certo modo, teriam o propósito de substituir os locais de trabalho ainda caracterizados por “seções” ou por “ateliê” - geralmente de pequeno porte - das instituições detentoras de acervos. Cabe lembrar que muitos núcleos iniciais de conservação e restauração de papel ocupavam, primordialmente, espaços físicos improvisados, reduzidos e inadequados aos procedimentos técnicos tais como: porões de museus e arquivos e, até mesmo, banheiros desativados. Por conseguinte, verificamos que a implantação dos laboratórios de conservação e restauração de papel representou o inaugurar de uma “nova fase”, ou seja, as instalações físicas e o aparato tecnológico constituíam-se em elementos fundamentais para o desenvolvimento das atividades de conservação e restauração de papel em consonância, portanto, com as matrizes conceituais e com os progressos científicos assinalados em centros estrangeiros de referência.

Nesse contexto, destaca-se o pioneirismo da implementação, nos anos de 1978 e 1979, do “Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos – LACRE” do Centro de Documentação da Fundação Casa de Rui Barbosa, por meio da aprovação de projeto da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. Maria Amélia Porto Migueis, então diretora do Centro de Documentação da Fundação Casa de Rui Barbosa, esclareceu quatro considerações básicas que fundamentaram a montagem inicial do projeto:

- a) necessidade de preservar, conservar e restaurar peças do acervo documental e bibliográfico da própria Fundação;
- b) respondendo a objetivos específicos que caracterizam a flexibilidade administrativo-financeira de uma Fundação, propor-se a incentivar a formação de um sistema de preservação, conservação e restauração, na área de papel, participando ativamente de estudos, programações e projetos na área ministerial quanto em outros setores, públicos e privados, sensíveis à problemática;
- c) prestar serviços e assistência técnica a terceiros;
- d) garantir a qualidade operacional através do emprego de recursos técnicos e de métodos, compatíveis com os progressos que vêm sendo assinalados, em centros de países mais desenvolvidos⁴¹¹.

⁴¹⁰ CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, 1979, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas do Brasil, 1982. p. 525.

⁴¹¹ CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL, 13, 2ª Sessão técnica especial sobre conservação e restauração de livros e documentos, 1980, São Paulo. *O Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Cópia xerográfica. p. 6.

Tendo em vista o treinamento de recursos humanos, a Fundação Casa de Rui Barbosa buscou assessoria técnica de especialistas brasileiros com formação e/ou experiências em centros europeus: Gilda Lefebvre (da Biblioteca Nacional), Ingrid Beck (do Museu Nacional de Belas Artes) e Maria Luísa Ramos de Oliveira Soares (Professora na área de Belas Artes). O “curso de treinamento inicial” teve a duração de seis meses: os três primeiros, de caráter teórico-prático e os seguintes, eminentemente práticos, num total de 600h/aula⁴¹². No que diz respeito às linhas norteadoras da criação do LACRE, Maria Luíza Ramos de Oliveira Soares ressalta o diálogo interdisciplinar:

“Então era muito interessante, Ingrid vinha da Alemanha, Gilda vinha da Itália e eu de Portugal. Mas, na realidade, éramos todas da Europa, ou seja, todas nós tínhamos o conceito europeu (...) consolidando, de fato, a questão interdisciplinar.”⁴¹³

Esse depoimento é revelador de como se interpenetram os saberes formados a partir de experiências individuais, revelando as formas de circulação e apropriação do conhecimento na construção de uma disciplina em implantação no Brasil.

Por ocasião do “Seminário Sobre Conservação de Documentos”, ocorrido em outubro de 1982, Jerusa Gonçalves Araújo, ao proferir a palestra intitulada “Restauração de Documentos: um grito de alerta”, avaliou a atuação pioneira do LACRE no contexto nacional:

A gestão do patrimônio cultural brasileiro vem exigindo uma tomada de consciência sobre a importância dos nossos problemas culturais. A conservação e restauração de documentos é, sem dúvida, um deles. Na Fundação Casa de Rui Barbosa, o problema foi no plano interno, somado com a criação em 1978, do LACRE- Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos. Desde então, vem ele desempenhando seu trabalho junto ao acervo da FCRB e paralelamente, quando solicitado, junto a outros órgãos.

Com grande frequência é o LACRE solicitado a opinar sobre a criação de outros laboratórios. Tais consultas vêm se intensificando o que nos leva a uma reflexão mais profunda. Cerca de 100 pessoas já passaram por um treinamento no LACRE, ou através dos dois cursos promovidos ou por meio de estágios supervisionados. Esta nos parece a solução mais adequada para que a restauração de documentos importantes, a memória cultural do país, enfim, não continue a ser tratada de acordo com os interesses individuais. Portanto, a preocupação em se criar laboratórios de conservação e restauração de documentos é hoje, no Brasil, um fato concreto⁴¹⁴.

⁴¹² Id., p. 6

⁴¹³ Depoimento de Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares em 10/04/2006.

⁴¹⁴ ARAÚJO, Jerusa Gonçalves. Restauração de documentos: um grito de alerta. Seminário sobre Conservação de Documentos. In: *A arquivologia e a realidade brasileira*: programa oficial, resumo dos trabalhos. CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 5, Rio de Janeiro, 1982.

Ainda com referência à implantação do LACRE e, por conseguinte, a criação de um campo específico na especialidade de papel, cabe destacar a observação de Orlando Ramos Filho:

Aliás, a especialização é um dos caminhos que se abrem ao restaurador brasileiro, que vai gradativamente deixando de ser um faz-tudo e se dedicando a um ramo exclusivo de sua profissão, a exemplo de outros países, processo iniciado pelos restauradores de papel e demarcado pela criação do ateliê da Casa de Rui Barbosa na década de 1970.⁴¹⁵

A implantação dos laboratórios e núcleos iniciais de conservação-restauração de papel nas instituições públicas exemplifica, no contexto brasileiro, a construção de um *campus* específico a partir da apropriação das referências teóricas demarcadas no cenário preservacionista internacional. Podemos correlacionar reflexos produtivos por meio da ação dos profissionais que após receberem formação pautada em metodologia científica em centros estrangeiros especializados indicam a necessidade premente da implantação de laboratórios de conservação e restauração devidamente instalados e equipados. Nesse sentido, há que se ressaltar a atuação dos organismos internacionais como a UNESCO, os Conselhos Internacionais como o ICOM, e o Comitê de Conservação e Restauração criado, em 1976, pelo Conselho Internacional de Arquivos - CIA. A cooperação interinstitucional, a concessão de bolsas de estudos, a realização de congressos e reuniões profissionais promovidos por tais organismos contribuíram para a difusão e desenvolvimento de metodologia científica de restauração. Nesse sentido, podemos destacar, em 1979, a divulgação dos *Principles of conservation and restoration in libraries* pela *International Federation of Library Association* –IFLA, órgão máximo na representação das associações bibliotecárias, considerado o primeiro documento oficial de cunho internacional dedicado à tentativa de sistematizar as premissas necessárias para uma concreta política de conservação e restauração⁴¹⁶.

Ao final da década de 1970 e início da década de 1980, mapeamos iniciativas de implantação de laboratórios de conservação e restauração no âmbito dos governos estaduais. Tais iniciativas são, de fato, reveladoras na medida em que demonstram a preocupação regional com a preservação dos acervos em suporte de papel, bem como ilustram a

⁴¹⁵ RAMOS FILHO, Orlando. Restauração de Bens Móveis e Integrados: 40 Anos. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº. 22/1987.p. 156.

⁴¹⁶ IFLA, COMITÉ DE CONSERVACIÓN: Principles of conservation and restoration in libraries , *IFLA Journal*, vol. 5, 1979, pp.292-300.

ramificação das atividades de conservação e restauração de papel pelo território brasileiro a partir dos núcleos pioneiros situados na cidade do Rio de Janeiro. Observa-se que os governos estaduais buscam manter intercâmbio institucional com o Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN, com vistas a obter informações de natureza técnica e administrativa, além de solicitar treinamento profissional por meio da realização de estágios de curta duração.

Em 1978, o Governo do Estado de Goiás mostrou-se empenhado na montagem de um laboratório para restauração de documentos, gravuras, impressos e manuscritos. Na ocasião, pretendiam, ainda, elaborar um plano de emergência para preservar o Arquivo do Gabinete Literário Goiano, fundado em 1846, com 3.000 volumes, bens culturais de valor histórico para o Estado de Goiás. Para tanto, o Governo goiano solicitou apoio do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais do IPHAN no sentido de treinar técnicos para trabalhar no laboratório a ser criado⁴¹⁷. Em 1980, foi elaborado o projeto de implantação do “Laboratório de Restauração e Conservação de Papel” do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo. Com anuência do IPHAN, o referido projeto foi encaminhado à iniciativa privada, Aracruz Celulose S/A, com vistas à obtenção de recursos financeiros para a efetivação do mesmo⁴¹⁸, o que revela a falta de dotações orçamentárias na esfera pública. Fernando Antonio de Moraes Achiamé, então Chefe do Arquivo Público Estadual, justifica a importância do referido projeto no contexto do Estado do Espírito Santo:

De há muito o Estado do Espírito Santo necessita de contar com os serviços de um laboratório de restauração de documentos: instituições públicas e privadas de nossa terra são detentoras de preciosos acervos documentais que a má utilização ou a incúria vem malbaratando. Como exemplo podemos citar os acervos do Arquivo Público Estadual, dos Arquivos Gerais das Prefeituras Municipais de Vitória, Vila Velha, Colatina, Cachoeiro de Itapemirim, dos Arquivos das Assembleias Legislativa e do Tribunal de Justiça do Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Vitória, os jornais antigos da Biblioteca Pública Estadual e outras coleções públicas e particulares. (...) Mas o Laboratório de restauração de papéis costuma adotar, por excelência, medidas de caráter reparador ou curativo. No caso do Espírito Santo, a existência de tal laboratório também ensejará a criação de uma equipe de especialistas interessados não somente na restauração de papéis, mas também em neutralizar os fatores internos que determinam sua deterioração em controlar os fatores externos responsáveis por seu desaparecimento. São medidas a serem adotadas paralelamente à restauração e possuem um caráter preventivo, de maior alcance, sendo mais

⁴¹⁷ Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Série Laboratório, Módulo 72, Prateleira 03, Caixa 256.

⁴¹⁸ Arquivo Noronha Santos - IPHAN, Série Laboratório, Módulo 72, Prateleira 03, Caixa 256, Ofício 2139/80, MEC- SPHAN, 23/09/80.

baratos. O certo é que as medidas preventivas e curativas se interligam porque exigem elementos gabaritados que a determinam⁴¹⁹.

É interessante observar na justificativa empregada por Fernando Antonio de Moraes Achiamé a importância então atribuída à implementação dos laboratórios de restauração de documentos, no contexto da década de 1980, como um meio norteador das ações de preservação, ou seja, a partir da existência do mesmo seria criada uma equipe de especialistas em conservação e restauração de papel, bem como seriam elaboradas medidas preventivas nos acervos alocados no âmbito estadual.

Também na década de 1980, verificamos outra ação que evidencia a preocupação com a preservação de acervos documentais, motivada por discussões no campo da Arquivologia. No 1º Simpósio Regional de História e Documentação Empresarial, realizado em Belém do Pará, em novembro de 1987, os especialistas convidados para a Reunião sobre a Documentação Histórica referente à Amazônia registram o lamentável estado de conservação que se encontram os acervos documentais oficiais em custódia no Arquivo Público do Pará. Nessa ocasião, é pleiteado que a Secretária de Cultura do Estado do Pará receba o imediato apoio da Fundação Pró-Memória, CNPq e FINEP no sentido da instalação de um Laboratório de Restauração⁴²⁰.

Diante das dificuldades de ordem financeira, técnica e administrativa encontradas no campo da preservação dos documentos gráficos podemos verificar, a partir do final da década de 1970, estratégias de aglutinação de núcleos científicos e de instituições detentoras de bens culturais com vistas a somar esforços e viabilizar ações efetivas de preservação, conservação e restauração de acervos documentais.

Nesse sentido, podemos situar a criação, em 1979, da Coordenadoria de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Estado de São Paulo – CORLIDOSP com o objetivo de elaborar e implantar uma sistemática de restauração e conservação de livros e documentos históricos, abrir novos campos de pesquisas historiográficas e aperfeiçoar as técnicas de restauração. Assim, foi assinado um Programa de Colaboração entre o Museu Paulista e o Centro Técnico de Celulose e Papel – CTCP do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A. - IPT, dentro do Convênio de Colaboração Ampla USP/IPT. Tendo em vista a execução dos objetivos propostos no Programa, foi constituída uma Comissão Coordenadora composta de representantes das seguintes instituições: Museu

⁴¹⁹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Sub-série Laboratório, Módulo 72, Prateleira 03, Caixa 256.

⁴²⁰ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Congresso, Caixa 019/090, Pasta 096.

Paulista, Centro Técnico em Celulose e papel, Arquivo do Estado de São Paulo, Associação Brasileira de Arquivistas (Núcleo Regional de São Paulo), Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel.

Dentre as primeiras ações da CORLIDOSP, destaca-se a realização do “1º. Encontro Brasileiro de Conservação e Restauração de Livros e Documentos”⁴²¹, na cidade de São Paulo, em 30 de julho de 1979. Compareceram ao evento vinte e cinco especialistas de várias regiões do país, representando instituições diversas. Dentre os temas de discussão do referido encontro, os participantes destacam-se os seguintes tópicos: textos técnicos para orientar o manuseio e conservação de documentos, preparação de cursos técnicos de especialização. Registrou-se, ainda, a necessidade de orientar e estimular a criação de laboratórios regionais de apoio às atividades de conservação e restauração. Conforme já mencionado no item nº 2.2.3 do Capítulo II, o encontro foi encerrado com a participação oficial de Aloísio Magalhães, então presidente do IPHAN, o qual enfocou – de modo relevante - a importância da preservação de acervos em papel no âmbito brasileiro⁴²².

É também no bojo das ações da CORLIDOSP que se dá a elaboração de projetos pioneiros de implantação de laboratórios de conservação e restauração de papel no âmbito do Estado de São Paulo, como o projeto do Centro de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Diz a justificativa do projeto:

Laboratório a ser instalado no Museu Paulista, remanejando instalações existentes e dimensionando para atender à demanda do próprio Museu e suas instituições filiadas no interior do Estado, bem como à Oficina Regional a ser instalada no Arquivo do Estado. As atividades de conservação receberão tratamento prioritário, em função do estado atual do acervo e do pequeno número de técnicos restauradores disponíveis. Sua implementação será imediata, com investimentos iniciais modestos, complementando instalações já existentes no Museu Paulista e contando com instalações laboratoriais de terceiros (IPT, por exemplo), para as análises e pesquisas mais sofisticadas⁴²³.

Assim, é inaugurado, em 13/03/1980, o Laboratório de Restauração de Papéis do Museu Paulista, com apoio financeiro da Secretaria de Estado da Cultura e da USP. O laboratório iniciou suas atividades em janeiro de 1981, contando com a colaboração de Edith

⁴²¹ Cabe registrar que tal evento não foi, portanto, o primeiro encontro no campo conservação e restauração de papel a ser realizado no âmbito brasileiro. De fato, o primeiro evento realizado foi o 1º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de Documentos, realizado no Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em 1976, como parte integrante ao 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia.

⁴²² COORDENADORIA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE LIVROS E DOCUMENTOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – CORLIDOSP. São Paulo, 1980. Relatório de Atividades. (Cópia xerográfica). p.5. (Cópia xerográfica).

⁴²³ Arquivo Noronha Santos – IPHAN – Série Conselho – Pasta 39. Ata reunião CORLIDOSP, em 05/03/80.

Maria Silva, restauradora do Arquivo Histórico Municipal. Em sua fase inicial de funcionamento, o laboratório recebeu a visita da Dra. Maria Teresa Gomes Ferreira, então Diretora do Serviço de Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal. De volta a Lisboa a Dra. Maria Teresa Gomes Ferreira conseguiu que a Fundação Calouste Gulbenkian financiasse a vinda do técnico em restauração da referida Fundação, Vítor Manuel Cerqueira Calisto Milheirão, o qual, por um período de trinta dias, ensinou aos três técnicos em restauração de papel do Museu Paulista “modernos métodos de restauração de papel”⁴²⁴.

Foi também concebido pela CORLIDOSP o projeto de implantação do Laboratório Central de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Estado de São Paulo. Conforme se verifica na justificativa do mesmo, havia o abrangente propósito de atender às necessidades de conservação e restauração de papel no âmbito do Estado de São Paulo, bem como estender a prestação de serviços às instituições congêneres:

Laboratório instalado em edifício próprio, a ser construído para atender de forma autônoma à demanda de todas as instituições do Estado de São Paulo. Deverá contar com espaço suficiente para acomodar o crescimento futuro. Sendo o primeiro laboratório do gênero no país, ele deverá ser solicitado também por instituições de outros estados. As atividades de treinamento e formação de pessoal especializado deverão fazer parte integrante das atividades do laboratório, permitindo organizar e conduzir os estágios técnicos que hoje existem no exterior. Sua implantação será mais demorada, necessitando de investimento razoável⁴²⁵.

A estrutura do Laboratório Central do Estado previa a ocupação de 300 metros quadrados pelas seções técnicas e administrativas, empregando vinte e quatro funcionários. No entanto, não se obteve indicativos quanto à implantação do referido projeto.

Não há referências sobre a continuidade do funcionamento da CORLIDOSP nos anos subseqüentes. Lamentavelmente, verificamos a não efetivação dos abrangentes propósitos estabelecidos pela Coordenadoria o que, de certo modo, evidencia as dificuldades encontradas, sejam de ordem administrativa ou orçamentária, no sentido de viabilizar os objetivos da preservação dos acervos bibliográficos e documentais.

Em 1981, a Fundação Petrônio Portella⁴²⁶ criou o Laboratório de Conservação e Restauração de Livros e Documentos – LACOR, no Anexo II do Ministério da Justiça, com a

⁴²⁴ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, MUSEU PAULISTA. *Relatório Sucinto de Atividades 1978-1981*. s.p. Ref. 21551.

⁴²⁵ Arquivo Noronha Santos – IPHAN, Série Conselho, Pasta 39. Relatório da Reunião da CORLIDOSP, em 05/03/1980, p. 5.

⁴²⁶ Com a transferência da Secretaria de Documentação e Informática da Secretaria Geral para a Fundação Petrônio Portella, o Laboratório passou a fazer parte do programa de “Memória Jurídica Nacional” preconizado pela Lei nº. 6860, de 20 de novembro de 1980, que criou a Fundação.

ocupação de uma área de 730 metros quadrados, adaptada e equipada para a realização dos trabalhos de conservação e restauração de livros e documentos, tendo uma equipe formada por três conservador-restauradores, todos com formação no exterior, além de cinquenta auxiliares⁴²⁷. Considerado o único no gênero de suas atividades na região de Brasília, o LACOR ampliou suas atividades com a oferta de assessoramento técnico e prestação de serviços a vários órgãos da esfera pública tais como: Ministério do Trabalho, Ministério dos Transportes, Museu do DIN, Biblioteca do Senado Federal, Memorial JK, EBCT, Caixa Econômica Federal, etc. Dentre as atividades iniciais do Laboratório destaca-se a conservação e restauração de cento e cinquenta mil volumes da Biblioteca do Ministério da Justiça. Em 1984, o LACOR ampliou suas atividades e passou a oferecer estágios na área da preservação de livros, atendendo instituições de vários Estados brasileiros, além de países como Colômbia, Equador e Chile⁴²⁸. Em 1987, o LACOR foi desvinculado da Fundação Petrônio Portela – Ministério da Justiça, transferindo-se para o Departamento de Imprensa Nacional (DIN).

Verifica-se também na década de 1980 a reformulação dos núcleos de restauração da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional - já criados em décadas anteriores - com a implantação de laboratórios de conservação e restauração dotados de instalações e equipamentos técnicos pertinentes.

O Laboratório de Restauração da Biblioteca Nacional começou a ser implantado em 1970, sendo registrados movimentos isolados e tentativas de restauração do acervo da instituição com as técnicas então vigentes. Conforme apontou Lindaura Corujeira, em 1974, o Laboratório de Restauração da Biblioteca Nacional estava subordinado à Divisão de Bibliopatologia do Livro e empregava, naquela época, a restauração de documentos aplicando o processo de plastificação, mediante a laminadora Barrow⁴²⁹. Entre os anos de 1983 e 1984 foram importados da Espanha os mais modernos equipamentos existentes àquela época, tendo em vista o efetivo funcionamento do Laboratório. Em 1985, tem-se o início do tratamento sistemático do acervo da Biblioteca Nacional com obras pertencentes à Coordenadoria de Acervo Especializado: Divisão de Obras Raras, Divisão de Manuscritos, Divisão de

⁴²⁷ Cf. Neuma Pinheiro Salomão Gonçalves, então Chefe do LACOR, analisou as qualidades do conservador-restaurador, justificando a utilização de mão-de-obra de deficientes físicos como auxiliares na área. In: *A arquivologia e a realidade brasileira*: programa oficial, resumo dos trabalhos. Congresso Brasileiro de Arquivologia, 5, Rio de Janeiro, 1982.

⁴²⁸ FUNDAÇÃO PETRÔNIO PORTELA. Laboratório de Conservação e Restauração de Livros e Documentos - LACOR, [1986 ?]

⁴²⁹ CORUJEIRA, Lindaura Alban. op. cit., p.5.

Iconografia e Divisão de Música e Arquivo Sonoro⁴³⁰. O relatório do “Grupo de trabalho: Papéis” integrante ao Seminário formação e treinamento profissional para preservação de bens culturais – ABRACOR, realizado no Rio de Janeiro, em dezembro de 1985, evidencia as mudanças ocorridas no âmbito da instituição:

A Biblioteca Nacional, através da Fundação Nacional Pró-Memória e do apoio da Finep, Unesco e OEA, implantou o Centro de Pesquisa e Treinamento em Papel, que conta com uma equipe interdisciplinar de profissionais, dispondo de equipamentos modernos, inclusive de origem espanhola, citando-se como exemplo a máquina Vinyector, prensa hidráulica e desfibradores de cartão de celulose por via seca e aquosa. Através dos programas de bolsas da Capes e CNPq, a Biblioteca tem proporcionado treinamento técnico no exterior e incentivado a pesquisa nos campos da química e da biologia. Além disso, deu início ao treinamento de pessoal interno e abrirá estágios para candidatos externos em 1986⁴³¹.

Embora a “Seção de Restauração”⁴³² do Arquivo Nacional tenha sido instituída por meio do Decreto nº. 44862, de 21 de novembro de 1958⁴³³, é somente em 1988 que as atividades de preservação passam por reformulações quanto à sua estruturação. Nesse sentido, Ingrid Beck, então Diretora da Divisão de Pesquisas e Atividades Técnicas, destacou:

Uma das principais funções de todo arquivo público é, sem dúvida, a preservação de seu acervo. Apesar da importância deste aspecto para a instituição e para o país, foram necessários vários anos de luta e expectativa para que a Direção-Geral do Arquivo Nacional finalmente conseguisse implantar, de maneira completa, as atividades voltadas à preservação. Hoje, a Divisão de Pesquisas e Atividades Técnicas possui um quadro de quarenta funcionários, distribuídos por cinco setores, com atividades distintas, como preservação, restauração, encadernação, microfilmagem e pesquisa aplicada, nas áreas de química, microbiologia e entomologia⁴³⁴.

Outrossim, a narrativa abaixo reflete o contexto da implantação dos laboratórios na qual podemos verificar as dificuldades e limitações a serem vencidas:

No Arquivo Nacional, trabalhamos há dois anos com uma nova equipe de 35 pessoas das áreas de química, biologia, conservação, encadernação e reprografia. O estreito entrosamento desta atividade em torno da preservação criou também entre os técnicos o hábito da

⁴³⁰ Restauração de Acervos Bibliográfico e Documental. In: Curso de Preservação de Acervos Bibliográficos e Documentais. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro 16 a 25 de outubro de 2006. Coordenadoria de Preservação p.24

⁴³¹ SEMINÁRIO FORMAÇÃO E TREINAMENTO PROFISSIONAL PARA PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS, 1985, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, 1985.

⁴³² Incumbida de “reparar e restaurar os documentos que com esse fim lhe forem destinados.”

⁴³³ HOLLÓS, Adriana Lúcia Cox. op. cit. p.44.

⁴³⁴ BECK, Ingrid. Novas perspectivas para a restauração de documentos no Arquivo Nacional. In: *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v.3, nº.2, jul.-dez. 1988. p. 67.

interlocução, beneficiando-se com seu próprio crescimento profissional. As dificuldades anteriormente comentadas com relação a equipamentos e materiais tem sido uma constante também entre nós. Outro investimento foi a instalação de novos laboratórios, incluindo uma oficina de papel. Para garantir a produtividade destes laboratórios, a instituição, que dispõe de recursos muito limitados para material de consumo, vem recebendo importante ajuda de diferentes setores da indústria brasileira, através da doação de quase todos os materiais atualmente empregados em nossa atividade. Não obstante, há produtos que ainda dependem de importação. São especialmente adesivos e papéis para laminação de documentos frágeis.

Os equipamentos que necessitamos, também não são produzidos em linha no Brasil. Um convênio de cooperação do Arquivo Nacional com a Marinha do Brasil resultou no desenvolvimento do protótipo de uma máquina reintegradora. Este equipamento poderá trazer subsídios para a elaboração de um projeto definitivo, e sua produção em escala no País⁴³⁵.

Em 12 de julho de 1991, por meio de Portaria, é criada a Divisão de Conservação de Documentos do Arquivo Nacional que passa a contar com três unidades formais: Seção de Preservação, Laboratório de Restauração e Laboratório de Microfilmagem e Fotografia.

3.2 A implantação de laboratórios de conservação e restauração de papel nas instituições de ensino universitário.

A criação dos laboratórios pioneiros em conservação e restauração de papel no Brasil vincula-se, inicialmente, à problemática de preservação dos acervos alocados nas instituições públicas. A partir da metade da década de 1980, mapeamos iniciativas de implantação de vários laboratórios e de núcleos de preservação no âmbito das universidades, evidenciando-se a preocupação com a inserção da preservação de acervos em papel no *campus* científico e acadêmico. Podemos situar que, de modo favorável, os aportes teóricos e científicos publicados na década de 1980, com por exemplo as obras: *The Museum Environment* de Garry Thomson, e *Química aplicada à Restauração* do químico-restaurador Giorgio Torraca, bem como várias publicações do químico e cientista Gael de Guichen (ICCROM), contribuíram para o debate e reflexões no bojo das disciplinas de graduação e pós-graduação universitária. Verifica-se que as investigações científicas relacionadas aos procedimentos técnicos da conservação-restauração encontram, no âmbito universitário, a desejada cooperação interdisciplinar com Física, Química e Biologia. Nota-se que alguns dos laboratórios foram criados com fins precipuamente técnico-pedagógicos, tendo em vista o atendimento das disciplinas de introdução à conservação-restauração na área de livros,

⁴³⁵ BECK, Ingrid. O desenvolvimento de materiais para a conservação de documentos. In: *Anais... SEMINÁRIO DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS*, 5, ABRACOR. 1990. pp. 71-73.

documentos e obras em papel notadamente nos cursos de Belas Artes, Museologia, Arquivologia e Biblioteconomia. Entretanto, cabe ressaltar que tais disciplinas não definiam como objetivo principal a formação de conservadores-restauradores e sim um enfoque mais voltado para a conscientização acerca da preservação do patrimônio cultural. De outro lado, constatamos o surgimento de laboratórios que estabeleciam como objetivo principal a preservação dos acervos culturais alocados nas próprias instituições universitárias, bem como definiam a prestação de serviços especializados à comunidade em geral.

Em 1980, foi inaugurado o Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais – CECOR da UFMG, em convênio com a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, tendo sido ampliado posteriormente, em 1988, em convênio com o Ministério da Cultura/MEC. O primeiro pavimento do CECOR contava com 400 metros quadrados, compreendendo, dentre vários setores, o laboratório para papéis⁴³⁶. Com relação às áreas de atuação do curso de especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, implantado em 1978 no CECOR, a Prof^a. Bethânia Reis Veloso explica que “a conservação e restauração de obras sobre papel funcionou desde o início com professores convidados e passou a integrar o curso apenas em 1994 com a contratação de professor. Conta com atelier específico, embora pequeno para as aulas”⁴³⁷. Conforme já mencionado no Capítulo I, o CECOR foi pioneiro no ensino da disciplina de Conservação e Restauração de Papel, ministrada por Maria Luiza Guimarães Salgado, então restauradora do SPHAN, no 1º Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, realizado em 1978⁴³⁸.

Com vistas a preservar a coleção formada por 6 000 obras de arte em suporte de papel – constituída por relevantes artistas nacionais e estrangeiros da produção contemporânea - o Museu de Arte Contemporânea da USP, em 1985, na gestão da Prof^a. Aracy Amaral, apresentou para apreciação na VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social o projeto para a montagem do Laboratório de Conservação e Restauo de Obras de Arte sobre Papel. Ressalta-se que a aprovação do referido projeto possibilitou, em 1986, a implantação do Laboratório Piloto da VITAE, ainda na sede do Museu de Arte Contemporânea do Parque do Ibirapuera. O Laboratório foi mantido pela VITAE por dois anos e, em 1988, foi definitivamente incorporado pela USP⁴³⁹. Dessa forma, a criação do Laboratório de

⁴³⁶ Folder do CECOR publicado em 1980 na inauguração do prédio apud VELOSO, Bethânia Reis. op.cit., p. 55.

⁴³⁷ VELOSO, Bethânia Reis. op. cit. p. 60.

⁴³⁸ Id., p. 84.

⁴³⁹ ELIAS, Isis Baldini & THOMÉ, Lucia Elena. Laboratório de Conservação e Restauo de Papel do MAC. In: Estudos da Comissão do Patrimônio Cultural - CPC, *Conservação e Restauo I: Recomendações e Projetos em Andamento na Universidade de São Paulo*, 1997, p. 49.

Conservação e Restauro de Obras de Arte sobre Papel do MAC-USP constituiu-se numa ação protagonista no contexto brasileiro no que se refere à tipologia de acervos artísticos contemporâneos em suporte de papel. Destaca-se, nesse sentido, as transformações ocorridas na eleição de critérios de valoração das obras de arte que têm o papel como suporte da expressão plástica. Se, anteriormente, havia uma relação hegemônica das obras em suportes ditos tradicionais como a pintura sobre tela ou pintura sobre madeira em relação às obras de arte em suporte de papel⁴⁴⁰, verificamos a partir da produção artística contemporânea a eleição de novos critérios de valoração. Portadoras de significação dos contextos históricos e artísticos em que foram forjadas, as obras de arte em suporte de papel alcançam, portanto, a representação identitária e o estatuto de patrimônio cultural a ser preservado. Nesse sentido, destacou o Prof. Teixeira Coelho:

Longe de ser um veículo acessório e suplementar, o papel torna-se, sob mãos hábeis, tão maleável, denso e flexível, explosivo, surpreendente e expressivo quanto qualquer outro suporte. A coleção do MAC-USP de obras em suporte prova-o reiteradamente, num acervo tão variado do ponto de vista dos estilos e dos temas quanto das técnicas. Todo, quase todo o itinerário da arte inscrita em papel ao longo do século XX fica desenhado nesta mostra, que vai do papel “clássico” – aquele que exhibe uma figura humana reconhecível em seus traços essenciais e configurados em preto sobre fundo branco pela mão do artista, num desenho ou numa gravura – ao papel “contemporâneo” (...) A concepção do Gabinete do Papel, bem como esta mostra, foram dois modos encontrados pelo museu para dar à obras de arte em papel o lugar que merece não apenas no interior do próprio museu como no interior do sistema histórico e atual da arte, no país e no contexto global. (...) Nesse espectro estão representados os diferentes movimentos estéticos do século, do figurativismo ao neo-figurativo passando pelo abstracionismo, o metafísico, o onírico e tanta coisa mais⁴⁴¹.

No âmbito do ensino acadêmico da Museologia, é criado, em 1987, o Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais – NUPRECON, pela Prof^ª. Violeta Cheniaïx da Escola de Museologia da UNIRIO. Em sua dissertação de mestrado *A formação do museólogo no controle da luz e da umidade para a preservação e conservação de acervos: um estudo a partir de museus da Fundação de Artes do Rio de Janeiro*, a Prof^ª. Violeta Cheniaïx ressaltou a importância da conservação preventiva nas coleções museológicas e,

⁴⁴⁰ Cf. “Por absurdo que pareça, o desenho hoje também é considerado uma “arte menor” – pelo mercado, evidentemente, não pelos artistas – por quê? Porque é executado “sobre papel”. Como se um desenho de Rembrandt fosse menos valioso do que uma pintura! São critérios mercadológicos, que nada têm a ver com os critérios artísticos.” OSTROWER, Fayga. *Arte sobre papel: da gravura chinês às imagens do computador*. In: *A cultura do Papel/Márcio Doctors, org.*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999. p. 152.

⁴⁴¹ TEIXEIRA COELHO NETTO, José. *O papel da arte no gabinete de papel*. In: *O PAPEL DA ARTE*, 2001. São Paulo. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

dessa forma, justificou a relação da instituição do NUPRECON em consonância com o programa de atendimento pedagógico e técnico do curso de Museologia na UNIRIO⁴⁴².

Em 1986, foi criado o Laboratório de Preservação de Acervos – LPA pela então Escola de Biblioteconomia da UFMG, como parte do projeto “Nova Universidade” e com recursos obtidos através da Câmara de Graduação da UFMG. Já idealizado na década de 1970 pela Prof^ª. Maria Romano Schreiber, docente da disciplina História do Livro e das Bibliotecas, o LPA iniciou suas atividades tendo como coordenadora a Prof^ª. Sônia de Conti Gomes, tendo sido considerado como referência para montagem de laboratórios em outras Escolas de Biblioteconomia em todo país⁴⁴³.

Em 1988, é criado o Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos – LACORD, a partir de projeto coordenado pelo Prof. Gilson Cruz de Oliveira, do Departamento de Documentação da UFF, voltado especificamente para a preservação documental de uma instituição de ensino superior. Contando com o apoio do CNPq, o LACORD estabeleceu o objetivo de preservação do Núcleo de Documentação- NDC da UFF, distribuídos em suas vinte e duas bibliotecas, sendo quatro delas em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro, e no Arquivo Central. Conforme salientou o Prof. Gilson Cruz de Oliveira “este laboratório foi o primeiro em nosso País a ser criado em uma Instituição de Ensino Superior, destinado exclusivamente à Preservação do seu Acervo Documental”⁴⁴⁴.

Conforme observamos, a década de 1980 é caracterizada pela implantação de laboratórios de conservação e restauração especializados em papel, em instituições públicas situadas, notadamente, no eixo Rio-São Paulo. Já na década de 1990, ocorre a descentralização da implantação dos laboratórios pelo território nacional, propiciada, em muitos casos, a partir dos editais das Leis de incentivo à cultura ou por órgãos oficiais de fomento. Cabe também destacar a atuação da VITAE – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social⁴⁴⁵ com relação aos incentivos para a formulação de políticas de conservação preventiva em bibliotecas e arquivos e no financiamento de iniciativas para melhorar a infraestrutura dos museus brasileiros. Nesse sentido, verificamos, nas últimas duas décadas, a implantação de dezenas de laboratórios de conservação e restauração de papel em instituições

⁴⁴² UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO. Mestrado Memória Social e Documento. *Catálogo de Dissertações 1991-2000*, organizado por Icléia Thiesen Magalhães Costa. p. 7.

⁴⁴³ CARVALHO, Maria da Conceição & FERNANDES, Cleide. Conservação de livros raros: relato de uma experiência pedagógica. IN: *Perspectivas em ciências da informação*. Belo Horizonte, v. 11, p. 95-101, jan/abr. 2006. p. 98.

⁴⁴⁴ OLIVEIRA, Gilson Cruz de. Plano de ação para o gerenciamento e melhoria da qualidade nos serviços de preservação do acervo documental o Núcleo de Documentação da UFF. In: *Anais...* ABRACOR, 8, 1996, p. 51.

⁴⁴⁵ VITAE, Apoio à Cultura, Educação e Promoção, associação civil sem fins lucrativos, de apoio nas áreas de educação, cultura e promoção social, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Encerrou suas atividades em 2005.

detentoras de acervos em papel. Dentre as instituições beneficiadas pela VITAE podemos destacar: Museu Histórico Nacional, Arquivo Público do Pará, Biblioteca Central da Universidade de Campinas, Museu de Arte Murilo Mendes da UFJF, Fundação Joaquim Nabuco, Associação Brasileira de Encadernação e Restauro, Museu da Gravura da Cidade de Curitiba, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu Lasar Segall e outros.

Podemos interpretar que a implantação dos laboratórios de conservação e restauração de papel no Brasil, demarcada, sobretudo, ao longo da década de 1980, está em consonância com as diretrizes estabelecidas pela comunidade preservacionista internacional. Nesse sentido, destacam-se as recomendações da UNESCO aos seus Estado Membros, em particular os países em “vias de desenvolvimento”, por meio das publicações da Divisão do Programa de Gestão de Documentos e Arquivos – RAMP/UNESCO, em convênio com o Conselho Internacional de Arquivos – CIA, que estabeleceram os “princípios relativos ao planejamento e implantação de um programa para a conservação de documentos e livros em papel”⁴⁴⁶. Em contraposição aos métodos empíricos anteriormente empregados, observamos na referida literatura a importância atribuída ao caráter técnico-científico da conservação e restauração, o que, de fato, evidencia uma matriz conceitual a ser defendida e praticada naquele momento:

De uma arte silenciosa, cuidadosamente guardada e praticada durante séculos, influenciada pelos próprios interesses do colecionismo e dos meios disponíveis, a restauração transformou-se na prática de uma **autêntica ciência cujo potencial e desenvolvimento se fundamenta no vertiginoso incremento do tecnicismo** (...) Todo tratamento restaurador que pretende obter **valorização científica** requer uma **metodologia** que agrupe e coordene todas as atividades que concorrem para a recuperação da obra. Esta metodologia descarta, de forma absoluta, a improvisação (...) Estes preceitos constituem os chamados critérios de restauração que adquiriram a qualidade de **doutrina** pela universalidade de seu alcance (...) Tudo isso, com base nos conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores e nos estudos que, **com autêntico rigor científico**, se desenvolvem na atualidade⁴⁴⁷.

Em 1984, o Conselho Internacional de Museus – ICOM aprovou o documento intitulado “O Conservador-Restaurador: uma definição de uma profissão”, resultado de uma reunião celebrada em Copenhague. Este documento – considerado o primeiro código deontológico da profissão - que estabelece os objetivos, princípios e necessidade da profissão

⁴⁴⁶Cf. CRESPO, Carmen – La Preservación y Restauración de documentos y libros en papel. Un estudio del RAMP con directrices/preparado por Carmen Crespo y Vicente Viñas para el Programa General de Información y UNISIST – Paris: UNESCO, 1984.

⁴⁴⁷ Id., pp. 54-58. (Tradução nossa, grifos nossos).

do conservador-restaurador, foi traduzido e publicado, em 1988, no Boletim nº. 1 da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR. Como podemos interpretar, este documento atuou como ponto de partida para uma ampla reflexão levada a cabo na década de 1990. Também de singular importância para a década de 1980 é a divulgação da “Carta de 1987 da Conservação e Restauração dos Objetos de Arte e Cultura”⁴⁴⁸, que em seu primeiro artigo contempla a ampliação dos objetos dignos de conservação e restauração, englobando-os sob o conceito de “bem cultural”. Em seus respectivos anexos, verificamos, de modo pioneiro, recomendações específicas para os acervos em suporte de papel como: Instruções para a execução de intervenções de conservação e restauração de obras de caráter plástico, pictórico, gráfico e de artes plásticas (ANEXO D), Conservação e restauração de livros (ANEXO E), e Conservação e restauração de bens de arquivo (ANEXO F).

Por ocasião do 1º. Seminário Nacional da ABRACOR, realizado em novembro de 1985, foi realizado um levantamento intitulado “Quadro atual dos laboratórios de restauração de papéis” no qual é contabilizado 18 laboratórios de restauração em funcionamento, além do total de 100 profissionais atuantes nos referidos laboratórios conforme se verifica no ANEXO B.

Podemos conceber - no contexto do final da década de 1970 e ao longo das décadas de 1980 e 1990 - a implantação dos laboratórios de conservação e restauração como a consolidação de um *campus* específico no qual os atores sociais dão lugar às suas atividades profissionais, às suas práticas culturais. Nesta fase de cunho tecnicista, detecta-se a predominância da discussão em torno do diagnóstico do estado de conservação dos acervos deteriorados, bem como dos critérios, técnicas e metodologias aplicáveis à restauração dos bens culturais deteriorados. Para tanto, o arsenal tecnológico, os equipamentos científicos, as instalações e mobiliários específicos atuam como elementos constituintes de um espaço simbólico e de afirmação do *habitus* profissional, do capital intelectual. Em diálogo com a perspectiva de Chartier, os laboratórios são interpretados como representações coletivas pois além de atuarem como arcabouço científico necessário aos procedimentos científicos da conservação e restauração dos documentos gráficos, são também legitimadores de uma

⁴⁴⁸ Participaram da comissão redatora da “Carta de 1987 da Conservação e Restauração dos Objetos de Arte e Cultura”: Umberto Baldini (*Istituto Centrale per il Restauro*); Franca del Grano Manganelli (*Istituto Centrale per il Restauro*); Giovanni Di Geso (*Ufficio Centrale BAAAAS*); Maria Lilli Di Franco (*Istituto Centrale per la Patologia del Libro*); Corrado Maltese (*Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Roma “La Sapienza”*); Paolo Mora (*Istituto Centrale per il Restauro*); Antonio Papa (*Centro di Fotoriproduzione, Legatoria e Restauro*); Giovanni Rizza (*Facoltà di Lettere e Filosofia, Università di Catania*); Giorgi Tempetsi (*Accademia di Belle Arti, Roma*); Illaria Toesca (*Ufficio Centrale BAAAAS*) e Paolo Marconi (*Facoltà d’Architettura, Università di Roma “La Sapienza”*), que atuou como coordenador.

categoria profissional que buscava, de modo insistente, um lugar de reconhecimento no espaço social preservacionista.

3.3 A criação das Associações de Conservação-Restauração

No final da década de 1970, os movimentos sociais possibilitados pela abertura do regime político contribuíram no sentido de dar voz à pluralidade de vivências e reapropriação da memória. Aloísio Magalhães foi o introdutor da idéia contemporânea de bem cultural, como construção de hábitos e momentos e que deve ser compartilhado socialmente pela população brasileira. É nesse contexto de abertura e “reconstrução” da memória nacional que a preservação ganha novo impulso. No processo de reivindicação pela democratização da cultura os agentes culturais trabalham no sentido da ampliação da noção de “bem cultural”, são eleitas novas memórias e temas como pertencimento, transformação social e cidadania inserem-se no debate preservacionista. Nesse sentido, destaca-se a atuação dos intelectuais no jogo social, conforme Bourdieu afirmou numa conferência:

Os intelectuais têm um papel importante. Mas devem cumprir com duas condições: não se fecharem em uma torre de marfim e inventar a maneira de divulgar suas verdades. A verdade, dizia Spinoza, não tem força por si só. Os intelectuais devem ser parte do movimento junto com os sindicatos e todas as associações que se esforçam pela crítica. O intelectual isolado, pode-se dizer, é o fim⁴⁴⁹.

No contexto brasileiro a criação de associações de classe voltadas para a preservação do patrimônio evidencia a participação dos profissionais engajados na tarefa de proteção do patrimônio, representativas, portanto da sociedade civil, numa contraposição à falta de definições políticas nas esferas federal, estadual e municipal. Podemos conceber a criação das associações de conservadores-restauradores, na década de 1980, como forma de coexistência, de sociabilidades ou de relações entre os atores sociais dedicados à preservação dos bens culturais. Vemos a idéia de repelir o indivíduo que atua de forma isolada e, de outra parte, verificamos no propósito da difusão do conhecimento específicos, a adoção de um pensamento relacional e a constituição de um *campus*, de uma rede de trocas simbólicas, de conhecimentos, de saberes e de experiências. É nessa perspectiva que podemos abordar o surgimento das associações de conservadores-restauradores no cenário nacional. Cabe ressaltar que por ocasião do 2º. Seminário Brasileiro de Preservação e Restauração de

⁴⁴⁹ AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. *Espaço Social, Campo Social, “Habitus” e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu*. Disponível em: <<http://espacoacademico.com.br>> Acesso em: 04/05/2005.

Documentos, realizado em 1979, recomendou-se estimular a criação de uma associação de classe dos profissionais da área de preservação e restauração de documentos⁴⁵⁰.

Em 1980, é criada a Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, sociedade civil, de direito privado e de âmbito nacional, sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro. A ABRACOR surge a partir do agrupamento de profissionais pioneiros como: Marylka Mendes, Carlos Régis Leme Gonçalves, Solange Sette Garcia de Zúñiga, Sérgio Gonçalves de Lima e Edna May de Almeida Duvivier. Os objetivos da ABRACOR são esclarecidos em boletim da associação:

Como órgão de classe tem por finalidade a difusão de conhecimento e a valorização de trabalhos de sua competência, através de intercâmbio com entidades nacionais e internacionais e a promoção de eventos que visem o aprimoramento técnico de seus associados e/ou outros interessados⁴⁵¹.

O Estatuto Social da entidade esclarece no Art. 2 “Associação criada para dignificar e proteger, como órgão de classe, os profissionais Conservadores-Restauradores”. Em 1985, ocorre o primeiro seminário realizado pela ABRACOR e, a partir de 1986, os congressos passam a ser bianuais. Dessa forma, o debate concernente ao temário da preservação, conservação e restauração de papel – demarcado nas décadas de 1960 e 1970 nos congressos de Biblioteconomia e Arquivologia – é transposto para os seminários e congressos realizados pela ABRACOR. Conforme se verifica no ANEXO C o quadro apresentado refere-se à análise da temática de preservação de acervos em suporte de papel, apresentados nos Seminários/Congressos realizados pela ABRACOR, distribuídos por subdivisões intituladas: acervos bibliográficos, acervos documentais e obras de arte em suporte de papel. Na análise dos dados quantitativos, verifica-se a prevalência do número de trabalhos apresentados na subdivisão “acervos documentais” e, em segundo lugar, as obras de arte em suporte de papel. Por último, detecta-se a subdivisão “acervos bibliográficos” com o menor número de trabalhos apresentados.

Em 1987, é fundada a Associação Catarinense de Conservadores de Bens Culturais – ACCR, sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com sede em Florianópolis. Como órgão de classe, a ACCR tem ampla atuação na região sul do país promovendo a valorização, o aperfeiçoamento dos profissionais e a conscientização patrimonial.

Em 1988, foi criada a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro – ABER, entidade civil de direito privado, com sede na cidade de São Paulo, contando com quarenta

⁴⁵⁰ CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4. op. cit., p. 525.

⁴⁵¹ ABRACOR. Boletim ABRACOR. Órgão de Divulgação. Ano VII, Nº. 1, Janeiro de 1987.

sócios-fundadores⁴⁵². A ABER estabeleceu como objetivo central congregar os profissionais e entidades especialmente na conservação e restauração de livros, documentos impressos e manuscritos, encadernação artesanal, com vistas a despertar o interesse coletivo pela documentação gráfica. A criação da ABER mostra-se vinculada ao ideário de Guita Mindlin e Thereza Nickelsburg Brandão Teixeira, as quais já desenvolviam atividades no campo da encadernação artesanal e artística, tendo sido alunas do encadernador espanhol Gabriel Marti⁴⁵³. Vale mencionar que por ocasião do 1º. Seminário Nacional da ABRACOR, realizado em 1985, focado no tema “Formação e treinamento profissional para a preservação de bens culturais”, já verificamos a atuação de Guita Mindlin e Thereza Nickelsburg Brandão Teixeira no “Grupo preparatório - Encadernação” no qual foram discutidos os problemas relativos à encadernação tais como: formação profissional do encadernador no Brasil, a inexistência de materiais de boa qualidade para a execução de técnicas específicas, desinteresse dos órgãos e instituições oficiais formadores de técnicos, e a ausência da disciplina relacionada à história da encadernação e suas técnicas nos cursos superiores de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia⁴⁵⁴.

Em relação ao contexto de criação da ABER, Guita Mindlin e Thereza Nickelsburg Brandão Teixeira assim se manifestaram:

Quando, há 10 anos, fundamos a ABER, tínhamos um plano ambicioso de difundir a idéia da importância da conservação de livros e documentos, de procurar sanar a falta de laboratórios de restauro e de elementos qualificados para operá-los e preencher uma lacuna que vinha se agravando no campo da preservação. Bons encadernadores tinham quase desaparecido e, tanto bibliotecas públicas ou universitárias, como colecionadores particulares se ressentiam muito dessa falta. Sabíamos que executar esse plano não seria uma tarefa fácil, mas não nos faltava vontade para enfrentar as dificuldades que nos aguardavam⁴⁵⁵.

Tendo em vista o intercâmbio de informações técnicas no campo da conservação e restauração, Guita Mindlin conheceu centros de preservação estrangeiros, visitou bibliotecas e fez cursos de conservação e restauração no Brasil e no exterior. Guita Mindlin fez curso de conservação e restauração na Fundação Casa de Rui Barbosa, em 1987, e estagiou no Laboratório de Conservação e Restauro de Papel do Museu de Arte Contemporânea da USP. No exterior, realizou estágio no Centro Nacional de Restauración de Libros y Documentos,

⁴⁵² Boletim ABER, 1998, Ano X, nº 2, p. 02.

⁴⁵³ Depoimento de Thereza Brandão Nickelsburg Teixeira realizado em 10/04/2006.

⁴⁵⁴ Boletim ABRACOR, Ano VI, nº. 2, junho de 1986. p. 4.

⁴⁵⁵ “ABER 10 anos”. In: *Boletim da ABER*, Ano X, nº 1, 1998, p.06.

em Madri, Espanha, tendo sido orientada por Pedro Barbáchano San Millan, então chefe do Setor de reintegração mecânica⁴⁵⁶. Guita Mindlin e Thereza Brandão Teixeira estudaram encadernação no *Atelier d'Arts Appliqués du Vésinet*, na França. Thereza Brandão Teixeira lecionou encadernação durante 12 anos no Liceu de Artes e Ofícios e “a idéia era justamente formar pessoal especializado nessa área, ainda muito incipiente no Brasil”.

Em 1990, a ABER promoveu o primeiro curso intitulado “Curso de Conservação-Restauração de Documentação Gráfica – Material de Arquivos e Bibliotecas”, em convênio com a Escola SENAI Theobaldo de Nigris. Em 21 de setembro de 1994 é criado o Laboratório de Restauração de Livros e Documentos da ABER na Escola SENAI de Artes Gráficas Theobaldo De Nigris, a partir de recursos oriundos da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP. Verifica-se a importância da criação do primeiro Laboratório-escola em âmbito nacional, primeiro no gênero no Brasil.

Ao longo da década de 1990, a ABER realizou vários eventos de aperfeiçoamento profissional, trazendo para o Brasil especialistas de renome internacional. Dentre eles destacam-se: Prof. Dr. Rogério Arreal Guerra, químico especialista em conservação-restauração de papel da Universidade da Cataluña, Prof. Bernard Middelton da Central School of Arts & Crafts of London, Prof^a. Godelieve Dupin de Saint Cyr do *Atelier D'Arts Appliqués du Vésinet*, sediado em Paris. A partir de 1995, a ABER promoveu cinco cursos anuais de preservação, conservação e restauração com os professores Pedro Barbachano San Millan e Ana Beny, proprietários do Laboratório Barbachano y Beny Patologia y Restauración, sediado em Madri. Em 1996, foi realizado o Seminário e Workshop “Conservação Preventiva em Biblioteca, Arquivos e Museus” com o Prof. Mark Roosa, chefe do Departamento de Preservação da Huntington Library, Sam Marino, Califórnia, EUA.

O site da ABER na internet publica semanalmente um resumo das principais notícias do setor e conta com leitores de diversos países. Lido por uma média de 10 mil pessoas por mês, o site da ABER tem 3.200 leitores cadastrados que recebem os boletins informativos. Contando com mais de 100 profissionais que fazem parte do quadro de associados, a ABER congrega restauradores, encadernadores, bibliotecários, livreiros, editores e demais interessados na preservação de livros, documentos e manuscritos.

Atualmente é oferecido o Programa de “Preservação, conservação e restauro de documentos gráficos” que inclui aulas teóricas e práticas, ministradas no Núcleo de Conservação e Restauro Edson Motta – NUCLEM, um laboratório-escola reconhecido como centro de referência na área, por meio do convênio de cooperação técnica entre SENAI e

⁴⁵⁶ Depoimento de Glória Cristina Motta.

ABER na Escola SENAI Theobaldo De Nigris. O curso, único em nível técnico na América Latina, tem a finalidade de preparar auxiliares na preservação, conservação e restauro de documentação gráfica. Ao longo dos 18 anos de funcionamento, o curso está na 30ª turma, já tendo formado cerca de 300 técnicos representantes de diversas regiões brasileiras e de países vizinhos na América Latina.

Com relação à trajetória da ABER, ao longo das últimas duas décadas, José Mindlin, bibliófilo e sócio-fundador da ABER, assim comentou:

Antes da ABER ser fundada, Guita e Thereza, se interessavam muito pelo problema, eu creio que a partir da inundação de Florença, isto realmente, creio, que despertou a idéia de preservação no mundo inteiro e elas trabalhavam com encadernação e restauro, até surgir a idéia da ABER para formar técnicos de nível médio e conseguiram...Que realmente mudou o quadro no campo de encadernação, quase não tinha ninguém, até nos anos 80, era uma atividade em expansão, pouquíssimos encadernadores, quase que podemos contar pelos dedos os que faziam um bom trabalho, porque era gente que encadernava sem contribuir a encadernação para a preservação. Pelo contrário... Justamente até estragavam. Então a fundação a ABER eu creio foi a primeira instituição de nível nacional para difundir a idéia da importância do restauro e da conservação. O que é um trabalho que deve ser um verdadeiro mutirão porque um trabalho feito isoladamente como Guita e Thereza faziam antes da ABER tinha como resultado prático a realização do conserto mas sem que ele fosse difundido para despertar o interesse por esse tipo de trabalho e em mais pessoas e a ABER teve esse papel exatamente de levantar o problema da importância dessas medidas de preservação. (...) Eu acho que esse papel foi muito importante, renasceu a encadernação, sem dúvida nenhuma(...) então hoje já existe um aparato de restauro e de encadernação, que antes da ABER não existia. Foi um papel importante porque levantou a idéia e fez uma espécie de catequese⁴⁵⁷.

3.4 A conservação preventiva: mudança de paradigmas e uma nova conceituação para preservação dos bens culturais

Em 1988, o *National Endowment for the Humanities* apresentou ao Congresso Norte-americano um estudo no qual enfatizava a fragilidade devastadora dos acervos bibliográficos. A chamada crise do papel ácido, também denominada *slow fires* (fogo lento), ressaltou que os *brittle papers* (papéis ácidos) produzidos a partir de 1850 se tornariam quebradiços, deteriorando-se ao ponto de se transformarem em pó. Tal fato despertou uma tomada de consciência e, ao mesmo tempo, possibilitou a revisão de conceitos e posturas no que diz respeito às metodologias de conservação e restauração. Outrossim, o crescimento

⁴⁵⁷ Depoimento de José Mindlin em 20 de abril de 2007.

acelerado das massa documentais e bibliográficas, verificado nas últimas décadas, possibilitou a interpretação da inviabilidade de se restaurar a totalidade de itens deteriorados.

Pode-se notar que as mudanças de paradigmas conceituais evidenciadas no cenário internacional já são observadas em 1991, nas instituições públicas brasileiras, conforme publicação do Arquivo Nacional:

Sem perspectivas claras relativas a uma política de preservação, buscou-se muitas vezes como solução para estes problemas exclusivamente a restauração. Este processo, além de muito demorado, especializado e dispendioso, não oferece uma solução eficaz se for realizado isoladamente, especialmente quando faltam às instituições as condições técnicas básicas de preservação de todo o material armazenado, inclusive dos já restaurados. A iniciativa mais acertada é, sem dúvida, aplicar de forma gradual um programa de conservação, iniciado por um diagnóstico do estado dos documentos, localizando as coleções mais frágeis e de consulta sistemática, identificando as causas dos danos e passando a controlá-las de maneira objetiva⁴⁵⁸.

Há, desse modo, uma atualização na metodologia de trabalho, ou seja, o deslocamento das ações pautadas no item individual para os conjuntos bibliográficos, documentais e museológicos.

Conforme avaliou Solange Zuñiga, em sua tese de doutorado, verifica-se, no início da década de 1990, a ação do Estado em relação à implantação de atividades de preservação com a criação do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ:

No que diz respeito à preservação dos acervos documentais, prenúncio de mudança ocorrerá a partir de 1991, no âmbito, à época, do Ministério da Justiça, com a criação do CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos, órgão colegiado vinculado ao Arquivo Nacional, hoje da alçada da Casa Civil da Presidência da República. Sua finalidade é a definição de política nacional de arquivos públicos e privados como órgão central de um Sistema Nacional de Arquivos, bem como a orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo. Entre as quatro câmaras técnicas criadas para seu melhor funcionamento e maior agilidade operacional do Sistema Nacional de Arquivos está a de Conservação de Documentos. Embora fora do período de nosso interesse e do âmbito ministerial estudado esse movimento poderá ser certamente identificado como ação do Estado enquanto criador de normas e princípios que possibilitem a implantação e o desenvolvimento da atividade de preservação⁴⁵⁹.

⁴⁵⁸ Manual de preservação de documentos/ coordenação Ingrid Beck et al... Rio de Janeiro: Arquivo Nacional p. 9. 1991.

⁴⁵⁹ ZUÑIGA, Solange Sette Garcia de. op. cit., p.199.

Dentre os princípios balizadores internacionais, podemos destacar, na década de 1990, a divulgação, em 1992, pela UNESCO do documento Programa “Memória do Mundo – Diretrizes para a Preservação do Patrimônio Documental Mundial”. Esse documento estabelece o objetivo de promover o interesse dos Estados Membros para a preservação do patrimônio documental da humanidade, enfatizando as medidas de preservação e acesso⁴⁶⁰. Em 1995, o ICOM divulga o texto “A conservação preventiva: uma profunda mudança de mentalidade” de autoria do químico Gaël de Guichen, cientista que trabalhou no ICCROM, em Roma. Tal publicação é considerada referencial para a consolidação de uma nova mentalidade preservacionista. Assim, Guichen destaca:

A conservação preventiva é um velho conceito no mundo dos museus, mas só nos últimos 10 anos ela começou a se tornar reconhecida e organizada. Ela requer uma mudança profunda de mentalidade. Onde se viam objetos, hoje devem ser vistas coleções. Onde se viam depósitos devem se vistos edifícios. Onde se pensava em dias, agora se deve pensar em anos. Onde se via uma pessoa, devem ser vistas equipes. Onde se via uma despesa de curto prazo, se deve ver um investimento de longo prazo. Onde se mostram ações cotidianas, devem ser vistos programas e prioridades. A conservação preventiva significa assegurar a sobrevivência das coleções⁴⁶¹.

Os preceitos da conservação preventiva divulgados pela esfera internacional repercutem no âmbito brasileiro na década de 1990. Entre os anos de 1997 e 2001, a organização *Commission on Preservation and Access*⁴⁶² apoiou no Brasil o Projeto Cooperativo em Bibliotecas e Arquivos – CPBA, coordenado por Ingrid Beck, o qual contou com o suporte financeiro da Fundação Andrew W. Mellon (EUA) e da Fundação Vitae (Brasil) e com a colaboração institucional do Arquivo Nacional, FUNARTE e Fundação Getúlio Vargas. Considerando a escassez de publicações técnicas em língua portuguesa e a falta de acesso a uma bibliografia especializada, o Projeto CPBA desenvolveu um amplo programa de tradução, publicação e distribuição gratuita a mais de 3.000 instituições em todo o país, de 52 textos técnicos sobre temas prioritários referentes ao planejamento e administração de programas de conservação preventiva. Dentre os temas publicados destacam-se: controle ambiental, prevenção e salvamento de emergência de coleções em caso de sinistros, armazenagem e manutenção, práticas de reparo e conservação de livros, conservação de

⁴⁶⁰ MEMÓRIA DO MUNDO: Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental mundial. Paris: UNESCO, 2002. Disponível em: <<http://www.unesco.org/uy/informatica/mdm.pdf>>. Acesso em: 09/04/2006.

⁴⁶¹ GUICHEN, Gaël de. La conservación préventive: un changement profond de mentalité. *Stydy series*, Bruxelas: ICOM-CC/ULB, v. 1, n1, pp. 4-5, 1995. Disponível em: <http://icom.museum/study_series_pdf/1_ICOM-CC.pdf>. Acesso em: 09/04/2006.

⁴⁶² Organização privada norte-americana, sem fins lucrativos, atuando em favor das bibliotecas, arquivos e universidades para desenvolver estratégias de colaboração, visando a preservação e o acesso aos registros acumulados pelo homem.

filmes, fotografias e registros magnéticos. O Projeto CPBA realizou cinco seminários regionais, difundindo as publicações e o conhecimento da preservação em todos os estados brasileiros. Pelo alcance dos resultados obtidos recebeu, em 1998, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade.

A abrangência nacional do Projeto CPBA possibilitou uma significativa conscientização acerca da conservação preventiva, notadamente nos campos da Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação.

Considerado um divisor de águas no cenário preservacionista brasileiro, o Projeto CPBA imprimiu uma linha de trabalho conceitual tipicamente americana em razão da prevalência de autores norte-americanos nas publicações traduzidas. Conforme define Paul Conway⁴⁶³ a preservação passa a ser compreendida com uma atividade de administração e gerenciamento de recursos, abrangendo políticas, procedimentos e processos que, juntos, evitam a deterioração dos materiais e promovem o acesso à informação, intensificando sua importância funcional.

Conforme analisamos, se a década de 1980 foi caracterizada pela implantação de laboratórios de conservação e restauração de papel voltados, notadamente, para o emprego de metodologias de aplicação de técnicas curativas de restauro, a década de 1990 é demarcada pela inserção do conceito de conservação preventiva, operada a partir de marcos teóricos internacionais. Outrossim, a adoção da conservação preventiva promoveu uma revisão conceitual nas políticas de trabalho das instituições públicas detentoras de acervos, na atuação profissional dos conservadores-restauradores, nas ementas das disciplinas dos cursos de graduação e de pós-graduação e na pesquisa de técnicas e materiais aplicáveis à conservação preventiva. Observa-se, ainda, nos editais das leis de incentivo à cultura, bem como no editais dos órgãos oficiais de fomento à pesquisa científica, a relevância na definição de linhas de projetos com tônica na conservação preventiva.

Não obstante a simbólica quebra de paradigma demarcada pela conservação preventiva e o inaugurar de uma nova fase da preservação dos bens culturais no Brasil, já podemos detectar na literatura técnica contemporânea críticas contundentes quanto à validade desse novo conceito. Conforme salienta Muñoz Viñas:

Dentro da conservação existe um ramo específico que adquiriu estatuto próprio e que nos países de língua latina se denominou de conservação preventiva. É esta uma expressão especialmente infeliz, porque não existe nenhuma conservação não preventiva; toda atividade de

⁴⁶³ PhD em Ciência da Informação pela *Michigan's School of Information and Libray Studies*.

conservação objetiva manter o bem cultural em seu estado atual, evitando danos posteriores. A denominação conservação preventiva é enganosa (...) por definição não se pode haver uma conservação não preventiva⁴⁶⁴.

Juan Carlos Barbero Encinas, teórico da conservação e restauração de bens culturais, também não poupa críticas com relação ao emprego da terminologia conservação preventiva:

Com relação à “Conservação preventiva” estamos, então, diante de um termo errado por defeito, já que exclui importantes e habituais atuações “não externas” que são, entretanto, plenamente preventivas⁴⁶⁵.

Diante do posicionamento dos autores, retomamos as reflexões apresentadas na Introdução deste trabalho e concluímos que conservação e restauração não é só e exclusivamente uma questão técnica, mas, sobretudo uma ação crítica, uma construção cultural forjada no seio da sociedade pelos múltiplos atores e instituições.

Verificamos, ao longo da última década, o desenvolvimento de vários projetos de preservação de acervos em papel caracterizados por práticas sociais inclusivas. Desse modo, cabe analisar a ampliação do perfil dos agentes sociais que se integram à tarefa preservacionista. Se, anteriormente, vemos as atividades de conservação-restauração desempenhadas, de modo restrito, pelos profissionais especializados, é, então, a partir da década de 2000 que se detecta o alargamento das estratégias de qualificação profissional por meio da oferta de oportunidades em capacitação profissional e de inserção no mercado de trabalho. Temos aqui a possibilidade de considerar a preservação do patrimônio cultural como instância socializadora, ou seja, como espaço plural de múltiplas relações sociais. Muitas vezes calcados na perspectiva de educação patrimonial, tais cursos dedicam-se ao treinamento de auxiliares de conservação em habilidades e técnicas básicas de higienização e pequenos reparos em livros e documentos. Assim, podemos destacar algumas iniciativas de reintegração social como o Curso de Preservação e Restauração de Material Bibliográfico, promovido, em 2002, pela Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá e realizado na Penitenciária Estadual de Maringá. Sem ter a pretensão de formar especialistas, o referido curso, de curta duração, foi ministrado por cinco técnicas da Universidade Estadual de Maringá para 12 internos da população carcerária selecionados após avaliação específica. Os detentos receberam orientação no que diz respeito ao processo de higienização de acervos, técnicas de encadernação comercial e pequenos reparos tendo em vista a recuperação de livros

⁴⁶⁴ MUÑOZ VINÁS, Salvador. op. cit., p. 23 (tradução nossa)

⁴⁶⁵ ENCINAS, Juan Carlos Barbero. op. cit., p. 22 (tradução nossa)

do acervo da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Maringá⁴⁶⁶. Em 2002, realizou-se o projeto “Capacitação Profissional em Conservação Preventiva”, envolvendo a população carcerária feminina da Penitenciária Talavera Bruce, em Bangu, Rio de Janeiro, pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro⁴⁶⁷. Com a perspectiva de inclusão social de jovens de baixa renda, verificamos também a atuação de organizações não governamentais e de cooperativas. A Ong “Novo Papel”, contanto com a participação da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, noticiou, em 2003, a seleção de jovens da favela de Santo Amaro interessados em trabalhar com a restauração de livros e documentos⁴⁶⁸. Em 2003, a Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e Arquivo Público do Estado da Bahia, em parceria com o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, elaborou o Projeto “Memória a Cidadania: formação de auxiliares em restauração de documentos históricos”. Com a efetivação desse projeto trinta e cinco jovens carentes da periferia de Salvador receberam capacitação num curso de 156h/a, ao longo de cinco meses, a fim de atuarem em tarefas auxiliares de restauração de acervos documentais. Dentre os conteúdos programáticos ministrados no curso destacam-se: Relações interpessoais; História e cidadania; Patrimônio cultural, social e natural; noções de patrimônio e restauração; conservação preventiva; técnicas de restauração de documentos⁴⁶⁹. Em decorrência dos resultados alcançados no referido projeto, foi fundada, em 2006, a Recoopera, uma cooperativa formada por auxiliares técnicos em preservação de documentos históricos, a qual contou com a parceria da Petrobrás⁴⁷⁰. O Centro de Estudos e Restauo do Patrimônio em Olinda, CERPO – Papel, instituição de pesquisa e prestação de serviços em restauração de bens culturais, artísticos e documentais em papel, também incluiu em suas atividades a inserção social de jovens por meio do trabalho de conservação e restauração de papel.

⁴⁶⁶ ALVARENGA, Ana Maria Marquezini et al. *Curso de Preservação e Restauração de Material Bibliográfico na Penitenciária de Estadual de Maringá: Relato de Experiência*, Maringá, 2002.(Relatório). pp.2-10.

⁴⁶⁷ Disponível em: <<http://www.papelnatureza.com.br/potfolio.htm>>. Acesso em: 27/09/2007.

⁴⁶⁸ Disponível em: <\\C:\Meus%20documentos\Imperial%20Irmandade%20de%20Nossa%20Senhora%2...> Acesso: em 11/02/2006.

⁴⁶⁹ FUNDAÇÃO PEDRO CALMON – CENTRO DE MEMÓRIA E ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA, LICEU DE ARTES E OFÍCIOS, Salvador, 2003. *Projeto Memória e Cidadania: Formação de Auxiliares em Restauração de Documentos Históricos*. pp.4-10.

⁴⁷⁰ Disponível em: <<http://www.sct.ba.gov.br/noticias.asp?id=594&pag=9>>. Acesso em: 27/09/2007.

CONCLUSÃO

O exame das narrativas, práticas e representações – demarcadas no campo da conservação e restauração de papel - encaminhou-se no sentido de compreender a gênese da construção cultural preservacionista, forjada em meio à rede de trocas simbólicas dos múltiplos atores e instituições sociais.

Na busca da compreensão epistemológica das ações de conservação e restauração de acervos em papel no Brasil, os enunciados analisados nessa pesquisa revelaram que as origens da disciplina - já nas primeiras décadas do século XX - mostram-se afinadas com o discurso cientificista, o que pôde ser evidenciado na literatura técnica dos médicos e cientistas dedicados aos estudos dos insetos bibliófagos. Tal constatação permite-nos interpretar que nem sempre a preservação de papel esteve associada à idéia de um fazer de cunho operacional ou de natureza artesanal.

A atuação pioneira do Prof. Edson Motta vem, de fato, colaborar com a interpretação da inserção da disciplina nos moldes ditos científicos no contexto pós-Segunda Guerra. Desse modo, a despeito da preservação do patrimônio edificado surgir a partir de uma matriz francesa, verificamos, na década de 1940, com o trabalho do Prof. Edson Motta, a apropriação de uma linha conceitual tipicamente americana no que concerne às ações de conservação-restauração de papel. Todavia, a partir dos anos de 1970 as linhas de trabalho direcionam-se para o conceito europeu, seja pelo despertar advindo das ações desenvolvidas pós-enchente de Florença, seja pela formação dos conservadores-restauradores em cursos e estágios de média ou curta formação - subseqüentes ao Prof. Edson Motta - em centros europeus que inspiraram, de certo modo, o surgimento dos núcleos iniciais de conservação-restauração. Portanto, nas décadas de 1960, 1970 e 1980 os princípios basilares da conservação-restauração fundam-se, notadamente, nos modelos institucionais da Espanha, Itália, Portugal, Alemanha, França e Inglaterra. Na década de 1990, marcam-se mudanças de paradigmas conceituais motivadas pelo despertar da conservação preventiva. É nessa perspectiva que as ações de conservação e restauração de papel pautam-se, notadamente, em referências bibliográficas de autores norte-americanos, conforme evidenciado no Projeto “Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos” - CPBA. Com a apropriação dos conceitos estabelecidos pela conservação preventiva, nota-se o paulatino desligamento da aplicação de técnicas curativas do bem cultural e, por conseguinte, verificamos as iniciativas com tônica no desenvolvimento de programas de preservação dos estoques informacionais, planejados sob a ótica

interdisciplinar, os quais compreendem aspectos políticos, culturais, técnicos e administrativos.

Por certo, constatamos que as práticas preservacionistas de acervos em papel construídas no âmbito brasileiro buscaram manter-se em sintonia com os princípios basilares evidenciados no contexto internacional. Nas fontes pesquisadas e nas entrevistas realizadas detectou-se a preocupação dos profissionais em tomar contato com os centros de referência internacionais, seja por meio da realização de cursos, estágios e participação em eventos científicos, seja por meio da pesquisa e de estudos em literatura científica especializada. Verificou-se, ainda, a participação de especialistas estrangeiros que atuaram como consultores e professores em cursos de curta duração no Brasil, a observância das diretrizes conceituais estabelecidas nas cartas e recomendações de proteção, bem como dos preceitos divulgados pelas Cartas Patrimoniais e pelos organismos internacionais de proteção do patrimônio tais como: UNESCO, ICCROM, ICOM, CIA, Fundação FORD e IFLA. No entanto, há que se ressaltar as dimensões continentais do território brasileiro e a diversidade geográfica e cultural como fatores que contribuem para a heterogeneidade das linhas de atuação. Se nos países europeus e norte-americanos pode-se falar de uma “escola de preservação” específica, o mesmo não se verifica no Brasil.

Quanto aos critérios de valoração do bem cultural e, conseqüentemente, das escolhas do patrimônio a ser preservado por parte do Estado, os dados analisados nos permitiram entrever que os acervos bibliográficos, documentais e as obras de arte em suporte de papel - enquanto categoria tipológica de bens culturais - não ocuparam, desde a criação do Decreto-Lei nº 25 de 1937, posição relevante e merecedora de preservação. Ao contrário, verificamos - na noção de “excepcionalidade” que norteou historicamente a prática de preservação do Estado brasileiro - que o patrimônio edificado, os monumentos emblemáticos, as pinturas de cavalete, as esculturas policromadas e demais objetos museológicos sempre detiveram, ao longo de muitas décadas, um lugar de primazia e hegemonia na arena preservacionista. No julgamento e na escolha dos bens dignos de preservação, poder-se-ia dizer que, lamentavelmente, o patrimônio sobre papel ficou preterido por não apresentar os considerados apelos históricos, artísticos, estéticos e econômicos capazes de atrair a atenção preservacionista. Onde fundou-se essa valoração desigual? Seriam as obras de arte em suporte de papel categorizadas como “artes menores”? Seriam os acervos em papel desprovidos de representação simbólica no processo de construção das identidades históricas e culturais da nação? Desse modo, podemos concluir que, muito embora a preservação de algumas categorias de acervos em papel - como acervos os bibliográficos de valor excepcional e os

manuscritos raros - tenha sido juridicamente instaurada a partir do Decreto-Lei nº. 25 de 1937, é somente a partir da década de 1980 que a conservação-restauração de papel ganha visibilidade no cenário preservacionista brasileiro.

Cumprе assinalar, portanto, que foram de fundamental importância - a partir dos anos de 1980, com o processo de redemocratização do país - as reformulações teóricas na concepção de patrimônio cultural. Desse modo, a disseminação do conceito antropológico e pluralista de cultura, o direcionamento da pesquisa historiográfica em fontes documentais alocadas em arquivos e bibliotecas, a abertura da História a novos atores sociais e o aflorar de memórias outrora silenciadas são elementos que contribuíram para a re-significação social dos acervos em suporte de papel como bens identitários da memória cultural. Em outras palavras, foram eleitos novos conceitos e critérios no processo de valoração no que diz respeito à preservação dos livros, documentos e obras de arte em suporte de papel. Destaca-se, nesse contexto, que o tom moderno do projeto político-ideológico de Aloísio Magalhães no IPHAN também sinalizou avanços conceituais no campo da preservação dos acervos em papel, na medida em que se valorizou a noção de bens culturais representativos da diversidade cultural do país, além da noção de patrimônio centrada nas relações entre sociedade e cultura.

A Carta Constitucional de 1988 reconheceu esse novo aparato conceitual, o que possibilitou o alargamento da noção do patrimônio cultural. Assim, verificou-se que os acervos bibliográficos e documentais também foram incluídos nas políticas de leis de incentivo fiscal voltadas para a cultura. Contudo, decorridas duas décadas da redemocratização da nação brasileira e da publicação da Carta Constitucional, concluímos que há muito a caminhar em relação ao pleno exercício dos direitos culturais, o acesso às fontes da cultura nacional e a preservação de acervos em papel, quer sejam bibliográficos, documentais ou museológicos. Poder-se-ia dizer que o alcance social da preservação de acervos em papel ainda é muito pequeno quando comparada às demais categorias de bens culturais. Embora possamos mapear avanços significativos no desenvolvimento de projetos científicos e acadêmicos coordenados por profissionais capacitados, estes não alcançam a atenção da mídia, contribuindo para que a sociedade em geral os desconheçam.

No que concerne às formulações de políticas públicas, as narrativas examinadas revelaram que a falta de dotações orçamentárias nas esferas federal, estadual e municipal sempre se constituíram em dificuldades na ação preservacionista cultural. O fechamento do pioneiro laboratório de conservação e restauração do IPHAN então criado por Edson Motta, os laboratórios insuficientemente equipados, as dificuldades de aquisição de específicos materiais permanentes e de consumo, a carência de pessoal qualificado nos quadros públicos,

a não-efetivação de muitos projetos concebidos pelo corpo técnico das instituições públicas, os cancelamentos de convênios estabelecidos, a desmobilização de programas em funcionamento como o Pró-documento exemplificam a falta de planejamento e a descontinuidade nas gestões da administração pública.

Diante da lacuna e das indefinições por parte do Estado, mapeamos, a partir dos anos de 1980, estratégias de aglutinação de profissionais em torno de associações de conservação-restauração, de cooperativas de prestação de serviços e de ONGS que acabam por se caracterizar em espaços de sociabilidades, de comunicação e de formação de valores. Também nesse mesmo espírito associativista, verificou-se o estabelecimento de convênios e de parcerias entre as universidades federais, os institutos de pesquisa, as instituições detentoras de acervos públicos ou privados, os núcleos de conservação e restauração com o objetivo de viabilizar a execução de projetos específicos, ampliar o capital intelectual, buscar o *status* profissional e consolidar a representação simbólica da categoria no espaço social.

Ainda no âmbito das sociabilidades, constata-se, ao longo da última década, o alargamento da atuação nas ações de preservação de acervos em papel. Se, primeiramente, vemos a atividade restrita a núcleos vinculados às instituições detentoras de acervos museológicos, bibliográficos e documentais, atualmente já verificamos a realização de projetos com práticas inclusivas e de cidadania cultural que, ao romper fronteiras institucionais e acadêmicas, ganham contornos democráticos, promovem a conscientização patrimonial e envolvem um maior número de atores sociais no espaço plural preservacionista. Nessa perspectiva, detectamos a valoração do patrimônio sobre papel norteadas por práticas construídas pela própria sociedade, desvinculando-se de critérios indicados somente pelos profissionais especialistas em preservação do patrimônio cultural.

Nota-se, na esfera privada, o crescente número de implantação de firmas que se especializam, cada vez mais, na prestação de serviços técnicos e preservação, conservação e restauração de papel, atendendo-se à demanda de acervos particulares e públicos, o que denota o crescimento da conscientização preservacionista e do sentido de pertencimento do patrimônio cultural.

Com relação ao modelo educacional, cabe ressaltar que a inexistência de uma formação sistemática por meio da graduação acadêmica, na área de preservação de papel, constituiu-se num grave fator que comprometeu, sobremaneira, o desenvolvimento da disciplina no âmbito brasileiro. Conforme se pode analisar, foram as instituições detentoras de acervos que, ao longo das últimas décadas, por meio de um ensino informal, acabaram por oferecer treinamentos práticos, estágios supervisionados e cursos de curta duração com vistas

a suplantar a evidente lacuna educacional. Todavia, a área apresenta ainda aspectos muito vulneráveis no campo da formação profissional, o que possibilita o desenvolvimento de trabalhos equivocados sob o ponto de vista conceitual e técnico praticados, mormente, por mão-de-obra inadequada e amadora, comprometendo, em consequência, a integridade o patrimônio cultural. Nesse sentido, há muito por fazer, sobretudo no que diz respeito à consolidação de uma formação acadêmica regular e especializada de modo a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica e para aplicação de metodologias específicas em consonância com o país de clima tropical.

É sintomático verificar os progressos assinalados nas duas últimas décadas no tocante à preservação documental e aos acervos bibliográficos. Tal desenvolvimento pode ser explicado pelo aporte teórico de outras áreas afins como a Biblioteconomia, Arquivologia e Ciência da Informação, pautada notadamente em aspectos administrativos e gerenciais, a ponto de denominar a Preservação Documental como área inserida com campo da Ciência da Informação. De outra parte, não se verifica o mesmo crescimento em relação à preservação, conservação e restauração de obras de arte em suporte de papel. Constata-se que tais atividades ainda revelam atuação restrita a poucos núcleos dedicados a esta atividade, como, por exemplo, o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu de Arte Contemporânea da USP, a Fundação Casa de Rui Barbosa e no Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG. Verifica-se, ainda, um restrito número de profissionais dedicados à conservação-restauração de obras de arte em relação aos acervos bibliográficos e documentais.

Não obstante o discurso e metodologia científica que se pretendeu implementar no Brasil, a conservação e restauração de acervos em papel no Brasil foi interpretada, ao longo das cinco últimas décadas do século passado, como uma prática curativa, pontual e intervencionista, voltada para o bem cultural deteriorado. O conservador-restaurador de papel era concebido como um indivíduo paciente, meticuloso e dotado de virtudes e de habilidades manuais e artísticas – notadamente oriundo da formação acadêmica em Artes Plásticas - e sua atuação estava caracterizada por um fazer operacional, bem como por um labor silencioso e isolado em laboratórios de conservação e restauração. Esta prática reducionista deve ser extinguida e atualmente pode-se constatar o direcionamento para uma linha de menor intervenção, além do chamamento ao diálogo no planejamento de trabalho norteado, portanto, nos conceitos estabelecidos pela conservação preventiva. Tal constatação é evidenciada nas ementas das disciplinas de preservação de papel ministradas dos cursos universitários e nas grades curriculares dos cursos de graduação e pós-graduação. Nesse sentido, observa-se a

ampliação das atividades e da atuação do conservador-restaurador de papel no Brasil, ou seja, muda-se o perfil do profissional outrora centrado numa ação de caráter micro, para o emergir de um novo profissional pautado numa visão ampla, interdisciplinar, comprometida, portanto, com aspectos culturais, científicos, políticos, gerenciais e administrativos.

Ressalta-se que essa dissertação não teve a pretensão de esgotar a complexidade dos temas referentes à trajetória histórica da conservação e restauração de papel no âmbito brasileiro. É certo afirmar que muitas investigações, discussões e reflexões ainda se fazem necessárias tendo em vista a melhor compreensão da construção da disciplina. Contudo, a pesquisa teve o propósito de lançar luz e fomentar a discussão da temática concernente à preservação dos acervos em papel, de modo a contribuir para o preenchimento de uma significativa lacuna historiográfica.

Ao nos debruçarmos sobre a trajetória histórica da conservação e restauração de papel no Brasil, concluímos, à luz do pensamento bourdieusiano, os esforços empreendidos pelos agentes sociais no sentido da “criação de campo simbólico”, da “invenção de uma categoria social” e “às lutas por formas de classificação social”, forjada em meio: à apropriação do conhecimento científico como base normativa da disciplina, à implementação de laboratórios e de núcleos de conservação e restauração, à criação de associações de representação da classe, à elaboração de código de ética, à implementação da graduação universitária em conservação e restauração de bens culturais e à luta pela regulamentação da profissão do conservador-restaurador de bens culturais no país.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1988.

ABRACOR. Boletim ABRACOR. Órgão de Divulgação. Ano VII, Nº. 1, Janeiro de 1987.

ALLO MANERO, Maria Adelaida. Teoría e historia de la conservación y restauración de documentos. In: *Revista General de Información y Documentación*, Vol. 7, nº 1. Serviço de Publicaciones. Universidade Complutense. Madrid, 1997.

_____. La implicación de archiveros y bibliotecarios en la conservación de colecciones bibliográficas y fondos documentales. In: *BERCEO*, 128, 1995. pp. 259-264.

ALMELA MELIÁ, Juan. *Higiene y Terapêutica del Libro*. México: Fondo de Cultura Economica, 1956.

ALVARENGA, Ana Maria Marquezini et al. *Curso de Preservação e Restauração de Material Bibliográfico na Penitenciária de Estadual de Maringá: Relato de Experiência*, Maringá, 2002. (Relatório). pp.2-10.

ASSIS, Jacqueline. A preservação de Obras de Arte sobre papel no Museu Nacional de Belas Artes. Disponível em: <http://www.museuvictormeirelles.org.br/agenda/2003/seminário/jacqueline_assis.htm> Acesso em: 24/06/06.

ASSIS DUARTE, Eduardo de. *Leitura e Cidadania*. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/leitura%20e20%cidadnia.htm>>. Acesso em: 09/04/2007.

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BARTORI, Arminda. Innovation in Preserving and Conserving Book Heritage. In: *Liber Quarterly*, 2003, vol. 13; n.1/4, pp. 358-369.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*. Vol. I, Gráfica Olímpica: Rio de Janeiro, 1946.

BECK, Ingrid. *Manual de conservação de documentos*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, Arquivo Nacional, 1985.

_____. Novas perspectivas para a restauração de documentos no Arquivo Nacional. In: *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 3, n. 2, jul.-dez. 1988, pp. 67-72.

_____. O desenvolvimento de materiais para a conservação de documentos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES-RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS MÓVEIS, ABRACOR, 5, 1990, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABRACOR. p.71-73.

_____. *O Ensino da Preservação Documental nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia: perspectivas para formar um novo profissional*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

BERGEON, Ségolène. *La formation de restaurateurs: spécialisation, interdisciplinairité et dangers*. Bruxelas: Groeninghe Courtrai Belgique, 1996. Comitê de Conservation/ICOM-CC Cahiers d'étude, p.20-22.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERNWANGER, Kátia Inês e CHRISTO, Tatiana R.. Restauração de incunábulo, reversão de laminação Barrow. In: *Boletim Informativo da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais*. Março/Abril/Maio de 2001, p.11.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. *História da saúde pública no Brasil*. São Paulo: Editora Ática. 4ª. Ed., 2004.

BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo: Editora Ática, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRADLEY JR., Morton C. *The treatment of pictures*. Cambridge, Massachusetts: The Cosmos Press. 1950.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CABRERA ORTI, Maria Angustias. *Los métodos de análisis físico-químicos y la historia del arte*. Granada: Universidade de Granada, 1994.

CARVALHO, Maria da Conceição & FERNANDES, Cleide. Conservação de livros raros: relato de uma experiência pedagógica. IN: *Perspectivas em ciências da informação*. Belo Horizonte, v. 11, p. 95-101, jan/abr. 2006. p. 98.

CARRERA, Messias. História dos insetos inimigos dos livros. In: *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, vol. 33,n.3, 1981.

CARTAS PATRIMONIAIS. Brasília: Iphan, 1995.

CASTRO, Sonia Rabelo de. *O Estado na preservação de bens culturais*. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHAGAS, Mário. O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História: Conversas com Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____. *Formas e Sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ABL), 2003. p. 35.

_____. Por uma sociologia das práticas culturais. In: *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. Textos, impressão, leituras In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CLEARY, John Mc & CRESPO, Luis. *El cuidado de libros y documentos: manual práctico de conservación y restauración*. Madri; Clan Editorial, 1997, pp. 21-23.

CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL, 13, 2ª Sessão técnica especial sobre conservação e restauração de livros e documentos, 1980, São Paulo. *O Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos da Fundação Casa de Rui Barbosa*. Cópia xerográfica.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, 1979, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas do Brasil, 1982.

COORDENADORIA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE LIVROS E DOCUMENTOS DO ESTADO DE SÃO PAULO – CORLIDOSP. São Paulo, 1980. Relatório de Atividades. (Cópia xerográfica).

CORUJEIRA, Lindaura Alban. Conservação e restauração de livros e documentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 3, 1961, Curitiba. *Anais...* Curitiba:[s.n.], 1961. pp.41-58

_____. *Conserve e restaure seus documentos*. Salvador: Editora Itapuã, 1971.

_____. Métodos de prevenção e eliminação de fungos em materiais bibliográficos. *Revista de Biblioteconomia*, Brasília: 1,jan./jun.1973.

_____. Panorama da Conservação e Restauração de Documentos no Brasil, Sessão plenária “Conservação e Restauração de Documentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 2, 1974, São Paulo. *Anais ...* São Paulo: 1974.

CRESPO, Carmen – La Preservación y Restauración de documentos y libros en papel. Un estudio del RAMP con diretrices/preparado por Carmen Crespo y Vicente Viñas para el Programa General de Información y *UNISIST* – Paris: UNESCO, 1984.

CUNHA, Danilo Fontenele Sampaio. *Patrimônio Cultural: proteção legal e constitucional*. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

DO BISTURI ao laser. Lisboa, 1995. (Catálogo de exposição, Museu Calouste Gulbenkian, Fundação Calouste Gulbenkian).

DOCTORS, Marcio (Org.). *A cultura do papel*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999.

DANIEL, Floreal & CÔTE, Marie. De diaforus aux therapies de groupe: une petite histoire des techniques de conservation/restauration du livre. In: *La conservation: une science en évolution – bilans et perspectives, actes de troisièmes journées internationales d`études de L`ARSAG*. Paris, 21 au 25 avril 1997, Paris, 1997.

DUCHEIN, Michel e FLEIDER, Françoise. *Livres et documents d`archives: sauvergarde et conservation*. Paris: Unesco. 1983.

EDSON Motta – Pinturas. Rio de Janeiro. 1982. Não paginado. (Catálogo de exposição, 09 set. – 03 out. 1982, Museu Nacional de Belas Artes, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória).

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Ísis Baldini. *Conservação e Restauro de Obras de Arte em Suporte de Papel*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

_____ & THOMÉ, Lucia Elena. Laboratório de Conservação e Restauro de Papel do MAC. In: Estudos da Comissão do Patrimônio Cultural - CPC, *Conservação e Restauro I: Recomendações e Projetos em Andamento na Universidade de São Paulo*, 1997.

ENCINAS, Juan Carlos Barbero. *La memoria de las imágenes: notas para una Teoría de la Restauración*. Madri: Ediciones Polifemo, 2003.

FALCON, Francisco. *História Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARIA, Diogo de. *Os inimigos de nossos livros: dados preliminares a um processo de destruição dos insetos que atacam os livros em São Paulo*. In: Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, nº 4, 1919.

FEDERICI, Carlo & ROSSI, Libero. *Manuale di conservazione e restauro del libro*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1983.

FLEIDER, Françoise. *La conservation des documents graphiques: recherches expérimentales*. Paris: Éditions Eyrolles, 1969.

_____. *Protection des documents d'archives contre les effets climatiques des pays tropicaux*. In: *Manuel d'Archivistique tropicale*. Paris: École Pratique des Hautes Études, Sorbonne. 1966, cap. 6, p.93-108.

FLIEDER, Françoise & DUCHEIN, Michel. *Livres et documents d'archives: sauvegarde et conservation*. UNESCO, 1983.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, MinC- IPHAN, 2005.

_____. *O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON – CENTRO DE MEMÓRIA E ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA, LICEU DE ARTES E OFÍCIOS, Salvador, 2003. *Projeto Memória e Cidadania: Formação de Auxiliares em Restauração de Documentos Históricos*. pp.4-10.

FUNDAÇÃO PETRÔNIO PORTELA. Laboratório de Conservação e Restauração de Livros e Documentos - LACOR, [1986 ?]

FURIA, Paola. *Storia del restauro librario dalle origini ai nostri giorni*. Istituto centrale per la patologia del libro. Milano: Editrice Bibliografica, 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Neide Aparecida. *O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação), Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Ministério da Cultura – IPHAN, 2002.

GONÇALVES, Yacy Ara Froner. *Os domínios da Memória: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação*. (Tese de Doutorado em História), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

GUICHEN, Gaël de. La conservation preventive: un changement profond de mentalité. *Study series*, Bruxelas: ICOM-CC/ULB, v.1, nº1. p. 4-5, 1995. Disponível em: <http://icom.museum/study_series_pdf/1_ICOM-CC.pdf>. Acesso em: 10 outubro de 2005.

HOLLÓS, Adriana Lúcia Cox. *Entre o passado e o futuro: os limites e as possibilidades da preservação documental no Arquivo Nacional do Brasil*. (Dissertação de Mestrado em Memória Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

IFLA, COMITÊ DE CONSERVACIÓN: Principles of conservation and restoration um libraries , *IFLA Journal*, vol. 5, 1979, pp.292-300.

JAMES, Carlo. Collectors and Mountings. In: *Old Master Prints and Drawings*. Amsterdam: Amesterdan University Press, 1997.

_____. The History of Conservation. In: *Old Master Prints and Drawings*. Amsterdam: Amesterdan University Press, 1997.

KATHPALIA, Yash Pal. *Conservation et restauration de documents d'archives*. Paris: UNESCO, 1973.

KATZENSTEIN, Ursula. Relatório de observações feitas em vários europeus sobre técnicas de restauração e conservação de livros e documentos. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PRESERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE DOCUMENTOS, 1, realizado no CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 3, 1976, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 1979. pp. 867-873.

KRAEMER KOELLER, Gustavo. *Tratado del previsión del papel y de la conservación de bibliotecas y archivos*. 2. ed. Madrid: Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1973. 2 v.

LE GOFF, Jacques. *A História nova*. Trad. Eduardo Brandão. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEFEBVRE, Gilda. *Restauração de Livros e Documentos*. Rio de Janeiro, 1981. (Cópia xerográfica).

LEMOS, Carlos A. C.. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Editora Brasilense, 1987.

LYAN, Jan. The role of counter disaster planning in establishing national and international preservation information networks. National Preservation Office. National Library of Australia. IFLA/PAC Asia, 2000.

Disponível em: < <http://www.ndl.go.jp/en/iflapac/lyall.html>>. Acesso em: 09/04/2006

MACARRÓN MIGUEL, Ana Maria. *Historia de la Conservación y la Restauración*. Madrid: Tecnos.1995.

_____ e MOZO, Ana González. *La conservación y la restauración en el siglo XX*. Madri: Tecnos, 1998.

MACEDO, Manuel de. *Restauração de Quadros e Gravuras*. Lisboa: David Corazzi, 1885.

MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? : a questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

MAGALHÃES, Aloysio Sérgio. Patrimônio Cultural. In: SEMINÁRIO DE FONTES PRIMÁRIAS DE HISTÓRIA DO BRASIL, 2, 1979. *Anais...* CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 14 a 19 de outubro de 1979, pp. 262-266.

MARTÍNEZ JUSTICIA, Maria José. *Historia y Teoria de la Conservación y Restauración Artística*. Madri: Tecnos, 2000.

MELLO, José Barbosa. *Síntese histórica do livro*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A., p. 212.

MEMÓRIA DO MUNDO: Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental mundial. Paris: UNESCO, 2002. Disponível em:<<http://www.unesco.org/uy/informatica/mdm.pdf>>. Acesso em: 09/04/2006.

MICELI, Sérgio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº. 22, 1987, Rio de Janeiro: SPHAN.

MONTE-MÓR, Jannice. Preservação e Restauração de Documentos na Biblioteca Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 2, São Paulo, 1974. *Anais...* São Paulo: 1974.

MOTTA, Edson e SALGADO, Maria Luiza Guimarães. *O papel: Problemas de Conservação e Restauração*. Petrópolis: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1971.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Eu vi o mundo, ele começava no Recife: painel de Cícero Dias/ as técnicas de restauração/ Norma Carreira Peregrini. Apresentação Alcídio Mafra de Souza. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1982. s.p..

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. *Teoría contemporánea de la Restauración*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

MURGUIA, Eduardo Ismael % YASSUDA, Sílvia Nathaly. Patrimônio histórico-cultural: critérios para o tombamento de bibliotecas pelo Iphan. In: Perspectivas em Ciência da Informação. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script+sci_arttex&pid+S1413-993620007000300006&1...> Acesso em: 20/01/2008.

NABUCO, Joaquim (Monsenhor). *Em defesa do livro: a conservação de nossas bibliotecas e arquivos*, 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Antunes & Cia. Ltda., 1959.

NAMUR, M. P., *Manuel du bibliothécaire, accompagné de notes critiques, historiques et littéraires*. Bruxelles: Chez J. B. Tircher, Libraire – Ecliteur, 1834, p. 232.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História; *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

O CORREIO, *Memória da Humanidade: Bibliotecas e Arquivos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1985, p. 3.

OLIVEIRA, Franklin de. *Morte da memória nacional*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991. pp. 41-42.

OLIVEIRA, Gilson Cruz de. A formação profissional do conservador/restaurador de papel no Brasil. *Boletim da ABRACOR*, Rio de Janeiro, v.3, n.8, p.6-9, fev. 1996.

_____. Plano de ação para o gerenciamento e melhoria da qualidade nos serviços de preservação do acervo documental o Núcleo de Documentação da UFF. In: *Anais... ABRACOR*, 8, 1996.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *A fascinante história do livro*. Tomo III. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora Ltda, 1987.

OTTO, Rudolf. *Lo Santo: lo racional y lo irracional en la Idea de Dios*. Madri: Alianza Editorial, 1991.

PADIM, Suzana. Dêem-me o céu azul e o sol visível névoa, chuvas, escuros – isso tenho eu em mim. *Boletim do Museu Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro, Ano I, nº. , fevereiro, março, abril de 1982. s.p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PERGAMINHOS DO MAR MORTO: Um legado para a humanidade. Rio de Janeiro: 2003. (Catálogo da exposição, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2003).

PINHEIRO, Ana Virginia. Da sacralidade do pergaminho à essência inteligível do papel. In: *A cultura do papel*/Marcio Doctors, org., Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Eva Klabin Rapaport, 1999.

PHILIPPOT, Paul. *La restauration depuis 1945: naissance, développement et problème d'une discipline*. Bruxelas: Groeninghe Courtrai Belgique, 1996. Comité de Conservation/ICOM-CC, Cahiers d'étude, p.16-17.

_____. Historic preservation: philosophy, criteria, guidelines. In: *Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage*. Los Angeles: GCI, 1995, pp. 358-364.

_____. Restoration from the perspective of humanities. In: *Historical and Philosophical Issues in the Conservation Cultural Heritage*. Los Angeles: GCI, 1995, pp. 216-229.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

POLLARD, Michael. *Johann Gutenberg*. São Paulo: Editora Globo, 1992.

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO DA DOCUMENTATAÇÃO HISTÓRICA
– Pró-documento. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

RAMOS FILHO, Orlando. Restauração de Bens Móveis e Integrados: 40 Anos. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº. 22/1987.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

ROSSI, Libero & GUASTI, Gisella. *Dal restauro alla conservazione: la gestione del patrimonio librario*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.

ROUVEYRE, Edouard. *Dos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

RUIZ DE LACANAL, Maria Dolores. *El conservador-restaurador de bienes culturales: historia de la profesión*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A, 1999.

SCHARF, Claudia P. Conservador-Restaurador Brasileiro: Quem somos nós? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES-RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS – ABRACOR, 9, 1998, Salvador, *Anais...* Salvador: ABRACOR. p. 147-151.

_____. *Le développement de la restauration au Brésil de 1937 a 1980: les approches contradictoires de la politique culturelle par rapport à la protection du patrimoine*. Montreal: Universidade de Québec. 1997 (Dissertação de Mestrado).

_____. O desenvolvimento da restauração de bens culturais: Uma abordagem histórica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSERVADORES E RESTAURADORES DE BENS CULTURAIS – ABRACOR, 8, 1996, Ouro Preto: ABRACOR. P. 79-86.

_____. O Estabelecimento da Profissão de Conservador-Restaurador de Bens Culturais Móveis no Brasil de 1937 a 1980. Boletim da ABRACOR, Ano V, no. I, 1998.

SCHWEIDLER, Max. *The restoration of engravings, drawings, books, and other works on paper; translated, edited, and with an appendix by Roy Perkinson*. Los Angeles, California: Getty Conservation Institute, 2006.

SEMINÁRIO FORMAÇÃO E TREINAMENTO PROFISSIONAL PARA PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS, 1985, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, 1985.

SILVA, Sérgio Conde Albite. *Algumas reflexões sobre preservação de acervos em arquivos e bibliotecas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998. 19 p. <Disponível em <http://www.cpba.net>>. Acesso em: 09 de abril de 2005.

SOARES, Maria Luisa Ramos de Oliveira. *A preservação do efêmero e a formação conservadora do conservador-restaurador*. Rio de Janeiro, 2003. (Cópia xerográfica).

_____. Critérios de intervenção. Quando a tradição encontra a modernidade. p. 54. In: *Curso de Preservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. 16 a 25 de outubro de 2006. Coordenadoria de Preservação.

_____. O ‘day after’ de Florença. In: *Curso de Preservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*. Fundação Biblioteca Nacional. p. 55.

SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Bens móveis e imóveis inscritos nos livros do tomo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília: 1982.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, MUSEU PAULISTA. *Relatório Sucinto de Atividades 1978-1981*. s.p. .

TEIXEIRA COELHO NETTO, José. O papel da arte no gabinete de papel. In: *O Papel da Arte*, 2001. São Paulo. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

VELOSO, Bethânia Reis. *A formação do conservador-restaurador na Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Belas Artes, 1998 (Dissertação de Mestrado).

_____. [et.al] *Proposta para o Curso de Graduação em Conservação-Restauração de Bens Culturais*. Belo Horizonte: ABRACOR, 2000.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. (Verbete no Dictionnaire Raisoné de l'Architecture Française du Xie. au XVIe. siècle. Paris, Libraires-Imprimeries Réunies, s.d. [1854-1868], vol. 8, pp. 14-34).

WACQUANT, Loïq J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. In: *Revista de Sociologia e Política*, No 19: 95-110, Nov. 2002.

WARD, Philip. *La conservación del patrimonio: Carrera contra reloj*. Marina del Rey: The Getty Conservation Institute, 1992.

ZANINI, Walter. *História Geral das Artes no Brasil*. Instituto Moreira Sales: São Paulo, 1983. pp. 579-599.

ZUÑIGA, Solange Sette Garcia de. *Documentos como objeto de políticas públicas em preservação e o acesso à informação: o caso das bibliotecas e arquivos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola de Comunicação, 2005 (Tese de doutoramento em Ciência da Informação).

WEB

Sites:

www.abracor.com.br

www.aber.com.br

www.accr.org.br

www.bncf.firenzesbn.it/informazioni/testi/RestauroOrigini.htm

www.getty.edu/conservation/resources/newsletter/

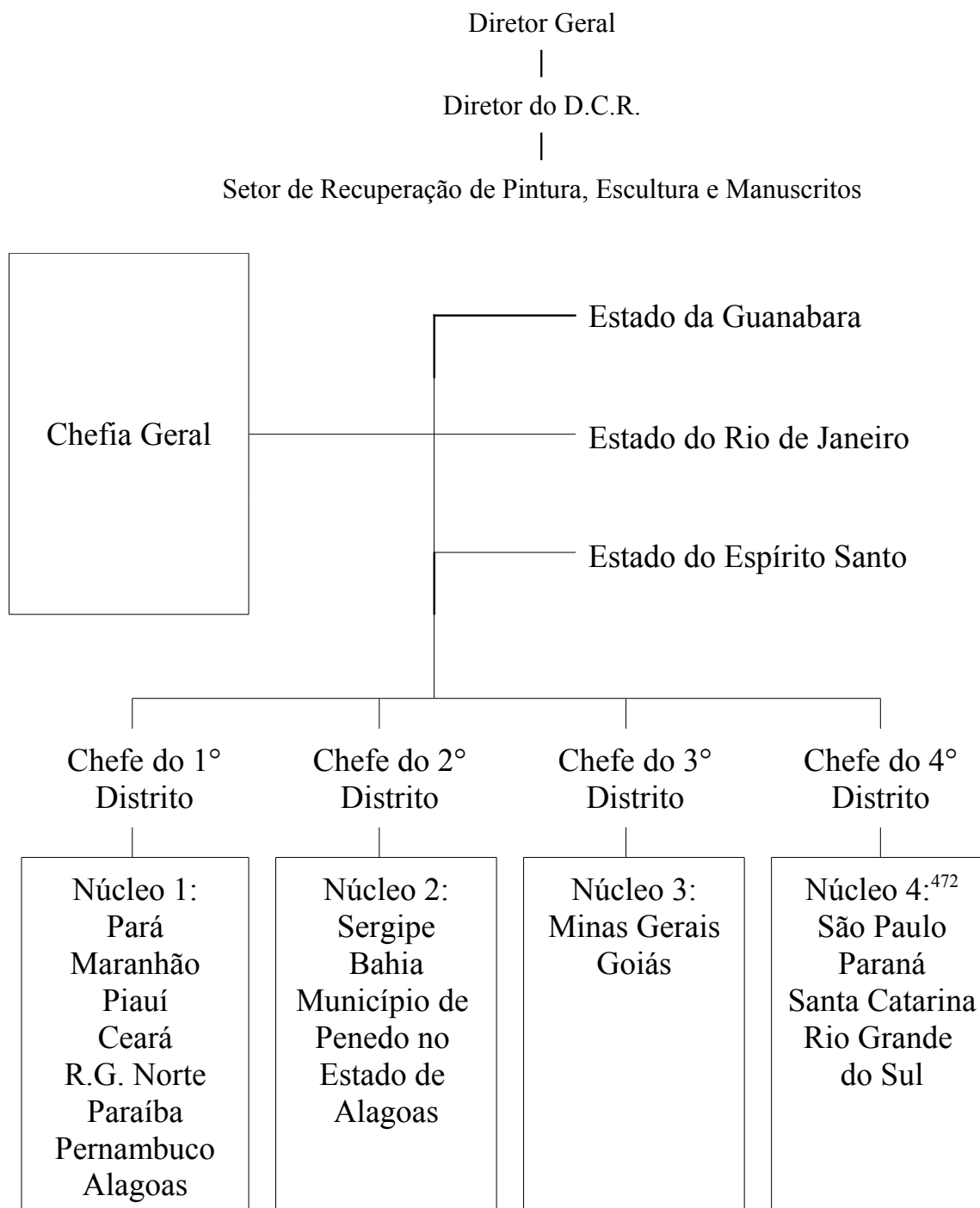
www.iccrom.org

www.icom.org

www.icomos.org

www.unesco.org

ANEXOS

ANEXO A⁴⁷¹**O Cronograma do Setor será o seguinte:**

⁴⁷¹ Arquivo Noronha Santos – IPHAN – Série Centro de Restauração de Bens Culturais da SPHAN, Módulo 68, Caixa 57 e 58, Pasta 48. “Ministério da Educação e Cultura – DPHAN. Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Resumo das decisões tomadas nas reuniões convocadas pelo Diretor Geral. Rodrigo Mello Franco de Andrade, realizadas na sede do DPHAN nos dias 3, 4 e 5 de dezembro de 1962, com o fim especial de estabelecer normas e planos para a ordenação dos trabalhos de recuperação de obras de arte.”

⁴⁷² A Chefia do Núcleo 4 será provisoriamente exercida pelo Chefe Geral do Setor.

ANEXO B

Quadro atual dos Laboratórios de Restauração de Papéis – Novembro 85⁴⁷³

Instituições	UT	Área Disp	Téc. Rest.	Biól.	Quím	Estag.	Téc. Aux. de Rest
Arquivo Nacional	RJ	400 m ²	3		1		3
Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro	RJ	20 m ²	2				1
Biblioteca Nacional	RJ	389 m ²	6	2	1	1	8
Biblioteca Mário de Andrade	SP	-	4				
MNBA	RJ	12,5 m ²	2			3	
Museu da República	RJ	-	1				
M.H.N.	RJ	-	1				
Museu Imperial	RJ	15 m ²	1			1	
Museu Paulista	SP	-	2			2	2
Museu Lasar Segall	SP	-	2				
FCRB	RJ	70,1 m ²	4				
Fundação Petrônio Portela	DF	750 m ²	3		1		32
Fund. Centro de Pres. Sít. Hist	PE	-	1				
FUNDAJ	PE	42 m ²	3				
UFF (Biblioteca Arquivo)	RJ	-	2				
Uni-Rio	RJ	-	1				
UFRJ (Belas Artes)	RJ	-	2				
UFMG (CECOR)	MG	-	1		1		

⁴⁷³ Programa e Boletim ABRACOR, Ano VI, nº. 2, junho de 1986.

ANEXO C

Quadro de análise dos trabalhos com a temática de preservação de acervos em suporte de papel, apresentados nos Seminários/Congressos realizados pela Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais – ABRACOR, distribuídos por subdivisões, com percentuais.

Classificação Geral	Seminários													
	I		II		III		IV		V		VI		VII	
	1985		1985*		1986**		1988		1990		1992		1994	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Subdivisões														
Ac. Bibliográficos	1	11,11					-	-	1	5,26	-	-	1	1,67
Ac. Documentais	1	11,11					-	-	2	10,53	5	35,71	6	10,00
Obras de Arte em suporte de papel	-	-					1	5,0	2	10,53	-	-	1	1,67
Subtotal	2	22,22					1	5,0	5	26,32	5	35,71	8	13,34
Outros Temas	7	77,78					19	95,0	14	73,68	9	64,29	52	86,66
Total Geral	9	100					20	100	19	100	14	100	60	100

Classificação Geral	Congressos									
	VIII		IX		X		XI		XII	
	1996		1998		2000		2002		2006	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Subdivisões										
Ac. Bibliográficos	3	5,27	1	1,73	-	-	-	-	3	2,26
Ac. Documentais	-	-	1	1,73	3	7,90	1	4,76	10	7,51
Obras de Arte em suporte de papel	-	-	3	5,17	2	5,26	-	-	4	3,01
Subtotal	3	5,27	5	8,63	5	13,16	1	4,76	17	12,78
Outros Temas	54	94,73	53	91,37	33	86,84	20	95,24	116	87,22
Total Geral	57	100	58	100	38	100	21	100	133	100

* Não foi realizado o programa do evento para a respectiva análise dos dados.

** O Boletim ABRACOR, Ano VII, n.º 1, janeiro de 1987, p. 12 a 19, apresenta os Anais do III Seminário, entre tanto não consta a programação do referido Seminário, o que impossibilitou a análise dos dados.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABER	Associação Brasileira de Encadernação e Restauro
ABRACOR	Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais
ABCP	Associação Brasileira de Celulose e Papel
ACCR	Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores
APCR	Associação Paulista de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais
CECOR	Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais
CERPO	Centro de Estudos e Restauro do Patrimônio de Olinda
CIA	Conselho Internacional de Arquivos
CLIR	Conselho de Recursos em Biblioteconomia e Informação
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CORLIDOSP	Coordenadoria de Conservação e Restauração de Livros e Documentos do Estado de São Paulo
CPA	Comissão de Preservação e Acesso
CPBA	Projeto Cooperativo em Bibliotecas e Arquivos
CPDOC-FGV	Centro de Pesquisa e Documentação de Fundação Getúlio Vargas
CTCP	Centro Técnico em Celulose e Papel
DAC	Departamento de Assuntos Culturais
DPHAN	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FNpM	Fundação Nacional pró-Memória
FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
IBPC	Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural
ICCROM	Centro Internacional de Estudo para Conservação e Restauração dos Bens Culturais
ICOM	Conselho Internacional dos Museus
ICPL	Instituto Central de Patologia do Livro Alfonso Gallo
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPLA	Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo
LACRE	Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos Gráficos da Fundação Casa de Rui Barbosa
LACORD	Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos da UFF
LPA	Laboratório de Preservação de Acervos da Escola de Biblioteconomia da UFMG
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MES	Ministério de Educação e Saúde
MinC	Ministério da Cultura
NUCLEM	Núcleo de Conservação e Restauro Edson Motta
NUPRECON	Núcleo de Preservação Prof ^a . Violeta Cheniaux da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
PRÓ-DOCUMENTO	Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica da Pró-Memória – Fundação Nacional Pró-Memória
SPAN	Serviço do Patrimônio Artístico Nacional
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPHAN	Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Comitê Mundial da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.